

COMISSÃO ESTADUAL DE LITERATURA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641 - 1820/22**

VOL. I TOMO 2

SECRETARIA DA CULTURA
ESPORTES E TURISMO

VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

N.º 1 — *João Pacheco*

ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA

N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*

ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, I VOL.

N.º 3 — *José Aderaldo Castello*

ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA

N.º 4 — *José Aderaldo Castello*

TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, I VOL.

N.º 5 — *Pires de Almeida*

A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL

N.º 6 — *José Aderaldo Castello*

TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, II VOL.

N.º 7 — *Pessanha Póvoa*

TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, III VOL. — ANOS ACADEMICOS

N.º 8 — *Dante Moreira Leite*

PSICOLOGIA E LITERATURA

N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*

DO BARROCO AO MODERNISMO

N.º 10 — *José Aderaldo Castello*

O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22
— VOL. I — TOMO 1

N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*

BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS

N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*

FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS

N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*

POETAS DE INGLATERRA

Castello, José Aderaldo

O movimento academicista no Brasil; 1641-1820/22. São Paulo | 1969-

v. (Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. Coleção textos e documentos, 10, 14

1. Literatura brasileira - Sociedades, etc.
I. Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. II.t III.Série

DC-869.9062



José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação do texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÉDDA DIAS LIMA

Auxiliares:

— CLAUDETTE P. OLIVEIRA ROSA

— MIRIAM SINISCALCO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641-1820/22**

VOL. I — TOMO 2



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO**

4.a CONFERÊNCIA
DE 4 DE JUNHO

Oração que leu o Padre Francisco Pinheiro Barreto
na Academia Brasílica dos Esquecidos
no dia 4 de junho de 1724

Querer persuadir a tão nobre, esclarecido, e douto Congresso a minha insuficiência, é grosseria, que não cabe na esfera do meu agradecimento; porque seria querer infamar de indiscreta a soberania de quem a impulsos da sua generosa Grandeza me quis elevar à eminência inacessível d'êste honradíssimo lugar: ao mesmo tempo que a minha veneração em cortesias oblações, e reverentes obséquios desejo estampar nas lâminas indeléveis da Perpetuidade, os irrefragáveis argumentos da minha gostosa obrigação. Dizer também, que venho a êste glorioso empenho sem susto de desagrado, inda quando me segura do perigo a relevante soberania do Augustíssimo Protetor, é delírio, de que não enfermou inda o meu conhecimento, é leviandade, em que não há de tropeçar a minha modéstia; porque se o falar ainda particularmente é tão arriscado, que confessa uma das sabedorias de Grécia, que nunca se arrependera de haver calado — **nunquam tacuisse me paenituit** — que sustos não traga quem se acha precisado a dizer na presença de um Príncipe, tôda gostosa recomendação para os respetos, inda quando Benévolo, e venturoso Asilo para as proteções, um Príncipe, em quem sem declaração da vitória contendem juntos os dotes, e atributos, que divididos pelos Príncipes do Mundo, bastavam para os fazer célebres e famosos.

Que receios finalmente não atropelam quem se vê necessitado a discorrer diante dos mesmos sapientíssimos Professôres, e Mestres da Oratória, e Poesia; pelos, em que alternadamente constantes rodam êstes luzidísimos Planêtas d'êste nosso Céu Acadêmico, mais vistoso, e brilhante com a perene, e abundante affluência de suas erudições e conceitos que o mesmo Firmamento com os incessantes resplendores de seus Planêtas:

Mas deixando o temor, porque já creio,
que é mais crescida a glória, que o receio;

Me é forçoso satisfazer ao glorioso empenho, em que me pôs êste prezadíssimo lugar: e regulando-me por aquela lei da retórica tão precisa e racionável, que ensina aos Oradores a corta-

rem matéria, para os seus discursos conforme a capacidade do Auditório, eu com não pequena fortuna me hei de aproveitar hoje da que liberalmente me propõe, e oferece êste lustroso Concurso de Discretos, esta Aula venturosa de Sábios, e esta copiosa, e florentíssima Palestra de Engenheiros mais ricos, e preciosos pela fineza, e suavidade de seus conceitos, e Poesias, que os do País com a doçura apeteçada dos seus açúcares; e inda que não sou tão sólido, e profundo, como a Rocha; tão claro, e corrente, como o Lima, e inda que se não case, e acomode bem em pau tão tôsko, como é o Pinheiro, tão polida, e bem lavrada Cunha; mostrarei ao menos: que inda, que Pinheiro silvestre, e crescido talvez lá nos Montes da Ignorância, que não sou tão inculto, que deixe de corresponder grato ao beneficio; antes sei crescer tanto à sombra do Favor, que me transplantou para êste Parnaso, que me atrevo, e me animo a chegar hoje não com o tronco, que menos grosseiro é o meu empenho; não com as ramas: que é mais estendida a minha obrigação: com os olhos, ou com o Cume? sim: mas aonde hei de chegar? a êsses luminosos Astros? pequeno vôo, para quem tem tão ditosa Estrêla: hei de chegar ao mesmo Sol, quero dizer, aos Generosos Pés do Excelentíssimo Senhor Viso-Rei, Vasco Fernandes César de Meneses, luminoso, e radiante Sol dêste nosso Olimpo Acadêmico, o qual guardando a atividade dos raios para outros hemisférios, que provaram, e temerã mais, que a êles a sua vitoriosa espada, para o nosso reservou somente as luzes, e resplendores; mostrando a sua inata, e generosa Brandura, e Afabilidade, que só é Sol para os beneficios; pois não só ilustra, orna; e vivifica com a sua decorosíssima Assistência êste nosso Céu Acadêmico mais, que o Estrelado, refulgente; mas também com a sua gostosa aceitação anima, alenta, e roboras as Eras mais humildes, para procurarem ser, senão Cedros soberanos do Líbano, louros incorruptíveis do Parnaso. Será pois o Assunto glorioso desta minha Oração, expellido em tôsko, mais brevíssimo discurso,

A Glória imortal do Excelentíssimo Senhor Viso-Rei pela erecção desta nossa Academia: por descobrir nela Mina melhor para a Bahia do que são tôdas as do Ouro até agora descobertas.

Se ao Assunto não corresponder o Discurso, desculpa tenho no elevado da Matéria, e sempre me ficará por prêmio da censura, a que me exponho, por não discorrê-lo, como devo, a glória, que tenho de o descobrir tão próprio, tão natural, e tão concernente às obrigações da nossa venturosa Academia.

Magnum opus aggredior, sed dat mihi Gloria uires. É o Sol causa de todo o Criado, falo filosoficamente: com Claudiano, o mais culto Poeta da Antigüidade:

... Sol, quidquid ubique gignit Terra Parens, hoc,
te donante, Creatur, debeturque tibi...

Não só com as suas luzes, e resplendores doura o Sol o empinado dos Montes, alegre o rasteiro dos Vales, desterra as sombras da Noite, para introduzir a bizarra e formosa jurisdição do Dia; não só anima as Plantas, esmalta de Boninas os Campos, traja de púrpura a Rosa, e veste de cambraia a Açucena, para sair de ponto em branco ao Prado na primeira manhã da Primavera; não só faz crescer as Árvores, enriquecendo-as de fragrantes, e deliciosas Flôres, e lhe sazona docemente os frutos, para saborosa recreação do Outono; mas ainda nesses intrincados bosques por mais, que com a verde, e frondosa laçaria de seus ramos pretendam, porfiadamente opostos aos raios do Sol, quebrar-lhe a presunção da entrada, lá mesmo concorre generoso, para a criação desse Mundo irracional de Feras; as quais com a aprazível diversidade de Formas, e vistosa variedade de côres, fazem menos medonha aquela áspera, e confusa habitação: por isso nas Partes, que ficam mais vizinhas aos raios do Sol, como é a África, e também a nossa América, são mais ferozes os Animais, e mais disformes os Monstros — **Monstrorum ferax Africa**. E não contente o Sol com estas repetidas produções, até nas entranhas da Terra exercita a sua ativa, e geral jurisdição. Lá cria o Ouro, e as Pedras preciosas; parece que escondendo da ambição dos Homens estes preciosísimos tesouros: só as Pérolas se podem gabar, que não são Filhas do Sol, mas sabem todos o que custa isso de lágrimas à Aurora; e inda assim, as melhores, se chamam Netas: não podendo negar, que a candura, que lhe grangeia tanta estimação, se participa do luzimento do Sol: e que se não são Filhas, Netas são do seu resplendor.

Até a criação do Homem, sendo a mais perfeita, não pode efetuar-se sem o concurso vigoroso do Sol, como ensinam os Filósofos — **Sol, et Homo generant Hominem**. Donde vem, que os entendimentos, e engenhos dos que nascem em regiões mais ilustradas dos seus ardentes raios, são mais áureos, mais acres, e mais profundos: porisso quando Agostinho, ainda Maniqueu, assombrava a Roma com as suas Dialéticas, e Retóricas, lhe chamaram Monstro de África — **Monstrorum ferax Africa Monstrum dedit Augustinum** — significando-se nesta engenhosa metáfora, que era o entendimento de Agostinho, por raro, monstruoso: assim como na África, em que nascera eram mais, que em outras partes (como acima dissemos) monstruosas as Feras.

Com esta Filosofia natural, e certíssima entendeu o Excelentíssimo Senhor Viso-Rei, que os Engenhos, e Entendimentos do Brasil, (País tão vizinho, exposto aos continuos ardores

do Sol), naturalmente haviam de ser sutis, e fecundos: elevado da natural propensão, que tem às Letras, e aos seus digníssimos Professôres, erigiu com a generosa atividade do seu espirito esta nobilíssima Academia ou para que conhecidos os Talentos com a experiência, os honrasse com afetuosa benevolência; como já o experimentam todos, os que freqüentam estudiosos: imitando gloriosamente nesta como em outras virtudes, ao seu Preclaríssimo, e Digníssimo Sexto Avô o Sereníssimo Senhor Rei Dom João Segundo, (idéia verdadeiramente de Príncipes perfectos, e heróico, e real assunto da presente Academia) o qual tinha por máxima, especialmente de soberanos: como insinuou Marcial ao seu Imperador Domiciano:

Principis est uirtus maxima nosse suos:

Conhecer a todos os seus Vassallos, para que não succedesse por falta de lembrança, ficar sem prêmio algum dos seus Beneméritos: ou para que no exercício das Letras, e Ciências (profissão especial desta preclaríssima Palestra) enriquecesse a Bahia com tesouro mais precioso, e mineral mais abundante, do que são os tesouros, e as riquezas das Minas tão celebradas do Ouro. E estamos no empenho da nossa Oração, que deve mostrar, que a Mina, e Tesouro das Ciências é melhor, mais precioso, que o tesouro, e riquezas das Minas materiais do Ouro: e se mostra.

Porque o Ouro se se comunica, gasta-se; e se o escondem, nada aproveita, e é inútil a sua preciosidade — *non entis, et non apparentis idem est iudicium* — como dizem os Juristas: e com razão; porque sendo o comunicar-se constitutivo do Bem — *omne bonum est communicatiuum sui* — como ensina a Filosofia: Bem, que se esconde e não se comunica, não deve chamar-se bem: felicidade, que não aparece, não é felicidade.

Não é assim a Sabedoria: não se gasta, nem se reparte com a comunicação: se não cresce; também se não diminui, quando se comunica: O geroglífico (sic) mais próprio da Sabedoria é a luz, por demonstração da mesma Sabedoria incriada (sic): chamando luz aos mesmos, que destinava para sábios — *uos estis lux* — e luz, não escondida, mas patente, e com obrigação de comunicar os seus resplendores — *ut luceat omnibus* —. E diminui-se por ventura a luz, quando se comunica? não por certo: reparte, é verdade, o luzimento: mas fica sempre com o mesmo resplendor.

**Quis neget apposito lumen de lumine sumi?
Mille, licet capiant, deperit inde nihil.**

Não pode negar-se esta conclusão, diz Ovidio; porque a comprova a mesma experiência: acende-se uma tocha, e nesta depois milhares: ficou acaso menos luz na que se comunicou a

tantas? não por certo: o mesmo resplendor, que tinha antes da comunicação, tem, e conserva depois de comunicar-se. E se a Ciência se não diminui, quando se comunica (gastando-se, e diminuindo-se o Ouro com a comunicação) notória fica a vantagem de um, a outro tesouro. E qual será a razão de tanta, e tão superior vantagem? Deu-a a Antonomásia dos sábios — *ininitus enim thesaurus est hominibus* — porque o tesouro da ciência é infinito: e o que é infinito, por mais que se comunique, por mais que se dê a participar, nunca se há de diminuir; nunca se pode acabar; porque não tem, nem pode ter fim o Infinito, como ensina Aristóteles — *Ininitum est id; quod fine caret seu termino.*

O Tesouro das riquezas (é a segunda razão) gasta-se, e diminui-se, porque é caduco, e sujeito a tantos acidentes, que tirando-lhe todo o predicamento, dão a conhecer bem a sua pouca duração? Que de fadigas não custa o adquirir-se: que sustos não padece a sua conservação: a ambição o inquieta; e parece, que de assustado anda o Ouro sempre amarelo. A água se o lava, também o leva: a traça o ajunta, e também o consome a traça: até a ferrugem lhe não perdoa, fazendo-o parecer de menos preço, o que nasceu com os mais subidos quilates: e quando a cautela o esconde e a Avareza o sepulta, chega a tôda a pressa a Morte e toma-lho por perdido: ouvi ao Poeta Filósofo —

Viuitur ingenio, cetera mortis erunt.

Por isso encontrando Diógenes (aquêlé filósofo, que passou esta vida rindo) a um destes ricos lá nos seus campos Elísios, e vendo-o tão diferente, do que o vira cá neste Mundo lhe perguntou por mofa, e com grande risada: néscio, de que te serviram as tuas riquezas? ou que fim levaram os teus tesouros —

*constitit atque diti, solito de more cachinno,
Diogenes inquit: quid tibi diuitiae?*

E responderia sem dúvida, entre lágrimas, e suspiros, êste miserável, que o Filho as tinha desperdiçado em flôres: o Herdeiro as consumira em fôlhas, ou em verduras: e o sucessor as tinha gasto em regalos: que êste é o fim, que ordinariamente tem êste desgraçado tesouro: junta-se de quantas umidades, e vilezas tem a Terra; para depois o gastarem os herdeiros em seus depravadíssimos humores.

Vêde agora quão diferente é o tesouro das Ciências, que estão descobertas nesta preciosa Mina: é verdade, que não custa menos (antes maiores trabalhos, e mais ansiosas fadigas) custa êste riquíssimo tesouro; como conheceu bem o Príncipe da Poesia Espanhola —

**Por estas asperezas se camina
De la Immortalidad al alto asiento**

Passam-se em largas, e ásperas vigílias as noites, e muitas vezes se passam em claro, porque a luz da candeia é a que dá os bons dias ao Estudante; e primeiro o Sol com seus raios lhe registra compadecido a banca, do que lhe apareça a luz da dificuldade, que o embaraça: por isso disseram, que era pouco mimosa a cama da Sabedoria.

Non iacet in molli ueneranda scientia letho.

Mas uma vez adquirido êste riquíssimo tesouro, conserva-se sem susto, logra-se com glória; e como é prenda imortal, que acompanha a alma, que é eterna, vive para sempre, ou nos monumentos da Fama, ou nos obeliscos da Memória: disse-o com a sua costumada elegância o engenhoso Horácio —

Dignum laude uirum Musa uetat mori.

E o confirma com bastante energia um dos Poetas da Famosa Academia dos Singulares —

**O prêmio lograreis, e a doce glória
do trabalho que faz clara a memória.**

Acompanha-se de tantas felicidades êste tesouro, que não há no Mundo quem se não enamore da sua preciosidade: os Pequenos o olham com respeito: os Grandes com agrado: os Iguais com emulação: e com inveja os soberanos, e os Monarcas. Assim o deu a entender o Famoso e Grande Carlos Quinto em uma oração laudatória, que se lhe fêz em idioma latino: Vendo, que mais aplausos se davam ao Orador, do que se tributavam à mesma Majestade Cesaréia, então rompendo o silêncio com grande, e sentido suspiro disse: Ah! que bem me dizia meu Mestre (o qual foi depois Pontífice romano com o nome de Adriano Sexto) quando eu desatendia aos seus prudentíssimos documentos: que algum dia eu o sentiria, como o sinto agora: dando assim a entender, que a glória de sábio é mais avultada, que a grandeza de Imperador.

Por isso (Salomão, o homem mais sábio, e mais rico de todo o Mundo) fazendo comparação de um ao outro tesouro, e pensando na balança da sua elevadíssima compreensão, o preço de um, e a preciosidade do outro, resolveu e assentou consigo: que era nada o tesouro das riquezas equiparado com o da Sabedoria — *diuitias nihil esse duxi in comparatione illius*. E com razão; porque as suas pedras preciosas, a sua prata, e o seu ouro nenhuma impressão, nenhum abalo fazem no coração do Sábio. E a razão da Razão é porque o sábio despreza o caduco; e como

se contenta com o preciso, aborrece o supérfluo, de nada necessita, e de ninguém depende o sábio. Ouvi ao Galante, e discreto Gôngora:

Quiero pidirme a mi, que a nadie pido,
Antes, do que pidir a nadie nada.

Finalmente; a riqueza ordinariamente faz os homens soberbos, malquistos, e os relaxa a todo gênero de vícios, ainda os mais abomináveis — *radix omnium malorum est cupiditas* — disse-o o Doutor das Gentes. A sabedoria pelo contrário faz os homens afáveis, benévolos, benquistos, e virtuosos: porque a verdadeira sabedoria (tesouro mais estimável, que todos os mais tesouros) inclina, e move para o amor, e amizade de Deus — *infinitus enim thesaurus est hominibus, quo qui usi sunt, participes facti sunt amicitiae Dei* — ensinou-o a Sabedoria de Salomão.

Provada pois a diferença, que há de uma a outra mina, e o excesso, que leva o tesouro da sabedoria ao das riquezas: só resta provar, para satisfazer a circunstância principal do meu empenho, que a glória do Excelentíssimo Senhor Viso-Rei no feliz descobrimento desta preciosa Mina é permanente, imortal, e eterna: e se me não engano prova-se com evidência; porque a glória é uma qualidade nobilíssima, que se deduz, e deriva da ação, porque que se faz famoso, o que a merece: porisso a glória dos que descobrem o tesouro das riquezas é limitada, caduca, e pouco segura; porque essa é a vil, e grosseira condição do tesouro das riquezas (que descobre a cobiça) donde se deduz, e toma o ser essa glória (como fica provado). A glória porém do Preclaríssimo inventor da nossa Mina é segura, permanente, imortal, e eterna; porque as ciências, de que se forma o nobilíssimo tesouro, que nela descobriu a sua incomparável Generosidade, são seguras, permanentes, e imortais. Diz o Príncipe dos Oradores de Roma — *nihil est per quod Diis immortalibus similemur, quam per ipsum scire* — e o doutíssimo Alano — *scientia in caeleste terrenu, et in immortale caducum conuertit* — donde vieram a dizer que a sabedoria tinha o seu império sobre as estrêlas e com razão; porque o sábio, não só com a sua prudência sabe moderar a Natureza, e a Fortuna, (declinando as suas desordens e desconcertos) mas domina também as mesmas estrêlas; evitando com prudente, e cautelosa moderação a malignidade dos seus influxos — *sapiens dominabitur Astris*.

Gloria-te pois ó Bahia do tesouro, que tens na tua venturosa Mina, sem inveja das do Ouro: porque estas descobriu a ambição; a tua foi descoberta a impulsos da Generosidade: porisso mais nobre, mais excelente, e mais preciosa a tua mina. As

do Ouro — perderam os teus engenhos, com que te tinhas feito célebre no Mundo: na das ciências, que é a tua Mina, já florescem, e hão de florescer, cada vez mais, outros engenhos (que também são teus) mais ricos, mais abundantes e de mais firme, e segura duração. Desta Mina hão de sair os Mestres para as tuas Retóricas, e Políticas; os Catões para os acertos prudentes da tua república; os Oradores para os teus gloriosos empenhos; os Historiadores para as tuas ações, e os Poetas para os teus Elogios.

E enquanto (Excelentíssimo Senhor) a Bahia, obsequiosamente agradecida, prepara, e fabrica gostosa a festival carroça em que se há de conduzir a Augustíssima Estátua de Vossa Excelência ao sagrado, e venerável Templo da Imortalidade, onde lhe tem já destinado magnífico, e suntuoso trono (gratamente alvorçada a mesma sabedoria): enquanto os Oradores, e Historiadores aparam curiosamente as penas, para escreverem, e fazerem públicas ao Mundo: êstes, as gloriosas ações, e aquêles as raras virtudes de Vossa Excelência: e enquanto finalmente os Poetas, alegremente gostosos, temperam as doces, e suaves Liras, para em concertados, e discretos poemas entoarem a imortal glória do seu singular, Augusto, e Excelentíssimo Mecenas: Eu, rendidamente prostrado aos generosos pés de Vossa Excelência, direi sòmente o que de Leão X, Pontífice Máximo, grande honrador das ciências, disse um engenhoso Poeta (admirando o muito, que em Roma, no tempo dêste Grande Prelado, se estimavam as Letras quando no século antecedente haviam só dominado, ou as desordenadas travessuras de Vênus, ou os formidáveis estrondos de Marte).

Olim habuit Cypris sua tempora, tempora Mauors
Olim habuit; sua nunc tempora Pallas habet.

Conferência de 4 de junho.

Ao Presidente que foi o Reverendo Francisco
Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro.

Do mesmo Autor

EPIGRAMMA

Glauca hederam fulero repentem sustinet alnus
Sicca hederæ fulero protinus alnus egit.

Non oblita hedera ; impensam sed grata rependit.
 Proh dolor ingratos quot crepat illa uiros!

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Em obséquio do Presidente o Reverendo Doutor
 Francisco Pinheiro Barreto

EPIGRAMMA

Puisque cupis mentem pomis implere sapes,
 Commede, iassi Pinus poma saporá dedit.

De Antônio Cardoso da Fonseca.

Ao mesmo Presidente.

DÉCIMA JOCO-SÉRIA

Já que êste Pinheiro agudo
 Sobé às Nuvens mais que o Cedro,
 Vá o Cedro com São Pedro,
 que em São Pedro temos tudo:
 já que o seu feliz estudo
 o põe no lugar primeiro,
 Não se jacte outro madeiro
 de ser eterno, e incorrupto ;
 que hoje passa êste attributo
 do Cedro para o Pinheiro.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Reverendíssimo Vigário, e Sapientíssimo Doutor
 o Padre Francisco Pinheiro em ocasião em que
 fêz uma erudita Oração na Academia da Cidade
 da Bahia.

SONETO

Ver no ar um Pinheiro entronizado
 Com tanta majestade, e tanta alteza,
 é sinal, de que o tinha a Natureza
 Para ser Rei das plantas decretado.

Assim tinha eu comigo discursado;
 E o julguei hoje assim com mais firmeza,
 Depois que, meu senhor, tive a certeza,
 De o ver em vós unguido, e coroado.

Disse pouco porém, depois de tanta
 Eloquência, com quanta neste dia
 O Vosso Engenho a todos se adianta.

E a dizer o que sinto, afirmaria,
 Seres vos da ciência aquela planta,
 Que lá no Paraíso florescia.

*Salvador Piza
 de Carvalho e Albuquerque.*

Em Louvor do Muito Reverendo Presidente Doutor
 Francisco Pinheiro Barreto

Por Antônio de Freitas do Amaral.

SONETO

Barreto insigne, douto Presidente,
 vossa Oração nos tem certificado,
 sois Barreto o melhor do Arcebispado,
 dêste ilustre Ateneu larol luzente.

Com muita razão pois condignamente,
 do clavígero Pedro o principado,
 como filho lograis legitimado,
 por justiça, e direito competente.

Se tais prendas, Senhor, em grau subido,
 em vós êste Conclave Soberano,
 admira; tal lugar vos foi devido:

E já dêle podeis dizer ufano,
 que ninguém como vós tem merecido,
 ocupar tal lugar por todo o ano.

Reuerendo admodum Eruditissimo Praesidi
 Francisco Pinheiro Barreto

EPIGRAMMA

Diligit en te Sol; cum sis gratissima Pinus
 Matri almae superum; nam quoque Apollo Deus.
 Sed si dilectum, fama est, conuerti Adamantem;
 Vertitur in te Sol, Phoebus et alter ades.

Quid mirum! altisonans, sapiens sis Pinus amata:
Atissonans Phoebus, lucidus ut, sapiens.

offert

Franciscus Xauerius de Araújo.

Praestantissimo Oratori

DISTICHON

Clauiger, ingenio, et clauis nunc, munere, dictus;
Imaque nam soli pandis, et alta Poli.

offert

Franciscus Xauerius de Araújo.

Doctori Eximio, Reuerendo admodum
Vicario Diui Petri, nec non huius Academiae
Praestantissimo Oratori,

EPIGRAMMA

Clauigera ut Phoebi, quasi Sol, Aurora coruscat,
Clauiger et Caeli num radiare potest?
Quis neget? at quis erit? quis? dic: laudabimus
[ipsum.

Orator Patriae doctus, et altissonans.

Mira quidem res! non Petro speciale? taceto:
Me uerum inuenies, cerne supra titulum.

offert

Franciscus Xauerius de Araújo.

Ao Eruditíssimo Orador Francisco Pinheiro

DÉCIMA

Demanda a Apolo Cibele,
Pinheiro; e diz neste feito:
Ela, que em Vós tem dircito:
que sois seu todo, diz Êle.
Eu (porque no caso aquêle
Não pareça tão monjolo,
Que as Letras mal julgou tolo)
Digo, que nesta contenda
Seu quinhão Cibele venda,
Tenha em Vós só posse Apolo.

De Francisco Xavier de Araújo.

Eximio Doctori Reuerendo admodum Patri
Francisco Pinheiro Barreto, Ecclesiae Diui
Petri Vicario, Nec non huius Academiae
Praesidi.

EPIGRAMMA

Dotibus excellis tantis Francisce Mineruae
Quam nobis istud tam bene monstrat opus.
Ipsa cupit tecum studium perdiscere Pallas,
Nam tu Praeceptor solus in orbe manes.
Siue ergo discat, discat non siue Minerua;
Inuidiam Diuae hoc omnibus esse patet.

[*Ioannes Machado Barcelos*]

ALIUD

Absit Aristoles, fugiat Plato, Cicero currat,
Et cedant omnis Praesidis ingenio.
Discedat Gallus, sileat Demosthenes atque,
Omnibus his Praeses doctior iste manet.
Quidquid enim Auctores, quid docti ac ipsa Minerua
Edocuit, totum continet istud opus.
Ergo patet quod Praeses hic doctissimus illis
Doctior orator, Doctior estque sophus.

Faciebat in oblatum

Ioannes Machado Barcelos,
Artium Magister.

Ao Ilustríssimo Reverendo Vigário o
Sapientíssimo Presidente
Francisco Pinheiro Barreto

DÉCIMAS

Vitor, Vitor tem levado
hoje o nosso Presidente,
pois quem em tudo é ciente
o vitor lhe seja dado;
doutamente tem mostrado,
elegâncias nesta hora,
em tudo com tal melhora
que já a dizer me submeto

só quem como Vós Barreto
orou de barrete fora.

Se foi Atis transformado
em fabuloso pinheiro
vós em Louro verdadeiro
de pinheiro sois mudado:
Dos Deuses foi decretado
que êsse lá fôsse vertido,
mas hoje tenho entendido
que para vos coroar,
vos quis Apolo mudar,
no Loureiro mais florido

Calado estive té agora,
duvidando o que fizesse
se a vós parabéns vos desse
se a mim próprio melhor fôra.
Porém como não desdora
ao meu gôsto tal ação,
os parabéns, já vos são
muitas vêzes por mim dados
pelos Lustros duplicados
dessa tão douta oração.

Na oração que descreveis
com tão doce consonância
logo pela elegância
se vê o quanto sabeis!
Hoje a Homero suspendeis,
e a Cícero imitais
com tal arte que mostrais
ciência dando a entender
que não podeis vir a ser
do que sois menos ou mais.

Francisco Pereira do Lago Barreto.

Ao Muito Reverendo Senhor Padre e Vigário
Geral [o Licenciado] Francisco Pinheiro
Barreto.

EPIGRAMMA

Dum tua lingua refert, Ciceronica lingua tacebit;
Ore fauet Cícero, quando loquendo refers.
Se Pallas, te docta cohors, te fauus Apollo
Facundum toto clamat in orbe Patrem.

Si Pater, atque sciens es, erit duplicata corona;
Prima corona Patrio, deinde scientis erit.

[*Manuel Martins da Encarnação*]

Ao mesmo Reverendo Senhor.

DÉCIMAS

1.^a

Francisco tão doutamente
Nesta Academia orastes,
Que a todos nos enlevastes,
E absorta está tôda a gente:
Foi por vós divinamente
Essa Oração recitada;
E por ser esta emanada,
Ou de tal mente nascer,
Pode de nós mui bem ser
Oração mental chamada.

2.^a

Pinheiro, que remontado
Tão altamente subistes,
Quem como vós inda vistes
A tanto ter-se elevado:
Ninguém esteja admirado
De que sejais o primeiro
Que assim subais tão ligeiro;
Pois vos digo na verdade,
Que sois na excelsidade
Pinheiro alto, Pinheiro.

3.^a

Barreto, tal harmonia,
Tal frase, tal locução
Não tenho inda ouvido não
Nesta douta Academia:
Com tanta Sabedoria
Vossas dicções entoastes,
Que a palma a todos levastes:
Sois barrete singular,
Pois em o estilo de orar,
De barrete fora orastes.

De Manuel Martins da Encarnação.

Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro,
Digníssimo Presidente.

SONETO

Vossas obras feitos excelentes
vos fazem subir tanto, e ser crescido,
que por flôres por êle estais cingido,
com capelas de Estrêlas refulgentes.

Nenhum tem dos heróis eminentes
de tais flôres capelas merecido,
por não poderem tanto ter subido,
ou por não serem sempre permanentes.

Vós ó sumo dos Túlios mais perfeitos
êste immortal laurel cingir pudestes,
por livre seres dos fatais direitos.

E se são imortais só os celestes
por serem tão divinos, vossos feitos
isento sois da conta dos terrestres.

O Padre Frei Pedro da Estrêla;
Religioso de São Francisco.

Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro,
Digníssimo Presidente.

SONETO

As árvores contendem mais subidas
Digo, a famosa Palma, e o Loureiro,
Se será por ventura o grã Pinheiro,
de mais virtudes; ou das mais luzidas?

Resolvo, e digo, sejam já vencidas
e o que era no número o terceiro,
a palma leve já, sendo o primeiro,
e tôdas as demais, fiquem rendidas.

Contendam pois agora os Oradores,
no brilhar mais galhardos e luzidos,
se triunfastes são, ou vencedores?

Triunfantes não; pois excedidos
ficam, do grã Pinheiro nos louvores,
os que sendo primeiros, são vencidos.

O Padre Frei Pedro da Estrêla;
Religioso de São Francisco.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco
Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro
presidindo na Academia Brasílica

SONETO

Ó Tu, ó Polifemo o do Pinheiro,
êste que vês, arrimo é só de Apolo
sacra coluna de um, e de outro Pólo,
inda maior que do Parnasso o Outeiro.

Não olhes com aspecto sobranceiro:
porque o mesmo Netuno, o mesmo Eolo,
um as águas tributa do Pactolo,
outro Favônios sopra lisonjeiro.

Cultas Auras, Aplauso reverente,
a quem só das invejas com desdouro,
sabe ser douto, sabe ser prudente

Com fôlhas de Esmeralda, pinhas de ouro
É Báculo de Apolo o Presidente;
hoje [cede] ao Pinheiro, o mesmo Louro.
Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Reuerendo admodum Doctori Francisco Pinheiro
Barreto, in hac praesenti Academia Praesidi
Emeritissimo

EPIGRAMMA

Mos erat Ausonidis nitida exornare corona,
Victa reportantis praemia ab hoste, caput.
Haec tibi, dum Sapiens tanto ex certamine Uictor
Palladis euadis, digna corona licet.
Ex quercu texant alii, Lauroue coronas:
Conuenit ex pino digna corona tibi.

[*Padre Estêvão Ribeiro Guimarães*]

ALIUD

Arbor, Aristoteles ait, est Sapientia: credo
si foret hic, pinum diceret esse tuam.

[*Idem*]

ALIUD

Laudaris patriis, Latiisque in Versibus: audi.
Lingua erat haud tantis laudibus una satis.

[*Idem*]

ALIUD

Accipe quas potuit laudes mea Musa referre;
Pinus eris, sed enim hae pignus amoris erunt.

O Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.

Ao Meritíssimo Presidente, o Doutor Francisco
Pinheiro Barreto, Digníssimo Vigário da
Matriz de São Pedro.

OITAVAS

Hoje nasce um Pinheiro na torrente,
Que da doce Ipocrene se desata,
E como traz esta fonte grossa enchente
Vem lavando seus pés águas de prata:
Já se arranca o Pinheiro da corrente,
já se planta na sede, e já relata
Estendendo a copa gravada em ouro
Que lhe deu de esmeralda Apolo Louro.

Também hoje lhe deu o Espírito Santo
Nôvo Raio de Luz do nono Côro,
Pois o faz Serafim, com nôvo canto
Pelas chaves guardar do seu Tesouro:
Hoje êste Orador com nôvo espanto
Faz aos Deuses lhe ter grande decôro,
Que bem podem dizer em som de guerra
Toquem tambor, trombetas, trema a terra.

De Caetano do Lago.

Auunculo suo

Reuerendo admodum, ac Dignissimo Praesidi
Diui Petri
Parochialis Ecclesiae Rectori
circa orationis thesim.

EPIGRAMMA

Pro-Rex inuenit, tibi uero aperire tributum est
ex aequo gazas, me neque fallit amor:

Nam si clauigeri Rector dignissimus extas,
 cui, nisi Rectori, debita clauis erat!

offert

O Padre Ioseph Lopes de Araújo e Lanos.

Vigário da Vitória.

Ao Presidente

DÉCIMA

Doutíssimo Presidente,
 não acabo de entender,
 se o que acabais de dizer
 seria, Oração, sòmente:
 A razão é concludente;
 porque se tão breve, e parca
 tantos mistérios abarca,
 do breve, e misterioso
 infiro, mas duvidoso,
 que será breve da marca.

Do Vigário da Vitória.

[Padre José Lopes de Araújo e Lanos]

Ao Presidente

SONETO

Elegante Orador, no meu conceito
 Avultaram os vossos de tal sorte,
 que é preciso em louvar-vos me reporte,
 porque a alguém não pareça, sou suspeito.

Mas se imortais aos Sábios tendes feito
 quem negará, que livre estais da morte,
 pois por sábio podeis servir de Norte
 a quem quiser no orar ser tão aceito.

Dêsse padrão, que tendes hoje erguido
 por deixar vosso nome eternizado,
 não me admiro Francisco esclarecido:

Que ninguém, quando foste nomeado,
 duvidou ser o assunto mui subido,
 sendo vós, por Pinheiro, levantado.

Do Vigário da Vitória.

[Padre José Lopes de Araújo e Lanos]

Ao Eruditíssimo Presidente Francisco Pinheiro
Barreto

DÉCIMA

Pinheiro a dizer-me ponho
O que ouvi lá nesse Empíreo:
Não vos pareça delírio,
Pôsto que o confesse sonho.
Foi famoso, não medonho:
Vi que Jove assim dizia
A que por vós lhe pedia:
Ide Mãe dos Deuses alma;
Vereis no Pinheiro palma,
Lá mando Apolo à Bahia.

De Inácio de Araújo Lassos.

Ao Doutor Presidente

Por Frei Avertano de Santa Maria.

DÉCIMA

Quem Pinheiro, vos nomeou
para Nosso Presidente,
foi discreto, e andou prudente,
pois que também acertou:
mas se a Academia dou
obras minhas, de outrem não,
feito o Patolo Jordão
fôra, se os Céus não mostravam,
figura de São Cristóvão
para vos trazer na mão.

Ad Reuerendissimo admodum Doctorem,
Dominum Franciscum Pinheiro Barreto.

*Luduuicus Canelo de Noronha.
D.C.Q.*

EPIGRAMMA

Alta arbor, mens alta simul surrexit in altum!
Altius in Terris nil nisi Pinus adest.

Et mens, atque arbor nomen tibi reddidit altum,
 Inde huius Pini tu Polyphemus eris.
 Ergo tuum nomen, Pinus, si sidera ad alta
 Tollitur, ad superos tolleris ipse simul.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco
 Pinheiro Barreto, Digníssimo Vigário da
 Matriz de São Pedro, com a circunstância de
 orar em dia do Espírito Santo.

De Luís Canelo de Noronha.

DÉCIMA

Pedro de Cristo Vigário
 Todo o mundo iluminou,
 o Espírito Santo o ilustrou
 porque assim foi necessário;
 também hoje um nôvo erário
 de saber, causando espanto,
 de Pedro é o Vigário; e tanto
 ilustra esta Academia,
 que orar mistério seria
 dia do Espírito Santo.

Reuerendissimo Doctori Francisco Pinheiro
 Academiae Praesidi Emeritissimo.

EPIGRAMMA

Quid Flora ad Pinum gignit marcescit; at istam
 Ad Pinum quidquid gignit Apollo uiret.

Antonius de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Reverendíssimo Padre Vigário de São Pedro o
 Senhor Doutor Francisco Pinheiro
 Digníssimo Presidente da Academia.

SONETO

Perde Apolo de Deus a divindade,
 E de Admeto se faz Pastor servente:
 Mas para ser das Musas Presidente
 Recupera de Deus a potestade.

Vós Apolo fatal da nossa idade
 Sendo Pastor do Admeto mais potente
 Presidis hoje as Musas doutamente
 Possuindo de Deus a dignidade.

Não pôde logo aquêlé ser nomeado
 Para as Musas reger sem que em efeito
 Não fôsse de Pastor em Deus tornado.

Mas vós sendo Pastor sois de tal jeito,
 Que sem mudar o ser sois aclamado
 Por Apolo das Musas mais perfeito.

De Antônio de Oliveira.

[Letra diferente]

Em louvor do muito Reverendo Padre Vigário o
 Senhor Doutor Francisco Pinheiro, orando na
 nossa Academia Brasília.

SONETO

São (meu Parrocho) (sic) em vós tão verdadeiras
 as ciências, que pasma a fantasia,
 se às Palestras saís da Freguesia,
 e se passais do Púlpito às Cadeiras.

Em Prosa, e verso compreendeis inteiras
 As profissões de Túlio, e de Talia
 sendo orador da nossa Academia,
 e Cisne das Brasíliaas Ribeiras.

Essa vossa Oração fará desdouro
 a quem no próprio emprêgo companheiro
 penetrar das ciências o Tesouro,

E fareis, sendo em mérito o primeiro,
 que sôbre as fôlhas do triunfante Louro
 prevaleçam as Ramas do Pinheiro.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao Preclaríssimo Senhor Desembargador Luís de
Siqueira da Gama.

SONETO

Oraste, ó Gama, e vosso alto Espírito,
da mesma oração arrebatado,
pareceu cá da terra, colocado,
Lá nesse Céu, vosso nome invicto:

Em tudo tão perfeito, e erudito,
mostraste em breve Mapa, decifrado,
todo o Nosso Brasil, já povoado,
do que antes êrmo era infinito.

Que com razão a vossa pena deve
(por que imortal eternizada fique)
Louvores dedicar, que a fama leve;

Pois em Vós o Brasil tal dita teve,
Quanto a vossos louvores se dedique,
tanto a nosso proveito se descreve.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 4 de junho

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto o Senhor Rei Dom João
o 2.^o que se gloriava de conhecer os seus vassallos.

SONETO

Um grande rei, que em tudo foi portento;
Para mais exaltar a majestade,
Descobriu com plausível novidade
De alta filosofia um raro invento.

Nasce a vontade do conhecimento,
Com que o amor se excita e persuade;
Mas em João recíproca a vontade
Também sabe excitar o entendimento.

Da vontade, com que ama aos seus vassallos,
O entendimento, que se abrasa em zelos,
Novos meios procura de obrigá-los

De ambas potências são iguais desvelos.
 Porque os conhece, tem por gôsto amá-los,
 Porque os ama, tem glória em conhecê-los.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

O Senhor Rei Dom João o 2.^o que folgava-se ver
 os seus vassallos

De Antônio de Freitas do Amaral.

SONETO

João aquêl Monarca excelente,
 cuja memória, c'o imortal saudade,
 da Lusa gente conserva a lealdade,
 e há de conservar eternamente.

Ansioso anelava o ter presente
 os vassallos, depondo a majestade,
 no carinho, no amor, na piedade,
 com que sempre os tratou benignamente.

Publique a fama com voz incessante,
 que retumbe no centro mais profundo
 dos abismos, ação tão relevante:

Seja embora no nome Rei segundo,
 quem primeiro logrou, é voz constante,
 prerrogativa tal em todo o Mundo.

A grande glória que o Senhor Rei Dom João o 2.^o
 de Portugal tinha em conhecer aos seus
 vassallos

ROMANCE

João o segundo do nome,
 e na grandeza o primeiro,
 que a felice antonomásia
 tem de Príncipe perfeito
 Cuja ilustríssima fama
 enche os espaços imensos,
 por donde sopram furiosos
 Coro, Noto, Bóreas, Euro.

De quem o nosso vis-Rei,
 em genealógicos têrmos
 por conta exata da prole,
 fica em grau de quinto Neto:
 Este pois dos seus vassallos
 mais do que Rei, seu Pai sendo,
 teve por glória maior
 a glória de conhecê-los.
 Ó providência inaudita
 oriunda do heróico zêlo
 do peito mais generoso
 que admirado têm os tempos!
 Assim de Numa, e de Tito,
 e Luís de França o dozeno
 a glória de Pais da pátria
 pode ficar em silêncio.
 Porque êste inclito Monarca,
 ficou no conhecimento
 que conhecendo os vassallos,
 se dispunha a favorecê-los.
 João enfim, nome tão fausto
 em o Lusitano Império,
 como se ouve dos antigos,
 e como vêem os modernos.
 No nosso inclito Monarca,
 do nosso Príncipe excelso,
 que é da retidão norma,
 e da perfeição modêlo.
 Semelhante ao João Segundo,
 do qual canta tanto plectro,
 ser êle o Rei mais benigno
 que houve em todo o universo.

De Antônio de Freitas do Amaral.

Ao Assunto heróico

SONÊTO

Nomes

Conquistador Afonso foi chamado: .. 1.^o
 Sancho, Povoador, bem conhecido: ... 1.^o
 Legislador Afonso sempre ouvido: .. 2.^o
 Por Magnífico, Sancho, celebrado: 2.^o
 Restaurador Afonso venerado: 3.^o
 1.^o — Dinis em Justo: Afonso em Bravo tido: 4.^o
 Por justicioso Pedro assaz temido: 1.^o

Por Formoso Fernão mui afamado: .. 1.^o
 Um João Magno foi, do nome ufano: .. 1.^o
 Duarte entre êles todos Eloquentes: .. 1.^o
 Afonso o nome teve de Africano: 5.^o
 Perfeito, só João; por excelente; 2.^o
 Que um Rei então se faz mais soberano,
 Quando os seus conhecer o faz contente.

De Francisco Xavier de Araújo.

Ao assunto heróico

SONETO

Sobe ao Trono com geral contento
 João Segundo, aquêlê Rei perfeito,
 em cuja vida se não lê defeito,
 em cuja morte tudo é portento.

Cobram os Lusos generoso alento,
 porquê a todos o Rei se faz aceito,
 ama a todos o Rei: mas lá no peito
 a qualquer dos Vassallos faz assento.

Êste João no Mundo conhecido
 por Segundo no nome, é o primeiro
 que deu o prêmio, sem lhe ser pedido:

Porque como no rogo, e por Terceiro
 o prêmio chega tarde, e já partido,
 dá-o sem rogo, para o dar inteiro.

De Francisco Pinheiro Barreto.

Vigário da Igreja de São Pedro.

A El-Rei Nosso Senhor Dom João o Segundo
 gloriando-se nos seus vassallos

DÉCIMA

Nesta décima me fundo
 e nela mesmo direi,
 que foi sem segundo Rei
 El-Rei Dom João o Segundo;
 Pois que morto, inda no mundo
 tal varão, vive lembrado,

seja hoje colocado
em os bronzes da memória,
quem deu aos vassallos glória,
seja dêles gloriado.

Francisco Pereira do Lago Barreto.

Assunto Primeiro

Gloriar-se o Senhor Rei Dom João o Segundo
de ter conhecimento dos seus vassallos

SONETO

Atributo Real, grande virtude
é ter conhecimento dos vassallos,
o mesmo é conhecê-los, que premiá-los,
que ao prêmio só, o conhecer alude.

Máximas outro Rei novas estude,
que este, só empreendeu saber amá-los,
não faltando severo em castigá-los;
sem que no prêmio a retidão se mude.

Pela Lei, pela Grei, ao Povo atento,
alta Empresa, magnânima Vitória
adquiriu com tão nôvo, e régio invento.

Ó Rei perfeito de immortal memória!
Glória fazes de ter conhecimento
que é o bem dos Vassallos, do Rei Glória.

Do Acadêmico Nubiloso.

[Caetano de Brito Figueiredo]

Em louvor do Sereníssimo Rei Dom João o 2.^o da
gloriosa memória do grande conhecimento, que
tinha dos seus vassallos.

SONETO

Lá nesses Hemisférios tão dourados
louvar-vos, João, muito pretendia
em dosséis régios, e cândidos do dia
de Pérolas, Diamantes engastados.

Os Heróis em vosso peito sublimados,
sublimes, e afamados escondia
prêmios, com que premiá-los pretendia,
entre todos mais altos os agrados.

E se nas influências mais benigno
se fazia generoso, e mui perfeito
conhecendo entre todos o mais digno.

Em os efcitos, que fazia tal sujeito,
e se bem o conhecia Cristalino
cristalino se achava no seu peito.

Do Padre coadjutor de São Pedro
[Manuel] Cerqueira Leal.

Ao Primeiro Assunto

SONETO

Preza-se altivo o sucessor famoso
do quinto Afonso, Rei de imortal glória,
que quantos grava o pasmo: alma da história,
Vassalos seus conhece generoso:

Digna atenção a empenho decoroso,
se a régio impulso prevenção notória,
o prêmio consignar-lhes na memória,
antes que estrague ao mérito o queixoso:

Mas nesta ação, que ao peito augusto inflama,
se ao mérito antecipa o prêmio ardente,
aplausos lhe destina ardente a fama;

Pois lhe consagra a cultos permanente
brasões que o pasmo repetido aclama;
Troféus, que anima o tempo reverente.

De João Barbosa e Lima.

SONETO

Por ínclito Monarca não se aclama
O que aos dignos vassalos desestima;
E ou seu próprio valor em pouco estima,
Ou menos caso faz da sua Fama.

Ama a honra quem seus vassalos ama;
Porque com êles seu poder sublima,
E sem que a sua glória a inveja oprima
Marte o laureia da Apolónia rama.

Porisso o Luso Príncipe perfeito
 Dom João, no nome, em nada mais segundo
 Não perdia aos vassallos do conceito:

Tinha de os conhecer gôsto profundo
 E havendo ao justo mérito respeito
 Fazia o seu maior em todo o Mundo.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

SONETO

Esse, que ocupa os Céus esclarecidos,
 E do clarim da Fama os doces brados,
 Segundo entre os primeiros nomeados
 E João maior Rei entre os nascidos;

Seus Vassallos no Lete submergidos,
 Não foram dêle nunca, antes premiados,
 Fazendo (entre os aplausos dos lembrados)
 Seus aplausos o Rei nunca esquecidos.

Entendendo discreto se os honrava,
 A mérito igualando a sua glória,
 Que mais, que os seus, seu nome eternizava;

E para dar assunto a nova história
 Quando em sua memória os estampava
 O estampavam da Fama na memória.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Ao Senhor Rei Dom João o segundo, que se gloriava
 de conhecer os seus vassallos. Com alusão ao
 verso de Virgílio no Livro VI, Aenea. —
 Solemque suum sua sydera norunt.

SONETO

Nessa esfera de luzes tão notória,
 Que já de Atlante aos ombros se susteve,
 Ao seu Sol, a que a vista não se atreve,
 Conhecer das estrêlas é vitória.

O segundo João de alta memória,
A que assaz Portugal lustre não leve,
Mais que luzes ao Sol a esfera, deve,
Conhecer seus vassallos tem por glória.

Conhecia-os João, querendo atento
Premiar seus serviços, porém elas
Ao Sol conhecem só por seu aumento.

Cedam pois as noturnas sentinelas,
Porque só êste Real conhecimento
Deve sempre andar pôsto nas estrêlas.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Serenissimo Lusitaniae Regi Domino Ioanni II,
qui suos cognoscendo magnopere gloriabatur.

EPIGRAMMA

Nosse suos Regis uirtus est maxima: quidam
Asseruit quondam, quem bona fama canit.
Haec quoque te clarum uirtus pretiosa, Ioannes,
Efficit, et nobis gaudia multa parit.
Gloria tanta tuos equidem commendat alumnos,
Noscere quos, latet qua patet orbis, amat.
Primus es, et tali nulli uirtute secundus;
Donec nostra tuus corda secundat amor.

De Ioseph de Matos.

Ao Sereníssimo Rei de Portugal Dom João II que se
gloriava de conhecer a seus vassallos.

DÉCIMAS

Estima El-Rei seus vassallos
com [enlevos] e amantes zelos
pois deseja conhecê-los
para então saber amá-los:
quer também examiná-los
nos estragos de seu peito
para viver satisfeito,
e mostrar mais claro nisto
que não pode sem ser visto
ter amado algum sujeito,

Quem negará que João
 é um Sol mui radiante
 que dentro do peito amante
 tem de fogo um coração:
 por discurso da razão,
 assunto da sutileza
 quer conhecer com certeza
 como águia perspicaz
 quem dos filhos é capaz
 para obrar qualquer emprêsa.

De José de Matos.

Ao Sereníssimo Rei Dom João o Segundo de
 gloriosa memória, que se alegrava, em conhecer
 os seus vassallos.

De Luís Canelo de Noronha.

SONETO

Alto Rei, soberana Majestade,
 Nomeado o Segundo, e sem segundo!
 Quanto abarca este âmbito rotundo
 Vós ficou curta esfera a potestade.
 Seu Amor foi um Rei, Deus na entidade,
 Cego Rei, Cego Deus foi para o mundo;
 Vos vendo, vos amando mais profundo
 A reinar o ensinai, e a ser deidade.
 O reinar de um e [outro] foi o emprêgo,
 Mas sendo Amor inquieto no seu bando
 Vós tivestes c'os vossos o sossêgo;
 Logo tão diferente em vós é o mando,
 Quanto vai da ignorância de um Rei cego
 À vista de um que sabe, e reina amando.

Serenissimo Domino Ioanni Secundo
 Portugaliae Regi, qui uiros suos cognoscere
 gloriabatur.

EPIGRAMMA

Scilicet ut fuluum spectatur in ignibus aurum,
 Sicque tuos spectas pectoris igne uiros.

Noscitur ecce aurum, ualor est, Rex maxime, noto:
 Estque tuis notis maxima fama uiris.
 Gaudeat auro ignis, Rex et laetare, uidebas
 Munera namque tuis splendidiora uiris.

Antonius de Oliveira.
 [Letra diferente]

Ao muito Alto e Poderoso Senhor Dom João o
 Segundo Rei de Portugal que se alegrava de
 conhecer os seus vassallos.

SONETO

Quando o quarto Planêta Luminoso
 Nos mais astros conhece os seus fulgores
 Começando a luzir com resplendores
 Manifesta que está todo glorioso.

Tal João Rei segundo poderoso
 Que em seus astros conhece os seus primores
 Se gloria de ver imitadores
 De seu régio valor qual Sol famoso.

Alegrai-vos, senhor, perpétuamente
 Nesses orbes celestes colocado
 De conhecer a luz da vossa gente;

Porque quando de Eclipse é o Sol turbado
 Astro nenhum tem luz: mas vós fulgente
 A todo astro dais luz quando eclipsado.

De Antônio de Oliveira.
 [Letra diferente]

O quanto desejou El-Rei Dom João 2.^o conhecer os
 seus vassallos

SONETO

O segundo João Luso Monarca
 Teve attributos tais que a numerá-los
 Bem puderam sem dúvida invejá-los
 Quantos Reis de Faetonte o giro abarca.

Foi de virtudes excelente Arca,
 Desejou conhecer os seus vassallos
 Para punir aos maus, e os bons premiá-los
 Despachando uns à Fama, outros à Parca.

Quis aos bons porque quis que o mundo desse
 De seu nome imortal cópia, e rescrito
 Quando dêles memória não houvesse.

Fêz de tantos no número infinito;
 Que qualquer seu vassallo precedesse
 Sempre Leal, sempre forte, e sempre invicto.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Gloriava-se o Senhor Rei Dom João 2.^o de ver os
 seus vassallos, assunto heróico da nossa
 Academia Brasílica.

SONETO

Aquêlé a quem mais cultos dá o respeito,
 o Segundo João de imenso brado
 pelas vozes da Fama proclamado
 perfeito Rei, e Príncipe perfeito.

As ações dos Vassallos, e o conceito
 com ânimo Real, Augusto agrado
 para os prêmios trazia no cuidado,
 para as estimações tinha no Peito.

De ver aos Lusitanos se gloriava,
 e nesta ação a mesma simpatia
 no Monarca, e Vassallos se apurava.

Mas não sei quem mais glória conseguia
 se o Rei que como Lince os penetrava,
 se os Vassallos que como objetos via.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Assunto Primeiro.

O Senhor Rei Dom João 2.^o que se gloriava de
conhecer a seus vassallos.

SONETO

Perfeição foi do Príncipe perfeito
João Monarca do Império Lusitano,
Compreender com lume soberano
A todo o seu vassallo em seu conceito:

Perfeição foi de tão alto respeito,
Que excedendo a teórica de humano,
Mais parece do Céu Divino Arcano,
Que de nativo ser, ou mortal peito;

Porque se na Deidade Altipotente,
Compreendendo as suas criaturas,
Reluz a perfeição de omnisciente,

Em João foram patentes conjecturas,
De que, tendo os vassallos seus na mente,
Logrou da Divindade altas venturas.

João Alv'res Soares.

Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regis, qui in
cognoscendo subditos suos prae omnibus
gloriabatur.

EPIGRAMMA

Terris fama refert magnos praenuntia Reges,
Munera qui laudis, dante cliente, uelint.
Qui tamen (et merito) cupiant adamare clientes
In terris raros saecula prisca ferunt.
Vnicus at tandem fama, et uirtute Ioannes,
Nosceat qui solus gaudeat orbe suos.
Hinc reliquos fama superat, uirtuteque Reges,
Dignus et est celsi scandere ad astra poli.
Nempe secundus erit tantum cognomine, factis
Nam magnis primus, credite, semper erit.

[Emanuel Nunes de Sousa]

ALIUD EIDEM

Aurea terra solent Reges ornare, Ioannem
 Haec praeter merito [gemmeo] sarta decent:
 Vna ergo reliquos comprehendat, bina Ioannem:
 Gemmea nan meritis, aurea iure datur.

Emanuel Nunes de Sousa.

Ao Senhor Rei Dom João Segundo que se gloriava
 muito de conhecedor de seus vassallos.

SONETO

João aquêle Rei magno e perfeito,
 do Céu à monarquia destinado,
 nascendo para amante e para amado,
 foi amado e amante em todo o efeito.

Pulsava o coração no régio peito
 adonde tanto nome era gravado
 para todo o talento já inclinado,
 para os dignos de prêmio, aos prêmios feito.

Os nomes dos vassallos numerava,
 e os serviços nas graças contraídos,
 para os prêmios, a todos se obrigava.

Conhecia os serviços recebidos,
 e os vassallos, de quem se gloriava,
 para os prêmios lhes dar por merecidos.

[Sem indicação de Autor]

Conferência de 4 de junho

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma Hera sustentando a
 um álamo sêco.

Uma Hera sustentando a um Álamo ou choupo.

ROMANCE

Sustentar uma Hera a um choupo
 parece galantaria,

sendo êste tronco tão grosso,
e aquela tão delgadinha —

E se não Era infeliz
dizei-me (que me lastima)
Não sabeis, que êsses afagos
são de quem vos martiriza?

Para a vida vos tirar,
nêle fêz a tirania
de cada ramo um verdugo,
da fôlha espada homicida.

Vós tôda em braços com êle,
qual debaixo, e qual de cima,
ou é verdura dos anos,
ou já passar de atrevida.

Mas quero, que isso não seja
torpe escândalo da vista,
da culpa, de andares cega,
quem livrar-vos poderia?

Não abrireis êsses olhos,
se quer a vossa desdita?
porque vos não retirais,
tendo pé para a fugida?

A êsse tôsco madeiro
cuidais vós, que estais unida,
sem veres, que nos seus braços
ficais prêsa, e mais cativa.

Vejo me direis ser êle,
quem de vós cativo fica;
pois vos está só servindo
de arrimo para a subida.

Muito falta de juízo
mostrais ser por vida minha:
subi, que no vosso êrro
caireis dêle algum dia.

Não vereis, que ninguém há,
que a outros de arrimo sirva,
que dêles a tripa [fôrra]
não se sustente, e se vista?

Isso, em que tanto empregais
todo o cuidado e fadiga,
não é, não, buscar encostos
é por espeques a vida.

Que frutos esperais colhêr
de árvore, que é tão mesquinha,
que o dá-lo, prodígio grande,
raro milagre seria?

Que prometer pode um tronco
tão falto de fidalguia,
que nem ação tem de brio
nem sangue nas veias cria?

Se o ser a Baco sagrada,
Para a Copa vos incita,
Na do chapéu dêsse Deus
Sereis mais bem recebido.

Olhai que de choupo a chupo
vai pouco: e ninguém duvida,
que êle vos chupe a sustância,
e vós fiqueisurchazinha.

*Salvador Pizza
de Carvalho e Albuquerque.*

Uma hera enlaçada a um Álamo sêco.

Por Antônio de Freitas do Amaral.

SONETO

Hera infeliz te julgo e desgraçada,
quando unida te vejo a êsse madeiro,
pois apressas o teu fim derradeiro,
ao compasso que estàs mais enlaçada.

Não estavas mais bem acompanhada,
se buscasses o abrigo de um pinheiro,
porque tendo tão nobre companheiro,
das mais heras serias invejada.

Se pois queres que teus braços floridos,
glória sejam do mais ameno prado,
toma exemplo dos meus, quando oprimidos;

Que nas plantas de um César sublimado,
mais que os Cedros do Libano subidos,
asilo acham, favor, amparo, e agrado.

Ao Álamo sêco que a Hera tinha abraçado

DÉCIMA

Dizem que a Hera, secou
ao Álamo que ali abraça,
mas é falso que em desgraça
da Hera se levantou.

E quem o certificou
 não o faria se soubera,
 que o Álamo em sua esfera
 está sêco como o vêem,
 não porque a Hera em si tem,
 mas sim porque não tem era.

Antônio de Freitas do Amaral.

Uma Hera enlaçada a um álamo sêco.

Por Antônio de Freitas de Amaral.

DÉCIMAS

Queixa-se um Álamo sêco,
 da Senhora Hera verdosa,
 que sendo ela mui frondosa,
 êle um tronco velho, e pêco:
 lhe armou tão forte embeleco,
 tal geringonça, e tais laços,
 que caindo nos seus braços,
 em grande apêrto o tem pôsto,
 e vive em puro desgôsto,
 metido em mil embaraços,

Que por sua muita idade,
 já não é para folguedos,
 nem já para tais enredos,
 se vê com capacidade;
 sendo assim é de eqüidade,
 e muito pôsto em razão,
 que pena de excomunhão,
 tal Hera mais o não busque,
 e o deixe descansar usque,
 venha El-Rei Dom Sebastião.

Ao assunto lírico.

SONETO

Ontem era neste bosque agigantado
 Polifemo das Plantas na grandeza,
 com que tão liberal a natura
 me fêz entre as mais plantas levantado:

Porém hoje me vejo tão mudado
daquela minha tão antiga alteza,
que do que ontem fui hoje me pesa
por ver-me agora neste triste estado:

Era Álamo, e não sou quem dantes era,
que a Hera me tem pôsto desta sorte;
não fôra tal se a Parca não quisera.

Porém se o fio corta a Irmão forte
que a outra Irmã também cruel tecera;
que remédio senão sofrer a morte?

Do Licenciado

João Machado Barcelos.

Ao assunto lírico.

SONETO

Do rigoroso inverno combatido
jaz o Álamo triste, e desfolhado,
que a um pobre a quem persegue o fado
a desnudez lhe serve de vestido.

A verde gala que o Abril florido
para ornato gentil lhe havia dado,
de pura inveja o vento lhe há levado,
só pelo ver no Vale bem nascido.

Neste estrago fatal da sorte dura,
o remédio, com peito generoso,
a tanto mal a Hera lhe segura.

Abraça-se c'ô tronco lastimoso;
ficam ambos coa mesma compostura,
formosa a Hera, o Álamo pomposo

De Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao álamo sustentado da hera.

DÉCIMAS

1.^a

Senhores, que hei de dizer
Dêste Académico assunto,
Não tendo cabedal junto

Para nêle despender:
De álamo, e hera hão de ser
Os meus versinhos? Eu creio;
Porém que digo, receio
Que isto seja ficção mera;
Porque o álamo coa hera
Não é mais que um mero enleio.

2.^a

Uma hera mui frondosa
Um, sêco álamo cobria,
E quem para árvore via
A supunha estar viçosa:
Boa hera, aparatosa
Devia de ela ser muito
Mas a que nisto labuto?
Senhores dai-me perdão,
Que álamos lucros não dão
E de heras não colho fruto.

De Manuel Muniz da Encarnação.

Assunto Segundo

Uma hera sustentando a um álamo sêco

SONETO

Não vês ó Lélío, a trepadora hera
a um Álamo sêco sustentando,
como o abraça mais amor mostrando,
que a ser possível, o reverdecera.

Não vês a pompa, que na Primavera
brancas, e verdes fôlhas tremulando,
era do prado a gala, já deixando
o adôrno, não é o que ontem era.

Caduco tronco ao precipício inclina
mas na era enlaçado, já descança,
e não chega a cair, quando declina.

Tanto pode a união, tanto a aliança
que a hera, que à firmeza causa ruína,
pode ser, na ruína, segurança.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Al segundo

ROMANCE

Árbol seco, y tronco inútil
que estrago del tiempo hoy eres;
yo te vi ayer de Alcides
sagradas honrar las sienes;
Ayer frondoso del campo
obelisco fuiste verde;
hoy caduco, al edificio
desmoronado pareces;

De la campaña galán
ayer namoraste alegre
amorosas cuantas a ves
te procuraron alvergue;

Hoy empero, que de ramas
Pobre esqueleto no tienes
Las ufanías de hermoso,
Las excelencias de fuerte;

Sin duda, que caducaras,
Si olmo inútil estuvieses
Desvanecido en tí solo,
De otro brazo independiente:

Pero dispuso el destino
que frondosa esa vid siempre,
te abrazase cariñosa,
y a tu rúina impiediese:

Gigante hasta aquí de ramas,
si sustentaste valiente
esa vid tã trepadora,
q' al cielo quiso oponerse;

Con razón temo, castigo
que esta tu desdicha fuesse;
pues atrevido ayudaste
del cielo escalar los exes:

Dirás, que amante al delito
diste favor imprudente;
y sino libras de culpa,
disculpa no desmereces:

Emprendió la Hiedra el mal,
tú sustentarla pretendes;
ella no paga lo, que hace,
y tú pagas lo, que debes;

El amor te hizo atrevido,
 Olmo, disculpado sientes;
 Si por amor delinquiste,
 Dichosamente padeces:
 Feliz tú, que seco lloras,
 feliz tú que árido pierdes
 La pompa, y la gallardía
 de tus ramas excelentes;
 Tus ramas pierdes, tus hojas;
 pero es bien, olmo, te acuerdes,
 que desa (sic) pérdida en frutos,
 opimos ganas más bienes:
 Pierdes seco, una esperanza,
 una posesión mereces
 árido; diceme ahora
 ¿ cuál más de las dos prefieres?
 Hasta aquí de hojas galán,
 en maridases corteses
 fuiste de tu Hiedra arrimo;
 ella a tí, hoy te sostiene;
 Tu paso a su libertad
 diste; la Hiedra con redes,
 dulces lazos de esmeraldas
 fabrica para prenderte;
 Sólo tú en la desdicha
 dichoso fuiste dos veces;
 feliz por lo que te culpa,
 más feliz por quien te prende.

Do ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao Álamo sêco com a Hera verde enleado.

SONETO

Fôstes, Álamo, régio, sublimado
 na pompa galhardo, e desvanecido
 o teu brio cobrado está já caído,
 das esperanças vãs és já deixado.
 Pobre sem gala verde tão coitado
 que de ti se tem já compadecido,
 por te ver na Ribeira bem nascido
 a famosa Hera, que te vê mirrado.
 Contigo da sua gala reverente
 briosa tem repartido, e é certo
 ficarás dessa nudez mais decente.

Quem te viu, te vê hoje, por objeto
qual essa Dama briosa, e diligente
igual como Hera te tem coberto.

Do Padre coadjutor de São Pedro
[Manuel] Cerqueira Leal.

Ao segundo assunto

SONETO

Esta que vês, ó Fábio, Hercúlea planta
destrôço infausto ser do tempo esquivo,
ontem do bosque foi gigante altivo,
que ao prado assusta, que à Alameda espanta:

Vês aquela Hera, o como se levanta,
a dar-lhe abraços com verdor lascivo?
pois ela a tanto estrago deu motivo,
porque ela a causa foi de ruína tanta;

No afago encontra aquêle a sepultura,
pois dêste, sem que advirta o louco engano,
geme oprimido ao pêso da loucura:

Não fies, Fábio, do deleite humano,
que enfim te ensina o pouco que êste dura
no exemplo dêste [trança] desengano.

De João de Barbosa e Lima.

Ao mesmo assunto

SONETO BURLESCO

Desfeito estava em pó como tabaco,
ao canto de uma ermida, em certo bêco,
um pau, que foi de Alcides embelêco
segundo informações de certo caco.

Eis uma que hera muito aceita a Baco
salta que a trepa, e diz; só badameco
já que você comigo está tão sêco,
saiba que hei de prendê-lo por velhaco.

Disse: e sem mais nem mais, feito um trabuco,
os ossos lhe apertou com tal discoco,
que ao pobre deixa um serolicotico:

Êle, que assim se viu, triste e caduco
lhe disse: prêso, estou; mas do que toco
que a foice há de vingar-me certo fico.

De João de Barbosa e Lima.

SILVA JOCO-SÉRIA

Temos um grande assunto neste dia,
dado pela famosa Academia,
para que possam do Parnaso os Vates
dizer quatro discretos disparates.
É pois, que uma Senhora, que se chama
Dona hera, frondosa, ou Dona rama
de um Álamo sustenta sêco, e bronco
Já sem vida, e sem alma, o duro tronco.
Sem alma disse! vejam, que parvoice;
alguns dirão, que no que disse, disse.
Pois saibam (se reparo isso motiva)
que os troncos alma têm vegetativa.
Liberal esta Dama me parece,
pois a tanta despesa se oferece,
sustentando um galã (quem tal dissera),
se achasse esta piedade nesta hera.
Sem dúvida será por nova, e estranha
de — Maria — castanha;
ou será (como dizem meus vizinhos)
(senão dos Bastiões) dos Aionsinhos.
Porém pelo que vejo (ó Musa amada)
esta hera é sem dúvida a douvada,
em que há mulher tão nobre
que a carregar se atreve um homem pobre;
e fôra de admirar menor motivo
se esta senhora o carregasse vivo,
mas deixam pasmado, mudo, e absorto
se exponha a carregá-lo sendo morto.
Donde sem esperança
do seu trabalho, nenhum prêmio alcauça.
Porque a que de mais fina se exagera
nada a ambição lhes farta, sempre espera.
Desejando ao que é mais favorecido
fazer dêle um retrato de Cupido,
não só em pô-lo nu, mas com refolhos
(por mais se assemelhar) lhe tira os olhos.
Foram senhora hera os seus abraços
dêste Álamo infeliz, os mortais laços
Apertando-o de sorte,
que néles vejo a ter a sua morte.
Vejam lá, que amoroso, e doce trato,
parece-me êste seu amor de gato,
que quando amantes gostos solicita
posta a gata de gatas, mia, e grita

mais que é amor da víbora dissera,
que ao varão deixa morto, quando gera
porém com menos queixa
que se a vida lhes tira, os bens lhes deixa.
Mas você minha Dona sem consciência
pôs ao tronco no estado da inocência,
e qual se fôra consumido em chamas,
sem fôlhas o deixou, sem ramas,
disfarçando seus ásperos rigores
com querê-lo cobrir dos seus verdores,
imitando a justiça neste trato
dando aos que mata uma [álcea] de barato.
Não sendo novidade
que uma mulher encubra uma maldade,
e sem que isto lhe cause alguns pesares
anda posta você por êsses ares,
mostrando a quem a vê tão levantada
que foi sempre mulher mui pendurada,
tendo seus pensamentos
sua estabilidade sôbre os ventos,
e a trôco de cobrir, não fêz reparo
custasse ao pobre Álamo tão caro;
de donde se presume
tomou de alguns, que sobem o costume,
fazendo para isso (quando nada)
das ruínas dos mais a sua escada.
Olhe que causou sempre ao mundo espanto,
quem é tão baixa coisa, subir tanto.
Conheça-se, que é erva mui rasteira
para querer subir desta maneira:
que nem para chegar a mor altura
sempre os filhos das ervas têm ventura:
contente-se Senhora Dona Hera
em não passar da sua humilde esfera
sob pena de saber em tempo breve
a terra em que nasceu, que troncos teve.
E se dêste conselho meu se arreda
Como a de qualquer santo, tema a queda,
que se em seus dias caem, você se guarde
que há de ter o seu dia cedo ou tarde;
e tenha por infausto, e certo indício,
que é pena do subir, o precipício.
Senão por estas barbas lhe prometo,
que aos impulsos do Bóreas inquieto,
fazendo-lhe de sopros dura guerra,
com o tronco, e com ela dê por terra;

e qual Sansão na mísera caída
o mesmo a quem matou, lhe tire a vida,
dizendo, quem a vir com pena fera,
dêste Álamo acabou a sua era.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

MOTE

Tronco despido de ramas
Eu me lembro, que te vi
Verde abanico de flôres
Froncosa gala de Abril.

GLOSA

Se mimo da Primavera
Álamo fôste florido,
hoje da pompa despido
te cobres de inútil hera.
Foi tua sorte severa
Sentindo de Febo as chamas
Com que teu verdor inflamas,
ficando em tão triste fado
para lástima do prado
tronco despido de ramas.

Da gala destituído
rodarás na verde espalda,
se com laços de esmeralda
te não viras suspenso.
Dos rigores consumido
dêsse celeste rubi
sem pompa te vês aqui,
quando (dando assunto à trompa
da Fama) com tanta pompa
eu me lembro que te vi.

Tempo sei eu por ventura,
que com florido aparato,
escusavas para ornato
essa oferta de verdura.
Matizada a formosura
de odoríferos primores,
entre os Álamos melhores
fôste, na terrestre esfera
para ornar a Primavera,
Verde abanico de flôres.

Quem dissera Álamo agora,
 que em teus floridos raminhos
 deram salva os passarinhos
 aos crepúsculos da Aurora.
 Hoje és desprêzo de Flora
 padecendo injúrias mil,
 se já foste por gentil
 dossel do Déléfico raio,
 alegre pompa de Maio,
 frondosa gala de Abril.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Senhor Álamo que é isto?
 Quem o pôs desta maneira?
 quede (sic) o seu valor antigo?
 donde está a sua soberba?
 Você carece de arrimos!
 Você já pôsto em muletas?
 Quem o vê, que há de julgar
 Senão, que há dado em pobreza!
 Da jurisdição do coxo
 nenhuma coisa se isenta,
 tudo acaba, tudo prostra,
 tenha santa paciência.
 Não se fie nos favores
 da Senhora Dona Hera,
 porque não é mui segura
 mulher, que salta, e que trepa.
 Quando o tiver mais em braços
 há de dar com êle em terra,
 que geralmente de tôdas
 os carinhos, são ofensas.
 Demais, se tão pobre está,
 que espera, que lhe suceda
 sendo coisa abominável
 para todos, a pobreza.
 Quem diria Álamo amigo,
 que é, e foi, com glória, e pena
 ontem gigante dos bosques,
 hoje cadáver das selvas.

Perdidas as esperanças
já não é quem de antes era,
[verde] a posição dos raios
dêsse Diáfano Planéta!
Já não serve a sua copa
tão frondosa, como amena
(na república das flôres)
de dossel da Primavera.
Todo o seu mal foi ser grande;
porque na maior grandeza
é mais certo o precipício,
é a ruína mais certa.
Esse portátil penhasco,
(que é símbolo da prudência)
se uma vez chega a cair,
a levantar-se não chega.
Bem sei dirá que porisso
outras árvores pequenas
hoje elevados seus ramos
tocam nos raios etéreos.
De pouco Álamo se espanta,
o mundo emendar não queira
deixe-o governar, quem tudo
tão altamente governa.
Sinta os seus pesares só,
não inveje a sorte alheia,
e morta (como alguns dizem)
com seus póleos lá se avenha.
Essa pena, que o maltrata
(por não dizer essa inveja)
disfarce, porque nos grandes
mais essa falta se enxerga.
Senhor Álamo não cuide
que é só você quem tem queixas,
pois de outros troncos maiores
não há memórias pequenas.
E se tem hera o seu tronco,
e tanto o cair lhe pesa,
entenda, que outros caíram
sem ter por antigos, era.
Porém neste mundo vário
que hão de ter todos, conheça
troncos pequenos, e grandes
a mesma infausta tragédia.
Inda neste desamparo
(em que seus males lamenta)

tem quem o carregue às costas,
 tem você quem o sustenha.
 Achou quem lhe desse a mão,
 que outros têm na sorte adversa
 quem sem, que a mão queira dar-lhe
 dar-lhe demão melhor queira.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Cuidam hederæ siccæ ulmum sustinenti.

EPIGRAMMA

More tibi politos passus dimitte Gigantum,
 Tantisperque tuum siste, uiator, iter.
 Aspice quo nexu fulcimen in arbore firmum
 Sicca maritata, ne cadat, ulmus habet.
 Sic equidem debet praeteris haerere marito,
 Cum iacet infirmus; femina firma suo.

De Ioseph de Matos.

A uma hera sustentando um álamo sêco.

DÉCIMA

Ó quem fôra tão ditoso
 que nesses braços morrera
 porque só assim conhecerá,
 na terra o ser venturoso.
 Só vós álamo glorioso
 alcançais ditosa sorte,
 pois tendes quem vos conforte,
 (coisa rara e nunca ouvida!)
 e alente a vossa vida,
 quando estais pôsto na morte.

[*José de Matos*]

Ao mesmo assunto

outra décima com diverso sentido.

Estando tal hera unida
tanto o seu olmo apertou,
que sêco logo deixou
naqueles braços a vida.
Assim é a dama querida
que com desdém singular
vai sòmente a chupar
a seu amante tão pêco
que fica pôsto em sêco
depois que não tem que dar.

De José de Matos.

A uma Hera enlaçada em um Álamo, ou Choupo sêco

De Luís Canelo de Noronha.

SONETO JOCO-SÉRIO

Vá de jôgo: uma Hera erva de chapa
Joga c'o um choupo quando nêle trepa,
Eis que o choupo é levado da carepa,
Porque a Hera o verdor lhe ganha a rapa.

Trunfa o choupo c'o Basto, e não escapa,
Porque a Hera coa sota lho decepa;
Muito mal vai ao choupo, pois se estrepa
Ou no Rapa ou no Trunfo, e perde a capa.

Sempre a Hera em o ganho se antecipa,
para o choupo em ser sêco, a Hera topa,
E ganhou a substância, que lhe chupa;

Mandam vir, e beberam bem da pipa
consoantes, que vêm tôdas de tropa
Em Apa — Epa — Ipa — Opa — Upa.

Sustenta uma Hera significada em Baco a um Álamo
sêco significado em Hércules aos quais são
consagrados.

SONETO

Nasce Baco de fôrças despojado
E a Hércules se arrima que é valente
Para participar da fôrça ingente
Do magnânimo Herói mais esforçado.
De Hércules já cresceu Baco amparado,
E um abraço lhe dá tão fortemente,
que lhe sufoca as fôrças de repente,
Mas conserva-o nos braços sustentado.
Caso raro, prodígio nunca ouvido,
que um bêbado sustenha um valeroso
(Sem titubear) nos braços sempre erguido!
Mas de lembrança é caso prodigioso;
Porque aquêle que fôr agradecido
Será que Hércules inda mais forçoso. (*)

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

A uma Hera sustentando um Álamo sêco.

SILVA JOCOSA

Jamais vi em meus dias o Parnaso
Tão espúrio, e tão raso
Que sustentando-se dêle a Primavera
Deixa agora de ser quem dantes era;
Pois o vejo aqui feito hoje um Buçaco
De austeros ermitões cova, ou buraco
Donde em lugar da Ambrosia, e outras
[conservas
Não se fundam as Muças mais que em ervas
Mas deixá-las que Apolo convidou-as
Para efeito de serem ermitoas
com cuja vocação largando o carro
Deixa as barbas crescer para Masmarro.

(*) Verso corrigido de: "Será inda Alcides mais forçoso."

Isto é o que vejo, mas contudo,
 Para que elas não cuidem que eu sou mudo
 Para o monte me chego, e lhes pergunto:
 Quem a tal novidade deu o assunto?
 Esta, responde Clio, que de verde
 vês ornada, e trepando essa parede
 Para abraçar a um velho ambiciosa
 Em quem sempre a inconstância foi forçosa.

Pois, senhora lhe digo; esta não era
 Noutro tempo, e outra hera
 A Baco consagrada,
 Das adegas, e odres venerada
 Pois nunca fêz ao vinho
 Cara, tromba, carranca, ou mau focinho.
 Como agora sem ter já quem lho impeça
 Por qualquer muro [atrepa] tão travêssa
 Sendo o seu trono, e o seu lugar primeiro?
 Nas paredes, e umbrais de um taverneiro?
 Mas já o sei, não mo diga, porque o caso
 É notório ao Parnaso,
 E suspensas as Musas
 Com esta novidade estão confusas
 De ver que o álamo podre, velho, e sêco,
 Inda intente mostrar que não é pêco
 Pois direito se estriba
 Sem mostrar aleijão, cacunda ou giba
 Na hera que o sustenta
 E com êle hoje aqui casar-se intenta.
 Para dar a entender com bom conselho
 Que com hera, inda é môço, e não é velho.

Vista pois a ambição com que se [atrepa]
 A limpar a carepa
 Ao velho rabugento,
 Julgo logo que temos casamento,
 Donde aqui para as bodas
 Do Parnaso convido as Musas tôdas.

Será a madrinha, Clio,
 Pois que mãe de Himeneu dela confio
 Se lhe é obedientinho
 Que o convide também para padrinho.

Dê-lhe ordem aos pregões, sem tardança
 A recebam debaixo de fiança
 Porque temo conforme conjecturo
 Que embaraçada fique de algum muro.

Tudo mais julgo ser desnecessário
 Pois para os receber temos vigário
 Tão sublime, e eminente
 Que está feito das Musas Presidente,
 E por ficar às nuvens sobranceiro
 Veio a ser do Parnaso alto Pinheiro.

Mas quem há que ver possa
 Encostar-se hoje um velho a uma môça
 Que não diga dos dois coo (sic) menoscabo
 Que êste é dos casamentos do diabo?

Recebidos enfim, ou já casados
 Ou bem, ou mal logrados,
 Pedem vênia à Senhora Academia
 Porque querem fazer certa folia
 Que fomenta o Deus Pan com mil primores
 Por ser Pai das Zagalas, e Pastôres.

Entra Baco na dança coa borracha
 Por mostrar que aos freguêses não se agacha;
 Dois Sátiros, dois Faunos, dois Centauros
 Vêm à festa, e também dois Minotauros
 Para dar a entender com ruins agouros
 Que na festa há cavalos, e que há touros.

Tamboril, da borracha Baco forma,
 E já de um refestêlo segue a forma,
 Onde por não mostrar que o vinho zela
 Faz também da borracha charamela.

Leva a flauta o Deus Pan, que posta à bôca
 Com tal destreza a toca
 Que se [Siringud] hoje aqui se achara
 Dissera que das canas lha furtara.

Lá vêm dois Semi-cáprios pegureiros
 Repicando os pandeiros,
 Todos lhe fazem abra
 Porque toquem pandeiro e pé-de-cabra
 Instrumentos que tocam nos cobangos
 Bambambuilas, Angolas, e Loangos.

Dois macacos, dois monos, dois bugios
 Dois ternos de assobios,
 De cigarras mais outro
 Toca êste, aquêle, e aqueloutro
 De sorte que o sussurro, o som, o eco
 As entranhas penetram do pau sêco
 De quem incontinente

Sai em bandos, e em chusmas (ria a gente)
 De motucas que os deixam hediondos
 Mais de mil, e outros tantos maribondos
 De que estava tão cheio como um odre
 O nosso noivo velho Álamo podre.

Sai por fim desta obra
 Por entre os pés da noiva uma cobra
 Que num bote os alcança
 Tão ligeira que enfim, lá vai a dança;
 Pois debaixo da hera em prado ameno
 Ocultou sempre a cobra o seu veneno.
 E, eu por não ser mordido
 Já da hera me dou por despedido,
 A razão clara fica;
 Pois se a Silva é tão franca, e me não pica
 Discorrendo eu por ela,
 Que motivo haveria, ó Musa bela
 Para que a astuta cobra me infestasse
 Se eu jamais plantei Silva que picasse.

Sêca já de Aganipe a clara fonte
 Deixo a Silva ao Parnaso, e trepo o Monte
 Em que canto, e em que adoro,
 Melhor Musa que Clio, em melhor côro
 Donde não há quem tenha
 Entre tanto Museu a voz roufenha
 Para louvar de um a outro Pólo
 Não ao Apolo Deus, ao Deus de Apolo.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Ao segundo assunto

QUINTILHAS

Senhores se pode entrar
 a ouvir tantas maravilhas
 um cego; dai-lhe lugar.
 Aqui vos vem a ofertar
 como cego estas quintilhas.

Não devem causar espanto
 estas já caducas minguas
 que em dia do Espírito Santo
 entre tantas várias línguas
 tem lugar diverso canto.

Era uma vez uma Hera
a um Álamo pegada,
eu não sei se amante era,
mas sim que estava abraçada:
não diz a história em que Era.

O Álamo desta escolha,
entre finezas, e Amôres
com requebros se desfolha;
se entrega fôlha, a fôlha,
porque nunca teve flôres.

Quem dissera que o mudável
teria tal segurança?
Quem da era, o firme e estável?
e que fôsse perdurável
a ruína, e a mudança?

O Álamo se secou
de velho, ou por dar-lhe o pêco,
a Hera não se apartou,
mas vendo o Álamo sêco,
mais com êle se apertou.

A Hera ia [atrependo]
quanto o Álamo caindo,
e assim ficaram: quando
era ido São Fernando,
E por Antão era vindo.

Alguns como coisa estranha
dizem, que isto sucedera,
quando de Alari castanha
era esta Hera era.
Jesus que coisa tamanha!

Outros com mais fundamento
A César dão o louvor;
e provam o argumento,
que é de arrimo, e de sustento,
a Era dêste Senhor.

Dizem: e dizem verdade;
que temos nêle um Tesouro
de Justiça e Caridade.
Estamos na Era de Ouro,
que o mesmo é era, que idade.

Eu nunca fui Escolar
Não me posso meter nisto;

mas não cesso de rogar,
Deus o queira conservar
a Era de Jesus Cristo.

Tenho acabado: se alguém
houver que melhor o faça?
que o faça muito em bem.
Deus nos dê da sua graça
por sempre jamais Amém.

De Eusébio Peixoto.

[Assinatura com letra diferente]

A uma Hera sustentando a um Álamo sêco, assunto
lírico da nossa Academia Brasílica.

SONÉTO

Amorosa prisão que o Monte enleias,
e com laços gentis, fôlhas benignas
em bela confusão cobres ruínas,
em verde pompa estragos lisonjeias.

Erguer a um tronco sêco não receias,
e dar-lhe vida nova determinas
aplicando-lhe em fôrças peregrinas
no brando suco o líquido das veias.

Logrado herôicamente o teu intento,
livre o tronco por ti da mortal calma
na Montanha serás vivo portento.

Pois tens (fazendo de teus Ramos Palma)
para escalar muralhas muito alento,
para dar vida aos Álamos muita Alma.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

A uma Hera sustentando um Álamo sêco, assunto
lírico da nossa Academia Brasílica.

DÉCIMAS

Parto das Selvas amante,
verde, e mentido Briareu
por natureza Pigmeu,
por ousadia Gigante.

Bem que sejas tão constante
 pondera o teu fraco estado
 de fôlhas débeis formado
 por ruínas sempre postas,
 e não carregues às costas
 um Obelisco do Prado.

Quando ó Hera assim te enlaças
 que só de arrimos te alentas
 como a um Álamo sustentas
 e trazê-lo aos ombros traças?
 Porém como tudo abraças
 por piedade, ou por favor
 nessa carga o teu valor
 ser com glória persuade
 Prodigio da caridade,
 ou é milagre do Amor.

Se por caduco, e prostrado
 queres com impulso ardente
 fazer do fraco valente,
 do morto ressuscitado.
 Serás a vida do Prado
 com fôrças tão compassivas,
 e as outras Plantas esquivas
 hão de ver, que em tais confortos
 não pode haver troncos mortos
 enquanto houver Heras vivas.

O Académico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Ao assunto lírico

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Hoje mais que nunca logro
 o título de discreto
 por não querer nestas coplas
 falar de quem não conheço.
 Se eu não conheço outra Era
 mais que esta de setecentos
 e vinte e quatro, em que estamos,
 é bem que passe em silêncio.
 O Álamo pior ainda
 nem por equívoco o vejo

e menos em sobrenome
 donde encaixe algum conceito.
 Se assim como Álamo foi
 fôra esta árvore Pinheiro,
 ao Presidente formara
 meia dúzia de sonetos.
 E a [fé] que bem merecia
 e outros muito mais perfeitos
 pela oração estupenda
 com que elevou ao Congresso.
 Porém [tal] Musa, atenção,
 não te botem nos rejeitos,
 e já que entraste em Romance
 falar do assunto é acêrto.
 Informei-me de um rapaz
 que mostrou ser do Alentejo,
 sôbre a Hera, porque eu
 a ignoro por Brasileiro.
 Disse que a Hera costuma
 levantar-se por tal jeito
 que arrimando-se a algum tronco
 desafia a qualquer freixo.
 E se o Álamo do assunto
 quase caía por sêco
 a Hera que o sustentava
 tinha outro arrimo perfeito.
 Com que eu agora discurso
 que a Hera nestes extremos
 hoje se ostenta pomposa
 por arrimar-se a um Pinheiro.

José de Oliveira Serpa.

Ao assunto lírico

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Na Academia passada
 uma Comédia formei,
 e por não ter então bailes
 vai agora um entremez;
 Uma môça que por Era
 não passa dos vinte e três
 sai abraçando a um velho,

que em pé se não pode ter.
De que ela não tenha juízo
nas verduras bem se vê,
pois se não fôra tão verde
não dera o braço a torcer.
Admira-me, que esta tal
que uma ambição dizem ser,
tanto se enlace a um velho,
que nem a si próprio tem.
Já não tem eira nem beira,
e menos tem ao meu ver
ramo de Figueira o pobre,
pois nem de Álamo lho vêem.
Ser a imagem da mudança
é de alguns o parecer,
porém eu afirmar posso
que êle nunca arredou pé.
O doutíssimo Congresso
a esta hora dirá, que
nenhum dos dois espantalhos
tem falado a sua vez.
Mas lembre-se que a Comédia
Dama muda intitulei;
e o Entremez seja agora
também passo de mudez.
E se êles nunca falaram,
mal poderei eu fazer
que falem no teatro à vista
de tanta gente de bem.
Basta, sem ser Deucalionte
o excesso a que me arrojei,
pois que fiz de troncos homens,
se êle homens de pedras fêz.
E se do Entremez não gostas
não sei que lhe hei de fazer,
riam-se destas frialdades,
que também eu me riei.
Se eu a Mágica aprendera
fizera hoje aparecer
um e outro transformado
da sorte que aqui os pintei.
Mas se já parece tempo
de dar fim ao Entremez,
aviso ao Congresso todo
Que ria-se quem quiser.
O fim é muito diverso

dos mais que se vêm fazer,
pois não acaba as pancadas,
mas as foçadas talvez.

José de Oliveira Serpa.

Ad Amantissimam haederam, quae iam sine uiribus
ulmum siccum adhuc bracchiis sustentat.

EPIGRAMMA

Omnis amat mulier, uires exhaurit amantis
Donec, at exhaustis, mox inimica fugit
Lenta haedera haud aliter uires consumpsit amantis
Ast amor in firmo pectore uiuit adhuc.
Iure igitur superat reliquas quae praebet amanti
Bracchia ne pereat, sustinet atque, suo
Magnus amor! quid enim miror? post funera, solus
Si nunquam potuit degere uerus amor.

[Emanuel Nunes de Sousa]

ALIUD EIDEM

Vimus quid tecum? pereant uestigia amoris:
Ramis haec arbor commoda nulla refert.
Hoc mihi semper eris monimentum, et pignus
[amoris;
Nam decus extinctum nomen amantis erit.
Mos erat antiquis magnam celare figuram
Cordis amicorum ne moreretur amor.
Permanet hic pectus, cor, uita, amor omnis, et unus
Hic iacet, hic fixum cor retinet meum.

Emanuel Nunes de Sousa.

Ad secundum argumentum.

EPIGRAMMA

Errantes hederae constringunt nexibus alnos,
Et nimia succos ambitione trahunt.
Mox exhausta cadit, spoliataque; uiribus alnus,
Quae fuerat teneris luxuriata comis.
Si tamen exurgat, postquam cecidisset, adustum
Iam nec germanum fleret amara suum.
Quin sibi fatales hederas arderet, iniquos
Germani potius iam subiisse rogos.

[Sem indicação de Autor]

Ad secundum argumentum.

EPIGRAMMA

Quae nimium fuis gaudet lasciuia corymbis,
 Et quae thyrsigero grata fit herba Deo.
 Haec Phaetontes postquam constrinxerat alnos,
 Presserat et postquam nexibus arcta suis:
 Absumit uires, succos simul extrahit, atque
 Emendicata florida crescit ope.
 Haud secus humanis sese defigit hirudo
 Artubus, atque hausto plena cruore tumet.
 Hinc ergo arboribus succos quae exugit, hirudo
 Creditur haec etiam iure fuisse pari.

[*Sem indicação de Autor*]

Uma Hera sustentando a um Álamo sêco

SONETO

Em braços de esmeraldas se sustenta
 êsse do tempo Álamo rendido
 que importa a tanta altura ser subido
 se no ser do seu ser se não alenta.

A Hera entretecida e nada atenta
 tem no Álamo sêco o desmentido
 donde o todo frondoso e florescido
 o tempo desmentiu que a nada isenta.

O Álamo lhe serve de alta Pira
 é urna tudo tudo monumento
 e da Hera o verdor tudo é mentira.

Com fôlhas o epitáfio escreve o vento
 pois a tanto subir a Hera aspira
 seja o Álamo exemplo a seu intento.

[*Sem indicação de Autor*]

A uma Hera sustentando um Álamo sêco

ODE

Parece Álamo sêco,
 que do estrago fatal de Factonte
 Ainda existes eco,

E que nessa ribeira, qual no monte,
 Tu sòmente entre os mais, se não me engano,
 Do estrago, que choraste, tens o dano.
 Mas se do caso triste
 Os estragos a dor em ti fulmina,
 Mal teu tronco resiste
 A que última terás inda ruína,
 Porque adonde o pesar faz dura guerra,
 Até os troncos a dor prostra por terra.
 Se bem cuidos que agora
 Será menos atroz tua desgraça,
 Que essa Hera adúladora,
 Que unida a teu pesar, teu tronco abraça,
 Em seus braços pretende sustentar-te,
 Porque não chegue o vento a derribar-te.
 Senão é que seus braços
 Lisonjeiam teu dano juntamente,
 Pois os mesmos abraços,
 Que fazem que teu tronco se sustente,
 Mais que a tí, que o vital perdeste alento,
 Sustentam nêle em pé teu sentimento.
 A Hera mui pouco deves,
 Pois se por ti se opõe contra a violência,
 A que tu não te atreves,
 Ambição é da sua dependência,
 Porque por ti subir ao alto espera,
 Onde por si sòmente não pudera.
 Mas se os braços acaso
 Satisfação do muito, que já amaste,
 Vem a ser neste caso,
 Ditoso tu! ditoso, pois chegaste
 Amoroso a colhêr, senão tributo,
 Nesses braços das lágrimas o fruto.
 Mas parece que a Hera,
 Que em afagos agora se desata,
 Se de Fili aprendera,
 Proceder não pudera mais ingrata,
 Pois concede os favores tão escassos,
 Que a morte vem primeiro, que os seus braços.

[Sem indicação de Autor]

5.a CONFERÊNCIA
DE 25 DE JUNHO

Oração que leu o Padre Antônio Gonçalves Pereira
sendo Presidente na Academia dos Esquecidos
desta Cidade da Bahia em 25 de junho de 1724.

DISCURSO ACADÊMICO-FILOSÓFICO

Platão, aquêlê, a quem os Sábios antigos engrandeceram com o soberano título de divino, aquêlê, a quem veneramos hoje pelo primeiro Mestre, que ensinou públicamente a Filosofia Metódica, foi o primeiro inventor das Academias. Instituiu a sua escola, em um lugar ameno, e sombrio, delicioso divertimento de Ecadêmio, Príncipe Ateniense, que afeiçoando-se à doutrina de tão grande Filósofo, deu-lhe o mesmo lugar, que possuía, para que servisse de teatro ao seu magistério, do que agradecido Platão quis que a mesma escola se denominasse Academia, e que os seus discípulos tomassem o sobrenome de Acadêmicos, para perpétuamente engrandecer a memória, e eternizar o nome de Ecadêmio: que nunca os sábios deixam de ser engrandecidos.

As circunstâncias desta antigüidade ajustadamente se conformam com o que os nossos olhos estão vendo, e as experiências demonstrando. Vemos a um preclaríssimo César, Príncipe Lusitano, tão propenso e aplicado às Literaturas, que designou o seu mesmo Palácio para o exercício desta nova Academia, protegendo, e honorificando aos literatíssimos, e sapientíssimos Acadêmicos, que a êle concorrem, não como discípulos de Platão, mas cada um dêles como um Platão, que merecia ter muitos discípulos. Reconhecido a tão altos benefícios êste Acadêmico Ateneu levantará para perpétua memória de um tão excelso Herói, Mecenas da Sabedoria, eternos obeliscos, perenes monumentos, nos quais estampada, mais que no bronze, a sua gloriosa fama lhe assegure uma clamorosa posteridade, que apre-goe nos anais do tempo os seus imortais aplausos.

Escreve Cícero da Academia de Platão, e dos Acadêmicos, seus discípulos, em quatro Livros, que intitulou **Questões Acadêmicas**, mais como Filósofo, que como Orador; o mesmo escreve no Livro primeiro de **divinatione**, chamando a escola de Platão — **Academiam umbriferam, uirideque Liceum**: claro testemunho de que ainda no seu tempo perseveravam em Filósofos

as Academias. Porém já agora, tudo são humanísticos estilos, orações eloqüentes, poemas elegantes, sonetos conceituosos, engenhosidades plausíveis, erudições esquisitas; e ainda que com muita razão o lustre das Academias passou dos Filósofos para os Humanistas, que na sua mão têm a chave dourada do Palácio de Minerva, contudo compadeço-me de Platão, e dos seus Acadêmicos, já que eles inventaram, e observaram tantos anos o uso das Academias, ao menos nem um dia será seu? Quero resuscitar êsse dia, que parece já morto pelo que tem de esquecido, saindo hoje com um assunto filosófico, que não pode deixar de agradar aos antigos Acadêmicos, vendo restituída a sua primigênia escola:

Vós, Senhor, que no clima Americano
Protetor sois da nossa Academia,
Influis à minha tênue Sofia
A luz do vosso aspecto mais que humano.

Já que às vêzes de um Rei tão soberano
Substituis aqui nesta Bahia,
Condenais hoje a minha fantasia,
Por sair com assunto pouco lhano.

Acomodou-se Apolo ao vosso intento,
As fontes cabalinas desatando:
Sofo em vossa atenção com nôvo alento.

Quer, com vênua, propor seu argumento,
Para que ambos assim vão alternando,
Ora um, ora outro, o seu invento.

Andava eu perplexo como havia de discorrer sôbre êste meu assunto filosófico, quando acaso encontrei um Filósofo, que assim me pareceu, pela insígnia azul, com que se condecorava; depois de o saudar, perguntei-lhe, quem era, e que doutrina seguia? Respondeu-me, que se chamava Crísipo, (nome de um antigo e famoso Filósofo) e que era muito inclinado a Platão, e aos seus Acadêmicos; porque reconhecia que dêstes manara em grande parte a doutrina Peripatética, que êle aprendera nestas escolas da Bahia. Grandes foram as demonstrações de contentamento, quando lhe ouvi dizer que era inclinado a Platão, e aos seus Acadêmicos; comuniquei-lhe os cuidados com que andava, prometendo que seria o fundamento do meu discurso a sua direção. O que ouvindo, estranhou muito, que eu quisesse tomar nesta ocasião assunto filosófico: agora, dizia êle, que devias indignar-vos contra as tiranias de Cloto, Parca cruel, que se atreveu a cortar os fios de uma vida, que merecia ser imortal, por ser de

uma esclarecida Heroína, que por sua real prosápia, pela excelência do seu título, pelas prendas, e dotes singulares, que supõe a pedagogia, que tinha a seu cargo, era a mais assinalada entre as Deusas humanas, que assistiam no Palácio do maior Monarca: êste havia de ser hoje o vosso assunto, chorar, e lamentar tão dura fatalidade com tristes endechas, com lúgubres elegias, e com fúnebres epicédios, e não ocupar os entendimentos com matérias filosóficas.

Pela mesma razão, lhe respondi eu, que alegais em contrário: não podia tomar melhor assunto; não sabeis, que por êste mesmo motivo se passaram as fontes do Parnaso para os olhos das Musas, e que estas, desgrenhados os cabelos, lançando fora os coturnos, quebrando as cítaras, e os mais instrumentos do seu canto, se recolheram tôdas entre os rochedos do Pindo emudecidas? Não sabeis, que os louros de Apolo se converteram em aciprestes de Libitina, os rios da eloquência humanística, que se despenhavam risonhos sôbre o Museu de Atenas, retrocedendo com a fôrça do sentimento, desampararam o Mediterrâneo, e se retiraram lastimados para o Cáspio? Como à vista de uma pena, e pesar tão penetrante haviam hoje de ser invocadas as tristes Musas? Logo deve nesta ocasião suprir a Filosofia a sua fala; porque hoje mais que nunca tem lugar o meu assunto filosófico. Acomodou-se Crísipo a esta minha razão, e satisfeito me disse, que não podia tomar melhor assunto, do que um caso, que lhe acontecera digno de história, e começando, o expôs nesta forma.

Entreí na Filosofia como se entrara no Labirinto de Creta; porque pasmando com as escuras representações, que me pareciam disformes Minotauros, me vi embaraçado, perdido o tino, e mais horrorosas sombras que as dos Cimérios, sem haver fio algum, que me dirigisse para o acêrto, se a fortuna me não deparasse um grande amigo chamado Empédocles, Filósofo celebérrimo, que servindo de guia, qual outro Teseu, me dilucidou o intrincado de suas dificuldades, que confesso ingênuamente foram estas tais, que se eu as adivinhara, antes havia de escolher ficar bom Gramático, do que sair bom Filósofo. Não bastava ostentar-me lido nas histórias, exercitado na lição dos Poetas, versado nas fábulas, assim dos Gregos, como dos Latinos, noticioso dos costumes, que há em várias terras, e Províncias, assim políticos, como econômicos, para falar com acêrto nas matérias óbvias? Não seria melhor aplicar a memória a êstes estudos, do que matar-me com filosofias?

Atento estêve Empédocles ouvindo êste meu discurso, e proferiu estas palavras: como estais enganado, meu Crísipo; quadra em vós aquêle célebre hemistíquio — *uitrum adamanta uocas:*

chamais vidro ao que é diamante; e chamais diamante ao que é vidro; tanta diferença vai do vidro ao diamante, quanta vai das regras mudáveis, e arbitrarias da Gramática, que apeteceis, ao firme, e sólido da Filosofia. As notícias humanísticas, que com razão aceitais, verdadeiramente enobrecem, e adornam a República Literária, e formam tal consonância, e harmonia com as notícias filosóficas, que umas, e outras são irmãs gêmeas, nascidas de um mesmo parto de um grande entendimento, e de uma avantajada memória. Porém a Filosofia tudo ensina, quanto podeis desejar, por um modo mais elevado: apura, e adelgaça o entendimento; satisfaz à natural apetência, que todo o animal racional tem de saber, e entender; excita as espécies; aviva a reminiscência, esperta as apreensões, amadurece o juízo; e formaliza o discurso. É verdade que nem todos nascem para Filósofos, nem todos têm [ignículo] forte, que os arrebatá a obrar o que diz o Poeta — *causas penitus tentare latentes, et rerum tenebras alta caligine mersas*: nem todos nascem com este gênio; mas o que nasceu com este gênio, nasceu para Retórico, e nasceu para Poeta. Nasceu para Retórico, porque a Retórica, segundo diz Aristóteles, é uma Dialética estendida, e abriu a mão; e a Dialética é uma Retórica abreviada, e fechou a mão. Quem sabe bem Dialética, sabe bem Retórica; os artificios da Retórica são documentos da Dialética; nasceu para Retórico, quem nasceu para Filósofo.

Também nasceu para Poeta; o maior Poeta, que até agora houve no mundo, foi Homero, por quem contenderam sete cidades, sôbre qual delas era sua pátria; este pois tão grande Mestre da Poesia mereceu lugar entre os primeiros, e os mais abalizados inventores da Filosofia: cada fábula, que excogitava, era uma questão filosófica, que decidia; nasceu para Filósofo, não podia deixar de ser enfaixado pelas Musas, e reclinado por Apolo em berço de cristal; que se derreteu depois, e liquidou em fontes do Parnaso. Tudo tendes na Filosofia, meu Crísipo; nela tendes tudo o que é Literatura humanística: se anelais a ganhar o popular aplauso de eloquente, olhai para Platão, de quem se refere, que poucos dias depois de nascido, na sua bôca, melificaram seus favos as abelhas. Estas, como disse Piério Valeriano, nos seus geroglíficos, são emblema mui próprio da Filosofia; por isso o Poeta lhe chamou argumentosa — *sicut apis mordax argumentosa susurra*: mostra a abelha que argumenta; porque a desinquietação do seu sussurro se assemelha ao alvorôço de quem discorre filosofando. Este portento pois significava, que aquêlé tenro infante nascia para Filósofo, e que mais significava? A Igreja o diz na Lenda de Santo Ambrósio em caso semelhante — *uiri eloquentiam demonstrabat*: diz que

êste prodígio prenunciava a sua eloquência: nascer para Filósofo, e ser eloquente, tudo é o mesmo; o tempo depois o veio a mostrar; porque foi Platão tão eloquente, que era provérbio comum, Língua platônica, quem val o mesmo, que eloquente.

Se aspirais as honras, e estimações do mundo, olhai para Alexandre com Aristóteles ao lado, e Diógenes à vista, com um se aconselhava, e dêle aprendia, do outro dizia que seria Diógenes, se não fôsse Alexandre: em tal grau de venerações um bom Filósofo se exalta. Se vos não contentam as lidas, que padecem, e a má vida, que levam, lembrai-vos daquele verso — **non iasset in molli ueneranda scientia lecto.** O Magistrado de Atenas promulgou uma Lei, em que obrigava a todos a tirar o chapéu, e fazer cortesia a quem era Filósofo: aconteceu que encontrando-se um Filósofo com um nobre Ateniense, êste lhe não tirou o chapéu, nem lhe fêz cortesia alguma: acusado, respondeu que vira aquêle Filósofo tão gordo, tão rosado, e tão bem disposto, que se não persuadiu que era Filósofo. Ser Filósofo, e levar boa vida, não se compadece: adverti no que diz Horácio — **Multa tulit, fecit que puer, sudavit, et alsit, qui studet optatam cursu contingere metam.**

Não vêdes a Aristóteles passar as noites insones com o livro em uma mão, e na outra uma bala de ferro sôbre uma bacia, para que, se adormecesse, caindo a bala, espertasse? Não vêdes a Demócrito Abderita, Filósofo de grande nome, que para ficar desimpedido, sem que os objetos corpóreos, e sensíveis lhe perturbassem a contemplação filosófica tirou de si mesmo os seus olhos, e ficou voluntariamente cego? Todos êstes excessos obra quem quer ser bom Filósofo, e a razão de tudo é, porque é tal o gôsto, e recreação, que causa o saber Filosofia, que serve de superabundante recompensa de todos os trabalhos, e moléstias, que se padecem; em cuja comprovação ouvi um caso singular, que aconteceu a Sócrates, aquêle grande Filósofo, Mestre de todos os mais. Saiu um dia de sua casa dando gritos pela rua, dizendo **ebrica, ebrica, ebrica**, que val o mesmo que dizer achei, achei, achei: abalou-se o povo com a novidade, porque Sócrates era Filósofo sisudo, sério, e político, e não havia de sair com aquêle invento tão desentoadado, se não achara algum inestimável tesouro: o caso alvoroçou a cidade, cujos moradores juntos em uma praça lhe perguntaram, que achara; respondeu que achara uma verdade filosófica, que havia muitos anos indagava; e que fôra tão excessivo o gôsto, que teve, quando a descobriu, que não lhe cabendo no coração, brotara naquele excesso. Pois se êste Filósofo, porque achou uma só verdade filosófica, qual Rio caudaloso em tempo de cheia sai fora da madre inundando os campos, porque em si mesmo não cabe, se espraia por um, e outro

lado buscando, espaçoso, e dilatado teatro para o triunfo das suas águas, assim êle se alvorçou de sorte com tão demasiado gôsto e alegria, que não cabendo em si mesmo, saiu a triunfar pelas ruas, e praças de Atenas, que será quando um Filósofo se engolfa no mar da Filosofia, achando, e descobrindo tanto número de verdades filosóficas, quantos são os rumos, pelos quais navega; não há maior gôsto nesta vida. Questão é entre os Filósofos antigos, e modernos, se há nesta vida sumo bem, digo sumo bem, comparados uns bens com outros bens: trata a questão largamente o Padre Léssio em um tomo particular, que intitoulou — **De Summo Bone**. Uns dizem que o sumo bem era a riqueza, outros que a saúde, outros que a descendência, e outros que a honra. Eu sigo a opinião de Anaxágoras, Filósofo antigo, que defendia que o sumo bem, que havia neste mundo, estava reconcentrado na Filosofia; todos os mais bens estão na circunferência, o sumo bem está no centro, e êste centro não é outro, senão a Filosofia. Logo a Filosofia é o centro de todos os bens; esta opinião seguiu também Lucrécio, que disse exclamando mais como Filósofo, que como Poeta — **Felix! qui physicas potuit cognoscere causas, nullus in hac uita misera felicior extat.**

Estive ouvindo, dizia Crísipo, estas razões, que ponderava Empédocles, e me vi tão animado a continuar o estudo da Filosofia, qual soldado guerreiro, e generoso, que intrépido se arroja ao militar conflito, quando o incitam os estrondosos ecos da bélica caixa; só uma coisa me retardava, e era ver a variedade de doutrinas, que a cada passo se me ofereciam: culpava eu aos Filósofos, ou de vários, ou de teimosos, por não concordarem todos na mesma doutrina, de modo que hoje na Filosofia tudo são opiniões. Não vos espanteis, disse Empédocles; porque o entendimento humano é tão inquieto, que não sossega; não há rumo, que não tente; não há caminho, que não busque; não há novidade, que não abrace: eu vos quero encaminhar, declarando-vos quais são as doutrinas, que haveis de evitar, e quais são as que haveis de seguir.

Primeiramente abominai a doutrina de Pitágoras, sendo um Filósofo tão eminente, que os antigos quiseram tributar venerações de divino; degenerou na maior inépcia, que se pode imaginar, ensinando, e persuadindo aos homens do seu tempo a transmigração das almas de um corpo vivente em outro, a que chamou palingenésias, de tal sorte, que chegou a dizer, que a alma de Aquiles depois de morto se passou para Euforbo, pouco antes que êste nascesse, e que assim saíam alternando as almas ora neste, ou naquele corpo; daqui vem, que proibia que ninguém comesse carne, ou peixe; porque dizia que se arriscava o filho a comer a alma de seu pai, que porventura passou

de seu pai para aquêlé peixe, ou animal, que comia. Esta doutrina se estabeleceu de sorte desde o tempo de Pitágoras até o presente entre alguns Indiáticos, principalmente Malabares, que ainda hoje como ponto de Religião a observam. Livrai-vos de tão insana doutrina, nem façais caso do arrazoado, com que largamente a defende Ovídio no livro décimo quinto dos seus *Metamorfoses*.

Como também não façais caso, dos cétricos, Filósofos, que defendiam, que tudo quanto havia neste mundo era duvidoso, que nada havia que fôsse certo. Estavam falando, diziam que não era certo o falarem; estavam dormindo, diziam que não era certo o dormirem; estavam comendo, diziam que não era certo o comerem: não se lhes perguntava coisa, que respondessem como certo, mas tudo como duvidoso; por isso lhes chamavam os *Irresolutos*; porque nada resolviam, tudo deixavam em uma mera suspensão. O que me admira é, que fôsem tais as razões, com que êstes homens provavam, e defendiam a sua tese, que acharam sequazes em grande número. De todos êles se riu Santo Agostinho zombando de tão ridículo assunto, e responde aos seus argumentos em um tratado particular, que escreveu contra êstes Filósofos, que intitulou, *De Verosimili*, donde se mostra que ainda havia esta praga no seu tempo. Acrescenta Gêlio no Livro undécimo, que êsses Filósofos também professavam contradizer tudo quanto ouviam, por mais evidente que fôsse a verdade.

Não é menos para desprezar outra doutrina de certos Filósofos chamados Epicureus, que professavam não perdoar à coisa alguma, que fôsse de seu gôsto, que não lograssem; por isso Horácio os tratou como a brutos imundos — *Epicuri de grege porci*. Não faltam muitos Autores antigos, e modernos, que defendem a Epicuro, atribuindo a doutrina Epicurêia a um grande amigo, e companheiro seu chamado Aristipo. Grande foi a infelicidade de Epicuro, que sendo um Filósofo sábio, e prudente, ficou a sua doutrina infeccionada, e aviltada, por ter um mau amigo, e companheiro: veja cada um, por mais bom que seja, com quem trata, e a quem toma por amigo, advertindo que até os vindouros mancharam o bom nome de Epicuro com as infâmias de Aristipo.

Estas são as três principais doutrinas, de que haveis de fugir, a Pitagórica, a Cética, e a Epicurêia; e outras três são as que haveis de abraçar, a Acadêmica de Platão, a Peripatética de Aristóteles, e a Estóica de Sócrates, ou como dizem outros de Zeno. Para o que haveis de supor que Aristóteles, discípulo de Platão, foi o mais insigne Acadêmico daqueles tempos, de tal sorte, que constituindo a sua escola em um lugar chamado

Peripáteton, donde veio chamarem a sua doutrina Peripatética, tal postila ditou aos seus discípulos, que ainda hoje duram, e perseveram seus livros. A doutrina, que ensinou em grande parte, foi a mesma Acadêmica, que aprendeu de Platão; mas êle a fêz sua de tal modo, que não sabemos hoje qual é propriamente a doutrina Acadêmica, qual é a Peripatética; porque uma está embebida na outra; porém sabemos que ambas as doutrinas se uniram em uma, que chamamos Aristotélica.

Destas duas doutrinas mistas, e unidas manou, como Rio da fonte, a doutrina Filosófica, que hoje aprendemos nas escolas. Daqui vem chamarem-se as universidades Academias; porque reconhecemos, que dos Acadêmicos nasceram os axiomas, e primeiros princípios de tôda a literatura. A doutrina Estóica também Aristóteles a ensinou, e a temos hoje em cinco livros, que têm por título — *Ethicorum*: em algumas partes há hoje cadeira desta escola, que chamam de Filosofia Moral; mas comumente não se ocupam com ela os Aristotélicos, deixando-a para os Teólogos no tratado *De Vitiis, et Virtutibus*.

Estas são as doutrinas, ó amigo Crísipo, que haveis de estudar, e aprender, concluiu Empédocles, e também Crísipo o caso, que lhe acontecera, que tomei por assunto dêste meu discurso, segundo a matéria filosófico; e segundo a forma humanístico. Se o meu empenho não produziu aquêle agrado, que pedia a minha obrigação, à vista tenho a desculpa: as mesmas estrêlas do mais alto Firmamento deixam de luzir na presença do Sol; como podia eu, que não chego a ser estrêla, desempenhar-me com algum luzimento diante de um Sol, que iluminou a carreira de um, e outro Trópico com tão soberano esplendor, que empenhando-se as águias de mais aguda inteligência na admiração de seus raios, cegaram; porque não puderam ajustar o muito que veneravam com o pouco que engrandeciam. Elevado Sol, que transcende a quarta esfera; porque girou na terceira, sendo no bético outro Marte; luziu, e vai luzindo na segunda; sendo no político outro Júpiter; brilha na primeira; porque é mais que Saturno na prudência, na madureza, e na ponderação, com que ventila os negócios do seu governo; porisso logra a felicidade de acertar, porque é mui fundamental, e mui sério no discorrer.

A Bahia agora mudada em Atenas, em agradecimento desta tão grande fortuna, e do nome imortal, que granjeia por benefício desta Academia a influxo do Excelentíssimo Protetor, que a instituiu, se dispõe obsequiosa para erigir estátuas, consagrar memórias, que no Templo da Fama immortalizem o Soberano nome do seu ínclito, e heróico Vice-Rei, pelos estemas adquiridos tão esclarecido, que para ser grande não necessita dos ascen-

dentes; porque são tão relevantes as próprias virtudes, e merecimentos, que lhe sobram para o esplendor os Monarcas, de que descende. Sossobrado em tanta grandeza quero abraçar o documento, que devia tomar o Filósofo Formião calando à vista de um Aníbal, ou o que fêz o Orador Romano emudecendo à vista de um César.

Conferência de 25 de junho

Ao Presidente, que foi o Reverendo Vigário do
Rosário Antônio Gonçalves Pereira

Admodum Reuerendo et Eruditissimo Praesidi
Domino Antonio Gonçalves Pereira Parochiae
Rosarii Vicario Dignissimo dicatur hoc

EPIGRAMMA

Ingenium dum Sole tuum fulgentius ardet,
Ignifero eloquio flammiger astra petis.
Rhetoricae, et sophiae tua dat sapientia fructus;
Arboris egregia fertilitas propria.
Tu pirus, atque piros: concordant nomina rebus.
Fructifer, et fulgens es pirus, atque piros.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Presidente.

Do Licenciado João Machado Barcelos

DÉCIMA

Tão alta, e divinamente
orastes na Academia,
que já tôda esta Bahia
vos aplaude reverente:
o mais douto presidente
dos que ao Museu tem subido,
e por isto merecido
só vós tendes a vitória,
mas nós teremos a glória
de tão bem terdes saído.

Ao Presidente

SONETO

De tal sorte Gonçalves tem lustrado
 Neste Museu famoso da Bahia,
 que já tôdas as Musas à porfia
 Os seus metros lhe têm sacrificado.

Apolo já por êle rejeitado
 está de todo [Côro] da Poesia
 confessando que êste a primazia
 aos Oradores todos há ganhado.

Não pode o Deus negar esta verdade,
 E assim do Parnaso a Presidência
 lhe entrega já por tôda a Eternidade:

Das Premissas teve por consequência
 Tal Presidente ser nova Deidade
 Aclamada por Deus da Eloquência.

Do Licenciado

João Machado Barcelos.

Em louvor do Muito Presidente o Senhor
 Doutor Antônio Gonçalves Pereira
 Digníssimo Vigário da Paroquial Igreja de
 Nossa Senhora do Rosário desta Cidade.

SONETO

Se de Antônio, é a flor significado,
 que muito, que êste Antônio uma flor seja!
 mostrando hoje a flor, por que se veja
 seu falar elegante, e floreado:

No relevante assunto que há tomado
 a Sêneca, e Platão, causou inveja,
 se êste vencimento se festeja,
 ficará duas vêzes coroadado.

Os primeiros Heróis, que doutamente
 Se mostraram perfeitos, e cabais,
 gravassem em letras de ouro seu louvores;

Mas o nosso orador da ação presente
 (Não tirando o devido aplauso aos mais)
 é, por Antônio, flor dos oradores.

[*Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa*]

Ao mesmo.

Esta Pereira, flôres mui cheirosas
 ostenta o ano todo florescente,
 na fragância que exala de ciente,
 e no fruto que dá, de obras famosas:

Nesta mostrou razões tão engenhosas,
 que Apolo o reputou por eloqüente,
 pois quem assim orou tão doutamente
 aclamações merece gloriosas.

Quem quiser competir com tal Pereira,
 por certo tenha logo ser vencido
 inda quando se empenhe com mais veras;

Por ser o seu talento de maneira,
 que as verdes faz comer de bom partido,
 e dará com que levem para peras.

Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa.

Em aplauso do Doutíssimo Orador o
 Reverendíssimo Vigário o Senhor Antônio
 Gonçalves Pereira

DÉCIMA

Se as orações que rezais
 têm de Deus a accitação
 que teve hoje essa oração,
 fareis milagres fatais:
 Se assim fervoroso orais,
 a veneração devida
 tereis; e agora aplaudida
 dever ser oração tal,
 que se julga por mental
 pelo que tem de entendida.

De Hierônimo Roiz de Crasto.

Reuerendo Admodum Doctori Antonio Gonçalves
Pereira, Parochiae Rosarii nomine Pastori
Dignissimo, in hac Academia Praesidi
Emeritissimo,

EPIGRAMMA

Dum loqueris, Pereira, refert sapientia fructus,
Ingeniique tui non minus ardet apex.
Non tantum credam esse pirum, quam credo
[pyropum
Ingenium cernens irradiare tuum.

[*Padre Estêvão Ribeiro Guimarães*]

ALIUD

Vt flos hic flores, pirus ut cognomine fructus
Palladis; ut pastor, fundit ab ore rosas.

O Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.

Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino
Doctorem Antonium Gonçalves Pereira
Academicum Meritissimum.

EPIGRAMMA

Et dios fetus in dias luminis oras,
Parturis ingenii die nitore sonas.
Dius dia facis mirum nihil: an nequis umquam
Dius non dios proferat ore sonos?

Tuus Venerator
Emanuel Nunes Leal.

Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino
Doctorem Antonium Gonçalves Pereira
Academicum Meritissimum.

EPIGRAMMA

Vestra, Pirus, pira non comitis sed Regis amoena,
Satque piro regnum non opus omne Piro est.

Tuus Venerator
Emanuel Nunes Leal.

Ao Doutor Presidente Antônio Gonçalves Pereira

DÉCIMA JOCOSA

Pereira alta, alta Pereira,
se a ciência vos exalta,
não uma, duas vêzes alta
sois, e a tôdas sobranceira:
Se a Rapôsa a trepadeira
vos investira deveras,
com sagacidade meras
lambendo as cerdas luvas
o mesmo que disse às uvas
aplicará às vossas peras.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Ad Reuerendum admodum Patrem Antonius
Gonçalves Pereira, Dignissimum Vicarium
Ecclesiae Beatissimae Dominae de Rosário
nuncupatae.

Ludouicus Canelo de Noronha.
D.C.Q.

EPIGRAMMA

Arbor es: ergo sapis, dabit arbor quippe saporem;
Si non ipsa sapis, crede, Pereira, sapis.

Ao Meritíssimo e Mui Reverendo Senhor Padre
Vigário Antônio Gonçalves Pereira

De Luís Canelo de Noronha.

DÉCIMA

Neste já Parnaso Monte,
onde presidis sentado,
estais, Pereira, plantado
ao pé da mais clara fonte:
as águas de Monte a monte
tributo vos vêm render,

e tanto no florescer
 frutificais e cresceis,
 que inda que peras não deis
 dais frutos de bem saber.

Ao Doutor Antônio Gonçalves Pereira
 Digníssimo Vigário da Paroquial de Nossa
 Senhora do Rosário, Presidente Emeritíssimo
 da Conferência Acadêmica de 25 de junho
 próximo

DÉCIMA

Iste Sol erat, no nome
 De Aristóteles se lê,
 E em vós as letras de que
 Nôvo anagrama êle tome:
 numêricamente some
 dos dois o talento, a Fama,
 e achará pois vos aclama
 luz de Sofia, e farol
 que sois de um, e outro Sol
 perfeitíssimo Anagrama.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Ao Mesmo

DÉCIMA

JOCO-SÉRIA

Do Sol fugindo ao rigor
 No vosso grêmio me meto
 Já que sois Pastor de Admeto,
 E não Admeto Pastor:
 Mereça-vos o favor
 De me livrar da soalheira
 Pois não será a vez primeira
 Que com mui reto cajado

Recolheis do Sol o gado
 A sombra de uma Pereira.

Do Mesmo

[*Anástacio Ayres de Penhafiel*]

In Laudem Reuerendissimi Vicarii Antonii
 Gonçalves Pereira nostrae inclutae Academiae
 V Praesidis acrosticum Decasticon, quod
 retrograde legi potest tum respectu cuiusuis
 distechi, tum respectu totius Epigrammatis
 sumendo ultimam dictionem, et sursum
 caeteras retrograde, et acrostice construendo;
 eius Lemma honorarium:

ANTOS ID EST FLOS

EPIGRAMMA

Amplificus, reor, es Musis Flos quintus Apollo,
 Pastor, uel Praeses has regis [Arcitenens,
 Nobilibus tibi, Flos, sertis dant nomina Musae
 Lumina disperges tot mage Nominibus
 Tergeminat tua laus quinto ter nomine, quinque
 Schemata nam Musis das noua Tergeminis.
 Omnigenum caput es. Sex centum milia Florum.
 Nomine sic memoras, flos tuus Orbisonet;
 Siderus quia Flos, cornu iam copia Florum
 Florida Parnasi nunc sico Septuplicis.

Hic retrograde leges

[*Frei Luís Botelho do Rosário*]

Aliud eiusdem ad eundem

Vt Pallas, Parnasi Praeses, quintus Apollo es;
 Quinquatriis ergo nunc modulare choris.

Frei Luís Botelho do Rosário
 Carmelita.

Conferência de 25 de junho

Primeiro assunto celebrar os anos do Príncipe
Nosso Senhor, que Deus guarde, e fêz 10 em
6 do corrente

Alude à admirável compreensão, com que o
Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor tem
recebido doutrinas, e notícias que em outros
sujeitos não podiam caber na esfera de tão
pouca idade.

SONETO

Neste alto, e tenro herói, que é por grandeza
Em dois lustros credor da eternidade,
Príncipe do Brasil, que a majestade
sabe encerrar nas cláusulas da alteza,

Pelas prendas reais, de que se preza,
e em que ostenta a maior capacidade,
antecipando os méritos à idade
pode a arte triunfar da natureza.

Nos dez anos, que conta, se acredita
serem nosos aplausos diminutos
Para a, que êle nos dá, glória infinita.

Tão singulares são seus atributos,
que nesta régia planta a nossa dita
antes das esperanças, logra os frutos.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Aos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor na ocasião
em que perfaz os dez.

SONETO

Lustros dez vêzes dez, querido Infante,
e mais (se pode ser) anela ufana,
em vós a Monarquia Lusitana,
prostrada, reverente, humilde, e amante.

Não teme, não, que a Parca vigilante,
 execute a fatal pensão humana,
 porque vossa grandeza Soberana,
 indícios dá de ser divinizante.

Vivei, Senhor, vivei eternamente,
 glória de Portugal, Príncipe Augusto,
 consumado prazer da Lusa gente:

Vivei para terror do Mouro adusto,
 confusão do herege inconfidente,
 se outros, que calo, assaz receio e susto.

Do Licenciado Francisco Alvares
 boticário da Casa das duas Misericórdias.

Ao mesmo assunto

SONETO

Príncipe excelso, invicto, e Soberano,
 digno objeto da grata idolatria,
 de Portugal, e tôda a Monarquia,
 que divino vos julga, quando humano.

Delfícia sois do povo Lusitano,
 em quem, se vê, competem a porfia,
 mais perfeições do que horas tem o dia,
 mais prendas do que tem dias o ano.

Felizes lustros, e multiplicados,
 vos conceda a Suprema Majestade
 muito além do que vos são destinados.

Para que diga a fiel posteridade,
 que fôstes apesar de adversos fados,
 o milagre maior da nossa idade.

Do mesmo autor
 [*Francisco Alvares*]

Ao Assunto heróico

SONETO

Mistério, Maravilha, Assombro, Espanto
 nos anos de José, que dez festeja
 em dia, que devota aplaude a Igreja
 a oitava segunda do Espírito Santo:

No aplauso dêste dia é próprio o canto
o Evangelho, em que Cristo diz, que seja
qualquer o Pastor, que o aprisco reja,
mas, que entre pela porta, diz contanto:

Se por Áustria José pois no Hemisfério,
terceiro, entra, morto o Primo, e o segundo,
num tal dia fêz anos com mistério:

Vê-se já claro pois o enigma fundo
que, se o Mundo há de ver um só império,
Senhor José será de todo o Mundo.

De Francisco Xavier de Araújo.

Ao Assunto Heróico.

EPIGRAMMATA

Iam tetigit Princeps noster quinquennia bina,
Et tanget tempus Nestoris ille diu.
Augmentum Nomen, cum crescere dicat et ipsum,
Principis istius uita perennis erit.
Nascitur Augmentum Regni cum Principe nostro;
Augmentum Nomen Principis huius ait.
Lysia iam felix crescit cum crescat et ipse,
Qui nobis Regni magnus adauctus erit.
Indiget ille Regis, Phoenix ut uiuat in orbe:
Viuat ut hic Phoenix nomen abundat opus.
Crescat ut aeternos Phoenix longaeua per annos,
Amittit uitam, nascitur inde rogis.
Sed Princeps noster Phoenix Lusitanus in Orbe
Nomine concrescit, crescit et absque rogis.

Do Licenciado

João Machado Barcelos.

Aos dez anos de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso
Senhor, pelo mesmo Autor.

SONETO

Quem que a idade de ouro é já passada
pretende escurecer tôda a Verdade,
pois só do nosso Príncipe a idade
se pode com razão chamar dourada:

Há dez anos se vê amplificada
para nós, a maior felicidade,
com a qual nosso amor nos persuade
a palavra de DEUS desempenhada.

Este Supremo Príncipe nascido
da progênie Real, e sangue herdado
do Rei primeiro, Afonso esclarecido;

Parece ser o próprio reservado
para quem o Senhor tem prometido
seu Império, de nós tão desejado.

[*João Machado Barcelos*]

Ao assunto heróico

SONETO

Os anos de José, que dez numera
dobrando as Quinas com fatal mistério,
esperança nos dão, que lá do Império
hão de as Águias voar à nossa Esfera.

Na idade, que não chega a primavera
tem já tanto Valor, é já tão sério,
que servindo aos Catões de Vitupério,
faz Verdades de Alcides a Quimera.

Foi Infante José quando menino,
mas antes de dez anos, sem Vaidade
o Principado tem mais peregrino.

Em dobrando José a mesma idade,
é tão alto, e feliz o seu destino,
que há de ter a Césaria Majestade.

De Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

Em louvor dos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor

CANÇÃO

Canção que escreve o amor dita o respeito
em tôsko, e humilde estilo modulada,
em vez de tono altivo, e voz subida,
louva pois confiada
os anos dêste altíssimo sujeito
que admirada serás, serás ouvida.

Ó vós Musa entre as outras preferida
 em dignidade como em rima, e metro,
 minha Lira afinai, movei meu plectro;
 infundi-me o licor claro, e perene
 da abundante Hipocrene,
 que inundando desata,
 em correntes cristais ligeira prata:
 vossa altíssima solfa, e estilo grave
 me dai ó Ninfa, e cantarei suave:
 ficará mais sublime o meu engenho
 sendo o meu desempenho vosso empenho.
 Mais que empenho parece desatino,
 atrever-se entoar meu rude canto,
 o incompreensível de tão raro intento:
 Se não conseguir tanto,
 louvor ainda mereço, pois me afino
 cantando tão sublime nascimento:
 e alentado pois dêste pensamento,
 se bem que sem cadência, entoar posso,
 que nascimento tal, para bem nosso
 a todo Luso exalta,
 porque realçou sem falta
 a nativa grandeza
 que lhe deu por herança a natureza;
 pois ela de [contínuo] como vemos,
 reparte comumente por extremos
 quando mais gratamente se amplifica,
 os dotes que por graça multiplica.
 Multiplica-se pois quanto se apura
 o régio sangue, que em si se acredita,
 de tão alto Solar participante:
 dais-lhe mais lustre, e dita,
 pois cada sua ação mostrar procura
 que aos Reis de quem descende é semelhante:
 estátuas lhe fabrique de diamante
 a fama vaga, e por encargo tome,
 engrandecer o vosso feliz nome
 até donde rodeia
 a carroça Febéia
 com luminosos giros
 pisando de Anfitrite os seus retiros.
 Já pois pontual com cem bôcas a fama,
 ditosamente pelo mundo aclama,
 que erigindo-se aras no seu templo,
 nêle grava o seu nome por exemplo.

Será o exemplo da sublimidade,
 será na Heroicidade preeminente;
 pois se publica cá na nossa zona,
 que antes da adolescente
 proecta faz a juvenil idade:
 Ó felice Lisboa que blazona
 de filho tal, com que tanto se abona,
 de cujos anos em faustas memórias
 fabrica timbres, e granjeia glórias:
 se a gente Lusitana
 tanto dêle se ufana,
 cá na nossa Bahia,
 é bem se aplauda nesta Academia
 com métricos aplausos soberanos,
 os gloriosos, e felizes anos
 do nosso Príncipe, que já acredita
 ser glória a Portugal, ao Brasil dita.

de Hierônimo Roiz de Crasto.

Ao Príncipe Nosso Senhor cumprindo o décimo ano
 de sua florentíssima Idade.

Primeiro Assunto

SONETO

Ásia, África, Europa reverentes
 Cedem hoje ao Brasil a Majestade;
 que contando dois Lustros de Áurea Idade
 raios numera em quinas florescentes.

Da Lusa Época cifras refulgentes,
 com perene, imortal felicidade,
 vão calculando para a Eternidade
 reais ações, Virtudes excelentes.

Ó Década feliz! O tempo fausto,
 neste Decênio, séculos sincopa
 a tanto sacrifício quase exausto.

No Mundo todo pouca ofrenda topa,
 e consagra, com férvido holocausto
 por vítima o Brasil, no Altar de Europa.

D.O.C.

O Acadêmico Nubiloso

Caetano de Brito Figueiredo.

Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor

SONETO

Para ilustrar feliz a Lusa esfera
(espaço a tanto Sol inda sucinto)
Astro primeiro do Planêta Quinto
o Jove Português Lustrós numera.

Porém se em Lustrós dois já hoje o espera
de dois mundos um globo tão distinto;
cresça Zonas o orbe, alargue o cinto,
quando a Outono passar de primavera.

Quem há de clausular, Príncipe invicto,
do nome vosso, na maior idade,
eco, que já da fama excede o grito?

Cala o pasmo, porém diga a verdade,
que, pois termo não tem o que é infinito,
digno Império tereis na eternidade.

Do Acadêmico Obsequioso.
[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro assunto

SONETO

Joseph, id est, augmentum.

Em seis do sexto mês, anos aumenta
de Portugal José, príncipe Augusto;
José que justamente é hoje o susto,
que de Agar tanto aos filhos atormenta:

Do braço como as forças acrescenta,
quando o peito dilata mais robusto;
que tema é justo o Mauritano injusto,
vida, que em dano seu, tanto se alenta:

Cursos o Sol aumenta Lusitano;
Que aumente receia o hemisfério
Do Luso trono; pálido o Priano;

Com razão teme Agar seu vitupério;
pois a vida José se aumenta um ano,
pode a Lísia aumentar mais outro império.

Do Ocupado.
[*Luís de Siqueira da Gama*]

Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor

SONETO

Ao tempo deve a triunfos venerando
de vossa idade o curso florescente
um passo mais, que o Luso afeto ardente
a glórias conta, aplausos numerando;
Ditosa anima, auspícios renovando
a Lustras dois, em culto reverente
feliz anúncio a votos permanente,
amante obséquio a logros memorando:
Pois vos repete a pasmos da memória
em vozes imortais a vossa idade,
vivas, que admire iguais a sua glória;
Para que obreis, crescendo a Majestade,
ações, que recomende a longa história,
Evo, Memória, Tempo, Eternidade.

De João de Barbosa e Lima.

SONETO

Para gôsto das Lusas Majestades
Glória de Lísia, Príncipe famoso
contai (correndo o tempo vagaroso)
Em floridos Abris, longas idades.
Respeitem-vos de Clotos as crueldades,
para que (sempre Augusto, e poderoso)
Esse prodígio Arábico invejoso
convosco não compita eternidades.
Tanto vivais (Ó Príncipe excelente,
Que o trânsito comum, tenhais por glória,
Para a do Céu lograr eternamente;
E excusando os arquivos da memória
Vossas ações; para a futura gente
sêde vós de vós mesmo a vossa história.

[João de Brito e Lima]

SONETO

Príncipe excelso, soberano Infante,
A quem no fausto Horóscopo, igualmente
Ciências lhe inspirou, o Deus Valente,
Vitórias lhe influiu o Deus flamante:

Na aritmética conte o tempo errante
 Por séculos os anos negligente,
 Para que assim vivendo eternamente,
 Esta máquina veja trepidante.

Aposte durações c'o raio etéreo,
 E no Zênite glorioso, e sempre ufano,
 Jamais do Ocaso sinta o vitupério.

Passando (sempre Augusto e Soberano)
 De Águia sublime do Alemão Império,
 A Fênix dêste Império Lusitano.

[Do mesmo Autor]

SONETO

Como dez anos tendes completado
 Príncipe Luso, espero, que vencido
 Fique o Caduco Velho, carcomido,
 Que tudo a seu império está prostrado.

Viveis quanto de nós sois desejado,
 senão o mesmo, que antes de nascido,
 Ficando desta sorte ressarcido
 pelo futuro tempo, o já passado.

Vossa idade rubrique o Louro amante,
 Vossos anos numere o transparente
 Rei do Cerúleo império de diamante.

Sondo seus caracteres mudamente
 as areias do globo rutilante,
 as estrélas da tímida corrente.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Ao Príncipe Nosso Senhor fazendo dez anos a seis
 de junho, cômputo, que em opinião de São
 Hierônimo, alegorizando os números sôbre o
 capítulo quinto de Zacarias, significa
 felicidades:

Denarium prospera significat.

SONETO

Sabei, Senhor, que a dita me estimula
 a dar-vos parabéns que tanto monta

o cálculo de dez, que em vós aponta
os anos, que a Fortuna matricula.

Mas se o número em si ditas vincula,
ditoso Portugal, que quantos conta
anos a vossa idade, em boa conta
felicidades são, com que hoje pula!

Não tema logo o Reino estranhos danos
que os bens, que nunca viram as idades,
só por vós lhe seguro mais que humanos.

Ambos pois em ditosas igualdades
contai sempre, se vós eternos anos,
Portugal imortais felicidades.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Ad Augustissimum Decenium Serenissimi Principis
Nostri Ex animo offert

Ludovicus Camelo de Noronha.

EPIGRAMMA

Zodiacum semper lustrans Sol clarus ad auras
Vertitur in gyros, continuatque dies.
Zodiacum decies lustrans Sol Lusus ab ortu
Impleuitque annos, continuatque, suos.
Fecerit ille dies Sol, Sol hic fecerit annos.
Sol noster maior, Sol minor ille, manet.
Nam si mille dies Sol ille patrauerit, iste
Sol patret annorum milia mille decem.

Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom
José ajustando dez anos em uma oitava do
Espírito Santo

SONETO

Perde Fênix na esfera de um só dia
o lustre que gozou por tantos anos;
e começa a gozar de novos anos
por influxos do Sol no mesmo dia.

Vós qual Fênix, Senhor, neste alto dia
 não perdeis, mas dobrais lustre nos anos,
 pois felizes fazeis dois lustros de anos,
 por influxos da graça neste dia.

Multiplique pois Fênix os seus anos;
 mas renasça perdendo no seu dia
 o lustre que gozou por tantos anos:

Mas vós dobrando o lustre neste dia
 multiplicai qual Fênix vossos anos,
 Mas vós dobrando o lustre neste dia

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Primeiro Assunto

Ao feliz complemento do décimo ano de idade
 do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor em 6 de
 junho de 1724

SONETO

Príncipe excelso, que na tenra idade,
 Antecedendo à tarda natureza,
 Descobres da razão alta viveza,
 Raro esplendor nos dás da Majestade;

Logrem teus anos tanta imunidade,
 Robustez tanta, tanta fortaleza,
 Que vencendo da morte a dura emprêsa,
 Durações te consagre a eternidade:

Dos anos dez da tua primavera,
 (Promessas memorando tão divinas) (1)
 Nada menos, Senhor, hoje se espera;

Pois chegando a dobrar as Sacras Quinas, (2)
 Se Deus nelas firmou do Luso a esfera,
 Não tendes que temer do tempo as ruínas.

De João Alveres Soares.

(1) Lê-se ao lado: "uolo in te, et in semine tuo etc."

(2) Lê-se ao lado: "Porque dez são duas quinas".

Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José em ocasião de completar dez anos em 6 de junho próximo presente.

SONETO

Em dois Lustros Abril dez Primaveras
logra, só para dar flôres a Junho
que de seis logo tira por rascunho
em seis letras, o aumento às nossas eras.

Aos seis dias primeiros põem com veras
não de flôres, de ouro o cetro em punho
ao florido Monarca, e nêlo o cunho
com que demarcará do Mundo esferas.

Dêem-se a Abril parabéns se nestas flôres
dá do Luso em geral contentamento
aos pequenos, aos Grandes e Senhores.

Logre Junho das flôres o portento
Pois nos quer aumentar anos melhores
nas seis letras da Flor que diz aumento.

Por Anastácio Ayres de Penhafil.

Ao Sereníssimo Senhor Príncipe, fazendo anos,
assunto heróico da nossa Academia Brasílica.

SONETO

Objeto vivo, Augusta Fantasia,
de Reais exemplares alta Idéia
a quem o Trono excelso lisonjeia,
a quem espera a vasta Monarquia.

De Junho o sexto venturoso dia,
deixando a Esfera de esplendores cheia,
nos quis trazer em vós, Astro que enleia
a esperança, a obediência, a simpatia.

Dez generosos círculos jucundos
têm feito a vossa vida em passos sérios
caminhando a imperar Orbes fecundos,

E vos faz, de abranger os Hemisférios
tão digno, que se houvera muitos Mundos
contareis pelos anos os Impérios.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Ad Serenissimum Lusitaniae Principem Dominum
Iosephum etc. recurrente anniuersaria
eiusdem Natalitiorum solemnitate.

ELOGIUM

Prodigam Natura omnium donorum se prodidit,
Augustissime Princeps,
Cum Te, non Procerum modo,
Sed obscurae quoque plebis expetitum uotis, in
[lucem edidit,
Proceram facturum populis umbram,
Quasi arborem ex regio trunco assurgentem,
Ad humilium, et miserorum subsidium.
Iunium sibi sacrum,
Omniumque adeo lucidissimum mensem,
Natalem Tibi Lucina constituit.
Fecit Diua prudens ad aequitatis legem,
Cum sobolem praeclarissimam,
Et mere natam ad splendorem paternae domus,
Maluit uitae sumere a Lucis candore primordium.
Sub Geminorum astro Mortalium uiam aggredereis.
Non alio debuit afflari sidere nascentis cuna,
Quem unum peperit Mater, ante obitum multorum
[uices obiturum:
Imo etiam Fratris interitum faustissimae redemp-
[turum natiuitatis auspicias.
Ego certe altiora uaticinor.
Deprecari se nautae procellam existimant Pollucis,
[et Castoris Numine,
Cum ex Caelo per quota conciliati periclitantibus
[affulgent,
Imminente naufragio.
Natus ad moderandum Regni clauum,
Cum regiae dignitatis ardentem purpuram
[indues,

Regni finibus solo nomine incrementum facis.
 Susceptum ex lustrali fonte, Iosephum Te Pater
 [appellauit;

Quo nullum hactenus Lusitanorum Regum
 Illustri uocabulo nuncupatum legimus.
 Adeo Te supra caeteros eminere Fortuna uoluit,
 Vt nequidem nomine parem ferres.
 Quod ego factum interpretor praesago consilio;
 Vt neque Maioribus nomen acceptum referas,
 Satis ipse facturus Tibi maximum,
 Et quod etiam gignendis a Te liberis
 Titulo regiae successionis accrescat. (1)

Iure Tibi natalem diem
 Calculo notat sui nominis Candida, (2)
 Quasi Te albo fortunatissimorum Regum
 [adscribendum inaugurans.
 Fixisti clauo Imperii Fortunae rotam,
 Extra sortem illorum positus,
 Quos euehit ad Caeli axem,
 Lento quidem manus auxilio,
 Celeri motu pedis datura praecipites.

[*Sem indicação de Autor*]

Nascitur Serenissimus Princeps Domino Iosephus
 etc. sexta Iunii, qua luce ortu quamplurimi
 uolunt Alexandrum Macedoniae Regem, et
 simul Ephesinae Dianae Templum ab
 Herostrato incensum conflagrasse.

EPIGRAMMA

Qua Te clara Parens praegnante exclusit ab aluo,
 Haec et Alexandro lux quoque prima fuit.
 Sors utrique tamen longe diuersa: fuisti
 Ordine Tu meriti, temporis ille prior.
 Illo oriente, ferunt Templum flagrasse Dianae:
 Vidimus at nato plaudere Templa Tibi.

(1) A margem direita: **Iosephus, i, accrescens.**

(2) A margem direita: **Collitur hac die Diua Candida.**

Illi Tempia flagrant, quia Templo indignus, et ara,
 Fax erat, aut mundi flamma datura rogam.
 Ara Tibi puero fuerat iam debita, cuius
 Per delubra uolans iam modo fama sonat.

[*Sem indicação de Autor*]

Extincto Serenissimo Principe Domino Petro
 Augustissimi Domini Ioannis Quinti
 Lusitaniae Regis primogenito Filio, ad regiae
 purpurae haereditatem, translato in se iure,
 accitur praestantissimus Dominus Iosephus etc.,
 secundo loco genitus.

EPIGRAMMA

Frater obit; Patris in solium, Iosephe, uocaris;
 Posterior natu cum tamen ipse fores.
 Sit procul infaustum sceptris Regalibus omen.
 Auguror Imperio prospera regna tuo.
 Rite secundarent ut Numina fata, uocandus
 Filius in sceptrum iure secundus erat.

[*Sem indicação de Autor*]

Serenissimum Principem Dominum Iosephum etc.
 enicitur Regia Parens sexta Iunii die, quae
 sacra est Domino Norberto Praemonstratensis
 Ordinis Conditori.

EPIGRAMMA

Quae Tibi lacta dies aperit commercia uitae,
 Norberto, Princeps Maxime, sacra fuit.
 In florem datus hic tumulto migravit amoenum.
 Auguror hinc Regnis omnia fausta tuis.
 Flos ades, e Fratris ueluti prodiret sepulcro
 Iussus, et in Patris tollere scepra manum.
 Sera nimis Te fata manent, quem Numen ab ipso
 Dat tumulto Regni ducere iura sui.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 25 de junho

Segundo Assunto

Segundo assunto uma dama dando a Fábio
duas flôres, a saber um amor-perfeito
metido em um malmequeres.

DÉCIMAS

Nesta amorosa conquista
tenho que te agradecer,
Lisarda, pois vens a ser
hoje o meu panegirista.
Por dois contrários à vista
não é de discurso vário;
e ajuntar foi necessário
ao teu ódio o meu amor,
porque êste lustra melhor
à vista do seu contrário.

Como em amar-te ninguém
é ao meu afeto igual.
Em tu me quereses mal
se funda o querer-te eu bem.
Isto diz o teu desdém,
se nêle a discorrer entro,
pois pusestes o amor dentro
no tirano malmequeres,
porque no mal, que me queres
tem meu amor o seu centro.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao assunto lírico

SONETO

Lisarda gentil Dama tanto amava
A Fábio, que por êle se morria,
Seu peito que de Amor se consumia
Em um Etna de fogo se abrasava.

Fábio porém que dêste Amor zombava,
 Nem sequer as finezas conhecia,
 Nem da bela Lisarda que vivia
 Ardendo em labaredas, se lembrava.

Mas Lisarda que prêsa de Cupido
 Constante tinha a Fábio no seu peito
 Determina se quer vê-lo rendido.

Como dádivas rendem com bom jeito
 Té as penhas, a Fábio dá metido
 Num Malmequeres um Amor-perfeito.

Do Licenciado

João Machado Barcelos.

Assunto

Uma flor chamada amor-perfeito, metida em um malmequeres

SONETO

No ódio entrar amor é incompatível,
 Como estar o pesar dentro do gôsto,
 na pena a glória, alívio no desgôsto,
 o tormento maior, fazer sofrível;

Ô medonho por si, ser apazível,
 à traição mais cruel, mostrar bom rosto,
 à vista do contrário, causar gôsto,
 fazer o bronze, e mármore, sensível!

Junto ao lôbo, a ovelha estar metida,
 ser o maior avaro generoso,
 mas a agonias grandes, ter prazeres!

Nesta opposição tão conhecida,
 acho ser inda mais dificultoso
 estar amor-perfeito em malmequeres.

[Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa]

Em contraposição do Soneto acima

SONETO

Metido amor-perfeito em seu contrário
 se nêle com amor, amor aplica,
 no seu desinterêsse justifica
 ser verdadeiro amor mais do ordinário:

Quem não repara em ódio do adversário,
 amar perfeitamente certifica,
 e a tão valente amor se lhe dedica
 o aplauso maior de extraordinário.

Êste tal, manifesta seus podêres
 quando só de querer forma conceito
 fazendo dos rigores seus prazeres:

Se por amar, a amar se vê sujeito
 metido por seu gôsto em malmequeres
 fica amor-perfeito, mais perfeito.

Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa.

A uma dama que deu a seu amante duas flôres, a
 saber um amor-perfeito dentro de um
 malmequeres

SONETO

Êste de opostas flôres laço unido,
 emblema, onde decifra o meu cuidado,
 um amor a teus olhos alentado,
 um desdém a meu peito oferecido.

Se por favor, ó Cloris, mo tens lido,
 eu por disfarce o tenho soletrado,
 pois no fragante néctar de um agrado
 o veneno desmentes de um sentido.

De um malmequeres, de um amor-perfeito,
 quem negará que explicam os primores
 de encontrados afetos um efeito.

Clóris, estas são cópias (não são flôres)
das que brilham firmezas do meu peito
dentro das isenções dos teus rigores.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

A Lisarda dando umas flôres a Fábio a saber, um
Amor-perfeito metido dentro de um
Malmequeres.

De Luís Canelo de Noronha.

DÉCIMA

Lisarda, por firme sêres,
Tendo a Fábio em vosso peito,
jogais com Amor-perfeito
Malmequeres, bem me queres.
Discreta andais em fazeres
tal honra a vossos amôres,
pois são êstes os favores
que jamais causam desonra,
porque é certo que dão honra
as Damas, se dão as flôres.

Ao segundo assunto

DÉCIMA

Fala a Dama
Essas flôres, que no excesso
por prenda, Fábio, te intimo,
uma inculca o que te estimo,
outra mostra o que padeço;
no amor perfeito te ofereço
copiada a minha fineza,
sendo da tua dureza
o malmequeres traslado,
êste cifra do cuidado,
cópia aquêle da firmeza.

De João de Barbosa e Lima.

SILVA JOCO-SÉRIA

Pus-me uma noite destas passeando
no Acadêmico assunto discursando,
que nos deu a discreta Academia
sem jamais acertar no que devia:
porque a ruça empinada,
saltando muito, não corria nada.
Dizer queria a Musa,
que empinar-se comigo às vêzes usa.
E pelo entendimento revelando,
alguns coices me dá, de quando, em quando;
o que me não causou (falo verdade)
por ser mulher nenhuma novidade.
Levanto-me da sêde, arrojoo a pena
com raiva não pequena;
tudo me enfada, tudo me molesta,
quebro tanto o juízo, como a testa.
De passear a casa me não farto;
Porém do entendimento estava o parto
tão duro, que entendia
algum medonho monstro abortaria.
Enquanto nisto a imaginar-me punha
o dedo polegar deixei sem unha;
e a sentir-me com dentes de outros modos
sem unhas deixaria os dedos todos.
Nisto à mesa me assomo,
donde sei, que comi, mas não sei como,
e porque não ficasse obtusa a veia
foi então de Poeta a minha ceia.
Tanto assim, que da mesa me levanto
qual se fôsse em vigília de algum sonho,
sem que a Musa galharda
quisesse dar por freio ou por albarda.
E vendo enfim, que dela nada alcanço,
busco no leito o natural descanso,
com que êsse ladrão doce nos convida
roubando a meia vida, a humana vida.
Já o têrmo da noite dividido
tinha o ferro no bronze repetido,
quando pelo, que sonho,
dormindo me suponho,
bem que estando acordado
tudo me pareceu, e não sonhado.
Porém não julguei que era suposto

porque era sonho meu êste de gôsto.
 Foi êste pois, que entrava uma donzela
 pelo meu aposento, rica e bela.
 Os olhos abro, vejo a linda Dama
 e como nas ações mostra (1)
 que comigo se vem deitar na cama.
 Assustado lhe digo: que ventura
 é esta idolatrada formosura!
 quem vos move a fazer-me honras tão grandes?
 tanta honra senhora a João Fernandes?
 e por não perverter o velho dito,
 não digo tanta honra a João de Brito.
 Sem dúvida ignorais (pouco discreta)
 que esta casa em que entraís é de poeta,
 donde não achareis por sua estrêla
 senhora um Potosi, nem Índia nela.
 Apenas achareis em seu desconto
 cá na América um Prestes João pronto.
 Quem sois senhora nossa!
 por que melhor agasalhar-vos possa.
 Não me conhece (diz) quem tal diria!
 Não sou senhor a sua fantasia!
 Já conheço quem sois minha senhora,
 (Respondo) e pode ser por estar fora
 da minha companhia,
 apertado talvez, que me veria,
 sem com frases poder, velhas, ou novas
 as consoantes dar, a duas trovas.
 Donde fôstes, sem ter consentimento
 do vosso nobre espôso o entendimento?
 pois nenhuma mulher (inda a mais rasa)
 sem licença do espôso sai de casa.
 Como (me respondeu) tão ocupado
 julguei com êste assunto a seu cuidado,
 me mandou meu espôso neste dia
 a ver a discretíssima Poesia,
 que tem (qual no Parnaso) o seu assento
 neste Palácio, e douto ajuntamento.
 De donde trago, em números bastantes
 uma carga de ricos consoantes;
 entre os quais dos Seletos, e perfeitos
 uns poucos de finíssimos conceitos.
 Pode dêles valer-se nesta obra
 porque o seu cabedal não é de sobra,

Verso intercalado, com letra do secretário.

sem os Zoilos temer, que destas tretas
se costumam valer pobres poetas.
Com que pode sem susto
a silva prosseguir a todo custo.
Nisto da Aurora os músicos volantes,
dando as Dêlficas Luzes, seus descantes,
despertei; porque os párpados abria
já de Menon a mãe que no Céu ria
e achando a fantasia no meu casco,
conheci, que êste sonho fôra chasco.
E que são para mim sempre supostos
como sonhos fantásticos, meus gostos.
Porém tornando a métrica porfia,
tão benévola achei a fantasia,
que pegando na pena, de carreira
a silva comecei desta maneira:
mas para a prosseguir saber pretendo
desta Senhora o nome, que estou vendo
oferecer a Fábio seus amôres,
(qual se fôra um jardim) diversas flôres.
Será pois esta Dama que floreira
roseira de Amaltéia?
ou será pelo meu vocabulário
Florência do Rosário?
E a não ser o conceito mais antigo
que a perda das Espanhas por Rodrigo,
(vendo a pagã quando estas flôres dera)
a batizava pela Primavera.
Ora seja o que fôr não porfiemos,
o caso ponderemos
sucedido com Fábio,
galã desta Senhora, nobre, e sábio,
a quem ofereceu (gentil conceito)
dentro de um malmequer, um amor-perfeito.
Vejam lá, que perfeito amor dedica,
quem nesta flor, o mal que quer explica.
Porém que amor-perfeito, houve em mulheres,
que não traga consigo o malmequeres.
Suposto me parece,
que a môça nestas flôres, que oferece
com tanta antipatia,
de Fábio em uma explica a tirania,
e discreta em outra, quem repara
a Fábio seu perfeito amor declara.
Êle reconhecendo êstes favores,

colhêr espera o fruto destas flôres:
 porque sem tardar muito,
 é certo donde há flôres haver fruto.
 Desejando trocar por mais formosas
 com as rosas das faces, estas rosas,
 ou por êsse que tem na bôca bela
 odorífero cravo de Arroxela;
 cujo alento aromático recreia
 mais que os aromas da região sabêia.
 E bem quisera para que os libasse
 que em Abelha sutil se transformasse,
 ou fazendo a Cupido um justo agrado
 em gentil beija-flor daquele cravo.
 Porém em falta disto, se contente
 amigo Fábio em se ficar sòmente
 com a flor malmequer, e amor-perfeito;
 e quando se não dê por satisfeito
 com esta silva fique,
 ou com ela se pique ou se despique
 bem que também picado por tamanha
 algum dos circunstantes já me estranha.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

DÉCIMAS

Enigmático parece
 O favor, que a Fábio dais
 Lisarda, quando mostrais
 o quanto vos aborrece.
 Perfeito amor lhe oferece
 Vosso afeto nessa flor,
 que vinculada ao rigor
 de um tirano malmequer,
 claro lhe dais a entender,
 aborrecimento, e amor.
 Não pode o maior conceito
 decifrar neste episódio,
 se em vós é perfeito o ódio,
 ou se o amor é perfeito.
 mas claramente suspeito
 (pelo que dais a entender),
 mal pode perfeito ser
 um perfeito amor que vem
 com mostras de querer bem,
 coberto de um malmequer.

Se a Fábio mostrar quereis
quanto Anarda idolatrais;
se um perfeito amor lhe dais
um malmequer lhe não deis.
Mas já vejo e me dizeis,
que Fábio desvanecido
poderá (pouco advertido)
(sem a pena que o maltrata
de ver esta flor ingrata)
morrer de favorecido.

Porém Fábio o vosso amor
tanto a bela Anarda preza,
que estima a menor fineza
Não teme o maior rigor.
Antes por glória maior
(tomando amantes licenças)
julga pouco as diferenças
dos objetos destas flôres,
aceitando por favores
de vossa mão, as ofensas.

Dando neste sacrificio
a que seu peito oferece,
no pouco, que vos merece,
de quanto vos ama, indício.
E pôsto que o precipício
tema de vosso rigor
no símbolo dessa flor,
que será, sempre suspeito
mais que o vosso amor-perfeito,
de Fábio perfeito, o amor.

Êle fino, e vós ingrata,
(nas flôres, que tem na mão)
uma a vossa ingratidão,
outra o seu amor retrata.
Porém tão firme vos trata,
que se estas sortes o fado
houvesse entre os dois trocado,
mais quisera (o bom partido)
amar sendo aborrecido,
que aborrecer sendo amado.

Se lhe dais no malmequer
mostras de que vos quer mal,
não pode ser mais leal
quem não pode mais querer.
Não chegueis a conceber
de Fábio tão mau conceito;
pois caíra no defeito
de ingrato, e de pouco sábio,
se vos não amara Fábio
sendo objeto tão perfeito.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Senhora Dona Florinda:
(como a não vi batizar)
êste nome quero pôr-lhe
pois vejo que flôres dá.
Senhora Dona, outra vez
repito, diga, que mal
lhe fêz Fábio para que
malmequer lhe queira dar?
Como quer que Fábio a creia,
se quando um favor lhe faz
no tirano malmequer
lhe mostra que lhe quer mal.
Se de Fábio a ingratidão
nesta flor lhe quer mostrar,
como mostra amor-perfeito
a quem supõe desleal?
Parece nesta fineza
mulher muito singular,
porque de desvanecidas
pecam geralmente as mais.
Tôdas de serem queridas
têm o seu flato em geral,
ostentando-se cruéis
com quem mais as sabe amar.
Não introduza êste abuso,
que alguma se queixará,
de que você chegue aos homens

amor-perfeito a mostrar.
Olhe, que a terão por feia
com estas mostras que dá,
que é propensão da beleza
ingratidões ostentar.
Só de mal correspondida
desconfiar poderá,
Dama, que a seu pesar topa
desenganos de cristal.
Mas se é seu amor-perfeito
como vendo Fábio está,
não queira um perfeito amor
um malmequer deslustrar.
De perfeito não tem muito
um amor, que unido vai
com flor, que é por sua oposta,
hieroglífico do mal.
Se intenta que Fábio estime
sua fineza por mais
o perfeito amor lhe dê,
sem o malmequer lhe dar.
São distintos os efeitos
de aborrecer, e de amar,
ou de aborrecer de todo,
ou querer e nada mais.
Não val nada um sano amor
que problemático está.
Porque [como] hermafrodita
se ignora de que há de usar.
Mas entre bela e piedosa
sabe com extremo igual,
juntar ao piedoso, o amor
ao belo o rigor juntar.
Porém nada Fábio teme,
que como é môço sagaz,
com o pé dêste favor
lhe há de a mão querer tomar.
Esse malmequer caduco
(de amor tirano fiscal)
se converta em bem-me-quer
não haja malmequer já.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

A um amor-perfeito metido em um malmequeres,
que a Fábio deu uma Dama.

SONETO

Umás flôres a Fábio desvalido
Dá Lisi por favor dos seus rigores,
Que da Dama em rigor sempre os favores
Flôres costumam ser para um rendido.

Mais que flôres, ó Fábio, em bom sentido
Lisi alentos te dá, senão penhores;
Porque favor, que agora te dá flôres,
Que inda venha a dar fruto não duvido.

Mas Fábio estas lhe diz flôres, que aceito,
Lisi, que te agradeça não esperes,
Que nelas teu favor se faz suspeito.

Pois vejo, que em discretos pareceres,
Se uma diz, que me tens amor-perfeito:
Outra diz logo ao pé, que mal me queres.

*Do Padre André de Figueiredo
Mascarenhas.*

[Assinatura com letra diferente]

A Lisarda, que deu a Fábio duas flôres, a saber, um
Amor-perfeito metido dentro em um
Malmequeres.

De Luís Canelo de Noronha.

SONETO

Malmequeres a Fábio deu Lisarda,
E por dentro metido o Amor-perfeito:
Grande enigma de amor oculta o peito!
Grande Emblema de Zêlo o peito guarda!

Hieroglíficos são com que galharda
A Ninfa [sedutora] por conceito,
Explicando nas flôres todo o efeito
Do Amor que a fere, e Zêlo que a acovarda

Como que se dissera; o ingrato amante,
 Por sêres tão cruel, por falso sêres,
 Nestas flôres verás um semelhante;

Eu sou amor-perfeito entre as mulheres,
Malmequeres és tu: mas eu constante
 Te dou **Amor-perfeito**, ó **Malmequeres**.

Dá Lisarda a Fábio um amor-perfeito metido em um malmequeres.

DÉCIMA

Lisarda, quando quiseses
 Dar flôres a algum sujeito,
 Nunca dê amor-perfeito
 Rebuçado em malmequeres.
 Pois se outra vez tal fizeres
 Pode ser que Fábio então
 Vos diga: meu coração
 Não dê tais flôres a mim;
 Porque dais cartas de Sim
 Com subscrito de Não.

De Antonio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

A Lisarda que dando duas flôres a Fábio [nela habitava] uma Malmequeres e outra amor-perfeito.

SILVA JOCO-SÉRIA

[Mais fino], ó Parnaso te reputo
 Do que um galo soberbo, e resolutu,
 Pois pastando ontem bichos entre a hera
 Picas [hoje sutil], da Primavera.
 Nessas flôres o [mimo], em tudo oposto
 Ao que ontem gostastes e hoje achas gôsto,
 Cuja [ambição] te incita
 A segui-las correndo a expor a fita
 Para que ela hera te não deixem,
 E do Álamo sêco enfim se queixem.

Mas porque me não tisne
 O cantar como galo, como Cisne
 Cantarei, por deixar enquanto falo
 Esquecer a memória dêste galo.
 Alviçaras que o Monte ó Musas belas,
 Tantas flôres o habitam como estrêlas,
 Que se foram errantes
 Hoje fixas, e aqui flôres amantes,
 Pois chegam como flôres que apetezem.
 Mostrar que de vós outras não se esquecem;
 E finalmente flôres
 [Que] para liquïdar certos amôres
 De mui longe as guarda
 O cuidado de Fábïo, e de Lisarda.
 Ama Fábïo a Lisarda, grande dita
 Pois me dizem por cá que ela é bonita,
 Mas como a não retrato
 De apurar-lhe as feições também não trato,
 Que se qual outra Diana a ama deveras
 Seja rã, [que é] monstro entre [essas feras],
 Mas sòmente um motivo aqui me [obriga]
 A perguntar, não sei como lhe diga
 Que ela sai, como é [vinda]
 Minha Lis, não [se vá que eu tenho] ainda
 Que saber se me aguarda.
 Inda que não por mim, por outrem arda;
 É conselho prudente, diga, ou sábio
 Dar em flor um amor-perfeito a Fábïo,
 E do amor nos haveres
 A denominação de malmequeres,
 Podendo nessa flor fazer alarde
 Do mundo que lhe quer, e por êle arde,
 Ofertando-lhe tôda para efeito
 De mostrar-lhe qual seja o amor perfeito?
 Pois que diz minha bela, não responde?
 Mas se aqui lhe sai Fábïo não sei donde,
 Farei pois que o não vejo,
 Porém não, quero ouvi-lo, já o cortejo.
 Senhor Fábïo, a esta hora
 Chego ao prado, e nêle acho esta Senhora
 Como quem tem amôres
 Entregando os seus ais às mesmas flôres
 Talvez porque as invoca

Para alívio da pena que a sufoca;
 Assim que dela inquiria
 Pois de efeitos diversos flôres tira
 Para quem é que sêco
 O raminho, ou a quem é que o ofrece;
 Porém não, se é de flôres o conceito
 Eu o explico por ver se tenho jeito
 Assim como os enxertos são diversos
 Para também na Silva enxertar versos.
 Permita a Academia
 Por esta vez sequer esta avaria
 Que soluça Lisarda, e só se atreve
 Por não ser dilatada, a ser mais breve
 Nesta Décima em que como zelosa
 Faz perguntas a Fábio mui queixosa.

Anastácio Ayres de Penhafil.

DÉCIMA

Nestas, Fábio, que te ofreço
 De amor mal logradas flôres
 Dois encontrados amôres
 Nos efeitos reconheço:
 Repara bem neste excesso,
 E obra então o que quizeres;
 Se exemplo sou de mulheres,
 Se te quero, e te respeito,
 Sendo o meu amor-perfeito
 Por que ingrato malmequeres?

Por Anastácio Ayres de Penhafil.

A uma Dama, pondo a Flor do Amor-perfeito, na
 Flor do Malmequer, Assunto lírico da nossa
 Academia Brasílica

SONETO EM AGUDOS

Com têrmo impróprio de corresponder
 com imperfeita forma de primor,
 tem pôsto Filis o perfeito Amor
 no desdém de um grosseiro Malmequer.

Que pode em dois contrários pretender,
 nesta união de afeto e de rigor,
 por Enigma juntando flor, a flor,
 em confusão metendo ser, e ser.

Mas Filis se alucina em presumir,
 que dois extremos se hão de conformar,
 quando juntos não podem existir.

Pois nas ações de aborrecer, e amar
 se é ódio o Malmequer, se há de extinguir,
 se o Amor é perfeito, há de durar.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Segundo assunto

Uma Dama dando a Fábio duas flôres — a saber um
 amor-perfeito metido em um malmequeres.

DÉCIMAS

Nessas flôres que ofertais
 A Fábio, Flora Divina,
 Não sei se ostentais de fina,
 Ou se de falsa ostentais:
 O amor-perfeito lhe dais
 No malmequeres metido;
 Ó como julgo advertido,
 Que quem de vós é prendado
 Anda com visos de amado,
 Mui perto de aborrecido.

Assim o dais a entender,
 Quando chegais a enxertar,
 A flor do perfeito amar
 Em a flor do mal querer;
 Porque pouco tem que ver,
 Que em tal idéia escolheres
 Mostrastes que nas mulheres
 O amor é enxêrto posticho,
 Que parecendo castiço
 Vem a dar em malmequeres.

João Alveres Soares.

Foi assunto da Academia Nise dando a Fábio um
amor-perfeito metido em um malmequer

DÉCIMAS

1

Quis Nize bela mostrar
o muito que a Fábio adora,
dessas delícias de Flora
lhe deu um ramo a cheirar;
cuidou nêle retratar
o amor, que tinha no peito:
fêz o ramo com tal jeito,
que o pode Fábio entender,
pois dentro de um malmequer
meteu um amor-perfeito.

2

Malmequer, e querer bem
envolvem contradição:
amor, e desafeição
formalmente disconvêm;
pois logo que chiste tem,
de Nize esta nova idéia?
Se já me não falta a veia
se me não engana a Musa,
ou Nize de amar se escusa,
ou de amor Nize tonteia.

3

Não tonteia, que entendida
é Nize, e muito amorosa
do seu capricho gostosa
quer querer, sem ser querida;
não quer ser correspondida,
antes tem tanto primor,
que desprezando o favor,
no malmequer desafia,
para amar a tirania,
para amor, o desamor.

Querer a quem só quer bem,
é capricho, e não fineza:
Só pode ser gentileza
ter amor a quem não tem.
Não se admire, pois, ninguém
por última conclusão
da gentil contradição
em que meteu Nize as flôres,
que os mais perfeitos amôres
com os malmequeres se dão.

[*Sem indicação de Autor*]

6.a CONFERÊNCIA
DE 9 DE JULHO

Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de
julho de 1724 Presidente o Reverendo Padre
Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio
Religioso de Nossa Senhora do Monte
do Carmo. (*)

Sempre a natureza por inclinação inseparável e congênita pretendeu obsequiar o sujeito, de quem recebe benefícios.

Augusto César Lusitano.

Sempre a natureza por inclinação inseparável, e congênita pretendeu obsequiar o sujeito, de quem recebe benefícios. Observavam esta verdade os políticos em tôda esta máquina do universo. Compõe-se êste de criaturas insensíveis, como a terra. De entidades sensitivas como animais, e de natureza racional como os homens. Tôdas mostram propensão gratificante pelas ações, que obram. Os Persas adoram o Sol, porque dêle recebem a luz. Os Egípcios divinizam a terra, porque nela vivem, e os sustenta. E como mostram as criaturas insensíveis. Os rios retrocedem para o mar, porque dêle recebem o ser; a terra cultivada multiplica os frutos; e não me admira, que em semelhantes criaturas se achem visos de saber, e entender, porqua a natureza quando obra, como inteligente executa como disse Rubio; *opus naturae, opus intelligentiae*, que a obra da natureza, era a obra de inteligência.

E se as criaturas insensíveis se mostram agradecidas; não menos os mesmos animais terrestres. Lá diz Villas Boas na sua história natural em o Cap. 20, que um animal trouxera uma pedra preciosa em a bôca a Dom Fernando Anes de Lima, filho de João Fernando de Lima generosa raiz dos Ramos da Casa dos

(*) Esta conferência abre o 2.º volume do MM. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Na primeira página lê-se: "Conferências Métricas".

excelentíssimos viscondes de Vila Nova de Cerveira, porque o tinha livrado de uma cobra, que da vida o pretendia privar: Bem claro se vê, que a natureza qualquer, que seja agradece, gratifica, e obsequia, tendo recebido benefícios; receber benefícios é comum em os homens; confessar finezas é visto em poucos.

Se no fluido dos Rios, no sólido da progenitora das divindades, que é a terra, **Mater Deorum**; se na fantasia brutal, e na intelectual natureza dos homens agradecimento conhece o varão político, e discreto, como poderei deixar de tributar obséquios ostensivos de agradecimento, vendo-me hoje presidente nesta real academia, onde com vôos de Águia avultaram, e avultam Mestres, e Acadêmicos eloqüentíssimos, devendo esta estrêla, sorte, ou fortuna a um Príncipe, muitas vêzes Príncipe. Caminhava aquêle famoso Rei ou imperador Artaxerxes pelas terras do seu império, e como era o coração dos seus vassallos, que os príncipes são o Coração da República, comunicava favores, dava privilégios a todos sem exceção de pessoas.

Agradecidos os vassallos [...] tão generoso, [começaram a agradecer] os benefícios. Os Príncipes lhes ofereceram talentos de ouro. Os grandes [inumerável arca], os nobres pedras preciosas, os Ricos notáveis riquezas. E vendo um pobre, ou mendigo estas remuneratórias ações, não tendo com que agradecer; diz Plutarco, que meteu as naus em bravas correntes de um rio, não para as prender, e atar, mas sim para as encher não de pérolas, que em certo [ai] se pescam, sim de cristais daquela fluida corrente, e as lançou aos pés daquele Soberano Monarca, e illustre Rei.

Pasmou o Rei e ficou tão satisfeito, que mais, e em mais estimou esta data, do que tôdas as mais dádivas. Há casos, que se sucedem uma só vez. O Sol só a Josué parou. Há sucessos, que muitas vêzes acontecem. Davi e Sansão matavam Leões. Não deu Plutarco nome a êste rústico; porque as obras se dão ser a um sujeito; porque cada [um é] filho de suas obras; também as obras dão nome porisso São Paulo é chamado o Apóstolo por antonomásia. Os mais todos foram missionários; mas o muito e singular dêste discípulo lhe deu êste nome porisso o chamamos vulgarmente Apóstolo.

O que succedeu a êste vassallo daquele Rei me aconteceu a mim súdito dêste admirável Príncipe, mendigo eu nas ciências, sem os talentos da Retórica, sem os aforismos de sábio em a celeberrima academia pretêrita; sendo servido o nosso insigne Príncipe protetor desta minerva nomear-me para presidir esta tarde à vista de Mestres de tantos talentos, onde se admiram tantos acadêmicos peritíssimos sendo cada um dêstes na pompa

das ciências, ou como a Rosa entre as flôres de um aprazível jardim, ou como o Sol entre as estrêlas dêsse elevado firmamento; qual dos títulos seja mais próprio, celebrem as musas do Parnaso Americano, e as Ninfas dos frondosos bosques de Diana.

Benefício extraordinário confesso recebi. Agradeço agora como aquêlê rústico mendigo. Vivo no monte Carmelo, monte de Elias; onde a sua fonte rega os amenos prados de Maria; e não tendo com que corresponder, trago em as mãos do meu limitado discurso dessa fonte uns cristais, ou águas cristalinas, e reverentemente as ofereço ao admirável protetor desta nossa Academia não pondo-as (sic) em suas mãos, mas sim prostrando-as aos seus pés.

Quando a divindade suprema fabricou o Campo Elísio para Adão, uma fonte o regava; esta se dividia em quatro Rios. O primeiro regato, ou rio é o Gânges, que com suas influências rega tôda a terra, a que chamam Cuilath. Nesta parte é que viveu o meu grande Elias, e como as fontes nascem dos Rios teve por origem aquela fonte de Elias o dilatado rio Gânges; que nos [...] de Philo, Lib. 1 de Alegorias, e nos encômios dos Poetas afamados teve sempre o vaticínio de significar a prudência: **prudentiam significat**. Agora digo eu: as águas da fonte de Elias são emprêsas e idéias da prudência.

A vossos pés, ó excelso Vice-Rei prostro, ofereço umas cristalinas águas de prudência. Este é o meu assunto, ou argumento. Ó Acadêmicos engenhosos.

A prudência é a arte das artes, e a ciência das ciências na política como diz Apolônio.

Querendo Aristóteles dizer o que era a prudência, a intitulou uma direção do que se obra; chamando-a racional ditame para o acêrto de obras; e com razão, porque como o racional é supremo grau nas criaturas, e a prudência excedia as mais virtudes políticas, porisso a denominou entendimento, ou razão. Conheceram claramente esta preeminência da prudência, Tácito quando disse, que mais se obrava com a prudência, do que se fazia pelejando.

Maioria summis consiliis, quam telis, et manibus gera.

Nasceu com tal excesso [...] o elevado do Prudente, que chegou a afirmar, que a prudência era a divindade, e onipotência dos impossíveis.

Saepe [...] potior prudentia [...].

E o afamado [...] chegou a dizer, que quando as suas valerosas ações êste prudencial escudo já empunhava [...] a direita os troféus da desejada vitória.

**Si mihi adsubtas, o prudentia uel trecentuent
Contra hostes concurrere pugna aussim.**

Tudo confirmou Isócrates, quando exclamou que [...] do saber, e a arte militar não eram progenitoras das ações singularizadas [...] se derivavam da imortal fonte diretiva.

Consulio, et autoritate, et sententia res magnae geruntur. Vendo-se claramente da eloqüência dêstes entendidos, que a prudência se abaliza de superior não somente de tôdas as coleções das artes, mas da evidência das naturais ciências.

Tôda a grandeza de uma arte, virtude política se abaliza, ou pela origem, donde nasce, ou pela natureza, que a essencializa (sic); e é tão qualificada a Prudência de um, e outro proceder, que não há arte, ou ciência humana, que a exceda, nem com simile se lhe oponha. Quando a fabulosa antigüidade quis mostrar o excesso da divindade de Júpiter, formou um templo; nêle um trono, onde a majestade olímpica residia. Era tão extraordinária a sua grandeza, que no templo só cabia quando em assento descansava; em o circuito daquele império se achavam tôdas as divindades. Netuno Deus do Mar. Plutão divindade do inferno, e os mais todos em pés assentados assistiam, sem que a sua grandeza [enchesse] a máquina daquela fábrica. Só Júpiter era [incompreensível], nenhum dos Deuses tinha semelhança com êle porque a todos [...].

É a Prudência como Júpiter, porque tôdas as artes, e ciências a [reconheçam] com maiorias, que se esta Deidade de Amon nasceu de Saturno; a prudência tem a sua execução na têrra, mas a origem no Céu; como bem conheceu o mais político Monarca do mundo, Salomão, quando disse, que a prudencial execução era Rio cristalino, que não tinha por madre sua a fonte do paraíso terreal, mas sim a bôca do Altíssimo, *ex ore Altissimi*. Tôdas as faculdades políticas são segundas, só a Prudência é a primeira. Saber ter lição de todo o cível (sic) é muito, ser prudente é mais; o saber não resolve no conflito, a prudência no instantâneo, e improvisado modera, e acerta.

Achava-se em a Pérsia Ismenias Tebano embaixador dos Gregos, para falar com o Rei daquele dilatado mundo. Foi advertido, que tôda a pessoa, que ao Rei da Pérsia falava, entrava de joelhos, e de joelhos propunha. Repentino caso, não prevista genuflexão. O embaixador era dotado de tôdas as artes. Matemático insigne, e tôdas as ciências nêle resplandesciam como o seu officio requeria. O que se lhe oponha era, que o tributar rendimentos tão submissos era ignomínia entre Gregos. Guiou-o a arte de resolver, e acertar; tirou o anel do dedo, que era demonstração de embaixador, e entrando como lhe advertiram

sem menosprêzo do caráter, que tinha, nem desobservou (sic) as leis naturais do território, em que assistia. Tudo compôs, acertou em tudo; no improviso guiado pelas luzes da prudência, que no repentino acerta. A legação não se humilhou, não porque as ciências, e artes em que florescia o dirigissem; porque as ciências não resolvem no conflito, mas tudo a prudência dispõe no improviso.

Não foi só esta vez, que avultou o Conselho da prudência, mas muitas, e inumeráveis vêzes, como dizia Cipião: com prudência pôs em felicidades a esclarecida cidade de Atenas, Temístocles, e não com as mais faculdades que neste minerval geral se ensinavam. Com prudência ilustrou notavelmente Epaminondas a Tebas. Xantipo favoreceu aos cartaginenses. Fábio Máximo socorreu aos Romanos. Tudo foram acertos nestes valentes capitães nascidos da discrição da Prudência, que dela nascem as mais plausíveis glórias.

Foi Páris glorioso príncipe filho daquele monarca Priamo e entendendo por artes, e ciências conseguir a glória de se ver com tesouro da beleza da celebrada Helena, nunca pode conseguir esta glória. Aconteceu, que em o monte de Tesália se celebravam os contratos Himeneus entre Palião e Tétis. Foram assistentes Mercúrio, e Páris. Estiveram presentes aquelas três celebradas Deusas dos Poetas Juno, Palas, Vênus [...], muito a Deusa Érida, de não ser também chamada, e convidada [...], que não devia ser; porque se era divindade da discórdia, as bodas concórdia, e não discórdia pedem. Pretendeu Érida semear discórdias; e tomou um pomo de ouro, e o lançou entre os [...] de Tétis; e como entre Juno, Palas, e Vênus se contendesse, qual delas havia de ter a sorte de possuir aquêle pomo de ouro. O Deus Mercúrio nomeou a Páris por juiz pelas muitas ciências, que o adornavam, e pelas engenhosas artes, que o enobreciam. Começou Juno a requerer, que a ela lhe competia, oferecendo a Páris coroas, para multidão de cetros, e honras inumeráveis [chegou]. A Deusa Palas pretendendo possuir por singular, o singular daquele tesouro, e se obrigava a engrandecer a tão esclarecido príncipe com formosura, e beleza. Não menos se apreciava Vênus por merecedora de tal jóia tão desejada e apetecida de Juno, e de Palas. Prometendo dotá-lo de prudência, e discrição na intentada resolução do senhoril de Helena. Notável contenda entre divindades julgar! O pomo de ouro era indivisível; em presença de Deus Mercúrio é que Páris havia de sentenciar! porque só a uma Deusa havia-se (sic) de entregar? Agora perguntara eu aos curiosos; por que o pomo havia de ser de ouro e não de prata! e me parece que com razão, que como era dádiva de uma Deusa, a divindade ainda

quando fabulosa dá o melhor, e como o ouro entre os metais é o mais singular, e porisso melhor devia ser de ouro o pomo.

Mas ainda tenho, que inquirir, não duvidando, que a dádiva fôsse de ouro; mas sim, que razão haverá para que o ouro na côr se incline mais para o amarelo, do que para o encarnado. O encarnado na rosa denota a púrpura e reinado entre as mais flôres; e porisso lhe deram os naturais a coroa, e cetro de rainha; e se o ouro é o mais precioso entre os metais a sua côr seja encarnada, e não inclinada ao amarelo. E querendo eu saber esta razão, achei um sábio, que dizia, que assim devia ser, e muito mais me pareceu, quando me achava reparando, em que Juno, Palas, Vênus pretendessem o pomo de ouro da afamada Deusa Érida. Reparai me disse o discreto, quando um homem se vê em conflito, onde o pretendem prender, ou cativar muda a côr, faz-se quase como amarelo comumente. E como o ouro é pretendido de todos, querendo os homens cativá-lo, sendo da sua grandeza Senhores, vê-se como assustado; e porisso é que tira a côr dêste metal para a côr, a quem no nosso idioma português chamamos amarela, ou pálida, do que a encarnada, que ainda que seja o príncipe dos metais como o carbúnculo das pedras preciosas, nem porisso é em tudo singular.

Vejamos, agora, a quem foi julgado aquêlê cobiçado pomo, que na verdade se achava em presença de tantas Deusas, que o pretendiam possuir, e entesourar. Considerou Páris a causa, e vendo que Vênus lhe oferecia prudência, e discrição operativa para o conflito mais importante, para a glória mais desejada, deu a Vênus a prenda que ela pretendia; e Páris com prudência e discrição ornado — Conseguiu a possessão de Helena não com as ciências, com que se engrandecia, nem com as artes, com que avultava, mas com o admirável da prudência, que esta é por antonomásia a discrição donde nascem como eu dizia as mais plausíveis glórias e admiráveis triunfos. Donde vieram os Reis de Macedônia, o afamado Alexandre tantos aplausos encômios tantos, como vemos em os A A, esmerando-se todos já com limitadas retóricas, já com elegantes metros, já com energias eloqüentes perpetuam como em bronze suas gloriosas façanhas? Da prudência, da discrição era príncipe, mas tão divinizado, que era a mesma prudência. Lá disseram os Antigos, e celebra Alciato em o Emblema 8 no Livro 21, que Jano era divino, e, que a sua grandeza, e poder era lembrar-se do pretérito, conhecer o presente, e prever o futuro. A prudência tôda se ocupa nestes tempos para as suas ações serem plausíveis. Olha para o pretérito se foi com acêrto para o seguir, considerando o futuro para o evitar. Vê o presente para prudencialmente exe-

cutar, prevendo os fins, ajustando-se à política, alentando o bem comum da república, fugindo da maldade; dirigida pelos futuros, que se [vão] seguir. É divindade do deus Jano, que abre as portas para o honesto, e as fecha para incompetente; e porisso a poética arte, derivou o seu nome da palavra Janua que significa a porta, ou já [...] gramática. E Alexandre tão prudentemente luziu, que antes dissera eu, que era mais filho de Jano, do que gênito de Deus Júpiter. Era uma deidade prudencial, e não divindade de Raios. Raio sim para acumular a sua grandeza glórias plausíveis. A valentia das armas não é para sempre, como sabemos de Aníbal e Tertório. O evidente das ciências nem sempre consegue fortunas. E os instrumentos da Matemática muitas vezes não são aplaudidos. Só a prudência tem Coroas, empunha cetros, recebe obséquios, cativa corações; porque ela é Céu com estrêlas, campo com plantas, jardim com flôres, árvore com frutos; tudo nela grandezas, e nela tudo glórias.

E destas gloriosas fortunas como formaria uma genuína idéia cuidava o meu discurso. E como é a singular das artes, o especial das ciências, perplexo me achei. E como o rosto humano é espelho, onde os cuidados do entendimento se registram e se mostram, encontrei um singular acadêmico, que me perguntou, que cuidava; eu expus o pensamento; e me respondeu, que com o instrumento da pintura podia cabalmente dar a conhecer a virtude, e arte, que na Academia queria gloriosamente encarecer.

Logo fiquei tão satisfeito, que comecei à maneira de pintor delinear um painel das glórias desta virtude. Houve um sábio, que me disse, que o geroglífico (sic) da Prudência era a Águia, que assim como Rainha entre os plumados animais do ar, majestosamente se divinizava, assim a discrição no obrar voava gloriosamente. Mas ouvindo a El-Rei Pirro, não segui este ditame.

Pelejou este valoroso Príncipe contra seus inimigos, e vencidos estes, e triunfantes soldados o intitularam águia. Disse que sim aceitava este título de águia, mas que as penas com que voara, eram, e foram as armas de seus soldados. Águia, que para ser águia necessitava de plumas alheias. Não é acertada idéia de Prudência, que ela é para tôdas as artes guia ajudando as ciências tôdas, e sem artes, e ciências obra emprêsas, consegue fortunas, sujeita impérios, domina Reinos, como Alexandre; e outros valerosos Príncipes, e monarcas. Mas claramente se manifesta em nossas idades, e tempos em duas excelentíssimas Marquesas, que [na] rara prudência sempre avultaram. Uma na Parca triste libentina nos vôos da fama se publica, outro (sic) no sagrado de um convento se manifesta. Marquesas no título

ambas, mas na virtude da discrição, mais que rainhas. Quando um insigne pintor, como refere Plínio n. 35, cap. 9, quis copiar a Helena, necessitou a cópia de muitas belezas, sem estas não podia avultar a pictória.

Não é assim a prudência, faz avultar as mais artes, e ciências. Mas ela é gloriosamente independente, dependente para dar, mas não para receber. O dar é mais, porisso a prudência dá mais, o receber é menos; porisso menos são as ciências, e artes. O receber para dar é glória, o depender para receber é desar. Mas já vos quero expor a idéia, onde conheçais o singular da empresa, que dizia. Quis um engenhoso, e sutil pintor debuxar as glórias de um príncipe prudente; e debuxou assim.

Tomou na mão o pincel, preparou antes a táboa, temperou antes as tintas, formou idéias; já lança as linhas, debuxa a figura, e a pinta de morte côr. Abre no mais alto duas radiantes Luzes, ou dois luzentes olhos com emulações as estrêlas. Estende na vizinhança dêles a testa com suma perfeição. Tira o rosto com beleza, e formosura. Abre a bôca com gala. Molda o pescoço com majestade. Dispõe com igualdade os ombros. Compõe o peito com donaire. Estende os braços com medida. Torneia as mãos com sutileza, e delas com delicadeza os dedos origina. Assenta todo êste artifício sôbre duas colunas com tais perfeições no puro, e com tal beleza no cândido, que no cândido esta beleza a invejas provocava o alabastro, e no puro o cristal desafiava. Parou. Contemplou. E dando novas Luzes, e segunda vez ao quadro segunda mão: adornou de rosas as faces, aformoseou de jasmins cândidos a testa, de rubis o céu da bôca, e os beiços de cravos encarnados. Ficou aperfeiçoado, e completo todo aquêle corpo de neve. Torna com curiosidade a mirar o quadro. Aplica os sentidos, conserta as feições e aviva as côres mortas. Põe patentes as sombras, dos dispostos claros. E enfim aplica a vista, e vê uma pintura bem delineada, formosura assaz pasmosa em todo o artifício, sutileza. E a inscrição dizia esta é a grandeza de um príncipe perfeito, e prudente; que da prudência glórias para a sua grandeza sempre acumulou. Ó glória da prudência. Ó triunfo da majestade da prudência sôbre tôdas as políticas. Bem dizia eu, que a prudência era arte das artes, e ciência das ciências como disse Apolônio. Qual é, podia eu agora dizer, digo perguntar, o prudente que sempre na discrição mais se esmerou conhecendo o magnífico de tão soberana perfeição; se não o nosso admirável César Lusitano, que assim a Índia o publica, com mais razão a Côrte do Brasil o confessa, onde para maior obelisco seu, ergueu esta lustrosa Academia; publicando o meu discurso tão elevada virtude.

Tudo constata. E se em Roma os olhos viram em um quadro de um César a prudência engrandecida. A América de outro César soberano a excessiva prudência já publica.

SONETO

A prudência, que é luz esclarecida
E a César ilustrou singularmente
Em vós, César, Luz resplandescente
De mais Luz, que esse Sol enriquecida.

Estava a nossos olhos escondida
Mas agora a Bahia a faz patente
Por vossa chama heróica refulgente
Do Luso Campo já antes percebida.

Nessa brilhante virtude ostentosa
Admiramos de Luz celsos primores
E do reflexo cópia numerosa

Tomou de seus luzidos resplandores
Academia firme, e bem lustrosa
Para que fôsse Luz dos oradores.

Conferência de 9 de julho

Ao Presidente que foi o Reverendo Padre
Mestre Frei Raimundo de Santo Antônio
religioso do Carmo.

Ao Reverendo Presidente.

DÉCIMA

Êste, que douto e discreto
Bem merece ir em pessoa
Tirar o cetro, e coroa
Ao que foi pastor de Admeto,
Que virá a ser lhe prometo
Da quarta esfera o farol,
Pois em seu claro arrebol
Raimundo, ou do mundo raio
Por êste lustroso ensaio
Se habilita para sol.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Eloquentissimo Praesidi

EPIGRAMMA

Raimundus, radius Mundi, explanatur: at iste
Nequaquam radius; Sol radiatus adest.

De Francisco Xavier de Araújo.

Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente Frei
Raimundo Boim de Santo Antônio.

DÉCIMAS

Nome, e saber extremado
de tão douto Magistério
não deixa de ser mistério
ver-se em vós equivocado:
Muito sois para admirado,
porque em lance tão subido
não pouca ventura há sido
parecer-vos pròpriamente
a Apolo, meu Presidente
no saber, e no apelido.

Mas que pois nestes louvores
me fogem por indizíveis
nestes vos quero impossíveis
dar os louvores melhores:
E se são mui superiores,
meu Mestre, a sujeitos tais
para que fòssem iguais
a cabedais tão pequenos
havia em vós de haver menos,
e havia em mim de haver mais.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo
Boim de Santo Antônio Digníssimo Presidente
da Academia em que se escreve da Morte da
Excelentíssima Senhora Dona Teresa Moscoso
Osório; Religioso de Nossa Senhora do Carmo,
em cujo hábito se vê o prêto sinal de
sentimento; e o branco propriedade de cisne.

SONETO

Quando o Cisne prêsente a morte atento,
Começa a modular tão docemente,
Que embebido no canto nunca sente
Da morte mais cruel qualquer tormento.

Vós também, Branco Cisne, nesse assento
Presidindo falais tão doutamente,
Que neste assunto fúnebre presente
Suave antídoto dais ao sentimento.

Logo é justa a eleição, Cisne famoso,
Que lá dêsse carmelo remontado
Ao Parnaso vos traz tão prodigioso;

Porque orar pode só no assunto dado
Quem nas côres de trajo tão glorioso
É com Águia, e com Cisne equivocado.

de Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo
Boim de Santo Antônio Presidente Digníssimo
desta Conferência Acadêmica.

DÉCIMA

Tão douto nos presidis
Que não sei donde o sois mais
Se no Monte em que habitais

Se neste em que residis:
 Dêem-se razões mui sutis
 Que eu em uma hei de dizê-lo,
 Pois fazendo um paralelo
 Julgo por vós neste caso
 Que influis hoje ao Parnaso
 Tôda a glória do Carmelo.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente.

DÉCIMA

Com razão sois vós, Raimundo,
 No Carmelítico Olimpo
 Não só raio do Sol limpo
 Mas também raio do Mundo:
 A razão em que eu me fundo
 Se apura em limpo crisol,
 E se do mundo farol
 Sois, suspendei os desmaios,
 Pois que não há Sol sem raios,
 Nem também mundo sem Sol.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Conferência de 9 de julho

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto a morte da
 Excelentíssima Senhora Marquesa Aia
 Dona Teresa de Moscoso

Ao primeiro Assunto.

EPITAFIO

Jaz nesta triste, e majestosa pira
 O mais nobre troféu da Parca injusta,
 Em cujas cinzas Atropos se assusta,
 Porque nelas o fogo inda respira.

Bem que Sol eclipsado se retira.

Pouco no eclipse o dispender lhe custa
Lustres, de Santa Cruz na casa augusta,
Glórias, na ilustre casa de Altamira.

Este Sol, a quem nunca a sombra ofende,
Entre os mesmos desmaios sempre tírio
No próprio mausoléu raios acende.

Ó fatal da razão pasmo, e delírio!

Quem tanta luz no túmulo dispende
Que esplendores terá dentro no Empírio?

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Invectiva contra a Morte no falecimento da
Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa
Cruz.

OITAVAS

1.

De ti, Morte cruel, Parca homicida,
Se queixa minha dor, meu sentimento.
Pois tão mal pago estou da minha vida,
Quero dar êste alívio ao meu tormento.
Sobre tirana ser fôste atrevida,
E foi de sorte o teu atrevimento,
Que o que julgaste ser uma alta emprêsa
Do teu braço cruel, foi vil baixeza.

2.

Dize, Monstro fatal, que valentia
Contra um débil sexo executaste,
Se para acometê-lo em vez do dia,
O rebuço da noite procuraste?
Nesse escuro, que a vista te encobria,
Nem sequer de valor sombra mostraste.
Foi roubo, e furto foi, o que fizeste;
E por isso da noite te valeste.

3.

Mas não cuides de todo estar segura,
Porque fôste observada, e descoberta.

Se de nós te ocultou a noite escura,
 O Céu já lá de cima estava alerta.
 Que por ver esta aleive travessura
 Mil fogos acendeu, foi coisa certa;
 E em mil astros, com que de luz se ornava,
 Outros tantos mil olhos applicava.

4.

Viu que armaste no breve de uma tarde
 Aquela nobre vida uma cilada:
 Viu que foste tão vil, e tão covarde,
 Que atiraste depois da noite entrada.
 Dêste infame troféu fazes alarde,
 Quando deves estar envergonhada?
 Bem mostras ter escuro nascimento,
 Pois fazes da traição merecimento.

5.

Olha lá, vê que o Céu te está jurando,
 Da tua aleivosia tão sentido,
 Que se está todo em chamas abrasando,
 E entre sombras, de luto está vestido.
 Quando raios de luz está vibrando,
 Vê que então está mais para temido:
 Vê do mal, que te espera, êsses ensaios,
 Se te não cega a luz dos mesmos raios.

6.

Essa illustre Senhora, essa Marquesa,
 Que é objeto da tua crueldade,
 Ciúme honroso foi da Natureza,
 E fidalgo esplendor da nossa idade.
 Foi emprêgo, sem par, da mesma Alteza,
 Desvêlo singular da Majestade,
 Nobre ramo de um tronco Soberano,
 Mimo enfim do Monarca Lusitano.

7.

Mas oh! que faço mal em condenar-te!
 Porque tu, que delito cometeste,
 Se fizeste o que o Céu quis ordenar-te,
 Se o a que Deus te obrigou tão bem fizeste?
 Aquela Alma gentil, que em tanta parte
 Ao mesmo Céu, Senhor, igual quiseste,
 Como estar só convosco merecia,
 Entre nós durar muito não podia.

8.

Vós (sic) fôste, o que a levaste em vossos (sic)
[braços,

Para alívio da vossa (sic) saudade:
Vós um quarto lhe deste em vossos Paços,
No qual reine por tôda a eternidade.
E vos livre também dos embarços
Desta vida mortal (felicidade,
Que, Senhora deveis a vossa morte)
Lá vereis quanto vai de Côrte a Côrte.

*Salvador Pizarro de Carvalho
e Albuquerque.*

Ao 1.º assunto

EPIGRAMMA

Lysia quid ploras? quae tanti causa doloris?
Heu mihi! Nutricem Nors inimica tulit.
Vae tibi! uae mihi! Nutricem quoque perdo, Bahiae!
Sors fuit ambabus, poena duabus erit.

*De Francisco Xavier de
Araújo.*

Ao primeiro assunto.

SONETO

Já se cumpre em Teresa a lei precisa,
Fica sendo geral o sentimento:
Pois quem leva do Mundo um tal portento,
Muitas vidas de um golpe tiraniza.

Com prantos tôda Europa soleniza
De Teresa êste duro apartamento:
A Bahia saudosa um monumento
Em seu peito lhe faz, qual Artemisa.

Lastima-se também a Natureza
Porque foi pensionada à lei tão dura,
Dar à Morte em tributo tal grandeza:

Mas se a Parca, onde a leva, lhe segura
Uma vida imortal, morrer Teresa,
Não foi fatal desgraça, foi ventura.

De Francisco Xavier de Araújo.

Ao primeiro Assunto.

SONETO

A causa dêste grande sentimento
é a perda maior da melhor vida,
de Teresa Marquesa esclarecida
de todo o Portugal grande portento:

A Parca lhe cortou em um momento
da Teia os fios pela Irmã tecida,
mas logo nesses céus introduzida
Júpiter o grão Deus lhe deu assento:

Não tens de que chorar mais esta ausência
ainda que esta pena foi tão forte
quanto teve a Marquesa de Excelência:

Admira pois o modo com que a morte
guiada pela Suma Providência,
a levou a gozar da melhor Sorte.

Do Licenciado João Machado Barcelos.

Ao primeiro Assunto.

SONETO

Se de berço a Fênix serve o Monumento,
para passar a vida eternizada;
esta quando já vai mui dilatada
a Cinzas se reduz em um momento:

Morre para cobrar um nôvo alento,
quando da idade já se vê cansada;
porém logo depois ressuscitada
ao Mundo todo serve de portento:

Melhor propriedade nos descobre
a Morte da Marquesa esclarecida,
do que a vida da Fênix nos encobre:

Porque a Fênix por ser enriquecida
de mortal vida, morre: e é mais nobre
o morrer para ter imortal vida.

Do Licenciado João Machado Barcelos.

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia.

SONETO

Ao breve ser de um lastimoso nada
reduzida se vê hoje a grandeza,
pois cabe de um sepulcro na estreiteza
quem não coube na Espanha dilatada;

Em muda suspensão transfigurada
lamenta Portugal triste a Teresa,
que a discrição também perde a viveza,
quando fere da morte a dura espada.

Para chorar amor esta impiedade
com que a morte eterniza a sua história,
[Napa] há de ser a mais comprida idade;

Se fôr pouco a Teresa inda esta glória,
dos Padrões generosos da saudade,
lâminas formará tôda a memória.

De Francisco Pinheiro Barreto
Vigário da Igreja de São Pedro.

Assunto

A morte tão digna de sentimento da
Excelentíssima Senhora Marquesa de
Santa Cruz.

SONETO

Remontando-se esta Águia generosa
fitar os olhos foi ao Sol Divino,
porque a sentir seu trânsito me inclino
se renovada está mais gloriosa:

Porém se a causa, e dor é tão penosa
 que a mitigar a pena não atino,
 chore amor sem cessar como menino
 o rigor de uma ausência tão saudosa.

Que tenha de Rainha a Águia a Coroa
 é coisa mui sabida, é bem notória;
 que fôsse digna de uma, o diz Lisboa:

Se não deixou por morte essa memória,
 coroada está já sua pessoa
 para sempre, de méritos na glória.

Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa.

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia.

SONETO

Esta que se rendeu à morte dura,
 e transformada está em [sombra] fria,
 compassivo horror é, sendo algum dia
 da sorte a glória, o mimo da ventura.

Pode ser escarmento à formosura,
 funesto exemplo da Soberania;
 pois tanto era no mundo em que vivia,
 e hoje tão pouco é na sepultura.

Foi da Espanhola Côte desejada
 quanto da Lusitana era aplaudida;
 e é igualmente de ambas lamentada.

Sendo assim em todo o tempo engrandecida,
 se então na vida, a vida [mais] prezada,
 na morte agora, a morte mais sentida.

Hierônimo Roiz de Crasto.

Sentimentos na Morte da Excelentíssima Senhora
Marquesa Aia, a Senhora Dona Teresa de
Moscoso Osório, Marquesa de Santa Cruz.

Primeiro Assunto.

ROMANCE HERÓICO

Que horror, que confusão, que sentimento,
enchem de luto ao Ar, ao Céu de espanto!
enternecidas choram as Estrêlas,
o Sol se eclipsa em fúnebres desmaios.

Com pesares a Côrte se entristece,
confunde-se com mágoas o Palácio,
ao Majestoso turba o sensitivo,
devido obséquio a sentimento tanto.

Choram sem desafôgo as saudades,
que Amantes em si mesmas soçobrando
nas lágrimas, que aos mais são refrigério
encontram tristes o maior naufrágio.

Choram ausente a Luz, o Bem perdido,
com a perda, o pesar comensurando,
vendo ser impossível o remédio,
fica maior a dor no desengano.

A Virtude, o Respeito, a Majestade,
cedendo aos golpes do infalível dano,
tantos na admiração merecem cultos,
quantos na Mágoa se desatam prantos.

De Ilustre vida, Heroína Ilustre
deixou rasgar o véu, romper os laços,
não se atrevera a Morte a tanto insulto,
se não fôsse oblação, o que era estrago.

Cedeu, porque voando ao Empíreo Globo,
felizmente a virtude eternizando,
escolheu para a Morte a melhor hora,
que é fausto o sacrifício em dia fausto.

Não da Morte, do Amor foi o Triunfo
 alto Mistério foi, não foi acaso;
 dia, no qual o Amor foi sacramento,
 seja a Morte também puro Holocausto.

Quis a Fé copiar-se nas finezas
 na Morte descobriu vivo o retrato;
 ausentou-se também para que fôsse
 Símbolo do Mistério o Simulacro.

Amante ardia do Amor Divino
 aquêlê coração sempre abrasado:
 e quis dar em devotos rendimentos
 afetos que parecem mais, que humanos.

Ânsias, Angústias, Dores, Agonias
 prevenindo com Zêlo antecipado
 tormentos deu na véspera aos tormentos,
 o que era leito, pareceu Calvário.

Que muito que tão alto fôsse objeto
 se altamira o Divino contemplando
 da Santa Cruz, a que ilustrou na vida
 desse também na Morte, em si treslado.

Se não foi imitar o adormecido
 do Discípulo sempre o mais amado,
 que é a Morte dos Justos leve sono,
 e Morte tão ilustre foi descanso.

Todos iguala a Morte, não iguala
 o modo de morrer. Premeditado
 êste, Morte não é, passa a ser vida
 na Morte vivem, os que morrem Santos.

Oh! Excelsa Marquesa, ó Heroína
 na vida exemplo, e na Morte Pasma?
 na vida Diretora das Virtudes
 Lustre na Morte dos Celestes Astros.

Magoado se prostra hoje o respeito,
 com reverentes cultos dedicando
 nos Mausoléus eternos da Memória
 Votos às Cinzas, Saudade ao Mármore.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia
filha dos Excelentíssimos Senhores Condes
de Altamira.

EPITÁFIO

A que vês, ó Caminhante,
(em desenganos da vida)
fixa Estrêla hoje luzida,
Luminar ontem errante,
a golpes dois num instante
deve a mudança, em que gira;
ao ponto da morte expira,
mas tanto sem sobressalto,
que acertou alvo tão alto,
porque pôs tão Alta a mira.

Do Acadêmico Obscquioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Na morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa
de Moscoso Osório, filha dos Excelentíssimos
Senhores Dom Gaspar de Moscoso Osório, e
Dona Inês de Gusmão Espínola, Condes de
Altamira.

SONETO

Na Lusa esfera Sol resplandecente,
pondo metas à luz, têrmos à vida,
a Fênix de Altamira esclarecida
de raios não mudou, mudou o oriente.

Sempre gigante, ainda deficiente,
entre as cinzas de humana comprimida,
se no ocaso se viu quando luzida,
hoje sobe ao Zênite desde o ocidente.

Só na beleza, Sol na fidalguia,
das Luzes, de que a [Parca] a despojava,
parece que a razão a revestia:

Pois se Fênix nasceu, se Astro girava,
era bem renascer, pois fenecia,
era fôrça brilhar, pois se ocultava.

Do Académico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro

ELEGIA

Como assim Tejo, como assim Lisboa,
como assim Mançanares, como Espanha,
que dor te afflige, ou pena te magoa?

Que foice infausta, fúnebre gadanha
açucena cortou, planta fecunda?
que a minha admiração hoje te estranha:

Claro com extensão e ontem profunda
corrias Tejo, Espanha te ilustravas,
com glórias imortais fausta, jocunda;

Às margens ontem das ribeiras davas
esplendor, louçania, gentileza,
nos loureiros, nas rosas, que criavas;

À Côrte, à Majestade, e à grandeza,
encômios tantos influias grave,
que eras assombro da maior alteza:

Ontem corrias docemente suave
por cima de alvas conchas, e pedrinhas,
solfa alternando de sonora clave;

Grato ontem às canoras avezinhas
davas risonho, exemplo para o canto;
hoje funesto, e lúgubre caminhas;

Turvo, enlutado, com medonho espanto,
parece, que da praia vás fugindo,
soluços expendendo, em triste pranto;

Risos mostrando, o peito descobrindo,
ontem doce nas vozes de tuas águas
cânticos faustos ias repetindo:

Triste mas hoje em sentidas frágoas,
correntes duras horroroso bates;
infausto emblema de funestas mágoas:

Que dor, que pena, que ânsias, que combates
lamentas Mançanares, choras Tejo?
Tempo é já do silêncio a voz desates,

Fala Lisboa; e se Madri sobejo
nestas, que te pergunto me julgares
causas, que ignoro, mas saber desejo.

Sabe, receio, e quero em teus pesares
do Tejo acompanhar a pena triste,
a dor sentir do turvo Mançanares.

Sabes, dizem, o mal que nos assiste
o funesto pesar, que nos maltrata,
privando-nos do bem, com que nos viste?

Sabe, ó tu peregrino! que essa ingrata
fera cruel, e parca enfurecida,
que todos a igual pé [concluca], e mata;

Aquela, que de inveja comovida
abandona igualmente a joça pobre,
como dos Reis a esfera mais subida;

Esta sem atenção ao excelso, ao nobre
augusto sangue da maior grandeza,
com terra leve, tanto bem encobre:

Dura a morte, como hórrida fereza
igual fio cortou de vida pura,
que foi das mais virtudes fortaleza;

Da prudência a que tôrre foi segura,
a da esmola, que foi alcáçar pleno,
a que foi da beleza a formosura;

A que foi da constância o mais sereno
ânimo grande, coração augusto,
amparo do maior, e do pequeno;

A que foi do discreto empenho justo,
a que foi liberal assombro raro,
em socorrer ao pobre a todo o custo;

Este branco jasmim, o mais preclaro,
que nascido nas veigas de Altamira,
foi alta admiração do berço claro;

Esta, que hoje o universo tanto admira
soberana, e heróica descendência
do trono Aragonês, que a produzira;

Esta, que teve a sacra preeminência,
de servir ao Sol Lísio, digna aurora,
nos gabinetes da maior decência;

Esta, que foi sublime precursora
da augusta sereníssima Mariana,
feliz de Portugal, régia Senhora;

Esta, que foi discreta, e soberana
de Santa Cruz digníssima Marquesa,
e excelso timbre da glória Castelhana;

Esta, que Excelentíssima Teresa
deu ao nome de Osório, e dos Moscosos
a fama eterna da maior grandeza;

Esta, que em laços sempre decorosos
a seu culto atraíu o espôso amado,
que eternizou com filhos majestosos;

Esta, que ao nexo de Himeneu Sagrado,
amor uniu com tal Soberania,
que foi de Anteros o maior agrado;

Hoje jaz, reduzida à sombra fria,
sem alento vital, corpo defunto,
a que foi luz formosa ontem do dia;

Esta, que ontem do Sol era o transunto
de Minerva esplendor, do Pindo emprêgo
hoje só do pesar, é triste assunto;

Medonho o Tejo, rápido o Mondego,
triste o Enxorrama, turvo o Mançanares
todos vão, caminhando sem sossêgo;

Se até [quintaias], louros a milhares
coroavam as fértils (sic) ribeiras
destas praias, em tudo singulares;

Desde agora só brotam verdadeiras
lágrimas, do pesar tão expressivas,
que mostram ser da mágoa companheiras;

As palmas, que ao triunfo sempre altivas
serviram gratas, hoje quebrantadas
lutos expressam, não repetem vivas;

Em juncos as boninas transformadas
símbolos do pesar são rigoroso,
sêcas as rosas caem desfolhadas;

Cópias de um sentimento lastimoso
os ciprestes retratam na sombria
estância, dêste vale tenebroso;

Dos jasmíns, da açucena a galhardia
marcescível trocou o pesar fero;
o tirano poder da morte impia?

As brancas rosas, o rigor severo
em lírios transformou; que a inveja dura
nem reserva por cândido ao sincero:

Eclipsou-se do Sol a luz mais pura,
faltou de Lísia sempre eterna a glória,
o respeito faltou à formosura;

Cale pois, e não diga, não a história
êste fatal, e lúgubre sucesso;
que se duplica a perda coa memória;

Êste da Parca truculento excesso
oculte a campa, mausoléu augusto,
em que arda pira, fogo sempre aceso:

Esconda pois o monumento adusto,
caso que uma lamenta, e outra corte,
não se cause às belezas maior susto;

Sepulte-se na terra de tal sorte
êste arrôjo da Parca fermentida;
que nem a morte saiba desta morte:

Não se saiba, faltou ao mundo a vida
da régia excelentíssima Marquesa,
que temos nos seus filhos renascida;

Não se saiba, faltou à gentileza
o respeito devido; à Majestade
aquêle obséquio da maior fineza;

Encubra êste delíquio da beldade,
se artificioso, opaco êsse penedo,
não se cabe o respeito à divindade:

Sirva ao mistério venerado mêdo
 êste tûmulo grave, e majestoso,
 sem que os votos se estraguem do segrêdo;

Saiba-se, que é padrão sim generoso,
 para gravar no templo da lembrança,
 a morte não; o trânsito forçoso;

Pois Teresa nos céus feliz alcança
 maior glória, melhor soberania,
 em que devemos ter mais esperança;

Ali gozando a santa companhia
 dos Espíritos bem-aventurados,
 há de rogar a Deus, nossa valia;

Hemos nela de achar dos degradados
 neste vale de horrísono terreno,
 a melhor proteção, contra os cuidados;

Nosso amparo há de ser sim, não pequeno
 por ela hemos de achar o Céu benigno
 às nossas petições claro, e sereno;
 repara em tudo bem, ó peregrino!

Seu Criado

De Luís de Siqueira da Gama.

Ao sentimento da morte da Excelentíssima Senhora
 Dona Teresa de Moscoso e Osório,
 Excelentíssima Senhora Marquesa Aia dos
 Senhores Infantes.

SONETO

Fábio; não vês o ar de horror vestido,
 Arrastar negras sombras enlutado,
 Melancólico o dia como enfiado,
 No regaço da noite esmorecido.

Não vês Fábio, que da luz destituído,
 Deu ao Orbe Terrestre êste cuidado,
 O cândido jasmim do Luso prado,
 Da sombra em palidez amortecido.

Não vês no Mausoléu sagrado, obra
 De fúnebre aparato, infausta sorte,
 Urna saudosa, que as memórias cobra,

Do estrago fatal do duro corte
 Não vês que falta o dia, o luto sopra (1)
 Quem o pode fazer Fábio? A cruel morte...

Humilde Servo
Manuel Nunes Leal.

Sentimento de pejo na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz.

1.^a

Era do Inverno o tempo rigoroso,
 era da noite o quarto mais profundo,
 quando entre horrores mudo, e pavoroso
 em negro assombro se enlutava o mundo;
 o Pólo estava escuro, e tenebroso,
 e tanto se entregava ao mêdo imundo,
 que só se ouviam de noturnas aves
 gemidos tristes, e lamentos graves.

2.^a

Pasmava o Orbe de pavor coberto,
 tremia o globo de furor vestido,
 êste do dano, que temia incerto,
 aquêle de confuso entorpecido;
 era da terra o triste desconcôrto
 tão grande, tão feroz, tão repetido,
 que tudo parecia em têrmo injusto
 de Aletos confusão, de Atropos susto.

3.^a

Soprando o vento com furor tremendo
 nos côncavos penhascos retumbava,
 e com furioso espanto ao mar correndo
 no quarto globo as ondas estampava;
 o estrondo era tão fero, tão horrendo,
 que os Focas lá no gôlfo amedrontava,
 e cá na terra com gemidos broncos
 movia as penhas, abalava os troncos.

(1) Verso corrigido sôbre o seguinte verso riscado: "Não vês a gala em luto, e o dia em sombra,"

4.^a

Tudo era confusão, tudo era espanto,
anúncio enfim do grande sentimento
com que explicava o mísero quebranto
de sua mágoa triste o firmamento;
porque quando o rigor da pena é tanto,
que excede na grandeza ao seu tormento,
bem é que em suspensões de horror profundo
gema o ar, trema a terra, e pasme o mundo.

5.^a

Cortara infausto com furor tirano
da Parca horrenda o cego desatino
a impulso atroz do golpe mais insano
da melhor vida o fio peregrino;
rompera enfim do alento soberano
a Clori o laço com fatal destino,
roubando a terra com violento insulto
da melhor ara o mais precioso culto.

6.^a

Era Clori da noite o melhor Faro,
era do dia o Sol mais rutilante,
era do mundo o resplendor mais claro,
era do Pólo a estrêla mais brilhante;
era enfim no valor heróico, e raro
da Lusa esfera o Norte mais flamante,
mas trocara-lhe em mudo assombro a morte
Faro, Sol, resplendor, estrêla, e Norte.

7.^a

Era no ardor excelso, e generoso
de Régio tronco soberana rama,
cuja nobreza, e lustre majestoso,
por bôcas cem reproduzia a fama;
tinha no augusto emprêgo o mais glorioso
altivo triunfo, que a grandeza aclama,
mas seu brasão cortara injusta a Parca,
porque o seu golpe horrendo a tudo abarca.

8.^a

Faltara já de Clori o doce alento
com que da vida os logros animava,
por cuja falta em fúnebre lamento
gemia a terra, o mundo suspirava;
mas quem mais aumentava o sentimento

na mágoa, que o tormento lhe causava,
eram do Tejo em lúgubres gemidos
suspiros tristes, míseros bramidos.

9.^a

Estava tão suspenso, e magoado,
em seu próprio tormento amortecido,
que atrás voltava as águas lastimado,
retrocedendo o curso de sentido;
pois quando é tanta a dor, tanto o cuidado,
que excede o têrmo além de encarecido,
é grande confusão das tristes mágoas,
os Rios faz parar, suspende as águas.

10.^a

Ah Parca injusta, e fera! assim dizia
com rouca voz, com pranto lastimoso:
ah morte vil! confuso repetia
em triste acento, em brado temeroso:
mas logo um pouco a queixa suspendia,
e sempre bronco, sempre pavoroso,
de dor, de mágoa, de pesar gemendo,
rompia os ares c'o lamento horrendo.

11.^a

Ah morte vil, ah Parca injusta, e fera!
(Tornava a repetir com rouco acento),
como a gala roubaste à primavera,
como de luz privaste o firmamento?
Como, dizei, de Clori à Lusa esfera
troncou vossa crueldade o doce alento?
mas ai, que em vão me canso, ó Parca dura,
pois sei me hás de dizer que a sepultura.

12.^a

Bem sei que à sepultura trasladada
trocaste em mudo assombro a pompa sua,
mas se era Clori à morte reservada,
como nela empregaste a fúria crua?
não viste que foi sempre venerada
por muito superior à fôrça tua?
mas, ai, que já penetro, ó morte feia
que és cheia de traições, de enganos cheia.

13.^a

Não viste que imortal se presumia,
porque era singular sua nobreza,

passando além da humana hierarquia
 a ser quase infinita na grandeza:
 pois como pode a tua tirania
 roubar-lhe a luz, troncar-lhe a gentileza?
 mas ai, que iguais admiro os teus assaltos
 nas baixas casas, nos Palácios altos!

14.^a

Levaste, ó morte, a Luz da Majestade
 para ser cortesão do outro hemisfério,
 deixando-me cá nesta soledade
 sem ter em pena tanta refrigério;
 de dor, de sentimento, e saudade
 sentido se confunde o Luso Império;
 mas ai, que eu só padeça o Céu ordena
 da mágoa o golpe, da saudade a pena!

15.^a

Eu só com grave, e duro sentimento
 padeço da saudade o golpe triste,
 porque era Clori o meu contentamento
 em quem de minha sorte o bem consiste;
 mudou-se a sorte, o bem trocou-se em vento,
 a quem meu largo não resiste,
 porque faltou-me nela a melhor glória
 de que inda agora resta a vil memória.

16.^a

Morreste, ó Clori, e nisto em largo pranto
 as cláusulas da voz lhe embarga a mágoa,
 e com funesto horror, com mudo espanto
 a pena publicava em vozes d'água;
 mas se era tão sentido o seu quebranto,
 que a queixa lhe embargou, que a dor lhe frágoa
 nos olhos lhe deixava bem que atrozes
 os ecos da ânsia, da tristeza as vozes.

17.^a

Não pode mais dizer, que a dor esquiva
 no susto equivocando o sentimento
 fêz que a rigor da queixa sucessiva
 nas cláusulas ficasse do tormento;
 e assim dando à corrente fugitiva
 lugar que confundisse o seu lamento,
 deixou que o pasmo em repetido espanto
 contasse o mais, se a voz não chega a tanto.

De João de Barbosa e Lima.

SONETO

Ao bravo impulso de Atropos irada
 Jaz com pena cruel, mágoa sentida,
 De Espanha a flor, em cinzas reduzida,
 De Europa a pompa, convertida em nada.

Nesta estrêla entre sombras eclipsada,
 Neste espelho se vê de luz perdida
 A frágil duração da humana vida,
 Que do ser, ou não ser, vive enganada.

Exp'rimenta a Marquesa a vulgar sorte
 Da morte iníquã, no funesto dano,
 Que iguala o grande ao baixo, o fraco ao forte;

Sirva de desengano, ao nosso engano,
 E de que a nada isenta a lei da morte
 Se a isentar-se [não pode] o Soberano.

[*João de Brito e Lima*]

SONETO

Que obsta Marquesa ilustre, que ultrajada
 Caduque a pompa em ti majestosa,
 Se murchando-se a noite como Rosa
 Te há de dar nôvo alento a madrugada:

E se à sombra flor morres desmaiada,
 Se estrêla para a luz nasces formosa,
 Brilha de flor em transitos ditosa,
 Horóscopos de estrêla eternizada.

Êsse da vida trágico desmaio,
 Que qual flor delicada te desvela,
 Foi para melhor vida nôvo ensaio.

Não sintas não da morte a vil cautela
 Se do caduco ser de um breve Maio
 Passas a ser do [Céu] brilhante estrêla.

[*João de Brito e Lima*]

SONETO

De Atropos não sintais a pena fera
 Se tanto a vossa vida se melhora,
 Quando do triste Ocaso, a bela Aurora
 (Qual Fênix imortal) rompeis a esfera.

Porém se algum pesar no Céu se dera
 Fôra considerares (sic) só Senhora,

Quanto Espanha sentida por vós chora,
É triste Portugal se considera.

Que seja igual a glória o Céu ordena
Aos méritos de vida transitória,
Tanto, quanto a saudade nos condena.

Sendo uma e outra eterna, está notória
Que há de tanto durar no mundo a pena,
Quanto durar [no Céu] a vossa glória.

[*João de Brito e Lima*]

SONETO

Se a vida que passou é já perdida,
E se inda a que há de vir, não é lograda,
Entre u'a e outra vai tão limitada
Distância, que a um só nada é reduzida?

Não vos mostreis Senhora tão sentida
De que a vida perdestes mais prezada;
Porque se a vida se reputa em nada
Foi nada o que perdestes nessa vida.

Dita e não perda foi a que tivestes
Neste nada da vida, que deixastes
Observando a pensão com que nascestes.

E tanto a vossa sorte melhorastes,
Que só por êste nada, que perdestes
Soberana Majestosa o Céu ganhastes.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

À morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa
de Moscoso Osório, filha dos Excelentísimos
Senhores Condes de Altamira, espôsa, que foi
do Excelentíssimo Senhor Conde de Santa
Cruz, e digníssima Marquesa Aia de Sua
Majestade, e do Príncipe nosso Senhor.

CANÇÃO

Ó tu! de cuja falta tão sentida,
Não cabendo o pesar só nu'a esfera,
A dois Pólos abraça o sentimento,
Não duvides, (que muito mais se espera)

Que até depois da morte, como em vida,
 Tanto consiga o teu merecimento;
 Pois se a Castela obriga o nascimento,
 Alcança a Portugal a tua morte.
 Mas suposto que a uma, e outra côrte
 Ilustras igualmente,
 Nesta por ti gloriosa competência
 Dispôs tua eleição, que a preferência
 (Bem que Castela a intente)
 Desta, que entre ambos dita se reparte,
 Tocasse a Portugal a melhor parte.

Muito mais que a Castela celebrada
 O nascimento, deixa de Teresa
 A morte a Portugal acreditado:
 Em Portugal a morte foi fineza
 Da eleição, que inda a própria pátria amada,
 Preferências lhe deu em seu agrado:
 Parto do acaso foi naquele Estado
 O nascimento seu, em que não teve
 De algu'a [sorte] amor nem parte leve.
 Que bem a primazia
 (Se da eleição os créditos avança)
 Portugal com vantagem logo alcança,
 Pois sempre concília,
 Como dita a razão em todo o caso
 A eleição maior glória, que o acaso!

Tu pois ó Portugal, se não a vida,
 De teus Anais no Evo esclarecido
 De Teresa conserva eternamente
 Esta fineza sempre agradecido:
 Que enquanto a Santa Cruz nunca vencida,
 Por ti só desde o ocaso até o Oriente
 Devido conseguir culto entre a gente,
 Nela verás também, que quando morre,
 Inda o título seu cá te socorre,
 Porque, se bem se apura,
 Das que teve virtudes o complexo,
 Que por prêmio lhe deu a glória anexo,
 Fortunas te segura,
 E as que ditas por si só não pudera,
 Pela Cruz te promete em tôda a era.

Até o fim só Teresa foi ditosa,
 Pois no dia maior, que Cristo expende
 A finezas do amor o Sacramento,
 Em gostando esta Ambrosia, a Deus se rende,

Sua alma, que com sorte tão gloriosa
 Até depois de ter no Olimpo assento,
 Ilustre geração, nôvo ornamento
 Em cada Astro, que viva a representa,
 De Portugal as luzes acrescenta.
 Não tanto o dia claro
 Deve luzes ao Sol, como à Teresa
 Raios na sucessão deve à Nobreza,
 Os quais, se bem reparo,
 São na esfera maior da Fidalguia
 Astros, que formam da Nobreza o dia.

Mas quantos no despôjo, que a enriquece
 (Se é que cabem também ditas nos danos)
 Sem razão, mais que nunca hoje atrevida,
 Às maiores grandezas desenganos,
 Quando não que imitar, a morte of'rece!
 De tanto preço a nada reduzida
 Terminam seus estragos uma vida,
 Que enquanto o Tejo ao mar levar as águas,
 Será têrmo ao pesar, motivo às mágoas.
 Menos que eterno pranto
 A causa, que se chora, não consente.
 Mas que muito que a luz tão excelente
 Cruel se atreva a tanto,
 Se faz agora a morte, quando atira,
 Que logre o ponto seu tão Alta-mira?
 Não contente que o tiro seu conquiste
 Os Colossos Reais, a que na terra
 A grandeza talvez traz o desmaio,
 Contra os Astros empreende dura guerra,
 Em que por nosso dano tanto insiste,
 Que na esfera do Sol fazendo o ensaio,
 Êste lhe prostra tão ilustre raio.
 Oh! temam os mais Astros detrimento,
 Pois hoje [com] maior atrevimento,
 Mais que funesta sombra,
 A que segunda vês com lealdade
 Educações deveu à Majestade
 Fatal eclipse à sombra.
 Cruel! não deixarias livre uma hora
 Essa Luz, que a dois Sóis serviu de Aurora.

Mas que importa, que à sempre soberana
 Teu rigor de Teresa vida estrague,
 Se não podes fazê-la transitória?

Pois, por mais que o teu sôpro a luz lhe apague,
 Té das pensões, que paga como humana,
 Consegue nos aplausos a Vitória,
 Que a Fama, que lhe tece larga história,
 Das virtudes, e ações suas, que admira,
 Com as asas, que bate, acende a pira,
 Onde as cinzas lhe alenta,
 Porque (bem que tão [alta]) como errante
 Se cair pode ao golpe penetrante,
 Dos teus tiros isenta
 Entre fixas estrélas sem limite
 Fênix pelas virtudes ressuscite.

Canção, se o meu discurso
 Apenas entre sombras se derrama,
 Cessa, que humilde curso
 Não deve competir vôos da Fama,
 E donde a Luz renasce com tal graça,
 Que muito cesse a sombra, e se desfaça?

De André de Figueiredo Mascarenhas.

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de
 Santa Cruz.

SONETO

Que choras Portugal? choro a Teresa:
 Pois por que? porque o pede o meu tormento:
 Que sentes? um profundo sentimento:
 De que? de se ausentar uma beleza.

Para onde foi? subiu à suma alteza:
 E que foi lá buscar? contentamento:
 E que nos deixou cá? grande lamento:
 E que sentes, amor? pura tristeza.

Pois, amor, não deploras tal partida,
 Nem presumas que foi fatalidade
 Em Teresa, tão nobre despedida;

Que como Fênix, não cedendo a idade,
 Quis ao tempo usurpar a sua vida
 Para dela fazer a Eternidade.

Luís Canelo de Noronha.

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de
Santa Cruz.

SONETO SAUDOSO

Destemperada Citara, e quebrada,
Rouca Voz, grave som, triste instrumento,
Suspende o canto para o pensamento,
Que a mente chora, e o silêncio brada!

Tôda a solfa será desafinada
Se a Teresa só canta o sentimento,
Que êste canta chorando o seu lamento,
E tu choras cantando, ó Musa amada.

Mas ai que delirante o teu cuidado,
Sem sentido ou conceito em tanta mágoa,
Já de puro sentir não sente o fado!

Pois se é mar a Saudade, e o peito frágua,
Brota assim já o afeto equivocado
Em dilúvios de fogo, incêndios de água.

Luís Canelo de Noronha.

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de
Santa Cruz.

SILVA FUNERAL

Oh! Do Monte que Apolo excelso habita
Ó da lúgubre estância,
Não há quem me responda? circunstância
Pode haver, pois silêncio tão profundo
Deve ser observado, em todo o mundo.
Que confusão é esta!
Triste caos, para mim tarde funesta,
Dar-se-á acaso a que Febo ardente
Me cegassem os raios de repente!
Por ventura serás, Fábio, Cupido
Pois de amor chegas cego, e enternecido?
Porém de que te assombras
Se está o Sol enlutado, e o mundo em sombras?
Ó quem investigara
Do Parnaso segrêdo, e se abrasara
A incêndios de um dilúvio
Entre as chamas sulfúreas do Vesúvio

Sem mais outra razão, sem mais desígnio
 Que o de saber o que lá soube Plínio;
 Pois vivo irresoluto
 Sem poder distinguir em tanto luto,
 Se é que Apolo (sic) do monte as flôres belas
 Transformou em catástrofe de estrêlas,
 Ou se os Céus nessas luzes que diviso
 Aforismos nos dão de infausto aviso;
 Pois olhando do monte a qualquer parte
 Diviso um Mausoléu feito com arte,
 Cuja fábrica excede em sua altura
 A Romana, e a Grega Arquitetura.

Mas já [a causa] pergunto
 De tão nôvo aparato, e triste assunto,
 Que Melpômene posta ao Monumento
 Com lastimosa voz, triste lamento,
 Encostada a um Cipreste canta, e tanto
 Que ao excelso coturno acorda [aparando] o
 canto.

Amada Musa minha, se essas queixas
 Que apurais entre fúnebres endechas,
 Alternando em funestas melodias
 Tristes ais [de sentidas] elegias;
 São capazes de alívio, de consôlo
 Pois padeceis o mal deveis propô-lo,
 Porque sendo-me a mim comunicado
 Ficarâ o vosso mal remediado,
 E o meu mal que o excede
 Por ser mal de ignorância, alívio pede.
 Pois não há mal maior, nem semelhante
 Que comparar-se possa ao do ignorante,
 E se eu sou o primeiro que o confesso
 Explicai-me o que ignoro, e em vão conheço.

Triste informe me pedes,
 Mas se as Leis da razão curioso excedes,
 (Diz a Musa) eu te informo da verdade:
 Essa ó Fábio, que vês alta Deidade
 Reduzida a funesta, e ardente Pira
 É por quem Portugal hoje suspira,
 E a quem a Lusa gente
 Holocaustos tributa reverente;
 Pois teve prendas tais que só por elas
 Mereceu colocar-se entre as estrêlas
 Donde vive, já do mundo Leis deixando

Para Príncipes saírem educando,
 Pois debaixo das Leis dos teus preceitos
 Se educaram só Príncipes perfeitos.

Perderam nela grandes, e pequenos,
 Mas nem aquêles mais, nem êstes menos,
 Porque aos grandes valia,
 E aos pequenos também favorecia.

Para o mundo acabou, não para a Fama,
 Porque como a aclama
 Sôbre as mais virtudes Heroínas,
 Aclamações mais dignas
 Terá sempre apesar da Atropos forte
 Para ser memorada em tôda a Côrte,
 E no mundo em que eterno sempre brade
 O penetrante golpe da Saudade.

Senhor Excelentíssimo, o meu pranto
 Inundação será por donde o canto
 Sumergido (sic) se entregue
 Das Sereias ao mar em que navegue
 Quase sempre cantando
 Quando o vão sempre as águas soçobrando.

Por duas urnas a vista aqui espalhada
 Vê em sombras envolta, e sepultada
 Aquela Deidade esclarecida
 Que passou pela morte à melhor vida
 Pois só pode da Parca o fero corte
 Tirar-lhe a vida si[m], não dar-lhe a morte.

Desafinada a voz, suspensa a Lira
 Sôbre os altos cimentos dessa Pira
 Para vos consolar invoco Apolo.
 (Se é capaz vossa pena de consôlo)
 Que eu não tenho valor, nem tenho arte
 Para o fazer, Senhor, pois se me parte
 O coração que em viva, e ardente frágua
 Não faz mais que pedir aos olhos água.
 Mas se para a exclusão do sentimento
 Consultais vosso claro entendimento
 Achareis nas razões que eu posso dar-vos
 O motivo, Senhor, de consolar-vos
 Sendo o mais eficaz, e mais urgente,
 O de quem com Deus vive eternamente.
 Onde de estado, e vida se melhora
 Por escolher de um dia a melhor hora

- Em que quase da vida na incerteza
 Até da mesma morte fêz fineza
 • Para que fôsse em tudo desta sorte
 Não acaso, mistério a sua morte.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

À sentidíssima morte da Excelentíssima Senhora
 Marquesa de Santa Cruz, que Deus levou à
 melhor vida.

SONETO

Qual a Fênix que quando já pesada
 para os vãos, se sente enfraquecida,
 desejando passar à melhor vida,
 morre, e vive de nôvo renovada.

Tal esta real Fênix abrasada,
 em desmaios de amor amortecida,
 quando expira, respira renascida,
 a gozar de outra vida mais amada.

À vista pois de tão ditosa sorte,
 deixai, César, deixai o sentimento,
 parabéns recebei constante e forte,
 Pois passar a lograr melhor assento,
 tão fora está de que possa ser morte,
 que se vida, é glória e é contentamento.

Do Licenciado Gervásio de Pilares.

Ao mesmo Assunto.

SONETO

Fatal Parca, tirana, inexorável,
 Cruel, fera faminta, e fomentida,
 que no corte da rosa mais florida
 à Côrte destes golpe o mais notável.

A tua tirania lamentável,
 quando as luzes desfaz da melhor vida,
 a geral sentimento nos convida,
 a uma saudade inconsolável.

Mas quem propriedades tem de rosa,
 que padeça desmaios sôbre a tarde,
 mais que infalível, é razão forçosa:

Se não é que lá nesse Empírio arde,
 como luzente tocha gloriosa,
 de luzir, e de arder, fazendo alardé.

Do mesmo autor.

[*Gervásio de Pilares*]

Ao Túmulo.

SONETO

Ó triste Mausoléu! Ó Urna fria!
 funesto monumento, sombra escura,
 depósito fatal da formosura,
 horroroso despôjo da alegria.

Permite que te façam companhia,
 as lágrimas que verto com ternura,
 e sirva tanto mar de sepultura,
 em que se oculte o Sol do melhor dia.

Mas se não tens da pedra a natureza,
 quando pranto que é tão multiplicado,
 não consegue abrandar tanta dureza!

Deixa que nesta pira arda abrasado,
 êste meu coração logrando a emprêsa,
 de ser em holocausto consagrado.

Do mesmo autor.

[*Gervásio de Pilares*]

Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia; primeiro Assunto da presente Academia.

SONETO

Essa por tantos méritos Marquesa,
 que logrou na maior glória profana,
 a vida pelo emprêgo soberana,
 o sangue superior pela nobreza,

Muitos Sóis lhe lustraram a grandeza
 parecendo Deidade em forma humana,
 filha do Sol na Origem Castelhana,
 Aia do Sol na Esfera Portuguêsa.

Perdeu a vida, não o luzimento,
 de mais Raios, está possuidora,
 e as cinzas só deixou no Monumento.

Em mais luzes é justo brilhe agora,
passando a ser Estrêla ao Firmamento,
quem de tantos Planêtas foi Aurora.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao mesmo Assunto.

SONETO

Jaz sepultada nessa ilustre Pira
Troféu da Morte em fúnebre campanha,
quem colheu o Esplendor de tôda a Espanha,
no elevado Oriente de Altamira.

Passou a Portugal, nêle se admira
Deidade natural, nascendo estranha,
inda de luz no Ocaso se acompanha,
Educações Reais inda respira.

Em Paço Augusto, Côrte suntuosa,
Aia do Português Príncipe amado
a doutrina lhe deu mais generosa.

Ambos se competiram no cuidado,
êle fazendo a educação gloriosa,
ela deixando o emprêgo bem logrado.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

A sentida morte da Ilustríssima Marquesa de Santa Cruz.

SONETO

Nunca mais cruel, Parca, e rigorosa
Vos mostrastes soberba, e desumana,
do que quando cortais como tirana,
do jardim lusitano a melhor rosa:

Lamenta Portugal, com voz chorosa,
a perda de uma vida soberana,
também sente a Bahia, e não se engana,
[nas] lágrimas, que verte maviosa:

Porém cesse Europa já o seu gemido,
América desterre o sentimento,
mitigando o seu pranto tão dorido;

E Vós César, cobrais melhor alento,
 não queirais ter o peito mais ferido
 por quem reina na glória sem tormento.

Por Inácio Pires da Silva.

Primeiro Assunto.

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia,
 a Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório.

Deve a consideração do prêmio das suas
 virtudes, no Palácio do Céu, mitigar a pena da
 falta da sua presença no Palácio da terra.

SONETO ESPAÑOL

Difunta en el Palacio de la tierra,
 Y viva en la mansión de las estrellas,
 Lo que a la vista es causa de querellas
 En el discurso júbilos encierra.

Yerra el dolor, el sentimiento yerra
 Si muerta te lamentan, cuando zellas,
 En Palacio mejor, en luces bellas
 Segura dicha, que al dolor destierra:

Si la pena de verte ahora yerta
 A lágrimas provoca compasiva,
 A placeres tu gloria nos despierta;

Pues al Cielo agradable, al suelo esquiva,
 Si acá en el suelo te miramos muerta,
 Allá en el Cielo te admiramos viva.

João Alvares Soares.

In obitum Excelentissimae Dominae Theresiae de
 Moscoso Osório

EPIGRAMMA

Vt uisa est miseris Theresia linquere terras,
 Haec pia sidereo dixit ab orbe Themis.
 Quis rogos, aut tanto quae digna cadauere tellus?
 Tantaque Mygdonius quis teget ossa lapis?
 Vestris, Lusiadae, Mareoticus inuidet urnis;
 Et suus hoc mallet corpus obumbret apex.
 Vos tamen in Phario nutantia pondera saxo
 Spernite, quae cineri dat ruitura labor.

Spernite Mausoli pendentés aëre moles,
 Quas laude immodica cares in astra ferunt.
 Quantumuis sit namque leuis, de pignore tanto
 Plus Mausoleis uestra tumebit humus.

[*Sem indicação de Autor*]

In funere Excellentissimae Dominae Marchionissa
 a Sancta Cruce

ELOGIUM SEPULCRALE

Paucis te, uiator, hic uolo.
 Da moram hanc moribus Principio Feminae.
 Gemitus hoc marmor exigit;
 ubi Lysiae recentem leges,
 nisi forte totius orbis, tragoediam.
 Iacet hoc Marchionissa tumulo,
 sortita tutulum de Crucis nomine,
 ex qua mundi pependit felicitas.
 Datura longi fletus argumentum,
 ad uitae breuem conclusionem
 spatium uesperae unius umpendit,
 praemissis ad mortem,
 non quae tantum spectant ad speciem,
 Verum etiam ad necessarium uirtutis exercitium.
 Auspicatura Aeternitatis uiam,
 roboratur in tempore
 Dominici corporis pabulo,
 post sumptum Paenitentiae Sacramentum;
 Ad nos etiam pertingente doloris materia.
 Tribuendum mortui Dei Hominis cultui
 unaquaque anni hebdomade
 ueneris diem consecrauit:
 quasi crederet fore se nesciam,
 nisi necem amarissimam Christi lugeat,
 qua luce Diua mari nata
 in solum enatauit ex salo.
 Obscura nocte occubuit
 uirtutis merito Femina,
 et sanguinis splendore clarissima:
 uigente Sole discessum,
 quod spectaculi funestissimi nequeat spectatorem
 [agere,
 ex concepta uicini funeris impatientia.

Quod poneret dolori non potuit,
 iugalibus fraenum soluit,
 praecipitem agens in mare currum,
 acsi tantae Feminae deploraturus mortem,
 in Lacrimas totum sollicitaret Oceanum.
 Caelo etiam, quo nihil est a tellure remotius,
 dolendi proximam necessitatem imposuit
 desideratissimae uitae iactura:
 nam et illud, proscripta Luce, tenebras induit,
 tracturum pullatam uestem in luctus ostentationem.
 Defuncti corporis animae paratum iusta persolvere
 tot faces accendit, quot Sidera:
 nisi forte tot adhibuit Lumina,
 ploraturum decedentis interitum.
 Adde tuas, Uiator, huic Lacrimas.
 Quae frigidos seruat iam cineres
 non flammas Vrna,
 certe aquas efflagitat.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso
 Osorio, Piissimae Sanctae Crucis Marchionissae,
 eiusdem Sanctae Crucis Marchioni felici
 connubio adiunctae, Comitum de Alta Mira
 filiae, Aragonensium Regum Nepti, sepulti
 Domini, et angustiarum Virginis deuotissimae,
 denique feria quinta Dominica cenae, totius
 Vlyssippionis desiderio, feliciter occubanti

EPITAPHIUM

Quae Christo indoluit furiali caede perempto,
 Et feretro lacrimas officiosa dedit,
 Theresia occubuit Lysiae dolor urbis, eodem,
 Quo Dominus colitur per pia busta, die.
 Quo iaceat tumulo fuge quaerere; namque
 [sepulcrum
 Quod uita coluit, nunc quoque morte colit.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso
 Osorio, piissimae Sanctae Crucis Marchionissae
 eiusdem Sanctae Crucis Marchioni felici
 connubio adiunctae, comitum de Alta Mira
 filiae, Aragonesium Regum Nepti, Sepulti
 Domini, et angustiarum Virginis deuotissimae,
 denique Feria Quinta Domenicae caenae, totius
 Vlyssipionis desiderio, feliciter occubanti

PHALEUCIUM

Illustris soboles Osoriorum,
 Regum nobilium necessitudo,
 Altorum comitum, Ducumque proles,
 Magnum Dulichiam decus per orbem,
 Matrum gloria tota Lysiarum,
 Heroina grauis, pudica morum,
 Christi continuis dolor sepulti,
 Matrisque unica cura uulneratae,
 Fatis occubuit, diemque clausit
 Hac Theresia, qua die sepultus
 Christus cernitur ad pias lucernas.
 Qui fles talia nil fleas, uiator;
 Christi per meditata namque mortem,
 Ad Christi tumulum sepulta dormit.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta
 Cruce post illustrissimi, ade dil [ecti] ssimi
 coniugis obitum, emortui Dei-Hominis effigiem
 impense colit; ac tanquam uxorio amore deperit.

EPIGRAMMA

A Cruce Vir tituli decus impetrauerat, olim
 Quem Tibi sponsali compede iunxit Amor.
 Hunc simul e uiuis mors saeua migrare coegit,
 Numinis extinctae Prolis amore flagras.
 Elatique loco Numen sortita Mariti es;
 Accipis inque uicem coniugis ipsa Deum.

Fecerat hunc Regem, comitem Crux, fecerat illum.
 Ac minor hic titulus, grandior ille fuit.
 Flere caue: comitem si sponsum perdere damnum
 [est;
 Sidereo Regi nubere, nonne lucrum?
 [*Sem indicação de Autor*]

Ad primum argumentum

Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio
 ad templum se conferens sacra munitur synaxi,
 et in domum reuersa occubuit.

EPIGRAMMA

Qualis odoratum Nabathaeo munere Fanum
 Iunoni Sacrum scandit Elisa Deae,
 Scandit Olympiaci Theresia Numinis aedes,
 Scandit adoranda sic fruitura dape.
 Ast ubi sacratae tetigit Libamina Mensae,
 Visa salutiferam sustinuisse necem.
 Hoc ades hospitio Numen sibi gaudet, ut ipsam
 Gratus in hospitium transferat ipse suum.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad primum argumentum

Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio,
 non multum post susceptum Eucharistiae
 Sacramentum, oppetiit.

EPIGRAMMA

Qualis odoriferum uolucris Phoebea sepulcrum
 Condit, et e tumultu pulchrior ire solet;
 Sic radios inter sacros Theresia Solis
 Candenti, e uiuis, nube latentis, abit.
 Exitus at toties illi exoptatus; ut igne
 Caelesti caderet uictima grata Deo.
 Nec tamen incastum cecidit: probat exitus acta,
 Actaque promeritum par sibi cuncta probant:
 Auguror hinc igitur mortem oppetiisse per aeuum
 Degat ut accepto consociata Deo.

[*Sem indicação de Autor*]

In obitum Excellentissimae Theresiae
de Moscoso Osorio

EPICEDIUM

Praesica conducto non personet arida cantu:
Vrbs et Vlyssippo det gemebunda sonos.
Lusiadum occubuit Theresia gloria Matrum:
Atropos heu quantum nunc fuit ausa nefas!
Occidit heu qualis pietas, cultusque deorum!
Abstulit heu quantum lurida Parca decus!
Illa uel Euboici transcendere pulueris annos
Debuerat: nigros heu cito iunxit equos!
Flere licet; Tagicis currat modo flatus in oris,
Et resonet tostam planctus ad Americam;
Caesar ubi iubeat modulentur lugubre Musae
Carmen, et in lacrimas Pegasis unda fluat.

[*Sem indicação de Autor*]

Nocte obit Excellentissima Domina Marchionissa
a Sancta Cruce

EPIGRAMMA

Occidis, at Lysium postquam nox obruit orbem,
Fatugeraeque cadis uictima facta Deae.
Anne negata dies, uitae quia luce potiri
Sors uetat, et claudi lumina fata iubent?
Non reor: incussit tantae reuerentia uitae
Ipsi uel Morti, Femina clara, metum.
Te quibus interimit, cogitque perire, fuere
Insidiatrici uulnera facta manu.
Quae tegeret tuto insidias, fraudesque iuaret,
Non quaerenda dies, noctis at umbra fuit.

[*Sem indicação de Autor*]

Expressão reverente de um magoado sentimento
na Morte da Excelentíssima Senhora Marquesa
de Santa Cruz sucedida no dia de quinta-feira
Maior.

SONETO

Pois trate ó Fábio, que esta Urna fria
é Altar dedicado à Saudade.
Neste Marmor se esconde a Majestade,
a Virtude, o Respeito, a Fidalguia.

Quem junto ao Sol, igual resplandecia,
deixa ao Zênite, que ardendo em caridade
os laços rompe da Mortalidade,
na hora mais feliz, no Maior Dia.

Escolheu esta Sorte como sua
que Imagem pia [da] Divina Idéia
na semelhança os méritos gradua.

Já no Céu se divisa nova Astréia
decretando que a Parca não destrua
as Glórias de Altamira, e de Gouveia.

D.O.C.

O mais Fiel, e Humilde Criado.

Conferência de 9 de julho

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto [a] Excelentíssima
Senhora Marquesa de Gouveia Dona Inácia
Rosa, que deixando o mundo se recolheu
em um convento.

ROMANCE HERÓICO

Marquesa augusta, inclita heroína,
Astro brilhante neste Céu da Europa,
Que sendo a mais famosa por ilustre,
os méritos vos fazem mais famosa.

Na floresta do mundo altos respeitos
Lograste, Excelentíssima Senhora;
Mas agora subir à Majestade,
Pois no jardim do Céu vós sois a rosa.

Agora mais que nunca reverente
Todo o império odorífero de Flora
Em culto obsequioso vos consagra
Da bela primavera a ilustre pompa.

As do mundo abatidas não deixaste;
Porque em pisá-las vossa planta heróica
Sobem por êsse ultraje a mor altura,
Ganham nesse desprezo a maior honra.

Já por virtude dêste exemplo raro
A vaidade morreu, que o mundo adora.
Vós no templo sabeis do desengano
Fazer exéquias à vaidade morta.

Fôste para o contrário, mais altivo
A mais nobre, e belígera Amazona
Pois do vosso triunfo em tudo grande
É despôjo fatal, humana glória.

Hoje que na pobreza mais humilde
O mais soberbo fausto assim se troca,
É para vós o abatimento obséquio,
Qualquer grandeza é para vós afronta.

Se a veneração nossa ontem vos dava
Fumos de incenso em aras da lisonja,
Hoje a humildade, que dos fumos foge,
Sôbre altares mais dignos vos coloca.

Fôstes da discrição, e da beleza
Igualmente dotada; mas agora
Um dos dois atributos só se ostenta,
Pois cede ao de entendida, o de formosa.

Essa nuvem, que o rosto vos esconde,
Parece véu e tem de espelho a forma,
Pois se do corpo encobre a formosura,
Mas a beleza d'alma então nos mostra.

O desatar-vos de Himeneu os laços
Foi de alta providência ação mui própria,
Que a espírito tão grande só convinha
Ser de espôso imortal condigna espôsa.

Este vínculo sim, que é insolúvel,
 Pois com êle o inimigo quebra as fôrças
 Nem do tempo voraz, o curso o gasta,
 Nem da Parca cruel, o golpe o corta.

Este feliz, e eterno desposório
 Da flor que sois, o título vos dobra,
 Pois nos Campos Elísios perdurável
 Ficais sendo perpétua, sendo rosa.

Não sei se tendes vós glória mais alta,
 Se o defunto marquês, que em paz repousa;
 Porque se melhorais no espôso egrégio,
 Êle no substituto se melhora.

Êle na glória está, vós na clausura,
 Que do mundo inferior é o Céu e a glória,
 Onde vos dá (com méritos sem conto)
 Cada merecimento uma coroa.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao 2.º Assunto.

SONETO

Da Graça mais gentil, da breve idade
 Inácia a leve vida não confia:
 Porque vê quanto a Morte a espada afia
 Contra a flor da Beleza, e Mocidade.

Deixa a mundana pompa, e a vaidade
 Quem de vanglória o Mundo revestia:
 (Perdendo aquêle então tôda a valia
 Numa jóia de tal preciosidade.)

Discreta a Deus se entrega, que amoroso
 Lhe promete, em final de afeiçoado,
 Um jugo na clausura deleitoso.

De vida muda pois, mas não de estado;
 Que se avara lhe rouba a Parca o Espôso,
 Outro o Céu liberal lhe há destinado.

De Francisco Xavier de Araújo.

Ao Segundo Assunto.

SONETO

Quem do mundo deixar a vaidade
 Seus enganos, e pompas desprezando
 A ser muito do Céu já vai cheirando
 Chegado já se mostra à Santidade;

Mostra pois conhecer a brevidade
 Desta vida que à morte vai chegando,
 Tanto mais, quanto a vida vai durando
 Mais chegada se vê da eternidade.

Se a Marquesa pois tanto assim despreza
 Do mundo a pompa vã, e na clausura
 Se mete, que diremos desta emprêsa?

Diremos que já sendo em vida pura
 Terá de Santidade tal grandeza,
 Quanta teve no mundo formosura.

Do Licenciado João Machado Barcelos.

Ao Segundo Assunto.

SONETO

Depois que a morte com cruel espada
 De Gouveia ao Marquês tirou a vida,
 Sua Espôsa a Marquesa esclarecida
 O mundo, e pompas tudo estima em nada:

Das riquezas da terra despojada
 De virtudes do Céu enriquecida,
 A Cristo em bodas nupciais convida
 Ser pretende com êle desposada:

E logo executando esta vontade
 Retirada do mundo em um convento
 À clausura dedica a liberdade:

Com aplauso, e geral contentamento
 A Cristo já por tôda a eternidade
 Guardar promete o santo juramento.

Do Licenciado João Machado Barcelos.

Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima
Senhora Dona Inácia de Távora pela morte
de seu Espôso o Excelentíssimo Senhor
Marquês de Gouveia.

SONETO

Cândida flor, que em flor fôste eclipsada,
de teus anos no agrazo escurecida,
por formosa na terra desluzida,
na esfera por felice (sic) transplantada.

Se nasce a rosa para enfim ser nada,
tu para nada ser fôste nascida,
que vida pois melhor, que não ter vida,
para na morte ser eternizada.

Não receis, ó flor, logo a mudança
de ver caduca tôda a tua verdura,
se vês lograda tôda a tua esperança.

Antes se cá não há dita segura,
perderias de eterna a segurança,
o que frágil lograsses de ventura.

De Francisco Pereira do Lago Barreto.

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,
trocando as caducas pompas do Mundo pelas
seguras asperezas da Religião.

DÉCIMAS

1.

Da bela Inácia nos braços
acaba o claro consorte,
cortando a foice da morte
os mais apertados laços;
livre já dos embaraços
desta gostosa afeição
dando Inácia ao mais de mão,
porque é tudo vaidade,
tôda a sua liberdade
sujeita à Religião.

2.

Presume a louca vaidade
do Mundo, sempre enganado,
que o mais venturoso Estado
é ter solta a liberdade;
viver à lei da vontade
é tão brutal sem razão,
que a mesma luz da razão
com mudas vozes ensina,
que ao mal o homem se inclina
por natural propensão.

3.

É logo grande loucura,
é desatino fatal,
que um homem, que é racional
se sujeite à lei tão dura;
a balança em que se apura
o bem, e o mal, é a razão,
e se dita a perdição
a cega lei da vontade,
Inácia segue a verdade,
pois vai contra a inclinação.

4.

Persuade o bem a razão,
inculca o mal a vontade,
para ambos há liberdade,
para o mal, mais afeição;
romper esta propensão
da natureza, que inclina
ao mal, é tão peregrina
ação, que no meu conceito,
só é racional perfeito
quem vendo o mal, o declina.

5.

O Mundo é cheio de enganos,
o Céu mil gostos segura,
querer o engano, é loucura,
acerto amar desenganos;
se pois no melhor dos anos,
em que mais lustra a beleza,
discreta a nossa Marquesa
abraça a Religião
c'os ditames da razão
foge ao mal da Natureza.

6.

A vida é transitória,
o Mundo muito inconstante,
são os gostos um instante,
eterna a pena, ou a glória;
com esta dura memória
quem há, que possa viver,
conhecendo que há de ter
fim certo esta triste vida,
e que a glória é prometida
sòmente a quem bem morrer.

7.

A morte é da côr da vida,
o principio iguala ao fim,
quem teve vida ruim,
acha a morte desabrida;
é logo muito entendida
Inácia a meu parecer,
pois quis ao Mundo morrer
antes da vida acabar,
para a vida se ajustar
à morte quando vier.

De Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao segundo Assunto; em que se descreve ser a

Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,
nova maravilha do nosso Século, na resolução,
que tomou de ser religiosa, depois da morte
do Excelentíssimo Senhor Marquês de Gouveia,
seu amado Consorte, excedendo à mesma
Senhora nesta, tão Santa, pia, e religiosa ação,
tôdas as sete maravilhas do Mundo celebradas.

SILVA

Se acaso, Minha Musa,
efeito inútil da razão confusa,
delírio vacilante;

que no discurso enfêrmo de ignorante,
agora não receia,
ferir-me o gênio, e picar-me a veia?
Merece, o Excelentíssimo Soberano
augusto Sol do Olimpo Lusitano,
em rústicos acentos,
cantar aplausos, e dizer portentos
da mínima fineza,
da menor circunstância da grandeza,
com que ditoso brilha
seu Régio Nome, Nova Maravilha?
Ou talvez, no inconsulto,
tôsko retrato dêste engenho inculto,
debuxar u'a sombra
das Luzes belas, com que o mundo assombra
teu majestoso exemplo,
Ara do afeto, da virtude Templo?
Lá da luzida Esfera
descende Sólido, donde agora impera
o respeito eminente
de teus altos brasões, benignamente,
a meus ecos atende,
devoto obséquio, que a teus pés se rende,
da triunfal oferta, floresta
que de teu timbre, a glória manifesta,
nessa ação tão devota,
que o Mundo admira, prodigiosa nota
que és Nova Maravilha
do Mundo, porque à fama agora humilha
a teus pés venturosos,
quantos milagres celebrou famosos,
por estas partes tôdas,
que o Sol discorre, com ligeiras rodas
em ti se vêem cifradas
do Mundo as maravilhas mais louvadas;
porque as glórias luzidas,
que nas outras, se aplaudem repartidas,
como, em rico tesouro
unidas sempre, sem se achar desdouro,
por influência bela,
em ti, se admiram com ditosa estrêla:
porquanto no perfeito (sic)
das prendas Soberanas, que o respeito
universal venera,
com venturas de mais subida Esfera?

Os prodígios da Fama,
que nos Milagres Sete o Mundo aclama,
excedidos se mostram;
pois já vencidos a teus pés se prostram?
Primeiramente altiva
excedes, com vanglória sucessiva,
de Babilônia os muros,
que da injúria dos tempos mal seguros,
em Cinzas tresladaram
os altos cumes, com que os Céus tocaram?
Porquanto ter cercada
da muralha da fé mais reforçada;
e logrando as firmezas
das Virtudes por altas fortalezas;
parece teu desvêlo
de tóda a devoção Real Castelo,
contra quem não peleja
a guerra astuta da infernal Inveja?
Porquanto suspendida,
mais que Babel te encontra guarnecida
dos muros peregrinos
dos auxílios que o Céu te dá divinos?
Essa Tórre eminente
de Faro que aos teus pés, jaz reverente,
com notórios desmaios
abate as Luzes, e submete os raios;
porque conhece agora,
que mais do que farol és bela Aurora,
que nos Lusos, produzes
brilhantes raios, Soberanas Luzes?
O Sepulcro erigido
de Artemisa também deixas vencido,
e à tua vista, que importa
que dos aplausos seja glória morta?
Se com Sorte excessiva,
és dos nossos assombros glória viva:
porque ninguém ignora
viver a cópia, que o teu peito adora?
Esse pasmo admirado,
que Roma celebrou, no fabricado,
Soberbo Anfiteatro,
tão repetido desde o Tejo ao Bactro;
esqueça agora a fama;
porquanto no teu zêlo, o mundo aclama,
um devoto exercício,

donde os acertos, com ditoso auspício,
concorrem Soberanos:
e se a bárbara luta dos Romanos,
com brutos se fazia,
tu te ocupas melhor porque de dia,
e de noite contendes,
com devoções, que a Deus contínua rendes?
O Templo de Diana
também deixas vencido, porque ufana,
com conhecido exemplo,
és da Virtude reformado Templo?
De Rodes o Colosso,
que já fica vencido afirmar posso:
pois quando a Deus invocas
à glória chegas, os influxos tocas
Celestes? Se erigido
por Estátua já foi do Sol luzido;
tu só fôste o portento,
que adora um Sol do Luso Firmanento?
Se no Ocaso escondido,
no teu peito, se vê sempre nascido?
De Jove o Simulacro
também venceste por destino Sacro:
porque se êste os progressos
prognosticava dos mortais sucessos?
Tu, na glória, que alcanças,
és principio de Santas Esperanças,
à tanta Fidalguia,
para lustre de nossa Monarquia?
As Pirâmides belas
excedeste do Egipto, porque anelas,
com prendas relevantes,
com dotes, e auspícios triunfantes,
a lograr mais fortunas,
que de Mênfis as bárbaras Colunas?
Enfim por vários modos,
do Mundo excedes os Milagres todos?
Porque usurpas ditosa
o Nome à Maravilha mais gloriosa,
que no aplauso, que encerra,
divulga a fama, hiperboliza a terra?
Cuja glória tamanha
Maravilha será também de Espanha;
da Portuguêsa Côte
refrigério feliz, ditosa Sorte,

galardo excelso Muro,
 que o desejo, nos deixa, mais seguro,
 Farol reverberante,
 que a luz nos comunica mais triunfante,
 Mausoléu, que a Memória
 dos Lusos erigiu, para mais glória;
 supremo Anfiteatro,
 das ditas tôdas; singular Teatro,
 Venerada Diana,
 no templo da afeição mais Soberana:
 Colosso peregrino,
 que o Céu penetra, com melhor destino;
 Simulacro extremoso
 de um Jove Português, Martin famoso:
 Pirâmide mais bela,
 que ao Céu se sobe, para ser Estrêla
 de tôda (sic) a Fidalguia,
 delícia singular, doce alegria,
 Aurora que adoramos,
 Estrêla, que seguimos, Sol, que amamos?
 Tu só, com suma glória,
 com fausto auspício, com melhor vanglória,
 serás em tôda a Era,
 nôvo prodígio dessa Lusa Esfera.

Manuel F. de Carvalho

A recolher-se a Excelentíssima Senhora Marquesa
 de Gouveia em um Convento, na morte de
 seu espôso o Excelentíssimo Senhor
 Marquês de Gouveia.

SONETO

Marquesa ilustre, altíssima consorte
 do mais sublime, mais excelso espôso,
 que em palácios de Luzes glorioso,
 na eterna vida, já triunfou da morte.

Discreta Heroína sois, mulher mais forte,
 porque deixando o mundo vanglorioso,
 do espôso vosso o espírito ditoso
 sentindo a ausência, o imitais na sorte.

Outro algum desprezais, coo (sic) desengano,
 de que quem perde espôso que é tão digno,
 só pretende um que fôr mais soberano.

E assim vosso discurso peregrino,
 não achando outro igual em quanto humano
 por querer um melhor, buscou o divino.

Hierônimo Roiz de Crasto.

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,
 que por Morte do Excelentíssimo Senhor
 Marquês seu espôso se recolheu, e tomou o
 hábito de Religiosa no Convento da
 Concepção de Carnide.

SONETO

Se Cloto impia, com ação tirana,
 Cortou Régio Himineu; esta Memória,
 Vos aqueriu (sic) do Mundo alta Vitória,
 Vos remontou à Esfera Soberana.

Que importa o fausto, e Majestade humana,
 Se é frágil, se é caduca, e transitória
 Realça o Timbre, immortaliza a Glória
 Quem só prevendo o fim se desengana.

Ó Excelsa Marquesa, eleição digna
 Da Virtude, da Fé, do Entendimento,
 A tal resolução VOS determina.

Da pureza ilustrais o Firmamento,
 Que humana já com Luzes de Divina
 Foi Palma o Voto, foi Triunfo o Invento.

Do Acadêmico Nubiloso.

[Caetano de Brito Figueiredo]

Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima
 Senhora Dona Inácia Rosa de Távora pela
 morte de seu Espôso o Excelentíssimo
 Senhor Marquês de Gouveia.

DÉCIMAS

Se da rosa a louçania,
 fragrante breve arrebol,
 a febre expira de um Sol,

ao mal acaba de um dia;
com discreta antipatia
a melhor Rosa, a meu ver,
deixa ao mundo de viver;
pois quando o mundo a não goza,
que importa não seja rosa,
se perpétua passa a ser.

No jardim da religião,
deixando o jardim do mundo,
não teme clima infecundo,
não teme oposta estação;
oh que madura eleição!
colhêr em floridos anos
prevenção de tantos danos;
que a u'a flor menos segura
o espinho da formosura,
que a punção dos desenganos.

Para lhe dar sempre alento,
lhe emprestar sempre arrebol,
ali terá sempre um Sol,
terá sempre um firmamento;
é breve esfera um Convento;
que luzes esmaltam belas,
ó infalíveis seqüelas
de um sempre Maio frondoso,
porque onde é Sol o Espôso,
são as Espôsas estrêlas.

Cobra pois, ditosa flor,
de teus acertos o fruto,
que do Céu êsse é o tributo,
o mundo tributador;
mas quando ao belo esplendor
dessa humana divindade
enlute a voracidade
do tempo, que a tudo abrasa,
cada cinza será um' asa,
que te eleve à eternidade.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Deixando o Século, e recolhendo-se a um Convento
a Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa
de Távora Marquesa de Gouveia por
falecimento de seu Espôso o Excelentíssimo
Senhor Marquês Dom Martinho Mascarenhas.

SONETO

No sagrado vapor de uma clausura,
que condensou da morte a tirania,
o maior luminar da fidalguia
todo um Céu escondeu de formosura.

Vendo que desatava a sepultura
o laço, que Himeneu prendido havia,
os decoros conserva ao que perdia,
nos afetos, que vota ao que procura.

Despreze com razão pois todo o humano,
que se Espôso admitira menos digno,
igual fôra na ofensa que no engano;

Ó discreta eleição, mais que amor fino,
quando faz de um objeto soberano
substituto imortal, o que é divino.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao 2.^o assunto.

SONETO

Bela a rosa, hoje em Clície transformada
lições de amor ensina à formosura;
a que de Vênus era rica usura,
já morta em vida, vive sepultada:

Nos lutos de um véu negro amortalhada,
a tôda a pressa, busca a sepultura,
semiviva na cova da clausura
quer defunta ocupar breve morada:

Era na Côrte singular Senhora,
soube Espôso o Marquês fino querê-la;
e dura lhe roubou parca traidora.

Morreu de Inácia o Sol: e Clicie bela,
 não podendo deixar de ser Aurora,
 entrou a ser na luz formosa estrêla.

Seu Criado
 Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Segundo assunto.

SONETO

Feliz Senhora foi esta mudança
 (Bem que de Lusitânia tão sentida)
 Sendo a lembrança de uma cara vida
 A que serviu à vida de lembrança.

Deixou-vos de Lachequecis a esquivança
 Da esperança maior destituída;
 Porém nessa esperança já perdida
 Lograstes a melhor hoje esperança:

Conhecendo da vida o falso engano
 Com peito varonil, c'ânimo forte
 As pompas desprezais do ser humano.

Ditosa considero a vossa sorte,
 Que se a morte é da vida o desengano
 Antecipais o desengano à morte.

João de Brito e Lima.

SONETO

Esta, que por agravos da ventura
 Separada se vê da melhor boda
 Segura o cravo da inconstante roda
 Cobrindo de um saial a formosura.

Se o Mundo encheu de luz, sua luz pura,
 Se sua pompa encheu a terra tôda,
 Hoje desenganada se acomoda,
 Na pequena escassez de uma clausura.

Como entendida abusa da vaidade,
 Tendo só por melhor, e certo auspício
 Aspirar a imortal felicidade.

Do seu amor deu na vontade indício,
 Por ser o Sacrifício da Vontade
 A vítima maior do sacrifício.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

DÉCIMAS

Deixa o Século enganoso
a Soberana Marquesa
compelida de tristeza
da falta do digno Espôso.
Mas nesse excesso amoroso
de sentimento tão digno
quis que fôsse (a seu destino)
substituto Soberano
do melhor Espôso humano
um Espôso o mais divino.

Neste objeto idolatrado
acha (como superior)
que empregando o seu amor
será mais bem empregado.
Deve esta mudança ao Fado
no bem, que tirar lhe quis;
porém já se não maldiz,
vendo, que a Sorte oportuna
da mais infeliz fortuna
a passou a mais feliz.

Se do que foi esquecida,
já do que há de ser lembrada
deixa de u'a vida o nada
pelo todo de u'a vida.
Para não sair vencida
nesta mundana batalha,
por vencer-se a si trabalha,
trocando (com suscito espácio) (sic)
por u'a Cova, um Palácio
as galas, pela mortalha.

Nesta enganosa vaidade
como ao Mundo conheceu
a flor, aspirando ao Céu
o deixou na flor da idade.
E com maior suavidade
que a do cândido jasmim,
flor (mas sem funesto fim)
disposta se considera,
da terrestre Primavera
para o Celeste jardim.

Flor que as mais flôres humilha,
que é dêste jardim suspeito,
um divino amor-perfeito,
ou Sagrada maravilha.
Mas vejo pelo que brilha
tão alegre, e tão formosa:
da clausura rigorosa
entre os ásperos espinhos
sem os pomposos alinhos
se ostenta fragrante Rosa.

Com rara fortuna agora
a contemplo neste caso
Rosa, do fúnebre Ocaso
passando à melhor Aurora.
Bem que tanto se enamora
do Soberano arrebol
do Sol que deu Luz ao Sol,
que sem temer os desmaios
se pôs a seguir seus raios
como amante girassol.

Tendo as certezas do dano,
e as incertezas da morte,
a que foi mimo da Sorte,
é da Sorte desengano.
Ao caduco ser humano
que falsas glórias procura
desmente nesta clausura,
esta que foi na beleza
milagre da natureza
maravilha da Ventura.

Discretamente sentida
na falta do seu Consorte,
leu pelo Livro da morte
a lição de imortal vida.
Deixou a pompa luzida
da magnífica grandeza
que lhe deu a Natureza,
e pondo a beleza em calma
mais preza a beleza da alma
do que a corporal beleza.

Do Acadêmico Infeliz
[*João de Brito e Lima*]

À Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de
Távora digníssima espôsa do Excelentíssimo
Senhor Marquês de Gouveia, Conde de Santa
Cruz, que por morte do dito Excelentíssimo
Senhor se recolheu a um convento. Alude-se
ao preceito de Cristo: *si quis uult post me
uenire, abneget semetipsum, et tollat crucem
suam. Etc. Math., 16.*

SONETO

Tanto do espôso a morte toma a peito,
Que a si própria se nega, e lá se enconde
Em sagrado retiro Inácia, adonde
Toma a Cruz, segue a Cristo, e ao seu preceito.

Mas se espôso perdestes tão perfeito
De Gouveia Marquês, e da Cruz Conde,
Espôso Rei da Cruz vos corresponde,
Que ao título une vosso mais respeito.

Se a melhora alcançais, que aqui registo, (sic)
Rainha, e não condessa transitória,
Que sois de Santa Cruz fica bem visto;

Pois tendes nesta troca tal vitória,
Que a Cruz, com que seguís agora a Cristo,
As honras vos segura de mais glória.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Ad Excellentissimam Dominam Marchionissam
de Gouvea, muliebri relicto mundo,
religionem ingredientem

EPIGRAMMA

Illustri illustris regnat sub pectore splendor,
Splendorem quando concomitatus honor:
Concomitatus honor nomen, si gloria certa est,
Gloria certa est, si nuntia fama uenit:
Fama uenit, si grande decus superauerit illam
Ignatia interea uicerit omne decus:
Vicerit Ignatiam Deus: ergo huic dantur ab illo
Splendor, honor, nomen, gloria, fama, decus.

Luís Canelo de Noronha.

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia
que renunciando às pompas do Século se
sujeitou aos rigores de uma clausura.

SONETO

Maduros frutos de pomposas flôres
Produz Planta feliz para a Memória,
E no claro esplendor da sua glória
Alenta aromas produzindo olores.

Apurem-se os engenhos superiores
Em fazer aos vindouros mais notória
Esta resolução digna de história,
Este exemplo maior entre os maiores.

Descrevam Plínios gloriosamente
A alta Planta de eterna Luz vestida
Transplantada do Ocaso ao Oriente.

Digam que desta Sarça a Deus unida
Nos está convidando o fogo ardente
A seguir-lhe a chama, e a imitar-lhe a vida.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia
retirando-se a viver em um Convento.

SONETO

É prolóquio de todos recebido,
sem contradição, dúvida, ou falência,
que só no natural há existência,
e fora dêle a nada é permitido.

O que suposto; fica concluído,
quão penosa, e com quanta violência,
neste mundo teria persistência,
quem por centro o Céu tinha merecido.

Era a nossa Marquesa uma alma amante
de excelentes virtudes adornada;
Céu, é tôda a clausura, o mais brilhante:

É logo sem questão, que violentada,
no Século existiu, té que triunfante,
ao Centro passou, em que jaz colocada.

Do Licenciado Gervásio de Pilares.

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,
tomando o estado de Religiosa: segundo
Assunto da presente Academia.

SONETO

Atropelando os faustos da vaidade,
as honras demitindo da grandeza,
rompendo as uniões da Natureza,
desprezando os rigores da saudade.

De Gouveia a Marquesa alta Deidade
outro culto não quis, que o da pobreza,
a brandura trocou pela aspereza,
e deu pela clausura a liberdade.

Que efeitos não verá dignos de história?
pois do sangue que tem, vive esquecida,
pois do muito que foi perde a memória.

Ó Marquesa, hoje mais engrandecida,
se podes em ser nada a maior glória,
nesse deixar de ser tendes mais vida.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao mesmo Assunto.

ROMANCE

De Távora a luz flamante,
de Gouveia o Esplendor
para brilhar como Estrêla
a um Céu de Estrêlas passou.

Tem desprezado na Côte
ser Planêta entre outros Sóis,
despindo Raios humanos,
vestindo divino ardor.

Deixa o profano Hemisfério,
e na emprêsa que dispôs
busca de um Mosteiro a Esfera,
que é tôda constelações.

Do seu Brasão os Delfins
nadando em ondas deixou,
e Salamandra celeste
se abrasa a incêndios de Amor.

Na união do sangue rompe
os mais apertados nós,
por que as ausências triunfem
à custa dos Corações.

Em tão cruel despedida
nenhum suspiro soltou,
que quando resiste a Alma,
também emudece a voz.

Da Natureza, e Fortuna
tanto Estado, e tantos dons
pela humildade que preza,
tôda a pompa desprezou.

Despe os faustos da grandeza,
de um hábito se compõe,
e anelando o que há de ser,
nem se lembra do que foi.

Trocou os mimos em cruces,
tôda aos martírios se expôs
entregando a vida às penas,
a liberdade às prisões.

Não a obrigaram os anos
a tão grande extremo pois,
na Primavera da idade
tem louçanias de flor.

Em alguns lustros que conta
inda estão com atenções
em seus quilates o Garbo,
a beleza em seu primor.

Mas tudo cobre de um saco,
ó desengano, ó temor,
faça penitência a terra,
pois veste cilício o Sol.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Segundo Assunto.

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia a Senhora Dona Inácia Rosa de Távora que falecido o Excelentíssimo Senhor Marquês, ferida do sentimento, e do desengano, sendo môça, e formosa renunciou às pompas do mundo, e se dedicou a Deus em um convento.

SONETO ESPAÑOL

Hirió, Señora, el hado más esquivo
 Tu heroico pecho con su hilo agudo,
 Que a no ser tu Deidad tan fuerte escudo,
 Más allá se ostentara vengativo:

Pero si pudo su rigor activo
 Dividir el más fuerte, y dulce nudo;
 También su desengaño darte pudo
 Para nudo mejor el incitivo

A Dios consagra heroica tu cordura
 El lustre, la hidalguía, y la belleza,
 ; O discreta elección! ; Rara ventura!

Pues supiste elegir en alta empresa,
 El Adonis mejor a tu hermosura,
 El Monarca mayor [a] tu grandeza.

[*João Alv'res Soares*]

Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea
 post soluta defuncto coniugi parentalia,
 in Sanctimonialium Claustra se recipit,
 religiosam disciplinam sectatura etc.

EPIGRAMMA

Cessit ubi fatis, fueras cui nupta, Maritus,
 Deseris actutum pignora uiua Parens.
 Tecta recedentem sacra excepere, Tonantis
 Vulgus ubi Matri fundere uota solet.
 Quid petis obscurum, Clarissima Femina, tectum,
 Vilet ubi propriae gloria tota domus?
 Hic nihil offendes, nisi quod commune sepulcro est.
 An ne tibi tumuli pectora nuda metu?

Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea,
 post Illustrissimi Viri sui obitum, in
 Sanctimonialium Monasterio Deo se consecrat.

EPIGRAMMA

Nobilis ingenuo se Coniuge sensit ut orbam
 Faemina, Caelitibus Clastra dicata subit.
 Hic sua, seque Deo uouet ambitiosa placendi;
 Iurat et huic summa religione torum.
 Non erat humano rursus sponsanda marito,
 Quae fuerat soli nubere digna Deo.
 Hunc amat, huic cordis se uictima sacrat in ara:
 Pectora sidereus sub face uersat Amor.
 Sacro taeda Crucis de stipite facta iugalis;
 Et pro flammeolo Caelica flamma fuit.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimae Dominae Ignatiae Rosae de Tavora
 Se Monialium Syllabo adscribenti

EPIGRAMMA

Quae Rosa plantatur modo religionis in horto,
 Lysiacae pignus nobilitatis erat.
 Diues opum, regum de sanguine maxima proles,
 Ceraque, qua regnum non meliore tumet.
 Transtulit ad totum decus hoc ad clastra silentum;
 Sed laus sub tacita non manet inde Rosa.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea,
 post mortem Illustrissimi, ac Dilectissimi sui
 Coniugis, calcata Saeculi pompa, religiosis
 Claustris se mancipat in Monasterio de
 conceptae Deiparentis nomine appellato.

EPIGRAMMA

Mors simul illustrem tibi, Faemina; clara, Maritum
 Extulit, ad sacros confugis ipsa lares.

Non fuga te rapuit domui muliebris auitae;
Mascula sed uirtus, uotaque digna Deo.
Perge bonis auibus, Caeloque, Deoque Sacranda:
Partheniae felix incole tecta Domus.
Quod tamen obducis circum tibi tempora, uelum.
Non teget, at mores prodet ubique tuos.
Et tibi quaesitae famae hoc in quolibet orbis
Longe etiam dabitur uelificare plagas.

[*Sem indicação de Autor*]

7.a CONFERÊNCIA
DE 23 DE JULHO

Oração Acadêmica, que em presença do
Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de
Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil disse
o muito Reverendo Padre Mestre Rafael Machado
da Companhia de IESU Reitor do
Colégio da Bahia.

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César
de Meneses Vice-Rei, que foi da Índia, e Vice-Rei
atual do Brasil, Alferes-Mor do Reino Da Ordem de
Cristo, Comendador de São João do Rio Frio, e São
Pedro de Lomar, Do Conselho de Sua Majestade.

Obrigado, Senhor, não da ocasião nunca por mim imaginada ;
mas sim da veneração, e afeto, de que os Religiosos da Compa-
nhia, e eu particularmente sou devedor à Preclaríssima Casa de
Vossa Excelência, sai a público com êsses períodos extemporâ-
neos, e mal limados. Não era a minha tenção, que êles apare-
cessem por papel; porque não confio tanto da minha pena pri-
vada tantos anos do exercício Literário, que pudesse sair a pú-
blico com discurso, que pretendesse, não digo eu, só merecer
aceitação, mas ainda evitar alguma rigorosa censura. Conheço
que tôdas as artes, e ciências não exercitadas sempre produzem
partos imperfeitos; pelo que certo de que êle não terá a devida
perfeição, justamente me defenderei dizendo, que não quero ou-
tro aplauso mais que o de obedecer a Vossa Excelência, a cuja
proteção o ofereço, quando por tantos títulos o fêz seu. Colégio
da Bahia 20 de setembro de 1724.

Rafael Machado.

ARGUMENTO DA ORAÇÃO

Mostra-se, que o descobrimento, que os Argonautas Lusitanos fizeram do Brasil, verdadeiramente foi descobrimento nôvo, ainda que essas terras nos séculos passados fôsem descobertas por outras [nações].

Se foi sentença do maior Sábio, que debaixo do Sol, e com as Luzes do mesmo Sol nada se pode descobrir de nôvo; êrro se poderá julgar, ser matéria do meu discurso o sucesso de um nôvo descobrimento. (1) Mas ao tempo, que vacilam as Luzes do mesmo Sol, seguro vai, Excelentissimo Senhor, o meu discurso; quando no Céu desta mais lustrosa Academia eu, ou como estrêla errante, se o meu discurso incorrer esta censura; ou como estrêla fixa na obediência de seguir o impulso supremo de tão poderosa mão, me vejo arrebatado, e obrigado hoje a ostentar luzes. Não julgo, que estas sejam alheias das escuras sombras, de que me visto; mas caso que erradamente, e fora de merecimento. Jesuítico assim se julgasse; a minha confiança particular nesta ocasião justamente se defendia, dizendo que até uma escura nuvem animada com a atividade de um Sol, rasgando de noite com sonoras vozes as cortinas de sua clausura, tem licença para luzir. É o argumento desta em tudo esclarecida Academia dar a conhecer ao mundo com mais brilhante luz as ações Portuguezas pertencentes a esta nova Lusitânia. Pelo que desculpado ficará quem interessado nas glórias Portuguezas, não tendo tempo, nem lugar para a eleição, movido de Superior impulso, para não errar seguiu (ainda que de longe) o farol dos Argonautas Lusitanos, e a Luz dos Sapientissimos Acadêmicos, que o guiavam. Nem o farol se pode apagar; nem a luz se pode escurecer, sigamo-la.

Quis a Antiguidade elogiar o singular e nunca previsto engenho de um Dédalo, e admirando o estupendo de sua ousadia, quis lhe levantar estátua, não nas Pirâmides ou nos bronzes; porque esta glória era já ordinária a outros heróis de singular fama; mas para o distinguir dos mais, formou-lhe elogio no mesmo Céu escrito com as mesmas penas, com que rompeira os ares:

Daedalus, ut fama est, fugiens Minoia regna.

Prepetibus pennis ausus se credere caelo. (2)

Não se diminuiu a glória, ou fama dêste Príncipe com a notícia, que corria entre os mortais, de que um Mercúrio tinha por

(1) *Nihil sub Sole nouum, nec ualet qui quam dicere: ecce hoc recens est; iam enim praecessit in saeculis quae fuerunt ante nos. Eccles. C. 1, v. 10.*

(2) *VERG., Eneid., VI.*

exercício ordinário armar-se todo de asas para discorrer o Céu, e penetrar as estrélas. Não só nos ares, aonde beberam os ventos; não só nas estrélas, com cujos novos aspectos não se intimidaram; mas nas mesmas inchadas ondas se lê a maior glória dos Portuguezes, de que com ousadia nunca vista discorreram por mares nunca dantes navegados. (3) Mas se Mercúrio não diminuiu a glória de um Dédalo, nem lhe pleiteou os aumentos de sua fama; não palpítara o coração Português, no receio, de que com divinos impulsos já nos séculos, e primeiras idades do mundo houvesse, quem levantasse suas bandeiras nos mesmos mares, e quisesse esculpir seu nome nas mesmas ondas, a que elles escrevem o **Nunca dantes navegadas**. Defender esta glória da nossa pátria, e amada nação é hoje o térmo da minha já atenuada pena, a quem a falta de exercício fêz pesada e desprezada para remontados vôos. Será a decisão da presente controvérsia prelúdio a uma especulação de maior empenho, em que intento examinar os fins, por que a providência divina dilatou para o Século dos nossos Argonautas o descobrimento da vastíssima, e nobre parte do mundo, que habitamos. Já manifestei, que a eleição da matéria não foi minha; os Sapiéntissimos, e Eruditíssimos Senhores Acadêmicos com as correntes de ouro de sua eloquência, como melhores Hércules, não das antigas Gálias, mas da nova Lusitânia, me arrebataram, não só a vontade, mas também o entendimento para seguir seus passos, para de longe os adorar, não metendo a mão em seara alheia, (4) nem interrompendo o fio da parte, que cada um segue com inimitável estilo. É o meu intento participar luzes, e nem por sombra interpor sombras.

A maior dificuldade, com que encontra a glória Portuguêsa, ponto fixo do meu discurso, é a Sentença de Salomão, que logo no princípio me deu de repente com o Sol nos mesmos olhos, e me quis cegar o entendimento com a enchente, e atividade de tantas luzes. Mas ainda que em mim a defesa da Causa Portuguêsa seja própria, nesta ocasião não ficarei cego; mas sim irado, e inflamado do calor Português usarei dos mesmos raios para a peleja, e retorquerei contra Salomão, como granada flamante, o mesmo Sol. — Argumento assim — Quando Salomão olhou desde a altura do Sol para o baixo, e superfície da terra, podia também lançar os olhos, como perfeito Matemático, desde o Sol para o mais alto dos orbes celestes; e veria, que nesse dilatadíssimo teatro tinham aparecido, como figuras de singular ostentação, novas estrélas muito depois da criação das

(3) CAMÕES, Cant. 1.º.

(4) *Longe sequere, et uestigia semper adora. Statio Th. 12.*

primeiras; e se Salomão, por escusar tubos óticos, quisesse lançar os olhos para perto do mesmo Sol, veria, que a estrêla de Vênus (5) sem detrimento de sua formosura, com novidade notória a todo o mundo, mudou a grandeza, forma, e o compasso de seu passeio, no ano da criação do mundo de 2318. Logo se acima do mesmo Sol podem acontecer novidades, por que não acontecerão também estas debaixo do mesmo Sol? Por que não será êste influxivo também dêste nôvo gênero de produções? Logo podia a nação Portuguêsa obrar ações novas, e muito luzidas debaixo do Sol, e tão luzidas, como a luz do mesmo Sol.

Mas já estou vendo, que a esta minha paridade sem perturbação da majestade se arma Salomão da agulha náutica, e pensando com o astrolábio o mesmo Sol, com que o acometi, me diz que a prova do seu principio é o testemunho de todo o mundo; e que por ser Rei tão pacífico, não quer armar guerra ao nome, e glória dos Portuguesees; mas conservando com êles a mais política correspondência, sem ciúmes de guerra inundará com frotas os seus mares para conduzir no seu regresso, ou para mostrar aos Portuguesees os tesouros, que nas futuras idades hão de gozar. Vêde, Portuguesees, (diz Salomão) como as minhas frotas gemendo com o péso do ouro e da prata, receando ser soçobradas das vossas ondas, e dos vossos mares buscam as colunas de Hércules para por aquêlê estreito buscar o pôrto de Joppe, e Ascalom povoados na Palestina antes do universal dilúvio. (6) Vêde as preciosas madeiras, que já fazem ricos os incultos matos, e que por hora basta, que sirvam ao templo do mesmo Deus, e à estupenda magnificência do meu trono, e palácio, e algum dia serão desprezo, e andarão por debaixo das plantas Portugueseas. Vêde, que também as mesmas frotas vêm conduzindo aquêles animais, na figura mais semelhantes aos mesmos homens, e tão ridículos no gesto, que não são bastantes as pesadas correntes, para lhe introduzir a mínima sombra de tristeza, ou sentimento. Vêde nas aves conduzidas retratada a figura do Celeste Iris, cujo galanteio será algum dia publicar em estudado idioma, que vão Para Portugal; se não credes (diz Salomão) o que vos mostro aos olhos, algum dia lereis escrito nas histórias Portugueseas, que já meu Pai Davi anhelando levantar a Deus um magnífico templo, lançara na mesma derrota suas armadas, sendo de uma delas General Ioab, um dos maiores Heróis; que mais feliz fôra, se por meus justos decretos, sem lhe

(5) BEROSO citado por MÁSCULO.

(6) *Non sunt allata huluscemodi ligna thylina, neque uisa usque in praesentem diem.* III Reg., 10, v. 12.

valer a imunidade, (7) não morrera rubricando com seu sangue a espada da justiça no mesmo templo. (8) Êste Ioab, consta que junto às colunas do mesmo Hércules para riscar o **Non plus ultra**, (9) exarou nos nativos mármoreos caracteres, que nas vindouras idades publicassem, que por ali passara e para mostrar ao primeiro Conquistador, que não era ali o fim do mundo; e que **Plus ultra** se podia escrever por história do presente, a profecia do Feliz e Maior Carlos. Os tesouros, que meu Pai Davi ajuntou para as despesas do templo; os que em seu Mausoléu sepultaram os Hebreus, (10) e ao depois se descobriram com admiração do mundo todo, foram primícias, que ao mesmo Céu ofertou o Brasil, reservando o principal para em inumeráveis frotas de dilatados séculos perpetuar os tesouros dos Monarcas Lusitanos, representando-se em meu Pai Davi a piedade de um Pedro Segundo, a quem succederam para retratar a majestade das minhas ações, e o empenho do Divino culto um Monarca, que com o nome Augusto de João o Quinto poderá servir de coroa às felicidades de seus gloriosos ascendentes. Se os olhos Portuguezes, ou cegos de paixão, ou alucinados com as felicidades, que lhe predisse, quizerem duvidar do que lhe estou representando, só por conservarem a glória de muitos descobridores, poderei convencê-los com autores tantos, que o alegá-los seria levantar uma tormenta em os mares Portuguezes, e não bastariam as mesmas frotas Lusitanas para carregar tão lustrosos, e eruditos caracteres. Mandarei, que em lugar de todos seja no vindouro tempo lido o eruditíssimo Jesuíta Pineda, no qual, e na citação dêsses autores se julga, que o mundo achado pelos Portuguezes, era o mesmo, que foi penetrado pelos habitadores da Palestina. (11) Não havendo dificuldade, em que êstes ou saíssem do pôrto de Suez pelo Mar Vermelho, e passando o Etiópico Oriental, dobrassem o cabo, aonde os Portuguezes contra os terrores das adversidades, dos Céus, e dos elementos levantarão feliz padrão de suas esperanças.

Dêste promontório buscaram as minhas frotas os portos, que algum dia serão ilustrados com o nome do Salvador na parte Oriental do Brasil: outras frotas dobrando a parte mais Austral da mesma terra, passarão ao mar, que por ser Pací-

(7) Vide EMAN. [MANUEL] FARIA E SOUSA.

(8) III Reg., c. 2.

(9) ALCIDES — *non plus ultra in suis metis inscriptit: Carolus V easdem metas inscripto — non plus ultra gestabat.*

(10) Vide PADRE POMBY.

(11) PINEDA, fôlhas 214 e 215.

fico (12) pareceu protestar o meu domínio, e o meu nome; e até na palavra **Peru** se lerá a Língua Hebraica **Peruaim**: e no nome Brasil trocado pela felicidade da Cruz se conhecerá, que esse vocábulo não significa alguma celebrada madeira; mas é puramente da língua Hebraica **Brezilium**, como se verá no mesmo Pineda no lugar citado.

Outras frotas saíram dos portos do mar Mediterrâneo fazendo a mesma navegação, e saindo do Oceano Ocidental passando a vista das Fortunatas formaram prognóstico às fortunas dos Portuguezes, que das Hespéridas levaram os dourados pomos por tôdas as suas Conquistas. E para prova de que esta ciência náutica durou por dilatados Séculos, meus netos Iosapha, e Ochosias, a tornarão a empreender, pôsto que com infeliz fortuna. Também não faltará autor que diga, que para se fabricar a Arca do testamento na forma que diz o texto — **Arcam de lignis setim compingite** (13). Servirão as madeiras daquelas terras; o que melhor conhecerão nos vindouros tempos os Jesuítas por seu instituto versados na Língua Brasilica; porque lendo-se no Sagrado texto — **de lignis setim compingite** —, o idioma Brasilico com quase nenhuma diferença de **Ybirápenim**; porque a palavra **Ybyra** significa **lignis**, **openim** só com duas letras diferente do **setim** significa **pintado**; porque são tão miúdas, multiplicadas, e vivas côres do tal pau, freqüente nas partes Setentrionais do Brasil, que parecem não feitas pela natureza, mas artificio da pintura; e porisso digníssimo o tal pau da primeira estimação. O que mais se declara com o verbo **compingite**, que neste lugar é expresso comento da palavra **penim** dizendo Deus a Moisés naquele texto, que lhe fizesse Arca de pau pintado, não porque fôsse pintado, mas porque as côres preciosas, e os embutidos o faziam parecer pintado. Donde se vê não ser maravilha, que o mesmo Deus escolhesse o precioso das madeiras Brasilicas para a construção da Arca, em que na terra pôs o trono de sua glória. Nem se impugna esta intelligência, dizendo, que **setim** era certa parte da terra de Moab conquistada pelos Hebreus; porque bem podiam as nações, que faziam as entradas do Brasil, por serem versadas na Língua Hebraica, pôr os mesmos nomes às terras que descobriam, do modo que praticarão algum dia Castelhanos, e Portuguezes. Nem podia haver dificuldade em que estas madeiras séculos antes das minhas frotas (continua Salomão) fôsem conduzidas pelos Tírios e Sidônios dominadores de todos os mares, e que para reparo de suas armadas tinham levantado as Colônias de Cartago, e Cádiz no meio da

(12) SALOMON, *id est*, PACIFICUS.

(13) **Exod.**, 25, v. 10.

carreira de sua navegação; com as quais Colônias conservaram seu grande comércio por tôda a Bética, e Turdetânia, em que já florescia a famosa Évora, cujas águas algum dia de prata convertendo em história a fábula de Alfeu, romperão o Oceano Atlântico para fertilizar com caudalosos rios de eloquência as terras, que hoje se lamentam Bárbaras, e incultas.

Também é certo, que aos Romanos algum dia o tempo mostrará a facilidade, com que dos mares da Ásia navegarão os piratas de Silícia a inquietar todo o mundo; e para os castigar, os cercará o Grande Pompeu (como referirá o melhor historiador Latino Lúcio Floro) (14) impedindo-lhe no estreito de Cádiz o fugirem êsses piratas para o Oceano Ocidental. Nem os instrumentos da agulha, e astrolábio foram ignorados às minhas frotas; assim como nunca os ignoraram os povos Orientais da China, e outras nações; nem faltarão estas notícias nas Matemáticas de Ptolomeu, (15) e destas nações se restituirão estas ciências na Europa, que as perderá com outras muitas artes, por causa do furor da guerra, e inundação das bárbaras nações. Logo de todo êste discurso com Luz mais evidente, que o mesmo Sol se conclui, que nada há de nôvo debaixo do Sol, e que a glória Portuguêsa não foi singular, e que não foi nôvo o seu descobrimento.

Assim expendeu o maior Sábio as suas razões; as quais são tão evidentes, que mostram que foram expostas, quando estava em o maior vigor de sua glória, e de seus acertos; muito antes que os anos, e a cegueira o fizessem caducar, e tropeçar arrastado dos animados ídolos, que lhe dominaram o coração. Mas não obstante a fôrça destas razões, ficará firme a verdade, e glória Portuguêsa; nem temo que esta se possa escurecer, quando com Luzeŝ somos acometidos. Foi casado El-Rei Salomão com a Princesa do Egipto filha de El-Rei Faraó; a esta Princesa darei por testemunha do meu argumento; se Salomão não se render à verdade, render-se-á ao afeto, e autoridade de sua espôsa. Sabe esta muito bem, que na sua pátria costumava em certos tempos na Cidade de Eliopoli no templo dedicado ao Sol aparecer aquella celebrada ave, que chamaram Fênix, a quem as mais aves vinham aplaudir, em parabém (sic) de seu reptido nascimento; o que elegantemente descreve Claudiano:

**Sic ubi faecunda reparauit morte iuuent [am],
Et patrios idem cineres, collectaque portat
In quibus ossa piis, Nilique ad litora tendens
Vnicus extremo Phoenix procedit ab Euro.**

(14) Vide LUC. FLORO.

(15) Vide PINEDAS.

Conueniunt aquilae, cunctaeque ex orbe uolucres;
 Vt Solis mirentur auem: procul ignea lucet
 Ales, adorati redolent cui cinnama busti.(16)

O que pôsto, argumento nesta forma — A Fênix foi formada por Deus, quando formou as primeiras aves; e não obstante esta antiqüíssima antigüidade, não é antiga; porque sempre é nova, e bastam as cinzas do Sepulcro, e os fumos daquela pira para sepultar em esquecimento a antigüidade. Tão ativas são as novas chamas para dar lustre, e novas côres àquelas penas, e fazer que perfeitamente seja sempre nova: Logo também ainda que tantos anos antes existisse a navegação dos Tírios, e dos Vassallos de Salomão, estando esta totalmente sepultada nas cinzas, e tristes sombras do esquecimento, ficará a navegação Portuguesa sendo em todo o rigor coisa nova, e muito nova debaixo do Sol. Do contrário se diria, que também a navegação de Salomão no tempo do mesmo Salomão era já coisa muito antiga; porque muitos anos antes por espaço de humano tinha Noé naquela tormenta, em que naufragou todo o mundo, navegado sem ver Sol, nem estrêlas, sem velas, nem remos, sem marinheiros, e pilotos, a descobrir terra para encalhar, e perder sua nau, não nas praias, mas nos altos montes de Armênia; (17) sendo desta sorte o último prosador do mundo velho, e o primeiro descobridor, e povoador do mundo nôvo. E como as aves foram as que ensinaram aos homens a navegar, podia se dizer, que aquela pomba, que depois do dilúvio mostrou terra, já antes desta viagem, e já desde o princípio do mundo quando andava sôbre as águas, mostrava os rumos, os altos, os baixos para a navegação. E também se poderá dizer sem o devido fundamento, que o primeiro descobrimento de terras foi o que Deus como causa particular fêz no princípio do mundo, quando mandou separar as águas, e que apparecesse a terra — **Appareat arida.** (18)

O segundo argumento que faço contra Salomão, é que para uma coisa ser nova, e chamar-se em todo o rigor nova, basta que esteja totalmente depois de sua primeira existência esquecida. Vê-se isto claramente nas modas do vestir; e a melhor prova são os Portuguezes. O trajar dêste tempo, sendo moda nova, já algum dia foi deixado por velho. As baixelas, os manjares, e seus nomes também são novos; porque até nos gostos faz a imaginação novidade. Nas palavras, quem a poderá negar? Já antigamente o confessou o Mestre da Poesia: (19) **Multa**

(16) CLAUD., *Carm.*, 22.

(17) *Genes.*, C.8, v.4.

(18) *Genes.*, C.I, v.9.

(19) HORAC., *Arte Poet.*

renascentur, quae iam cecidere, cadentque. E na nossa Língua Portuguesa vemos, que o que algum dia se significava com a palavra Extravagante, hoje é Acróstico, o que algum dia era favor, ou benefício, hoje se chama Galantaria. E galantemente se pôs a Língua Portuguesa em estado, que se ressuscitasse o Padre Bento Pereira, não usaria da sua Prosódia; mas pegaria do Lexicon para entender os seus Portuguezes, julgando que são Gregos: ou assustado se lamentaria cuidando, que os Arabes tinham segunda vez bebido todo o Tejo, e o pátrio Guadiana todo. Eu não reproveo estas novidades, mas consolo-me com Agésilau Rei de Lacedemônia, o qual sendo já velho, ouvindo a um zeloso queixar-se da corrupção, e modas novas dos costumes pátrios respondeu, que já seu Pai sendo velho, lhe fizera a mesma queixa, e que também lhe afirmara, que a mesma tinha ouvido a seu Avô, em tempo que êste pelo dilatado dos anos se conheceu dispensado na brevidade dos períodos de sua Pátria. Pelo que sendo êste mundo teatro de novidades, sendo não plano, como antigamente cuidou Lactâncio Firmino, (20) e hoje erradamente cuidam os Brâmenes Malabaricos; mas esférico, necessariamente não se demover as coisas em uma perpétua roda, e volubilidade, e o que em outro tempo foi já velho, necessariamente torna em todo o rigor a ser nôvo. Só o Sábio, que com a vista compreende tudo (em êste sentido concorda comigo Salomão) está livre de julgar as coisas por velhas, ou por novas; porque tôdas têm ao mesmo tempo presentes — nouitas namque omnia, quae sint, quae fuerint, quae mox uentura trahantur. (21)

O mais perfeito Ieroglífico de um sábio foi Jano, não aquêle fingido com duas frentes, mas o que outros mais advertidos fingiram com quatro; porque não basta ver para a cautela o inimigo pela frente, e pela retaguarda; quando êle pode acometer pelos lados. Não quero todavia, que o meu Jano tendo quatro faces, tenha quatro entendimentos, e quatro línguas; há de ter um só entendimento, e uma só língua; para que não fale para o pólo Ártico umas palavras tôdas frias coaleando-se como viborra enregelada; outras para o Antártico exalantes de fogo, que excitam incêndios: umas para o Nascente tôdas claras, tôdas luzes; outras para o Ocidente tôdas trevas, e origem de confusões.

É também Jano Ieroglífico do Sol, que ao mesmo tempo incansável ilustra todo o mundo, e de um perfeito, e ciente Príncipe, a quem não há sucesso, que se possa ocultar. E para que não mendiguemos exemplos nas nações estrangeiras, sabemos

(20) Lib 3.º, Divin. instit. c 23.

(21) VERG., Georg. 4.º

que aquêlê grande Rei (porque reinava só) Dom João o Segundo advertindo de certo descuido a um dos Cavaleiros, que em Palácio lhe assistiam, e corando êste o seu êrro dizendo, que não julgava pudesse ser visto do seu Rei naquella ocasião; êste lhe respondeu — que os Reis não tinham avêssô, nem direito; para tôdas as partes eram Argos, para tôdas Sol despedindo Luzes, para tôdas Janos, não só de duas, mas de quatro faces.

Para prova pois do meu intento ponhamos ao nosso Príncipe, ao nosso Sábio, ao nosso Jano na Linha Equinocial, lançando os olhos para tôdas as quatro partes do mundo; e como está na linha, não será novidade, que em alguma ocasião se veja totalmente cego, vendo-se cercado com espêssas nuvens, e fulminado dos raios, combatentes ordinários daquelle clima. Aos poucos todavia se vão desfazendo as nuvens de uma parte, e lá descobre Jano todo o Oriente; apartam-se da outra parte, e já descobre todo o Ocidente, e por fim pelos últimos dois lados apartou-se tôda a tempestade, e triste noite. Nesta suposição assim como o conhecimento das regiões não foi mais nôvo, nem mais antigo, senão conforme a dilação, que houve em se desfazer o escuro daquela triste nuvem; assim também para um Sábio nada há de nôvo, senão em se apartar a nuvem do esquecimento. Que importa ter acontecido esta, ou aquella navegação? Se o esquecimento já a sepultou? o renovar-se é acontecer totalmente de nôvo, e existir como se nunca tivera existido. Neste sentido nada há de nôvo debaixo do Sol. Há guerras, sempre as houve; há terremotos, sempre os houve; há calamidades, sempre as houve; mas não obstante o terem já acontecido, nem porisso deixam as calamidades, os terremotos, as guerras de ser rigorosamente novas, e esta novidade não negará Salomão à navegação dos Portuguezes, e a seus descobrimentos. Não ficarão êstes antiquados no entendimento de Salomão, e dos Janos, ou dos Sábios, que como Salomão a nada do que passou, passa, ou há de passar, admitem sombra, ou nuvem, com que se haja de esconder — **nouit namque omnia, quae sint, quae fuerint, quae mox, uentura trahantur.**

Finalmente o último fundamento, por onde o descobrimento do Brasil é unicamente Português, e glória singular dos Portuguezes, é porque o Brasil ainda que antigamente fôsse pôrto das naus de Salomão, no principio, e progresso das nossas Conquistas pôrto das armadas Portuguezas, não foi ainda perfeitamente descoberto; ainda há muito que mostrar nêle de nôvo ao Sol, contra o acêrto de Salomão. Ó que projeto é êste para os vindouros! que anúncio para os Monarcas de Portugal! O nosso descobrimento, o nosso entrar, o nosso possuir não é outra coisa, senão guardar as portas, e chaves dos tesouros, que os

vindouros hão de possuir. E nisto mesmo está a maior grandeza do nosso Brasil. Assim como a presença diminui a fama do que sendo ausente se descobre, — *minuit praesentia famam*; assim os bens humanos conservam a grandeza, e estimação em quantos se consideram futuros. É sentença expressa do melhor Lívio Jesuíta, Estrada: — *humana omnia reperiuntur plerumque minor, dum possidentur, quam dum optata finguntur.* (22) Ainda lá nos Campos Elísios seguindo Vergílio a Filosofia de Pitágoras, vendo as almas de certos Heróis, as considerou de mais lustre, e mais dilatada, e excessiva esfera, enquanto as considerou futuras — *ingentes animas, nostrum que in nomen ituras* (23) —. Conheceu que no tempo futuro havia de haver um César, que não cabendo com vitórias em todo o mundo, havia de ser tão humano, que na ordinária estatura não excedesse as medidas perfeitíssimas da natureza, e aborrecesse os monstros, que por agigantados eram horror da mesma vista. Mas em que Vergílio considerou essa alma de César futura, como futura, ainda a julgou maior, que o mesmo mundo, e capaz de animar, e ilustrar muitos mundos, e porisso proporcionada só ao corpo, e coração de um César: —

Ingentes animas, nostrum que in nomen ituras.

Tal é a grandeza, tal a felicidade dos bens, que se consideram futuros, e por esta razão sempre maiores, que os bens que se consideram presentes. Que criatura houve mais feliz, e mais dotada de bens, que aquela que dizia — *Ascendamsin caelum, super astra Dei exaltabo solium meu, se debo in Lateribus Aquilonis, similis ero Altissimo!* (24) De ponto sobe agora o meu argumento, pois vai contra quem foi mais sábio que Salomão. Demônio infeliz, não estás tu já sôbre as estrêlas? não as tens debaixo das tuas plantas? não habitas já no mesmo Céu? não tens já um altíssimo trono? não és perfeita imagem de teu Criador? quem o duvida? pois como dizes, que tudo isso hás de ter, como quem ainda o não tem? *Ascendam, exaltabo, sedebo, similis ero?* A desgraça estêve, em que o bem possuído atualmente ninguém o conhece, só o futuro parece grande. Cegou-se o Demônio com a sua felicidade presente, e já possuída; não conheceu o seu bem; viu-se naquela altura; padeceu tal vertigem no entendimento, que não se podendo ter, precipitado se despegnou: sendo o primeiro cometa caudato, que despegado do Céu, como matéria corrupta, arrastou trêmulas tão grande parte de

(22) ESTRADA, *De Bello Belgico*.

(23) VERGIL., *Eneid.* VI.

(24) ISAIAS, c. 14., v. 13.

estrêlas verdadeiramente errantes, para no centro escuro da terra as sepultar em luto, e tristes sombras. Mas, o que mais é para sentir, que achando-se na terra, fôsse o primeiro heresiarca, que enganou aos primeiros habitantes do Paraíso, prometendo divindades também futuras — *eritir sicut Dii*, (25) para que perdesse tôdas as felicidades presentes com o mesmo Paraíso. Podendo dizer-se de um, e outro — *cum in honore esset, non intellexit*. (26) Tanto apetezem os homens o futuro, tanto desprezam o presente! Não é o presente do Brasil possuído para desprezar; gloriam-se as nações inimigas, ainda infiéis, de que logram os nossos tesouros por nós desprezados, e de que são os Portuguezes jamais conhecidos por todo o mundo pela cruz da moeda, que pela cruz da espada. Já o nosso néctar é desprezado; porque a cólera Portuguêsa não tempera o fel, com que os inimigos da fé se entisicassem, e, perdidas as fôrças, fôssem levados mais suavemente à sepultura.

Mas alegrando o discurso, não me contentando com o descobrimento passado em tudo nôvo, digo contra Salomão, que ainda há de vir outro mais nôvo: o meu Jano assim o descobre; já promete diamantes, rubis, e esmeraldas, para que não se perdendo os tesouros antigos, se vejam os novos reduzidos a compêndio. Então se descobrirá a felicidade do Paraíso terrestre, que a doutíssima pena do Padre Simão de Vasconcelos antigamente habitador das paredes, em que moro, em tratado particular provou que estava no nosso Brasil, e por desgraça não viu a luz do prelo. Ó se então se descobrião os frutos daquela ditosa árvore, com os quais achou o grande Padre Antônio Vieira confusas notícias no Grão Pará Rei das águas, que umas nações renovavam as fôrças, e afugentavam a velhice! Tal é êste paraíso, e de tantas felicidades, que em todo o rigor hão de ser novas debaixo do Sol, hão de perpetuar, e dar nôvo descobrimento aos Portuguezes. Mas quando considero no nosso Brasil o paraíso, consolo-me, que tem Querubim, que com a espada de fogo de sua justiça, inteireza, e retidão o defende, e o guarda por império de seu supremo Monarca. A ninguém virá ao pensamento pelejar contra a espada de fogo dêste Querubim; seguros estão os muros do nosso paraíso.

Porém ao tempo que vejo os muros do nosso paraíso livres do cuidado, de que possam ser acometidos; parece-me, que pode haver quem meneie a espada contra êste meu discurso, e diga que empenhando-me eu em defender a glória dos Portuguezes,

(25) *Genes*, 1.º v. 5.

(26) *Salm.*, 48, v. 21.

me esqueci da própria; e que por mais que me quis armar com o Sol, na realidade tôdas as Luzes, com que saí, ou são diminutas, ou ao menos são uns rejectos, que por não terem a devida estimação foram coisas deixadas pelos Sapientísimos Acadêmicos na formação dos seus discursos; e que por esta razão mal posso eu ostentar luzes neste teatro da Sabedoria aparecendo com o que pelo menos precioso foi deixado, e desprezado. Ao que respondo, que logo no princípio do meu discurso protestei que vinha a participar luzes, e não a comunicá-las. Além de que como usei contra Salomão do mesmo Sol, êste mesmo me servirá para defender o acêrto do meu discurso. Que coisa é o Sol, senão um agregado de muitas luzes? Estas luzes eram aquelas, que antecedentemente andavam espalhadas, e como desprezadas pelos ares; mas essas espalhadas, e desprezadas, agora juntas, ordenadas, e compostas fazem um Sol, fonte e origem de tôdas as luzes; sem que haja quem contra êsse Sol possa despedir setas, sem que incorra a censura de demência.

**Stulte, quid in caelu toto inania spicula iactas;
Namque meum Solem nulla sagitta ferit.**

Fôssem embora os argumentos, com que se ordenou êste meu discurso, relíquias desprezadas, e deixadas pela erudição dos Sapientísimos Senhores, a quem sumamente venero; glória sua, e minha será também, que o Sol, que me deu o argumento, fôsse formado de tais luzes. Nem será maravilha, que fora dêsse Sol fiquem pelo Céu ainda espalhados alguns corpos, ou estrêlas luminosas, que juntas possam formar outros corpos iguais na grandeza, e na Luz ao mesmo Sol.

Mas já é tempo, de que o Sol de Salomão recolha as suas luzes, confessando a novidade do meu, e do nosso descobrimento. E porque é mais difícil algumas vêzes colhêr as velas, do que soltá-las, o meu intento (suposto o que tenho dito) era examinar as razões naturais, políticas, e ascéticas, porque a Providência divina dilatou tantos anos o nosso descobrimento. Não me foi possível chegar a êste lugar; porque é mais fácil às vêzes dizer muito, do que dizer pouco, e talvez as notícias, que algum dia tinha juntas nas fôlhas dos livros andem espalhadas nas fôlhas dos matos — *Rapidis ludibria uentis*. (27) Nestes matos, e montes remontados do Parnaso não só entre Faunos, e Silvestres Sátiros, mas entre Tigres mais ferozes que os de Hircânia me desconhecia; pelo que se alguém julgar o estilo digno do Parnaso desta Academia, saiba que foi elevação do Soberano impulso, que da sepultura, em que estava, milagrosamente o resuscitou.

Conferência de 23 de julho

Ao Presidente

Foi Presidente o Reverendo Padre Salvador da Mata Jesuíta; e por não poder vir, o substituiu o Reitor do Colégio o Reverendo Padre Rafael Machado.

In laudem Praesidis sapientissimi.

EPIGRAMMA

Alloquitur Academia ad Praesidem

Defecit Praeses, quo deficiente fuisti

Praesidis auxilium, praesidiumque meum.

Quam bene defectus hos supple, atque mederis!

Non esses Raphael, ni medicina fores.

Tu Saluator ades mihi certo, Macte triumphans,

Et Saluatori certo redemptor ades.

Secretário.

[José da Cunha Cardoso]

Ao Engenhosíssimo, e Religiosíssimo Presidente da presente Academia o muito Reverendo Padre Rafael Machado da Companhia de IESU Reitor do Colégio da Bahia.

EPIGRAMMA

Não errou, douto Prelado,

antes discreto acertou,

quem em pôr-vos atinou

sobrenome de Machado.

De vós não; do nosso fado

devemos todos queixar-nos;

pois para mais deslustrar-nos,

do mesmo lustre quis q'esse

vosso Machado viesse

tôda a esperança cortar-nos.

*Salvador Piza de Carvalho e
Albuquerque.*

Ao muito Sábio, e Religioso Presidente o
 Reverendíssimo Padre Rafael Machado da
 Companhia de IESU Reitor do
 Colégio da Bahia.

EPIGRAMA

Esse engenhoso argumento,
 que aqui hoje discursastes,
 foi prisão com que arrastastes
 todo sábio entendimento.
 E tanto a nosso contento,
 mui reverendo Prelado
 se esgrimiu êsse Machado,
 que duvido alguém se achasse,
 que por êle não ficasse
 de pura inveja rachado.

*Salvador Piza de Carvalho e
 Albuquerque.*

Ao Facundíssimo, e Religiosíssimo Presidente
 o muito Reverendo Padre Rafael Machado
 Reitor do Colégio da Bahia.

EPIGRAMA

Representar só podia
 (sem fazer aos mais afronta)
 Oração de tanta conta
 sujeito da Companhia.
 Quando eu soube, que a fazia
 o muito sábio Reitor
 temos, disse, hoje Orador,
 de quem a nosso pesar,
 ser devemos confessar
 entre os mais superior.

*Salvador Piza de Carvalho e
 Albuquerque.*

Ao Sapiientíssimo, e Religiosíssimo Presidente
o muito Reverendo Padre Rafael Machado
da Companhia de IESU Reitor do Colégio
da Bahia.

EPIGRAMA

Nessa engenhosa Oração
tudo se achou: sutileza
arte, discurso, clareza
frase, estilo, erudição.
Chamaram-vos com razão,
Rafael, douto Prelado;
pois hoje assaz tem mostrado,
com quanto merecimento
é o vosso entendimento
por de um Anjo reputado.

*Salvador Piza de Carvalho e
Albuquerque.*

Ao Argutíssimo, e Religiosíssimo Presidente
o muito Reverendo Padre Rafael Machado
da Companhia de IESU; Reitor do Colégio
da Bahia.

EPIGRAMA

Hoje acabei de entender,
que, se bem feito ao machado
pode ser mui delicado
qualquer discurso a meu ver.
O vosso assim veio a ser,
Sábio Prelado. Apostou
mostrar, como já mostrou
ser vosso Machado agudo:
quis levar ao cabo de tudo
de uma só vez, elevou.

*Salvador Piza de Carvalho e
Albuquerque.*

RAPHAEL, IDEST, MEDICINA DEI. DISTICHON

Caesar Apollineo, te inuento, gaudet honore.
Quid mirum Raphael? si es Medicina Dei.

De Francisco Xavier de Araújo.

Reuerendo admodum Patri Raphaeli Machado,
Collegii Bahiensis Meritissimo Rectori,
Brasilicanae Academiae electo Praesidi, ad
omnium uotum, ac Spem in eadem
Academia peroranti.

EPIGRAMMA

Esse quid hoc dicam, Vates (1) quod habere
[Patronum (1)
Plurimus, o Raphael, (1) te modo quaeret (1)
[ouans?
Quodque nouem plectris chorus (2) undique
[Nomen (2) anhelat, (2)
Cognomen (3) quod amat (3) Castalis (3)
[unda (3) tuum?
Praeside sub tanto Vates, (1) Chorus, (2) Vnda, (3)
[Patronum, (1)
Nomen, (2) Cognomen, (3) quaerit, (1)
[anhelat, (2) amat, (3)
Carlos de Azevedo.

Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae
Praesidi.

EPIGRAMMA

Ergo quid in causa est, tanto quod Apolline
[gaudent
Castaliusque liquor, Castalidumque chorus?

-
- (1) alludit ad Tobiam Vatem, cuius dux, ac patronus Angelus Raphael.
(2) alludit ad Choros Angelorum, quorum nomen uni Raphael.
(3) alludit ad prouerbium natum ab Apologo Aesopico — Non semper fluuius fert secures.

Praeside quod tanto, quod Praeside denique tanto,
 Plurimus altiloquo personat ore Maro?
 Castaliis et aquis, et acumine Nominis alti
 Et Chorus, et Vates exacuendus erat.

Carolus de Azevedo.

Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae
 Praesidi.

EPIGRAMMA

CEDITI ROMANI, ORATORES CEDITE
 [GRAECI;

Ingenii maior nam modo surgit Apex.
 Scilicet eloquio Raphaelius intonat alto,
 Quanto non potuit Tullius ore loqui;
 Dona Cerebrigenae non inficianda Mineruae
 Doctus, et ingenuas pandere mentis opes;
 Quo, uelut annoso Tritonia Nestore sedem,
 Mallet et ad cumas cuius habere caput.

Carlos de Azevedo.

Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae
 Praesidi.

EPIGRAMMA

Duxit Idumaeum deserta per auia uatem
 Aligerum Raphael gloria magna fori.
 Duxit Ameriacos uates per tesqua diserta
 Aonidum Raphael laus bene nota choro.
 Caetera conueniunt: dispar sed munus utrique;
 Alter Mercurius, noster Apollo fuit.

Carlos de Azevedo.

Em louvor do muito Reverendo Padre Reitor
 Rafael Machado Presidente da Academia.

SONÊTO

Um rio de eloquência vai correndo
 Pelos agudos fios de Machado,
 Que no Filosofar pedra aguçado
 Os fios ao discurso vem tecendo,

As riquezas de Palas revolvendo
 No Sábio calhau sempre encantado.
 Que agora descoberto, e agora achado
 As vêzes de rebôlo está fazendo.

Digno Machado só de cortar Louro,
 E só frondentes ramos de Oliveira,
 Para verdes coroas da cabeça:

A quem Apolo só dê fios de ouro
 E a textrice (sic) Irmã com mão ligeira
 Ao redor das fontes lhe enterteça (sic).

Carlos de Azevedo.

Ad Reuerendissimum Patrem Magistrum, et
 colendissimum Dominum, Raphaelem
 Machado, collegii societatis IESV Rectorem
 Emeritissimum, suum olim comilitonem
 in Dissertationibus Philosophicis, nouiterque
 Socium in Magisterio praeclarissimae
 nostrae Academiae.

EPIGRAMMA

Te mihi pugna dedit Sophiae primaeva sodalem
 Tempus disiunxit Corpora, non animas.
 Nunc te iterum in Socium reuocat sapientia:
 [quondam
 Sors mihi tota fuit, nunc tibi totus honor.
 Nam dum substituis Cathedram, quam pertinent
 [alter,
 Rectoris Cathedram nostra Palaestra dabit.

Do Padre Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao Sapieníssimo e Reverendíssimo Presidente
o muito Reverendo Padre o Sênhor Rafael
Machado Digníssimo Reitor do Colégio
da Companhia com alusão ao primeiro
Assunto de haver um raio feito em pó a
uma estátua de Apolo.

SONETO

Que importa que hoje a Apolo parta um Raio,
que importa que essa Estátua se desfaça
se com mais Energia, e maior Graça
brilhais hoje das Ciências nesse ensaio.

Com douto alento, sem nenhum desmaio
o que casual foi, pareceu traça
luzes regendo encheis do Sol a praça
fazeis luzir o Céu, florescer Maio.

As Musas admiradas vos adoram,
as Graças nunca em si tantas tiveram,
u'as, c'outras (sic) vosso auspício imploram

Nesse Dêlfico Sólío apareceram
o estrago da Estátua já não choram
por Sacro, Nôvo Apolo vos veneram.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Religiosíssimo Sapieníssimoque; Magistro
Raphaeli Machado Societatis IESV
Rectori Eximio.

ENCOMIUM

Tantae molis opus quod tentas docte Magister,
Miratur Pallas, Pieridumque, chorus.
Quid tibi carmen ego, quid uersus scribere coner?
Vix Maro uix Naso carmina digna canent.
Facunda eloquii dum fundis flumina, gentes
Aurea pellectis mentibus unda rapit.
Dum Musas dignis praestantes laudibus ornas,
Ad famam duro marmore non opus est.
Sunt tua Musarum collegia dedita paci,

His insunt charitum corpora nuda trium:
 Obtegit unanimes sacra proxima laurus oliuae;
 Insita doctrinis foedera laude uirent.
 Nulla tibi fructus expers praeter itet Hora:
 Omnibus Euphronae sint bona nota tuae.
 Gloria te typicis monumentis parta perennet,
 Ars alat Irenen, sed tua uitet Erin.
 Ergo o Pierides caelo monstrate Magistrum,
 Carmine et astrifero concelebrate choro.
 Ne tua fama nouo nunquam feriat ab aeuo,
 Sustine, Praeceptor, Pieridum astra poli.

Tuus uenerator,
Emanuel Nunes Leal.

Ad Reuerendo Admodum huius Academiae
 Praesidentem

EPIGRAMMA

Praeses, Rector eris rectus, Prouinquecialis,
 Praefectusque simul tu generalis eris.
 Papaque summus eris, quia mens tua cuncta
 [patrauit,
 Fama nec in Terris deseret ulla tibi.
 Postea Caelicolas inter numeraberis aequae,
 In Caelis etiam gloria parta tibi.
 Nescio quidquid eris posthac, non amplius ullum
 [est;
 Denique quidquid erit tu quoque Solus eris.

Luis Canelo de Noronha

Ao Reverendíssimo Padre Rafael Machado
 da Companhia de IESU, meritíssimo Reitor
 do Colégio da Bahia e Presidente desta
 Academia.

DÉCIMA

Com notável suspensão
 a todos nos admirais,
 quando assim tão bem cortais
 pelo fio da Oração;
 Se não é nova invenção
 que sutil trazeis, e armado,

pois no fio equivocado,
 com que discorreis prudente,
 mostrais quão agudamente
 trazeis bom fio, Machado.

Luís Canelo de Noronha.

In laudem Reuerendissimi Patris Sapientissimique
 Magistri Raphaelis Machado Societatis IESV
 Rectoris Dignissimi, necnon huius nostrae
 Academiae Praesidis Emeritissimi.

PARALLELUS ELOGIACUS

Mens tua sublimis scandit per sidera Rector;
 Ingenio doctos uincis, et ore tuo.
 Orbita quot cursus peragit solaris in anno
 Tot rotat ingenii splendida sphaera tui.
 Illa sed in paribus semper uaga motibus exit;
 Haec tibi constanti fertur ubique gradum.
 Illa sub Aurorae uix noctem eliminat ortus;
 Auroram in multum protrahit ista diem.
 Sol quoties oritur toties tua uerba triumphant
 Sic sine laude tui non erit ulla dies.

D.V.C.

Anastacius Ayres de Penhafiel.

Em louvor do Muito Reverendo Padre Rafael
 Machado da Sagrada Companhia de JESUS
 Digníssimo Reitor do Colégio da Bahia
 Presidindo nesta mui Augusta e Real Academia.

DÉCIMA

Senhor, da vossa assistência
 vimos nós hoje atirar
 o seres vós titular:
 mas em que? há competência:
 que no dar-vos Reverência
 pouco faz a Academia.
 Em nome desta Bahia
 só por vós isto direi
 que um Reitor é quase um Rei,
 se êste fôr da Companhia.

De Pedro de Sá Vasconcelos.

Ao Reverendíssimo Padre Reitor.

IDÍLIOS TRIPLICADOS

Por sábio, douto, sincero,
esmêro.
Vos louva êste Côro ilustre,
seu lustre,
vos ama com culto pio,
seu elogio:
Bem vejo quando porfio
em louvar o que venero,
sois pio, ilustre, sincero,
esmêro, lustre, elogio.

Elogio dêste Côro
sois sonoro,
lustre dêste Museu claro
sois preclaro,
esmêro dêste conclave
sois grave;
Êste sois Machado suave,
e como tal vos imploro,
no conclave, e claro Côro,
sonoro, preclaro, grave.

Grave sois em tôda a parte
a arte,
preclaro no douto empenho
ao engenho,
sonoro na melodia
à energia;
com razão hoje Talia
a vosso saber reparte
melodia empenho parte,
com arte, engenho, inargia. (sic)

Na inargia dêste estilo
o Nilo,
no engenho dêsse tesouro
o Douro,
dessa arte, mais que a de Apolo
o Pactolo;
suspenso, um e outro pólo
vos pretendem por asilo
Apolo, tesouro estilo,
o Nilo, o Douro, o Pactolo.

O Pactolo tece a rama
 à fama,
 o Douro dá à memória
 a glória,
 o Nilo tributa à ciência
 a excelência;
 Muito estimara a eloquência,
 louvar-vos, quanto vos ama
 da ciência, a memória, a rama
 da fama a glória a excelência.

Sois na excelência do estudo
 escudo,
 na glória pera o conceito
 preceito,
 na fama da eterna história
 a glória;
 quem discrição tão notória
 louvar pode? Se ela em tudo
 à história, ao conceito, ao estudo
 é escudo, é preceito, é glória.

Glória sois, e imortal rama
 da fama,
 preceito, e claro [esplendor]
 do louvor.
 Escudo sois, e patrono
 do abôno;
 Apesar do eterno sono
 por singular vos aclama
 patrono, esplendor, e rama
 a fama, o louvor, o abôno:

Abôno, escudo, e excelência
 da ciência,
 louvor, preceito, e vitória
 da história,
 fama, assombro, timbre, pólo
 do Pactolo;
 Vos venera o mesmo Apolo,
 e aplaudem vossa eloquência,
 o pólo, a glória, a excelência,
 a ciência, a história, o Pactolo.

De um seu muito venerador.

Conferência de 23 de julho

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto uma estátua de Apolo
ferida e desfeita por um raio

Ao primeiro assunto.

SONETO

Da ciência na imagem mais divina,
Do Sacro Apolo simulacro augusto,
Emprega as iras com furor injusto
Raio fatal, que Júpiter fulmina.

Acautelado Jove a crer se inclina,
Que o saber só lhe pode causar susto;
Pois com razão, e fundamento justo
Sobre os astros o sábio só domina.

Pela origem, que traz do eterno lume,
Com o poder de Deus, que os orbes move,
Só a ciência competir presume.

Por isso sobre a estátua o fogo chove,
Em vingança do susto, e do ciúme
De ir tirar à ciência o cetro a Jove.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto Heróico.

SONETO

De Febo a Estátua tanto venerava
a idólatra, e gentil antigüidade,
que como se ela fôra Divindade
rendidas oblações lhe tributava.

Ao culto do supremo Deus faltava
sem adorar a sua Majestade,
antes idolatrando a falsidade
com que Asmodeu cruel os enganava:

Vendo pois o Senhor do alto Império
ao mundo em miséria tal caído,
não pode mais sofrer o impropério:

E como a causa disto tinha sido
a Estátua, manda lá dêste Hemisfério
com raios abrasar o Deus fingido.

Do Licenciado

João Machado Barcelos.

Fazendo Trovões caiu um Raio, e fêz em pedaços
a uma estátua de Apolo. Segundo assunto.

SONETO

Valha-me o Deus Apolo, será chasco,
vendo Raios cair, falar burlesco!
Sou por ventura algum *Monsieur* tudesco,
que dizendo *non forsa vasa* o frasco!

Um Raio frindo (sic) fogo quebra o Casco,
do mesmo Apolo quando estava em fresco
mais frio do que o Marmol! Pedantesco
vai-te esconder à sombra de um Carrasco:

Loureiro quis dizer, mas quando busco
em asco o consoante, vejo em cisco
ao Louro Apolo feito negro e fusco;

Ó Vates atenção a tal petisco
se o mesmo Apolo já cheira a chamusco
para quem menos é basta um Corisco.

*Do Hermita Frei de Santo
Antônio da Barra.*

Ao Assunto Heróico.

SONETO

Do Deus Apolo a estátua mais decente
A cinzas se vê hoje reduzida;
Que é pensão lastimosa desta vida
Não haver nela glória permanente.

Um bastardo vapor, um raio ardente,
Parto da terra sempre envilecida,
A oblação do amor mais merecida
Desfêz em pó, em sombra irreverente.

Desperte pois, mortal, tua memória,
Com que a sorte te avisa neste ensaio,
Que pôde ser tragédia a tua história:

Adverte cauteloso, que êste raio,
Que a nada reduziu tamanha glória,
Pôde ser o trovão do teu desmaio.

De Francisco Pinheiro Barreto.

Ao Primeiro Assunto.

SONETO

De horroroso Trovão, Raio violento
a Cinzas reduziu de Apolo o vulto.
A Estátua usurpava todo o culto,
e Júpter vingou o atrevimento.

Tremor da Esfera, escândalo do Vento:
Castigo foi, e pareceu insulto
se ao Celeste se quebra o Sacro indulto,
seguro não está o Firmamento.

Mas castigo não foi, não foi ultraje,
sim Espírito ardente, que do Pólo
veio roubar a Majestosa Imagem.

Vulcano ocupa os âmbitos de Eolo,
o Marmor cede; e com maior vantagem
coroadado de Raios brilha Apolo.

Do Acadêmico Nubiloso.

[Caetano de Brito Figueiredo]

A uma estátua de Apolo abrasada de um raio.

SONETO

Dêsse que confirmou Pastor amante,
inda mais que Deidade refulgente,
nos desdêns de u'a Ninfa irreverente
os incêndios de um Etna crepitante,

Simulacro gentil, hoje flamante
aos ardores de Júpter potente,
se apostou durações c'o permanente,
já confessa nas Cinzas o inconstante.

Mas não blasone o raio de alentado,
que se busca triunfos resistido,
não faz oposições o desgraçado:

Prostrado Apolo está, mas não vencido,
pois se foi a esquivanças desprezado,
a despojos estava reduzido.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares de Franca*]

Ao 1.º

SONETO

Horroroso trovão, que despedido
de irado impulso por supremo Nume,
do monte abrasa agigantado o cume,
do vale humilde isenta o escondido:

Pobre a cabana, fero ao estalido
não treme tanto de estrondoso lume,
quanto o teme palácio, que presume
competências do Céu no esclarecido:

Sempre vive sujeito o levantado
de furibundos raios à inclemência,
sem que o sublime valha de sagrado;

Reconheceu o raio da irascência,
que o ponto do saber era elevado;
porisso a Estátua, abrasou da ciência.

Seu Criado.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao primeiro assunto.

SONETO

Esta de Apolo imagem rutilante,
que era da idade culto permanente,
a quem de bronze o pasmo reverente
formara eterna a sustos de arrogante;

Hoje ao furor do braço fulminante,
que a Jove anima impulso onipotente,
prostrada, iníforma em misero acidente
fatal estrago a ruínas vacilante;

Infausta inculca no mortal desmaio
 não ser de Febo simulacro altivo,
 ser sim da Sorte bárbaro destrôço;

Sois contra o golpe, que executa um raio,
 nem livre escapa um Bronze por esquivo
 nem por soberbo enfim livra um Colosso.

De João de Barbosa e Lima.

Ao primeiro assunto.

SONÊTO

Se essa é de Apolo a Estátua soberana
 (Fábrica de Colaces peregrina)
 Como da voraz chama a fúria indigna
 Brava destrói, sacrílega profana?

Ignorante sem dúvida se engana
 Não ofendia ao Sacro nesta ruína,
 Quando só por ofensa se imagina
 A imaginada ofensa em coisa humana.

Com justa causa Apolo se maltrata
 Dêste das chamas horroroso insulto,
 Que com linguas de fogo se relata:

Porque com matérias de sagrado Culto,
 Se deve a divindade, que retrata
 Adorações tão grandes, como ao vento.

[João de Brito e Lima]

SONÊTO

Nesta estátua em que Apolo se retrata,
 Que de ígnio raio a chama precipita,
 Tanto vingar-se Dafne solicita,
 Que o que já fêz, fazer agora trata.

Como a chama assistindo a não maltrata;
 Vingança não achou mais esquisita
 Para a pena, que tem por infinita,
 Que (qual de Apolo) retirar-se ingrata.

Sente a Estátua do raio o mortal dolo
 Construindo-lhe a Luz em que se inflama
 De Cinzas um funesto Mausoléu.

Causou tudo o rigor da esquivada rama
Que só para não ver Cópias de Apolo
Deixou esta abrasar da ativa chama.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Ao primeiro assunto.

SONETO

De ignífero vapor, chama severa
O Colosso magnífico devora
Do gentil primogênito da Aurora,
Absoluto senhor da Quarta Esfera.
Tão símile, e perfeito em tudo era,
Que qual certa, o original se ignora,
É como adoração delito fôra,
Sacrilégio não foi a pena fera.
Claudique a impulsos pois da ardente Pira,
Se com o Sacro em dórica escultura
A semelhança o caduco aspira:
Não exista do Sol outra figura;
Porque no nome e raios que respira
Ser só, e mais flamante o Sol procura.

[João de Brito e Lima]

SONETO

Vibora ardente em Cinzas reduzida
Deixa a Estátua de Apolo venerada;
Se de Apolíneas luzes ilustrada
À que por Prometeu foi erigida.
Sentiu os Vitupérios de abatida
Aquela, sem indultos de elevada;
Esta os méritos teve de animada
Inspirando-lhe um raio nova vida.
Foi vida de u'a Estátua, um raio ardente,
Foi de outra desalento, outro flamante,
Na Sorte ambas com Sorte diferente:
Quem da Fortuna há de fiar errante,
Quando bem sensível os efeitos sente
De vária ao mesmo tempo, e de inconstante.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

À Estátua de Apolo ferida de um raio.

SONETO

Êste extásico Apolo que está tísico
De aturar o noturno, e diurno cântico
Por que não vai banhar-se ao mar Atlântico
Sendo como Esculápio tão bom físico?

Tanto sobe que passa a metafísico
Donde pôsto também anigromântico
Só reforça o corpóico farfântico
Com o ofusco licor do Lago Estígico.

Mas se contra Tonante que é belígero
Dêste raio não fica todo pálido
Acolhendo-se a Marte que é armígero:

Ficará quando ignífero tão válido
Que transformado em Pan porque é cornígero
Sairá por Europa touro cáldido.

De Frei Avertano de Santa Maria.

A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio.

SONETO

Dos que forja Vulcano desde a esfera
Um raio ouvi, que Jove desentranha,
Que assolando veloz tôda a campanha,
U'a estátua de Apolo desfizera.

É possível, que Jove, que pudera,
De seu filho alentar sem luz estranha
A estátua, seja tal a sua entranha,
Que a destrua com chama tão severa?

Quem de um pai sem razão tanta imagina,
Que à estátua, que do filho em seu desmaio
Só devera alentar, cause a ruína!

Mas o caso não é já nôvo ensaio
A experiência mil vêzes nos ensina,
Que donde o bem se espera, vem o raio.

[André de Figueiredo Mascarenhas]

Ao mesmo assunto.

SONETO

A violências de um raio, que fulmina,
Indignado faz Júpiter tal dano,
Que deixa por exemplo ao soberano
U'a estátua de Apolo, que arruina.

Mas se Apolo seu filho se imagina,
E um filho é do pai, se não me engano,
Imagem, veja bem que desumano
Na estátua contra si próprio se indigna.

Mas, ó vós, que a Fortuna vos concede
Ser imagens do Rei, sempre vos doa
O castigo, que à estátua agora mede.

Porque quando um Monarca o seu, que atroa,
Se não fúria infernal, raio despede,
À sua própria imagem não perdoa.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

A uma Estátua de Apolo ferida por um raio.

SONETO

Arma Vulcânia Jove altissonante
A u'a Estátua Apolónia vibra e move,
Para que ser Colosso não inove
Se presume ser Sol onde há Tonante;

Resistente ao impulso fulminante
Persistiu, para que seu rigor prove,
Faetonte ficando ao Sumo Jove
Que a feriu por cuidar que era Gigante:

Mas se Sol essa Estátua representa,
Significando luz sem ter desmaio,
Se Sol é, de ter raio não se isenta:

Jove pois em que a prostre neste ensaio
Ser mais Sol a ilumina, pois lhe aumenta
Sol a Sol, Luz a Luz, e Raio a Raio.

Luís Canelo de Noronha.

Fere um Raio uma estátua de Apolo.

SONETO

Esta estátua de Apolo refulgente
 Em que tem delinqüido, alto Tonante?
 (1)
 Algum monte arrancou como Gigante
 Pera o Cetro tirar-te onipotente?
 (2) (3)
 É de Ajax ou Salmoneu rei potente
 Esta estátua que feres arrogante?
 (4)
 De Esculápio será Deus medicante
 (5)
 Ou Faetonte, a quem mata um raio ardente?
 Pois porque com tal raio os teus rigores
 Se exercitam em um Deus tão luminoso
 Que benigno depende mil fulgores?
 Jove diz, que não fôra rigoroso;
 Mas que o raio cegando aos resplendores
 Desta estátua, lhe dera duvidoso.

De Antônio de Oliveira.

À Estátua de Apolo ferida de um raio.

SONETO

Suspende o golpe, ó Júpiter, suspende
 Se contra Apolo teu furor conspiras,
 Pois serem vil despôjo as tuas iras
 Dêsse que ultraja teu rigor, e ofende.
 Se o não guarda o sagrado, e o não defende
 O respeitoso culto que lhe tiras
 Toma exemplo fatal no que hoje admiras,
 E em teu próprio furor também aprende.

-
- (1) Os Gigantes foram mortos com raios, por quererem conquistar o Céu.
 (2) Ajax Olileu foi morto com um raio por desonestar a Cassandra.
 (3) Salmoneu foi morto com um raio por querer lançar raios como Júpiter.
 (4) Esculápio foi morto com um Raio por ressuscitar a Hípólito contra vontade de Júpiter.
 (5) Faetone foi morto com um raio por não saber governar o carro do Sol.

Mas com que raio podes castigá-lo
 Quando o fulminas para descompô-lo
 Que não concorra para venerá-lo:
 Pois será visto dêsse ardente Pólo
 Raio que vibres não para abrasá-lo,
 Raio que mandes saudar a Apolo.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Caindo um Raio sôbre a Estátua de Apolo,
 Assunto heróico da presente Academia.

SONETO

Fulmina irado Júpiter tonante
 Sôbre a Estátua de Apolo um Raio ardente,
 Fatal impulso, ação incompetente
 De um amoroso Pai a um filho amante.

Que mistério, que causa relevante?
 Teve tão memorável acidente
 Espedaçar o Raio irreverente
 Da luz ao Simulacro radiante.

Se os destroços de Imagens tanto dignas
 Das próprias Divindades são castigos,
 Com pasmo das Esferas cristalinas,

Quem pode ter constantes os abrigos?
 Quando ao Sol não perdoam as ruínas,
 Quando até nas Deidades há perigos.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada
 por um raio.

SONETO

De quem a estátua é que fulminada
 Jaz de um raio veloz que bem pudera
 Até ao mesmo Sol na sua esfera
 Chamuscar-lhe a gadelha, quando nada?

Deve ser de Esculápio, que abrasada
 Sua vida de um raio foi noutra era,
 Que de Apolo não é, pois que severa
 Lhe queima a chama as barbas de encalhada.

E Apolo, a quem o buço não aponta,
 Não pode ter nas barbas um atilho,
 Pois de barba não tem nem inda ponta.

Que sua possa ser me maravilho,
 Mas se dêle é porém, como se conta,
 Sinta agora a desgraça do seu filho.

Do Capitão Antônio de Araújo e Silva.

Conferência de 23 de julho

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma dama que
 revolvendo na bôca umas pérolas, quebrou
 alguns dentes

EPIGRAMMA

Margarita tuo si exoptant ore moueri,
 Et dentes rumpunt inuidiosa tuos,
 Ex margaritis proprios componere dentes,
 Niza, potes; nam sunt omnia homogenea.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto Lírico.

ROMANCE

Cloris aquela cachopa
 tanto mordaz, como guapa,
 de todos era alfaiate,
 a todos vestir cortava.

Como tal cacoete tinha
 estava mal costumada
 que já sem temor, nem pejo
 sempre lhes cortava a capa.

Dava de vestir a todos
 porque cortava mui larga,
 mas nunca ficou vestido
 aquêle a quem roupa dava.

Porque como lhe fazia
 da Pele ao vestido gala,
 sempre os deixava sem pele,
 nunca vestidos ficavam.

De Cloris era tesoura
a língua com que cortava,
que muitas vêzes as línguas,
cortam mais do que as espadas.

Cortava, e também mordía
Cloris a tôdas as Damas,
porque só ela queria
ter mais que tôdas a graça.

E como até aqui ninguém
lhe pôs na bôca mordança
não deixava de morder
por ser tão mal costumada.

Ouvindo Cloris um dia
aplaudir a certas Damas
as pérolas, que em extremo
eram de todo galhardas:

E que estas sendo do Céu
lágrimas, no mar geradas
na sua grã gentileza
venciam tôdas as Damas;

E que nascendo nas conchas,
quando das conchas saltavam
já tôda a mais formosura,
nas conchas se ocultava.

Invejosa pois de ouvir
das pérolas alabança,
logo se pôs a roê-las
pela costumada traça.

Mas vendo que quanto à pele
nunca podia rasgar-lha,
logo deixa de mordê-las,
pricipiando a cortá-las.

E como em vão se cansava
pois nunca bem as cortava
remeteu o fato aos dentes
para querer mastigá-las.

Mas foi tão mal sucedida
a pobre Cloris coitada
que quando cuidou morder,
então ficou desdentada.

Do Licenciado

João Machado Barcelos.

A uma Dama, tendo uma pérola na bôca se lhe
quebrou um Dente.

DÉCIMAS

U'as pérolas luzentes,
tendes Filis nessa bôca
mas quem essa bôca toca
vê que são pérolas dentes;
êles e elas competentes
elas a êles invejaram,
e tanto que elas quebraram
os vossos dentes senhora,
infiro que em vós agora,
outras melhores ficaram.

Outra.

Menina venho a entender
que em êsse vosso brincar
não julgastes a ganhar,
apostastes a perder;
a vossa perda hei de crer
por mais que vós não digais;
pois nos dentes que quebrais,
nas pérolas que escondeis
aljôfares recolheis,
diamantes esperdiçais.

De Francisco Pereira do Lago Barreto.

Ao Assunto Lírico.

ROMANCE

Vá de romance esta vez,
e queira a Musa ajudar-me,
que tratar com raparigas
não é coisa para Padres.

Direi com muita cautela
as prendas, e habilidades
desta môça, mas de longe;
que é Sol, e pode abrasar-me.

A senhora Dona Nise
moçuela de lindo talhe
destas, que agora tropeçam
por donaire e mil desaires.

Um fio de ricas pérolas
lhe deu por prenda um amante,
que as sabe a Môça pescar,
inda sem meter-se aos mares.

Turbou-se um pouco a Menina,
faltou-lhe tôda a coragem,
temendo, que de enfiadas
as pérolas desmaiassem.

Meteu-as logo na bôca
eu cuidei que era piedade;
porém dizem, que foi traça
de dar às Pérolas mate.

Porque os dentes da Menina
mais claros, que o fino jaspe,
envergonhado o marfim
só com a prata liga fazem.

Vendo-se lá entre dentes
ficaram muito à vontade;
porque metidas nas conchas
da melhor pérola madre.

Só não puderam os dentes
com elas bem mastigar-se;
que então reina mais a inveja,
se as prendas são semelhantes.

Que são mais claros, os dentes
com grande fôrça combatem:
quiseram julgar de côres,
e ficaram sendo partes.

Fazem-se os dentes pedaços
de cólera: há tal desastre!
que permita a Natureza
cortar o vidro diamantes!

Mandou Nise a bom partido,
para acabar-se o debate,
que as pérolas substituam
aonde os dentes faltarem.

Tenho feito doze coplas,
que a lei permite aos romances:
não se acabam os conceitos:
falar muito é contra a Arte.

De Francisco Pinheiro Barreto.

Ao Segundo Assunto.

SONETO

Quando, ó Lisarda, nessa breve bôca
vi que tão lindas pérolas estavam,
nesse Céu entendi que se geravam,
ou c'os dentes que queriam fazer troca.

Claros Diamantes com diferença pouca,
ou pareciam, ou se avantajavam
às Pérolas; mas nelas se quebravam;
tão grande excesso a admiração provoca!

Mastigadas as Pérolas perdiam
a formosura que logravam antes
com tirano rigor golpes sentiam.

Os Dentes procederam como Amantes,
se as Pérolas a ofensa padeciam,
razão foi que estalasses os Diamantes.

Do Acadêmico Nubiloso.

[Caetano de Brito Figueiredo]

Ao Segundo Assunto.

ROMANCE

Cíntia, se levais à bôca
as pérolas, é sinal,
que pois as pedras se encontram,
algumas se hão de quebrar.

Quebraram-se os vossos dentes
por mais finos, e mostrar
se as pérolas valem muito,
que êles sempre custam mais.

Se com os dentes quisestes
as pérolas comparar,
vêde ser grande a diferença
dos Diamantes ao cristal.

Diamantes os vossos dentes
alvos, luzentes, iguais
quando pérolas comeis
mui mal as podem tragar.

Ouço que mal se mastigam
pela tradição que faz
sempre das pérolas dentes
o que lhos parece mal.

Quebram, porque Soberanos,
não querem dissimular
que as pérolas estimeis,
quando tais dentes lograis.

Quebram, ou pelo que sentem,
ou para darem lugar
que as pérolas se melhorem
nessa concha celestial.

Caem logo que se quebram,
porque é muito natural
na frase dos infelizes,
o cair, e o quebrar.

Comer pérolas, foi gôsto
que não posso decifrar
foi preciosa gulodice,
foi apetite fatal.

Das Lágrimas serem filhas
as pérolas é vulgar,
Vós, Lágrimas engolis
se pérolas mastigais.

Assim, sois mui generosa
a Cleópatra imitais
lá, foi do amor desperdício
cá, não sei o que será?

Será ira, será raiva,
será cólera, que é tal
a vossa paixão, que ainda
nas pérolas vos vingais.

Responderéis que foi brinco,
seja embora! mas notai,
que brinco que os dentes custa
faz mui caro o seu brincar.

Já que as pérolas comestes,
agora os dentes guardar;
que por brincos nas orelhas
os podereis pendurar.

Espero não façais outra
mas quando não, vêde lá,
que não tereis com que rir
só tereis com que chorar.

Do Acadêmico Nublado.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

A uma Dama que brincando com umas pérolas
na bôca, quebrou uns dentes.

SONETO

Brincava Francisquinha, e bem se via
que era menina, pois assim brincava,
entre o miúdo aljôfar, que mostrava,
c'uma pérola neta, que escondia.

Todos viam quebrar; ninguém sabia
qual dos dois existia, ou qual faltava:
parecia que o dente não quebrava,
porque a pérola então aparecia.

Mas amor, que com vista ali mais alta
de Francisquinha penetrou o desdouro,
no mesmo suplemento a perda exalta.

Ai, que importa (lhe diz) meu brinco de ouro,
que uma pérola cobre cada falta,
se em cada dente teu perco um tesouro.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao segundo assunto.

DÉCIMA

As pérolas, que escondeis,
quando, Nise, as estragais,

se umas nos dentes quebrais,
 outras na bôca achareis;
 neste caso bem podeis
 supor com muita razão,
 quando em vossa bôca estão
 os acasos contingentes,
 se são pérolas os dentes,
 que as pérolas dentes são.

De João de Barbosa e Lima.

Ao segundo assunto.

SONETO

Das lágrimas, que a Aurora rindo chora,
 De pérolas encheu o erário Anarda,
 E pelas exceder na luz galharda
 Das suas lança duas ou três fora.

Vendo-as Cupido tanto se enamora,
 Que para as recolher não se acovarda,
 Antes por serem (como entende) as guarda
 Desperdícios gentis, de nova Aurora.

Mais, que as que a [Mãe] de Febo tem chorado,
 Há de chorar, no mar, e na espessura,
 Tem estas no valor avantajado.

De sorte, que acha Amor por mais ventura,
 De que quantos despojos há logrado
 Ter tais despojos desta formosura.

Do Acadêmico Infeliz

João de Brito e Lima.

Ao segundo assunto.

DÉCIMAS

Filena deixai a troca,
 que das pérolas fazeis
 coas, que na bôca meteis
 pelas, que tirais da bôca.
 E quem a verdade toca
 dirá, vendo as transparentes
 pérolas, menos luzentes,
 que tratando-as com refohos
 por lhe quebrares (sic) os olhos
 quebraram-vos alguns dentes.

Observando-se a Luz pura
destas pérolas tão belas,
ficaram perdendo aquelas
seu valor, e formosura.
E certo fôra loucura,
que pérolas tão indignas
se ostentassem peregrinas,
quando nenhuma realça
(por mais tôska, ou mais falsa)
à vista destas tão finas.

Até aqui desvanecidas
estas pérolas andaram,
mais agora desejaram
ver-se nas conchas metidas.
Se obrassem como entendidas
vendo que as avantajais
coas que da bôca lançaís;
era melhor se meterem
nas conchas em que nasceram
antes que vós as matais.

Se nas faces, com primores,
se nos olhos, sem desmaios,
sois Flora, vibrando raios,
sois Sol, animando flôres.
Com razões muito melhores
Filena, pondero agora
que não só sois Sol, e Flora,
Luz, e flôres ostentando,
como pérolas lançando
outra mais gentil Aurora.

Pôsto que vendo Filena
tais pérolas, é preciso
que as derramou com riso
agora chore com pena.
E na inveja que condena
a sentimentos a Aurora
vossa dita se melhora;
porque rindo-vos, mostrais,
estas valem muito mais
do que quantas ela chora.

Por estas, que haveis lançado
pérolas, se considera,
que de Menon a Mãe dera

tôdas quantas tem chorado.
E inda fôra limitado
preço, apurado arrebol
delas, em melhor Crisol,
e sei que vos tornaria,
quantos colocando cria
Primogênitos do Sol.

Estas pérolas luzidas
que na bôca vos entrâram,
nunca mais conchas ficaram,
que nessa concha metidas.
Com razão desvanecidas
não devem caber em si,
quando entre a neve, e o carmim
lhe troca a sorte com medras,
por u'as conchas de pedras
u'a concha de rubi.

Das pérolas a fineza
se a falta vos sobressalta,
nada pode fazer falta
donde há sobra de beleza.
Não queirais dar na tristeza
à Aurora gostos agora
pois nada Filena ignora
(antes há certos indícios)
que dos vossos desperdícios
quisera valer-se a Aurora.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

SILVA JOCO-SÉRIA

Até agora entendi meus companheiros,
que lá por êsses Dêlficos outeiros
donde a par do Menon dizem que mora
sua mãe assistia a bela Aurora;
mas, já desenganado,
como homem confesso andei errado,
afirmando-me alguns por muito certo
se tem mudado cá para mais perto;
e que era esta Senhora, que serviria
hoje de assunto a nossa Academia.

Porque se assim não fôra é coisa clara,
que pérolas tão finas não lançara.
É até no que chorou, (quando as viu fora)
semelhanças mostrou de que era Aurora.
Mas das faces suposto as flôres molho,
se umas pérolas lança, outras recolho;
e revolvendo as suas com aquelas,
pela glória, que teve de vencê-las,
por serem mais, que as ou transparentes, (sic)
não lhe caiu um só, senão mais dentes.
Desta sorte corridas
as pérolas se deram por vencidas;
porque sem lhe valerem tais cautelas
as de Clore venceram por mais belas.
Só me falta saber a casta destas,
que suspeito das fôrças manifestas
com que de marfim rompem o presidio
as fêz o poderoso estalicídio,
e quando as vejo obrar tais maravilhas
do estalicídio, e não de Aurora filhas
melhor as reconheço
pois de Cloris o mal também padeço.
Ou Saturno as gerou dos seus escarros,
que é Planêta influente de catarros.
Mas por Mercúrio cuida são formadas,
que apartar sabe os dentes das queixadas.
Ó se eu daquelas pérolas achara
a semente, que bem me aproveitara,
e enriquecendo por estranho modo
aos Barbeiros tirava o ganho todo.
Era Clori sem dúvida invejosa,
e as pérolas mordendo de raivosa,
elas por despicar-se desta fúria
lhe fizeram na bôca aquêla injúria.
E parece lhe estão dizendo agora,
esta manha Menina, e os dentes fora.
Se vingar-se queria como louca,
no ventre as recolhesse, e não na bôca,
porque a primeira Dama não seria
que as pérolas guiasse em iguaria.
Pois se é verdade tudo o que anda escrito
isto já sucedeu lá pelo Egipto.
E inda que tenham na dureza as medras
muito mais que elas são duras as pedras,
mais qual se foram de ovos brandas gemas,

homem [cresce] com bucho como de emas,
 que os seixos digerindo que tragava
 em miúdas areias os lançava.
 Enfim porque alguns dentes lhes quebraram
 muito conchas as pérolas ficaram,
 servindo-lhes de conchas mais prezadas
 os fundos cemitérios das queixadas.
 Suposto, que me dizem
 que as de Cloris as outras contradizem;
 inda que os maldizentes
 quiçá pelo trazer Clori entre os dentes,
 às pérolas querendo dar desculpa
 lançam ao doce, que comia a culpa;
 e que mostrava às pérolas ter tosse
 dando-lhe a culpa do que fêz o doce.
 Também outros me dizem que doentes
 tinha do franco humor Cloris os dentes,
 e se podres por esta causa os tinha
 mais que tê-los, tirá-los lhes convinha.
 Que nas Damas de jeito
 não pode haver mais péssimo defcito.
 Onde por mais disfarce, ou mais recato,
 padece ofensas o vizinho olfato.
 E mais que de âmbar quatro libras coma
 por entre o cheiro fétido se assoma.
 Ou esta seja a causa ou seja aquela
 muito pouco a desvela.
 Só Cloris sentirá, que alguns manganos
 a culpa ponham desta falta aos anos.
 Que não fica uma Dama tão absorta
 por lhe chamarem desdentada ou torta,
 calva, desde a cabeça à sombrancelha
 quanto se ofende em lhe chamando velha.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

A uma Dama que tomando várias pérolas na bôca,
 e revolvendo-as quebrou alguns dentes.

DÉCIMAS JOCOSAS

Responda, que gôsto acha
 nessas pérolas, Cachopa,
 já que as introduz de tropa
 na boquinha em que as agacha?

Porque a não desempacha
 fale se é que bôca tem,
 diga por amor de quem
 se ao mar das pérolas sai
 metendo pérolas vai
 na bôca de Sacavém.

Na bôca de Sacavém
 com ser perigosa a barra
 sei eu que fiado à amarra
 qualquer baixel se sustém:
 mas na sua onde ninguém
 achou segura a bonança,
 diga-me que confiança
 podem fazer dela as gentes
 se até nela inda os seus dentes
 não acharam segurança?

Por Frei Avertano de Santa Maria.

A uma dama, que revolvendo umas pérolas na bôca,
 quebrou com elas alguns dentes.

OITAVAS

1

Esperai, que da vossa, Lise agora
 Formosura no mar, de Vênus digna,
 Novas pérolas busco, que melhora
 A concha tósca não, mas peregrina;
 E apesar das que nela inveja a Aurora,
 A pequeno mergulho determina
 Convosco meu cuidado neste dia
 Fazer inda uma grande pescaria.

2

Ora a Deus, e a ventura, que a ver entro
 Em mar de Tiro a concha, que sufoca
 Pérolas, mais que as suas, hoje dentro,
 Pelas quais fazer Lise não quer troca.
 Estão contudo ali tanto em seu centro,
 Que afirma quem lhas viu meter na bôca,
 Que quando as vão por ela revolvendo,
 Parece, que lhe estão dentro nascendo.

3

Tão próprias nela estão, que com certeza
De pérolas aos dentes não absolve
A vista, que confusa na beleza,
Se são dentes, se pérolas não resolve;
Pois vendo que umas têm dentro firmeza,
Quando outras a bôca em si revolve,
Lhe parecem da bôca entre os afagos,
Que as per'las firmes são, os dentes vagos.

4

Mas ao dar-lhe uma volta embaraçadas
Entre as suas de sorte Lise as deixa,
Que umas, e outras fizeram tais meadas,
Que não sabe de quais Lise se queixa.
Mas pôsto que as melhores tem quebradas
Não tem razão nenhuma a sua queixa,
Pois devera saber, que na verdade
Não se dá entre per'las igualdade.

5

Mas eu dera-vos Lise de conselho,
Que dissesse, ainda entre os prudentes,
(Que eu a dizer o mesmo me aparelho)
Que as pérolas quebrastes, não os dentes:
E vede-os, se quizeres, nesse espelho,
Porque tão belos são, tão transparentes,
Que até quebrando os dentes se suspeita,
Que só per'las quebrastes desta feita.

6

Mas se aquelas das vossas ao fracasso
Valer mais hoje esperam lá consigo,
Enganadas estão, que a breve espaço
O contrário verão por seu castigo:
Pois dessas, que quebrais, qualquer pedaço
Val mais que tôdas elas; mas que digo?
Podeis estar seguro, e muito concha,
Que inda mais que tais per'las val a concha.

7

Se bem que, não obstante a preferência,
 Eu cuido que coas outras de picadas
 (Porque sempre estimula a competência)
 As vossas estão mal, estão quebradas;
 E deixando lugar, em sua ausência
 O ocupam mais que sôltas, de enfiadas
 As que, se a bôca vossa se atreveram,
 Nela como concha se meteram.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Ad Phyllidem

EPIGRAMMA

Bucca tenet baccas, baccae uoluuntur in illa;
 Et dentes fracti Phyllidis ore cadunt.
 Quid luges, Phyllis? Lacrimari desine: mittant
 Non oculi baccas, quas tua bucca uomit.
 Nam tua bucca uomit dentes, ut cernere possis
 Munere te baccis nobiliore frui.

Antonius de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

A uma Dama que metendo várias pérolas na bôca,
 e revolvendo-as quebrou alguns dentes.

SILVA JOCO-SÉRIA

Já que é vosso êste assunto
 Vá de aljôfres, e pérolas, Floralva,
 Pois as cria hoje o Sol, e as produz a Alva
 No mesmo instante e hora
 Por fazer-vos qualquer dos dois Senhora
 Com notável porfia
 De quanto o Sol produz, e a Alva cria,
 Porque aljôfres, e pérolas nos dentes
 Revolveis sendo muito diferentes
 Das que aí já qualquer dos dentes toca,
 E desmente com quantos tem na bôca.
 Mas que muito se é tal vossa beleza
 Que pecando nas mais a natureza
 Só em vós pois sois linda como um ouro
 Descobre um mineral, acha um tesouro.

Porém; valha-me [Deus], Floralva minha,
 Permiti-me o dizer esta gracinha,
 E explicaí-me o que ignoro, e não entendo;
 Como pérolas várias revolvendo
 Quebrastes alguns dentes,
 Tendo-os tão insolentes
 Que publica esta terra, edis avaros
 Que [milagre] quebraram três mil nozes
 E também de avelãs, valha a verdade
 Se não mais, outra tanta quantidade?
 Se as gostais, reduzidas
 A um licor as tomaí, porque de lidas
 Deu lá pérolas ricas diz Ausônio,
 O amor de Cleópatra e Marco Antônio.
 Inda assim foi desgraça
 Não obstante o fícares com mais graça,
 Pois no mar dessas pérolas a enchentes
 Vos vem a graça à bôca pelos dentes;
 Se não foi de os tirar traça suprema
 Sem boticão, barbeiro ou alçaprema,
 E do amor travessura
 Para aumentar a graça à formosura.
 Mas já a causa deixando
 Como as pérolas ides enfiando
 Entre corais, e aljôfres que num fio
 Põem dois mares, Floralva, em desafio
 Sem me eu dar aconselho
 Se o mar da Pérsia é, se o mar Vermelho,
 E não sei se conselho foi, se inércia
 Meter no mar Vermelho o mar da Pérsia.
 Mas por que tudo diga
 Já que sois tão travêssa rapariga,
 Julgo que pelos ares
 Sois capaz de alterar êstes dois mares
 Donde com boa cotréia
 Dominando-os formosa Galatéia,
 Acheis pois que com âmbar se equivocá
 Com que acudir as faltas dessa bôca
 E eu porque logo as minhas também cale
 Bem é que tape a Bôca, e mais não fale
 Para que neste assunto sendo vosso
 Suspenda a Lira que afinar não posso,
 Pois quero por atento, e por sisudo
 Dessa bôca ao silêncio ficar mudo.

Por Anastácio Ayres de Penhafil.

A uma Dama que metendo na bôca algumas pérolas,
e revolvendo-as quebrou alguns dentes.

DÉCIMA

Numa concha cristalina
donde aljôfres bebe a Aurora
introduz pérolas Flora
travêssa como menina:
porém como as destina
a terem jazigo igual
revolvendo-se mui mal
a concha tanto pervertem
que logo em coral convertem
o que era aljôfre, e cristal.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Tomando uma Dama na bôca umas Pérolas, se lhe
quebraram alguns dentes. Assunto lírico
da presente Academia.

SONETO

Quando Filis as lágrimas bebia,
Em um fio de Pérolas brilhante
Da matutina luz, bela, e flamante
Precursora do Sol, e Mãe do Dia,

Uns dentes se lhe partem à porfia
Para a união das Pérolas amante,
Que sendo a qualidade semelhante
Os quis conglutinar a simpatia.

Bem que ao beber as Pérolas luzentes
Se lhe quebrem os dentes, julga, e toca
Não serem as matérias diferentes.

Pois sem se conhecer mudança, ou troca
Enfiados por Pérolas os dentes
Tem por dentes as Pérolas na bôca.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Ao Assunto Lírico.

SILVA

Seja muito bem-vinda
 A Senhora Natércia, que é mui linda.
 Mas não é esta a que por desdentada
 Ou se fazia muda, ou amuada?
 A que por encobrir o seu defeito
 Falava por aceno, ou por trejeito?
 A mesma julgo ser, e não se queixe,
 Que pela bôca morre sem ser peixe,
 Pois a falta dos dentes
 Dá sinais certos se os não dá patentes.
 Valha-me Apolo sacro! Isto é porfia
 Tomar esta Cachopa a Academia.
 Mas não é, que Natércia por discreta
 Satisfazer pretende a algum Poeta
 Que punindo por ela mui bizarro
 Uma sátira fêz contra o catarro,
 Cuidando ser o estrago de seus dentes
 Algum fluxo de estilicídios quentes;
 E se o Assunto nisto estêve mudo
 P, A, pá me contou Natércia tudo.
 Um seu amante Indiático valente
 Lhe fêz de algumas pérolas presente,
 Porque se ela era um ouro em bizzarria
 Pérolas engastar nela queria,
 E ensinando aos tonantes mais farçolas
 Pérolas dava por não dar parolas.
 Coas pérolas nas mãos Natércia estava
 Quando outro seu amante ali chegava
 E querendo escondê-las
 Por não ter outro cofre onde metê-las
 Deu com elas na bôca
 Sendo a pérolas tantas concha pouca;
 Ou da bôca fazia
 Mar de Ceilão, que mil pérolas cria.
 Nova Cleópatra temos com ventura
 Que desfazer mais pérolas procura
 Com invenção altiva
 De que em vinagre não, mas em saliva.
 Aqui brindis (sic) famoso
 Se prepara ao amante mais ditoso
 Que logra na potagem patrimônio
 Para que chegue a ser um Marco Antônio.

Eis que o amante fala,
E como a Rapariga a tudo cala,
Cuido que por sisuda
Aqui teve princípios de ser muda.
Insta êle mais, e cuida que zelosa
Mais do que melindrosa
A Dama está no amor com que a venera,
E assim satisfazê-la fino espera.

Neste caso uma tosse a mais maligna
Sobrevém à Menina,
E batendo-lhe as pérolas nos dentes
Cuspiu dentes e pérolas a enchentes.

Ó Natércia famosa, e quem pensara
Ser cada escarro teu coisa tão rara!
Se quando escarras pérolas arrojias;
Com me encheres de cuspes não me arrojias;
E para que mais Índia que um escarro
Que pérolas arroja por catarro?

Mas ó mágoa fatal, sorte mofina!
Passar Natércia a velha de menina!
Sem graça, sem donaire é pobre e feia
Quem riquezas logrou a bôca cheia,
Que pobríssima até sem dentes fica
A bôca que de pérolas foi rica.

Dêste caso Natércia ressentida
Vota não ser cheirada nem ouvida
Até que lhe renasçam outros dentes
Mais que as pérolas alvos, e excelentes.

Não diz mais o Assunto o que fizera
Seu amante inda que eu saber quisera;
Mas prometo dizer noutra Poesia
Quando tornar Natércia à Academia.

Joseph de Oliveira Serpa.

8.a CONFERÊNCIA
DE 6 DE AGÔSTO

Oração que disse na Academia o Reverendo Cô-
nego Antônio Roiz Lima Desembargador da
Relação Eclesiástica na conferência de
6 de agosto de 1724.

Quando na conferência passada, me nomearam para este estimável emprêgo, ocorreu-me uma verdade, supus indubitável uma obediência, e entrei em a maior confusão: Lembrou-me logo o que lá disse o Poeta

Ante tubae sonitum, iam iam tremor occupat artus.

Agora (disse comigo mesmo) que ainda não passa de nomeação, são já tantas as confusões, que será chegada a hora do desempenho; e bem assim, porque isto de orar até a um São Basílio fêz tremer.

**Horreo, et tremo diem illum cogitans,
in quo sermonem meum iudicaturus es. (1)**

Disse este grande Santo, consultando o parecer de Sibânio seu Mestre em as flôres áticas de uma Oração que lhe remetia; e se esta luz da Igreja, ainda quando a sua Oração não chegava mais que a passar pelos olhos de Sibânio seu Mestre, tanto receava, e tremia — **Horreo, et tremo** — que direi eu orando à vista de tantos Mestres, e falando diante de tantas luzes.

Certamente lograra eu hoje os desempenhos, se sempre correspondessem os efeitos aos reparos: porém espero que ao menos dos Prudentes e Sábios ouvintes, me não faltem os afetos; aceitando por paga da dívida, o que é rendimento obsequioso, porque o mais é fortuna.

Devo muito a quem me elevou a este lugar, e pôsto que se enganou com a minha capacidade, previu certamente a minha obediência; porque sempre na minha veneração foram primeiro as submissões ao preceito, que as atenções ao aplauso: primeiro que o meu receio está o gôsto de quem dá alma a esta emprêsa; primeiro o seu mandato, que o meu risco.

(1) S. PETR., Dam., lb. 4, Ep. 11

Um grande motivo (*preaugustissime Cesar*) fêz necessidade, o que parece eleição, e me obrigou a chegar a vossa presença com esta mal limada oração; êste mesmo me podia retirar, e persuadir o não fazê-la; e é (*sic*) as muitas imperfeições de que ela se compõe; e quanto é mais pobre, e imperfeita, tanto necessita da proteção mais sublime, e só sendo ilustrada com o vosso amparo, pode ter a estimação que desejo.

Do Aspalato afirmam os naturais, que se o Arco Celeste o chega a tocar com alguma das suas pontas, espalha nêle suavíssimo cheiro, com que o que era áspero, e desabrido se faz suave, cheiroso, e apetecido; e por esta aventurosa assistência, grangeia a estimação que dantes não tinha, e lhe negou a natureza.

**Tradunt in quocumque frutice
curuertur Arcus Caelestis
eandem, quae sit Aspalatho,
suauitatem odoris exire, sed
in Aspalatho inenarrabilem quemdam. (2)**

É o Aspalato uma planta muito pobre, áspera, e espinhosa; e porisso um símbolo expresso desta minha oração formada com tantas rudezas, e incultos discursos. É o Arco Celeste um retrato vosso; e só vendo-se com a vossa proteção acreditada, e recebida no vosso amparo, grangeará o agrado que lhe falta.

Informe, e cheio de horrores, se via o mundo no primeiro dia.

**Terra autem erat inanis et uacua,
et tenebrae erant super faciem abyssi. (3)**

O remédio de que Deus usou para que esta obra ficasse vistosa, e com gala, foi o criar a luz. E em se vendo o mundo da luz amparado, logo teve a formosura, que lhe faltava. É a luz, Senhor, também uma vossa semelhança, e a primeira que nesta alma Acadêmica resplandece, porque sois a luz das ciências, e dos Sábios. Nenhuma Oração necessita mais da vossa luz soberana, do que esta, porque por tôdas as partes é um Caos de sombras da ignorância; mas com a proteção, e amparo de luz tão soberana ficará muito vistosa. Pelo que concluo que quanto é maior a desconfiança, que tenho de que esta oração olhada per si seja bem aceita, tanto é maior a confiança de que será de todos recebida sendo com a luz dos nossos raios ilustrada, e assim digo com o Idiota

(2) *PLIN.*, lb. 12, 24.

(3) *Gen.* 1, n.º 2.

**Nihil de me confido
multum de tua benignitate spero. (4)**

A maior confusão em que entrei, foi logo no Assunto em que havia de falar, e ainda que do Instituto, desta ilustre Academia, seja livre a eleição; das muitas que quizeram ter o primeiro lugar, nasceu a minha perplexidade.

Lembrou-me logo o Assunto Heróico da conferência presente, que é certamente por todos os títulos Heróico

César chorando a morte
de seu inimigo Pompeu.

E assentei comigo não buscar outro: bem sei que para lustre da Oração bastava a sublimidade do Herói; sei também que o Majestoso do Assunto enobrece no Orador a humildade do dizer; contudo não sei se a minha resolução perdendo o tino na eminência da emprêsa me levará ao precipício; mas valer-me-á o mesmo Assunto.

Chorou César? Testemunha-o assim a história? Foram por ventura essas lágrimas nascidas da sua clemência, e compaixão? Não pode duvidar-se. São as lágrimas, segundo as definiu Nicolau Caussino; um humor, que conservando-se no cérebro, se destila pelos olhos.

**Est enim lacrima proprie humor
ex calefactione humidí, ac teneri
cerebri, distillans, per oculos.**

E entretanto o mesmo Douto Padre a averiguar a causa delas; diz que nascendo de vários motivos, quais são o amor, desejo, pejo, e alegria, é o principal a compaixão.

**Sed maxime ab affectionibus excutiuntur,
quales sunt amor, desiderium, pudor, laetitia,
et ea, quae híc principem locum obtinet**

[miseratio. (5)]

Logo foram sem dúvida as lágrimas de César nascidas da sua piedade, clemência, e compaixão. Não podia negar-se a César esta virtude, porque ela o sublimou ao mais elevado sólio, que o mundo viu.

Clementia Caesarum, Deum facit. (6)

Nem pareça maravilha chorarem os Príncipes, porque como as lágrimas (como está mostrado) são nascidas de clemência, e com-

(4) **IDIOT., in suis Contempl.**

(5) **NICOL. CAUSS., de mister. et lacrim., cap. 40.**

(6) **Atheneo, lb. 8.**

paixão; nêles mais, que em outra alguma pessoa deve reluzir esta virtude.

**Nullum clementia magis,
quam Regem decet. (7)**

Disse-o elegantemente Sêneca, e Claudiano sentiu o mesmo.

**Nam inter uirtutes; quae Principem
maxime decet, clementia est. (8)**

É na Escritura Sagrada, se descobre também esta virtude.

Reges domus Israel, clementes sunt. (9)

Ó como me parece diria César compassivo, vendo a cabeça de seu inimigo Pompeu, aquilo mesmo, que na morte de Sátiro, disse Santo Ambrósio

**An ego possum, aut non cogitare de te,
an unquam sine lacrimis cogitare?**

Lancemos agora o pensamento a todos os Heróis, que houve nas idades passadas, para ver se floresceu algum, que em ação de tão singular piedade, pudesse competir com o nosso César: como nas letras humanas se não ache, recorreria alguém para as Divinas, e alegaria o exemplo de um Davi, chorando a morte de um Saul; mas ainda que eu concedesse a paridade assaz divinizada, ficava a ação de um César tendo por exemplar a um homem, retrato perfeito de um Deus humanado; e assaz encarcerada ficava a fineza do meu objeto; dizendo que Davi era um César entre os Hebreus, e César um Davi entre os Romanos.

Mas eu não me contento com este pensamento, porque acho na ação de César um singular excesso; porque Davi na ocasião referida não chorou só por Saul inimigo, porque sabemos que também na mesma ocasião chorou por Jônatas, um tal amigo, que lhe roubou a alma.

Conglutinata est anima Ionathae animae Daud.

Chorou por outros Soldados, e Generais com quem tinha sociedade nas campanhas, os quais todos via mortos à espada dos Filisteus: chorou porque via tôda a República dos Hebreus em perigo de ser conquistada pelos inimigos: chorou finalmente porque via a seus companheiros chorar em tão lamentável estrago.

**Omnesque uiri, qui cum eo erant
et plauerunt; et fleuerunt (10)**

(7) SEN., De Clem.

(8) CLAUD.

(9) Reg., Cap. 20.

(10) Reg. lb. 2. Cap. I.

E todos êstes motivos eram de sobejo para fazer lançar copiosas lágrimas, não só a um coração tão benigno, como o de Davi, mas ainda às Feras da Hircânia, ou Leões da Palestina: porém o nosso César não teve nenhum desses motivos; chorou por Pompeu copiosamente vendo morto não a um amigo (como Jônatas era de Davi) mas ao seu maior inimigo; e isto mesmo é ser César, ter por motivo de suas lágrimas a sua mesma bondade, assim como o prêmio dessas lágrimas não havia de ser alguns bens da fortuna obediente a César, mas à sua mesma virtude.

*Ipsa quidem uirtus, pretium sibi, solaque laudis
Fortuna secura nitet.* (11)

Logo bem podemos justamente dizer, que nem ainda a piedade de Davi na morte de Saul, pode competir com a clemência de César na morte de Pompeu; ou que César na clemência, não chega a ter igual. Ó que grande virtude por certo.

*O maxima rerum
Et merito pietas, homini tutissima uirtus.* (12)

Com a clemência se aprisionam os afetos, e rendem com doce violência as vontades, diga o Cícero. Com a clemência conserva o Rei o cetro, e fortalece o trono, confesse o Salomão

*Misericordia, et ueritas custodiunt Regem,
et roboratur clementia thronus eius.* (13)

Com clemência chegaram a aparecer Deuses na terra muitos Príncipes, confirme-o Sêneca

Principis pietate, ac clementia Dii sunt. (14)

Com a clemência se fizeram os Imperadores Romanos entre as nações as mais amáveis, testemunhe-o Vulcácio

*Nihil esse, quod Imperatores
melius commendet gentibus,
quam clementia.* (15)

Marco Aurélio foi mais glorioso por seus compassivos agradados, que célebre por seus triunfos. Sucedeu (segundo o estilo dos mais Imperadores em as festas que consagravam ao Deus Jano em o primeiro dia de Janeiro) vestir-se de Toga Imperial,

(11) CLAUD.

(12) CIC., *De Off.* 1.

(13) PROV., 20.

(14) SENEC., *Ib.* 8.

(15) VULCAT., *in Auld.*, cap. 11.

para acompanhar aos Senadores na procissão, que também dedicavam a êste falso Ídolo. Compunha-se esta de tôda a sorte de vizinhos Officiais, Matronas, Embaixadores, Senadores, e ainda dos Cativos, presos, e facinorosos, pôsto que divididos e apartados dos demais tinham êstes o privilégio de ficarem de todo perdoados, se chegavam a tocar a Toga Imperial: passavam a vistas do compassivo Príncipe, que levado da sua natural clemência, deixando aos Senadores, se foi meter no grêmio dêles; de sorte que puderam com facilidade tocar-lhe, e gozar da imunidade, e privilégio; ficando desta maneira perdoados todos; e porque ainda das ações heróicas sempre há quem se atreva a sentir mal delas, houve quem perguntasse ao Imperador assim: Aurélio por que te dás a todos: ao que respondeu o Imperador agudo, e pronto — por que se dêem todos a mim. De Alexandre Magno refere Rodigino que vendo em uma batalha ferido ao grande Capitão Lisímaco fôra tal a sua piedade, e clemência, que não tendo pela ocasião pronto o remédio, tirava da cabeça o Diadema, que era a maneira de turbante Turquesco para tomar-lhe o sangue, e apertar-lhe a ferida.

José Rei do Egitto vendo a seus Irmãos perecer à fome, êle lhes ministrava o pão; sendo mais poderosa a sua piedade, e clemência para o remédio, que a lembrança de o haverem vendido para a vingança; e ganha tanto aos corações esta virtude, que de Espúrio Mélio escreve Quintiliano haver grande suspeita de querer levantar-se com o Império, só por verem o quanto se fazia amado do Povo, pela sua piedade, e gênio compassivo.

Ao mais natural domínio, faz a crueldade tirana; e pelo contrário ao Império mais tirano, faz a clemência natural. A severidade não conserva a autoridade; a comiserção, e a clemência sim a aumenta: e que bem o entendeu assim Claudiano, porisso aconselhava sempre ao Imperador Honório, fôsse clemente, e compassivo.

*Si pius imprimis, nam cum uincamur im omni
Munere, sola Deos aequat clementia nobis. (16)*

E Sêneca a Nero, dizia o mesmo

*Pulchrum eminere est inter illustres uiros
Consulere patriae, parere afflictis, fera
Caede abstinere, tempus atque irae dare,
Orbi quietem, saeculo pacem suo,
Haec summa uirtus, petitur hac Caelum uia? (17)*

(16) CLAUD., in Consul. Hon.

(17) SENEC., in Octau.

Por compassivos foram celebrados no mundo os Césares, os Otavianos, os Trajanos, os Antoninos, e os Aurélios, e por tiranos foram aborrecidos os Calígulas, os Nervas, os Cômodos, os Neros, e os Domicianos.

Moisés porisso reinou tanto; porque temperou com a clemência o poder; e nisto consiste certamente a arte de reinar. Esta foi em o mundo a primeira política: assim o deu a entender a Filosofia antiga, fingindo que Orfeu com a sua lira atraía a si até os animais e que as pedras com que Anfião edificou os muros da Cidade de Tebas, corriam ao som da sua harpa; para significar que a doçura, e clemência daqueles illustres varões foi bastante para reduzir aos homens mais feros que as mesmas feras; e com menos razão que as pedras a harmonia das leis, e companhia civil.

**Siluestres homines sacer interpresque Deorum
Caedibus et uictu foedo deterruit Orpheus,
Dictus ab hoc lenire tigres, rapidosque leones;
Dictus et Amphion Thebanæ conditor urbis,
Saxa mouere sono testudinis, et prece blanda
Ducere quo uellet. (18)**

O certo é, que por mais que um Povo seja uma Serpente, e um Dragão; se há um suavíssimo Moisés, que chegue a tocar-lhe com a mão (rendida tôda aquela braveza) fará de uma Serpente uma vara que o defenda, e converterá a um Dragão em báculo que o sustente; porque dêstes milagres, sabe fazer a brandura, e dêstes prodígios a clemência em quem manda.

A espada na mão do Rei, quando mais embainhada mais rende. Quando Davi quis derribar aquêl terror das gentes, o Golias, é verdade que primeiro se valeu do rigor das pedras, porém suavizado com a doçura, porque as meteu no alforje pastoril, ou odre de leite, como no original se lê

**Misit lapides in peram pastorem
in utrem lactis (19)**

E como não havia de vencer um rigor, armado de suavidade. Nas leis se vê bem esta verdade, porque duram mais aquelas, que a clemência íntima: Tôdas foram leis de Deus; mas o certo é que as que Deus promulgou com raios, e trovões no

(18) HOR., in *Ars Poet.*

(19) Reg. 1, cap. 17, n.º 40.

Monte Sinai, logo ao pé do mesmo Monte se quebraram e pelo contrário, as que sem êsses espantos escreveu Moisés se conservam.

**Scriptura quoque Dei erat sculpta
in tabulis; proiecit de manu tabulas,
et confregit eos ad radicem montis. (20)**

Até o perigoso, e duro da guerra se faz suave ao que obedece com a brandura de quem manda: porisso Germânico para ter obedientes as Legiões de Alemanha, e mais dispostas para a batalha costumava visitar aos Soldados feridos, e louvar as suas façanhas; e a uns com a esperança, a outros com a glória, e a todos com as suas doces palavras, grangeava os triunfos para si, e animava-os para a batalha.

As víboras que vivem junto aos bálsamos da Arábia, ainda que ferem, não matam; porque a brandura do bálsamo apaga o ardor do veneno.

**Praestantissimi enim faticis odore
Veneni acerbitas mitescit. (21)**

Não há nenhum rio que corra mais sossegado, que o Nilo, e nenhum há tão útil como êle.

**Lene fluit Nilus, sed cunctis amnibus extat
Utilior, nullas confessus murmure uires. (22)**

Pouco fertiliza os campos um furioso aguaceiro; uma chuva branda, e sossegada, é a que rende a dureza da terra, e a obriga a pagar ao Cêu em frutos, o que lhe destilou em rocios.

Seja pois a conclusão de todo êste discurso; que, a Majestade vive mais segura à fôrça da mansidão, e clemência, que a faz amada, que do mesmo rigor, e poder, que a faz temida. Seja o Príncipe não um Domiciano no rigor, sim um Ciro na brandura; não um Saul na condição, sim um César na clemência.

Disse.

Do Cônego Antônio Roiz Lima.

(20) **Ex.**, cap. 32 [Obs.: a expressão só aparece em **Iudic.**, 4, 19; há certamente uma citação truncada].

(21) **PAUSAN.**

(22) **CLAUD.**, in **Cons.**

Conferência de 6 de agosto

Ao Presidente

Foi nesta conferência Presidente o muito
Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima
Desembargador da Relação Eclesiástica

Ao muito Reverendo Senhor Presidente.

DÉCIMA JOCO-SÉRIA

Se Horácio a dizer se anima
(E no-lo dá por receita)
que a coisa para perfeita
há de ir dez vêzes à Lima,
disto, que êle nos intima,
êle mesmo hoje se afasta,
e de o ter dito se agasta;
pois se estas as Limas são,
para adquirir perfeição
ir à Lima uma vez basta.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima
Presidente da presente Academia.

DÉCIMA

Nessa Cadeira sentado
vos vi Presidente orando,
douto, e ciente ostentando
o saber mais sublimado;
canta em vós equivocado
Apolo tão doce solo,
que de um Pólo, a outro Pólo,
quem julgar mais doutamente,
verá Apolo Presidente,
e a vós Presidente Apolo.

Francisco Pereira do Lago Barreto.

Ao Muito Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima.
Oferecem êste louvor as habitadoras do Pindo
com o título de

CHORUS SIUE MUSICA MUSARUM

Cum tua Pieridum uel turba Oratio nota,
Et laus nulla hominum tanto te digna fuisset;
Conuenere omnis Parnasi culmine Musae,
Et secum statuere chorum formare canentes.
Ad pulsum plectrum mox aptum reddit Apollo,
Cumque ordiretur melicos proferre sonores
Calliope primo modulans hoc distichon edit:
 Viue diu doctor mirus, cui dotus Apollo
 Seque, suamque lyram subiicit ante pedes.
Tunc Erato sequitur non inferiora canendo:
 Viue diu doctor, melior sapientia mundi,
 Cedere cui tantum docta Minerua placet.
Aera Melpomene prorumpit uoce uibrissans:
 Viue diu, aetatis nostrae Ciceronica lingua,
 Quam tua (nec mirum) lingua loquendo
 [praeit.
Grata Thalia sonans, comites sociatur easdem:
 Viue diu, haud dubio, Scriptorum maximus
 [Atlas,
 Cui Sophiae soli pergraue pondus inest.
Concinit et Clio dulces imitando sorores:
 Viue diu, cunctos qui mentis acumine praestas
 Rethoricos doctos, Historicosque uiros.
Haud secus inflexo Vranie modulamine cantat:
 Viue diu sapiens, omni memorabilis aeuo,
 Et tua posteritas scripta futura sciat.
Dulciter Euterpe profert has uoce loquelas:
 Viue diu memorande Pater per saecula cuncta,
 Cuius in aeternum fama perennis erit.
Terpsichore carmen citharae componit ad ictum:
 Viue diu, sed uiue Deo uenerande Sacerdos;
 Omni sic celebris tempore uiuus eris.
Denique cantillans uersum Polyhymnia fatur:
 Viue diu, decor oh! Lysiae mirabilis usque,
 Nominis et numen uiuat in orbe tui.

Escreveu o Amanuense Cornélio Bruto.

Ao muito Reverendo Doutor Antônio Rodrigues
Lima, na presente Oração

EPIGRAMMA

Roma suos taceat celebratos magna per orbem,
Insimul atque suos Graecia docta uiros.
Brasila te tellus solum canat usque peritum;
Nec pereat tanti rumor in orbe uiri.
Dumque tuo ingenio tam mire Antonius oras,
Fama aeterna aras tollit in astra tibi.

Escreveu o Amanuense Cornélio Bruto.

Ad Sapientissimum Praesidem Eximium
Canonicum, Ecclesiasticum, Senatorem
Meretissimum, Antonium Rodericum Lima.

ACROSTICHIS, SEU ENCOMIASTICE

Quod si longa dies, et aeuiterna,
Exoptanda homini; uelim aeuiternam
Prodesse, eloquio diu, stiloque,
Vt possim, egregie, locutus inde,
Vir doctus adest, Antonius, in quo,
Tanto, Bahia gloriari alumno,
Potest, ut facit, hia, age, hic fuisse
Te laetare diu, diu futurum, et
Auguror, neque tam diu fuisse,
Quam stilo, eloquioque profuisse;
Nec solum eloquio, et stilo, sed, et quod,
Maius, utiliusque, iudicatis
Rebus, quotidieque iudicandis,
Ecclesiastico teste Senatu
Aula, et nunc Apollinea, pereruditus?
Quem fas uaticinarian perennem,
Plus uno fore [Saeculo] per orbem?
Antonius, nomen est ante, et omnes?
Rodericus rhodae, ingenii rosetum,
Ricus, ut ricca tunica Sacerdos?
Lima riuulus facundiae perennis?

Mali Lethe (1), leuamen in se, reuersus?
 Hinc ad astra tuum nomen Superiorum
 Vehatur, ingenium pariter peritum?
 Vt dicaris per doctus, omni ab aeuo.

Emmanuelis Ferreira de Carvalho.

Em louvor do Reverendo Cônego o Senhor Doutor
 Antônio Roiz Lima.

DÉCIMAS

Se uma cabeça ultrajada
 motivo foi de lamentos,
 causará contentamentos
 a vossa por exaltada:
 se a de Pompeu foi chorada
 pelo grã César Romano,
 vós podeis ficar ufano,
 porque a vossa em lustres tantos,
 causa júbilos, não prantos
 hoje ao César Lusitano.

Isto é por vossa oração,
 que coerente, e erudita,
 ao raro do assunto imita
 a sublime locução:
 à vossa cabeça dão
 aplausos por mil razões,
 pois se a de Jove em ficções
 gerou a Deusa das ciências,
 gera a vossa em evidências
 a Deusa das Orações.

De Yerônimo Roiz de Crasto.

(1) Ao lado esquerdo, entre os versos "Lima riulus..." e "Mali Lethe...", lê-se: "Anagramma".

Em louvor do Muito Reverendo Presidente
o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego
Prebendado na Santa Sé da Bahia,
e Desembargador da Relação Eclesiástica.

SONETO

Não é para admirar a erudição
do nosso Presidente em seu orar,
que quem é na ciência singular,
o contrário seria admiração:

Aristóteles, Sêneca, e Platão,
emudecidos fiquem sem falar,
que o Lima, há de como Lima limar,
e pôr o mais limado em confusão.

É de partes um todo, que contém
em si, uma vantagem superior,
que passa de grandeza muito além.

No direito canônico, é Doutor,
Ministro da justiça, assim também
da Misericórdia digno Provedor.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ad Reuerendissimo admodum Canonicum,
Doctoremque Antonium Rodericum musarum
Apollinem in hac nobili Academia

EPIGRAMMA

Hactenus accepit doctos Academia quantos,
Doctior exsuperas, floridiorque canis.
Quid mirum! reliquos resonas dum talia uincas,
Quam reliqui melius si quoque nomen habes.
Egregium nomen floris Antonius offert
Illi quisque libens indere nomen auet:
Dum canit Antonius porro modulamine tanto
Quam flores nobis nil nisi iure refert.

[Iosephus Fernandis]

ALIUD EIDEM
EPIGRAMMA

Cum sibi flos campi sponsum desideret unum,
Nesciuit teneram nemo dicere rosam?
Nunc etenim uultus possunt abscondere flores,
Huius odor penetrat dulcis adusque polum.

Iosephus Fernandis.

Em louvor do Sapientíssimo Presidente o
Reverendo Cônego e Doutor o Senhor
Antônio Roiz Lima.

DÉCIMA

Presidente, doutamente
as Lágrimas ilustrais
de César, e vos mostrais,
mais que Cícero, eloqüente.
Sois Discreto, sois ciente,
pois na eleição, que fazeis,
inculcais o que sabeis;
de nova Idéia transunto,
dais à admiração assunto
no Assunto que escolheis.

Do Acadêmico Nubiloso.

[Caetano de Brito Figueiredo]

Ao Presidente.

SONETO

Com tanto acêrto, ilustre presidente,
orais discreto, e discorreis profundo,
que sois no grave, altivo, e no facundo
à voz do pasmo assunto reverente;

Publique pois da fama o grito ingente
que sois na sutileza sem segundo,
a quem venera em justo aplauso o mundo,
douto sem vício a logros de eloqüente;

Pois nesse das Camenas alto assento
tão sábio presidis, que Apolo intima
ceder a vosso ardor seu luzimento;

Mas que muito: se vossa ciência anima
para os acertos generoso alento,
para os discursos relevante Lima.

De João de Barbosa e Lima.

Ao Doutor Presidente o Reverendo Cônego Antônio
Roiz Lima em ocasião de suceder na presidência
ao Padre Reitor Rafael Machado.

DÉCIMA

Uma Lima? bom achado,
A um machado? grande enigma,
A um machado uma Lima,
E uma lima a um machado?
E um seja, e outro louvado
pois que os vejo equivocados;
que a mim só por meus pecados
cá por secretos enigmas
falte o [sutil] para as limas
e o fio para os machados?

De Frei Avertano de Santa Maria.

Ao Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego
Prebendado da Santa Sé da Cidade da Bahia,
e Desembargador da Relação Eclesiástica.

DÉCIMA

É o Lima doce torrente,
o Lima é fruto abundante,
inda é mais, que é penetrante
Lima, o Lima Presidente;
aguda mente ciente
tanto o seu saber intima,
que se aplica a Lima prima
para Limados empenhos,
inda aos mais sutis engenhos
Antônio Rodrigues Lima.

Luís Canelo de Noronha.

Sapientissimo Praesidi Domino Doctori Antonio
Roiz de Lima

EPIGRAMMA

Quam dulcis, Facunde, tibi facundia! mellis
Defluit o quantum dulcis ab ore fauus.
Vt mellis dulcedo placet, dulcedine nobis
Plena fauos stillans sic tua lima placet.
Ergo fructus eris Musarum, Limaque Phoebii,
Nam, te orante, suum carmen Apollo polit.

Offert

Antonius de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Reverendíssimo Cônego Senhor Padre Antônio
Roiz Lima, Digníssimo Presidente
da Academia.

SONETO

Neste ameno jardim da Academia
Do jardineiro Apolo cultivado,
Pelas Irmãs Castálidas regado
Com correntes de Douta melodia.

Vos ouvimos com pasmo, e bizzarria
Ó douto Antônio (flor interpretada)
Presidir eloqüente, e celebrado
Com fragrância, e sutil sabedoria.

Mas que flor sereis vós, que Apolo estima
Tanto, que porque a vê bem cultivada
Nesta planta o Diadema põe de louro?

Certamente que sois a flor de Lima;
Porque em fôlhas de prata bem limada
Recitastes, Senhor, bocados de ouro.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Cônego
e Doutor Antônio Rodrigues Lima.

SONETO

Ilustre, Sacro, e douto Presidente,
dêste Céu literário, astro brilhante,
dêste Museu Celeste, heróico Atlante,
raro assombro do século presente.

Desempenho cabal, e competente,
do conceito que em todos foi constante,
de que vossa oração tão relevante,
aplaudida seria eternamente.

Dai lugar para que minha humildade,
possa congratular vossa vitória,
elogiar possa tal felicidade.

E no Templo immortal da eterna história,
êste troféu da mais grata amizade,
feliz despôjo seja a tanta glória.

Pelo Licenciado

Jorge da Silva Pires.

Em louvor do Reverendíssimo Presidente, o
Cônego o Doutor Antônio Roiz Lima.

DÉCIMA

Heróico Assunto seguiste,
Quando por modo divino,
Nos mostrais quanto é benigno,
O César que nos assiste.
Nêle a clemência consiste,
Em grau muito sublimado,
Sendo pois o figurado,
Do que o outro foi figura:
Aquêle lá foi pintura,
Êste o seu significado.

Do Licenciado

Jorge da Silva Pires.

Ao Ilustríssimo Senhor Doutor Antônio Roiz Lima
Cônego da Santa Sé, e Presidente da Academia.

SONETO

Ó Cadeira sublime, e apetecida,
dize-me, que contigo falo agora,
quando fostes mais rica, e mais Senhora,
excelsa, soberana, esclarecida?

Bem conheço, que sempre engrandecida
te conservas soberba em qualquer hora,
porém nesta tens uma tal melhora,
que só nela te vejo mais subida:

Alegra-te, ó Cadeira, sempre honrosa
pois por ti se acha outra desprezada,
que se te não iguala é mais rendosa;

Ela por teu respeito está deixada,
e tu com o contacto majestosa
dêste eloqüente Apolo sublimada.

Por Inácio Pires da Silva.

Ao Reverendíssimo Senhor Doutor o Cônego
Antônio Roiz Lima Presidente da Academia.

SONETO

Ó Melifluo Doutor quer que observemos, (1)
para tudo falarmos acertado,
limar bem as palavras com cuidado
duas vêzes primeiro que as falemos:

Isto mesmo em vós todos admiremos,
pois orastes sutil, e tão limado,
que com razão nos tendes bem mostrado,
que sois Lima mais doce, e nós o vemos;

Ó Língua Claraval mais excelente,
que já hoje vos vemos imitada
dêste Douto, afamado Presidente;

E tu nobre Cadeira sempre honrada,
que servistes de coche ao Sol luzente,
pela dita que tens és invejada.

Por Inácio Pires da Silva.

Ao Senhor Reverendíssimo Doutor o Cônego
Antônio Roiz Lima Presidente da Academia.

DÉCIMA

Só vós Douto Presidente,
de pólo a pólo luzis,
com conceitos tão sutis,
que assombrais ao eminente;
como tocha mais luzente,
e claríssimo luzeiro,
só vós fostes o primeiro,
que servindo de farol,
presidistes como Sol
as flôres dêste canteiro.

Por Inácio Pires da Silva.

(1) Lê-se ao lado:

Ex. D. Bern. Bis ad Limam quam semel ad Linguam.

Ao Senhor Reverendíssimo Doutor o Cônego
Antônio Roiz Lima Presidente da Academia.

DÉCIMA

O Planêta mais luzido,
em flamante carro armado,
alenta as flôres do prado,
de ardentes raios vestido;
Vós como Sol entendido,
da mesma sorte influente,
como Planêta luzente,
presidistes tão benigno
ao assunto de um Menino,
mordido de uma Serpente.

Por Inácio Pires da Silva.

Reuerendo admodum Canonico ac
Domino Maximo Antonio Roderici huius
Academiae Praesidi Emeritissimo

EPIGRAMMA

Ingenio resonas, Praeses doctissime, tanto
Omnis ut superes eloquio ipse tuo.
Se quid ego miror! reliquos quod uincere possis,
Si reliquis uolitas altior ipse st[i]lo.
Aurea certa tibi liceant, non florea tantum,
Nam tali solum digno ualore canis.

[Emanuel Nunes de Sousa]

Aliud eidem in illud: Antonius, id est "flos"

EPIGRAMMA

Hinc excede uenus? florem lauream producere
[nescis,
Sanguine non tinctus flos uiret iste tuo.
An similis paestana rosas producere gleba,
Idaliumue nemus, Chariacumue solet?
Qui marcent glacie, flores producis in hortis,
[L]aeditur et spinis carpere quisquis auet.
Flos sine sente manet (credas) Antonius ipse
Iure tuas superat dum uiret ergo rosas.

..... Emanuel Nunes de Sousa.

Em louvor do Reverendíssimo Presidente: por um
seu amantíssimo.

DÉCIMAS

Se Platão vos escutara,
Se Minerva vos ouvira,
Aquêlê, absorto servira,
Esta, confusa pasmara.
A mesma Atenas temblara,
Se por ciente se estima,
E a musa, que assaz se anima
A dizer, brada fiel,
Que na prata do papel
Muito corta a vossa Lima.

Achei ser desnecessário
Nesta Douta Academia
O ouvir-se se saberia
O Padre-nosso o Vigário.
Se é conceito adversário,
Disso pesar não tendeis,
Pois prontamente mostrais
O claro com que o dizeis,
E porque bem o sabeis,
Por isso também orais.

Existe em mim a porfia,
Onde brilhais mais subido,
Se na cadeira, e no cabido,
Ou se nesta Academia.
Mas já com grave energia
Sigo o mais claro farol,
Pois no [que o] subido arrebol
Lustrais com tanta melhora,
Que se lá brilhais Aurora,
Cá ilustrais, como Sol.

Não sei quem possa louvar-vos,
Lima, que atine ao melhor,
Quando em tão curto louvor
Não deixo de aniquilar-vos.
O meu afeto explicar-vos
Não pode as razões urgentes,
Mas porque ao mundo patentes
Direi com saber profundo,
Que ninguém inda achou fundo
Lima, nas vossas correntes.

Não sei, Douto, Presidente
 Como acerte a engrandecer-vos,
 Quando louvar é abater-vos
 Lá nesse sólio eminente.
 Atendei que fielmente
 Vos cheguei gostoso a ouvir,
 Tanto assim, que discernir
 Não posso, em matérias tais,
 Se há quem possa dizer mais,
 Ou se há melhor presidir.

Em Musa, que é tão pequena
 Não cabe grande louvor
 Aceitais o meu fervor,
 Se a ignorância me condena.
 Abate já o vôo a pena,
 De louvor não trata mais,
 Desistindo em têrmos tais,
 E afirmando a infindos gritos,
 Que com a dos vossos escritos
 Por todo mundo voais.

[*Sem indicação de Autor*]

Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor
 Antônio Roiz Lima, Cônego da Santa Sé sendo
 Provedor da Misericórdia.

SONETO

Das lágrimas do César, que clemente,
 na morte de Pompeu chorou sentido,
 inferiste com engenho nunca ouvido,
 o heróico de um Príncipe excelente.

Incentivo eficaz, e equivalente,
 vos moveu ao emprêgo deduzido,
 quando tal atributo em grau subido,
 resplandece no Príncipe presente.

E se por tal princípio foi forçoso
 este assunto seguir, de equidade,
 outro vos move não menos glorioso:

Querer que se conheça em tôda idade,
 que quando Provedor sois caprichoso,
 sempre vos inclinais à piedade.

De um afetuoso amigo.

Em louvor da Oração do Senhor Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima.

DÉCIMA

Vossa oração se sublima,
 porque com admiração,
 para inteira perfeição
 em vós mesmo teve a lima:
 a glória que mais se estima,
 tereis por razão notória
 para perpétua memória,
 com motivo mui cabal,
 que a boa oração mental,
 costuma alcançar a glória.

Por um Anônimo.

Conferência de 6 de agôsto

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto desta conferência César
 que tendo notícia da morte de seu inimigo
 chorou

Ao primeiro assunto.

SONETO

Aquêlê excelso herói, que no eminente
 Coroado valor triunfou da morte,
 César invicto, assombro de Mavorte,
 Com quem êste aprendia a ser valente,

Aquêlê, que com ânimo excelente
 Reputou sempre emulações por sorte,
 E nos destroços de um contrário forte
 Fundava as causas, de viver contente,

Hoje sente ambicioso da vã glória
 Em grande coração dor não pequena,
 Faltando-lhe os objetos da vitória.

Com justa causa ao pranto se condena;
 Pois se o ter a quem vença, é nêle glória,
 Não ter de quem triunfe, há de ser pena.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao assunto heróico

EPIGRAMMA

Vium, inimicum, odit Caesar, lacrimatur amicum,
 Pompeium, dum Mors, saeva homicida, tulit:
 Quis pius? haud aliquis generosior extitit unquam;
 Ni foret innatum, Caesari abesset adhuc.

De Francisco Xavier de Araújo.

Ao assunto heróico.

SONETO

Júlio aquêle César sempre Augusto,
 porque brando na paz, duro na guerra,
 vendo morto a Pompeu, a quem a terra
 olhava com tremor, via com susto.

O antigo rancor, o ódio justo
 sepulta em pranto, em lágrimas enterra,
 e mostrando primor, que o peito encerra,
 quisera dar-lhe a vida a todo custo.

Se César ao nascer, César não fôra,
 seu valor lhe não dera esta nobreza,
 começara a ser César logo agora;

Pois trocada em piedade a dureza,
 se faz digno do timbre, que decora
 de tanto illustre César a grandeza.

De Francisco Pinheiro Barreto
 Vigário da Igreja de São Pedro.

A César compadecido de seu inimigo Pompeio

EPIGRAMMA

Quid te maius erit, Caesar? Quid in orbe putandum
 Principe tam magno grandius esse? Nihil.

Ergo si clemens, quae par clementia? Nulla:
 Atque tua maius quid pietate? Nihil.
 Tu mitis flesti lacrimisque misertus obortis
 Hostis es, illius plurima morte gemens.
 Laudibus hac causa te dignum, teque benignum
 Fama canet semper, fama per astra feret.

Do Licenciado Cornélio Bruto.

À piedade, e clemência de César na morte de seu inimigo Pompeu.

SONETO

Monarca Augusto, Senhor imperioso,
 Que lugar tendo na immortalidade,
 Só pela vossa grã benignidade
 Mais que tudo sereis sempre glorioso:

Vós que ao vosso inimigo furioso
 Vendo morto com tal penalidade
 Quiseste não obstante a inimidade
 Compassivo mostrar-vos e choroso:

Quem César esta ação vos não aclama
 É de quem deixareis de ser louvado
 Ou quem pai da clemência vos não chama;

Sereis sempre aplaudido, e celebrado,
 Que se as outras ações foram de fama,
 Por esta ficareis mais afamado.

Do Licenciado Cornélio Bruto.

Assunto.

César vendo a cabeça de seu Inimigo chorou.

SONETO

Parece temos César já prostrado,
 rendida aquella grande fortaleza,
 a soberba humilhada, sem grandeza,
 c'o valeroso ânimo trocado:

Mas é falso, que o ter César chorado,
 não é demonstrativo de fraqueza,
 que em ser compadecida a natureza
 é realce do ânimo alentado:

Quis César ao contrário dar castigo
por de todo acabar sua memória;
nesta ação foi obrar como inimigo;

Mas depois que alcançou dêle vitória,
sua morte chorou como de amigo
descontando com pena aquela glória.

De Antônio Ribeiro da Costa.

A chorar César quando lhe trouxeram a cabeça de
Pompeu.

SONETO

De Pompeu, que abalando a Esfera imensa
contra César, em ódio seu se cansa,
trazem, fazendo a sorte cruel mudança,
a cortada cabeça a sua presença.

E como maquinava em ira intensa
a ruína dêle com perseverança,
queriam fôsse o objeto da vingança,
cabeça que oficina era da ofensa.

Porém César que na benignidade
ilustrar pretendia as suas vitórias,
chorou de compaixão, ou de piedade.

Assim perpetuou altas memórias,
pois tais lágrimas são na eternidade
exéquias a Pompeu, a César glórias.

De Yerônimo Roiz de Crasto.

Ao primeiro assunto.

SONETO

César Invicto, as lágrimas, que choras,
a teu heróico alento significam
caracteres magnânimos publicam
a tantas Palmas já triunfadoras.

Se do Egito as máquinas traidoras
Pompeu a teu obséquio sacrificam,
enganam-se: que as lágrimas explicam
Clemências, com que os créditos melhora.

Foi vítima Pompeu da crueldade;
mas nesse Augusto pranto, nôvo alento
lhe dás, e acquires (sic) para a eternidade.

A Clemência ilustrou o vencimento;
que é filha do valor a piedade,
e Palma do triunfo o sentimento.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao primeiro.

SONETO

A impulsos do valor, não de piedade,
pesar inculca, generoso chora
ver César, que atrevida mão traidora
vitórias lhe roubou à Majestade:

Do vencido a suprema autoridade,
com mais glória, os triunfos condecora,
e se vivo Pompeu mais tempo fôra,
César fôra imortal à eternidade:

Morto vendo Pompeu, seria injusto
mostrar triunfante afetos de alegria,
como se respirasse de algum susto;

E assim para expressar o que perdia,
genoroso chorou, César Augusto,
não de piedade, sim de valentia.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao primeiro assunto.

SONETO

Fala César com Pompeu.

Pode, ó Pompeu, com golpe caviloso
a impulsos da perfídia executado
violento insulto ao passo que obstinado
triunfar de vossa vida cauteloso;

Mas sabe a tanto estrago generoso
a vozes da piedade arrebatado
meu peito hoje ofr'cer-vos lastimado
a sustos do rancor pranto forçoso;

Pois se a despiques ontem da vaidade
 nos viu já disputar sôbre a grandeza
 a riscos do destino arbítrio infausto;
 Bem é que agora a votos da saudade
 na mágoa vos tribute a natureza
 pranto, que informe à dor pio holocausto.

De João de Barbosa e Lima.

SONETO

Chora César de ver Pompeu rendido
 Ao bélico furor de Marte irado;
 Mas tanto não chorou de lastimado,
 Como de ver tal émulo abatido.
 Na opposição de seu valor subido
 Se acreditava César de alentado,
 E nunca se julgou menos ganhado
 Do que quando de todo, o viu perdido.
 Pouco importa de César a vitória,
 Fenecendo na bélica peleja
 Quem eterno o fazia na memória.
 Dar a vida a Pompeu César deseja;
 Porque com sua vida, sua glória
 Dava assuntos a Fama, assombro a inveja.

[João de Brito e Lima]

SONETO

De Aquiles vendo o Magno a sepultura
 A corrente verteu dos olhos clara.
 César chorando, quanto lhe pesara
 A morte de Pompeu, mostrar procura.
 Alexandre na lástima, que apura
 Inveja mais, que compaixão declara.
 Dá César a entender no que chorara,
 Controverte[r] em desgraça esta ventura.
 Ao [cado] de Megera suspira
 O Macedônio, vendo, que decora
 Do Grego a fama, a mais sonora lira:
 Como César discreto não ignora,
 Que com Pompeu a sua fama expira
 Vendo morto a Pompeu, com razão chora.

[Do mesmo Autor]

SONETO

De Pompeu a cabeça foi motivo
 De César derramar pranto copioso,
 Querendo por valente, e por piedoso
 Antes, que morto, ter a Pompeu vivo.

Vendo-o prostrado às Leis do fado esquivo
 Pio se quis mostrar, não rigoroso,
 E nunca César foi mais valeroso,
 Que quando se ostentou mais compassivo.

Era César prudente, e conhecia,
 Que quanto honrasse a seu contrário forte
 Seu valor igualmente engrandecia.

Lastima-se de vê-lo desta sorte;
 Porque não é valor é covardia
 A paixão que transcende além da morte.

[*Do mesmo Autor*]

SONETO

Se César de Pompeu vendo o escarmento
 Na cabeça, que ao mundo encheu de espanto,
 Dos olhos não lançara um mar de pranto,
 Descrédito daria ao entendimento.

Requintou na piedade o seu talento
 (Digna ação de louvar-se em melhor canto)
 Mas não tivera César valor tanto,
 Se não mostrara tanto sentimento.

De valeroso, e de [sentido] alcança
 César, nos atributos a igualdade,
 Que o fazem ser eterno na lembrança.

Mas vendo de Pompeu adversidade,
 Não usou do valor, para a vingança,
 Do entendimento usou, para a piedade.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

A César, que depois da vitória de Farsália chorou
vendo a cabeça de Pompeu.

SONETO

Os aplausos não deixa, que apeteça
A César o contrário, que lhe falta,
Que o coração em lágrimas lhe salta
Aos olhos, de Pompeu vendo a cabeça.

Chora; porque na mágoa se conheça,
Que o valor, que as ações suas esmalta,
Do triunfo, que ao despôjo tanto exalta,
Nas lágrimas a glória faz que cresça.

Pois da ilustre cabeça, em que memória
Imortal lhe segura tôda a idade,
As lágrimas lhe dão também vitória.

Fazendo com gentil desigualdade,
Que os triunfos aumente a sua glória,
Uma vez o valor, outra a piedade.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

César chorando à vista da cabeça de Pompeu.

SONETO

Sôbre a cabeça de Pompeu, que adverte
Despojos do troféu, que segue ovante,
De César o valor sempre constante
Em muda suspensão, lágrimas verte.

A ordem do triunfo ali perverte,
E por fazer, que fique ao mesmo instante
Igualmente o vencido triunfante,
Os aplausos em lágrimas converte.

Porque o Mundo de seu valor conheça
Que ao vencido resulta tanta glória,
Que a ser não menos vencedor começa.

Triunfam ambos com razão notória,
Pois ao passo que César da cabeça,
Das lágrimas Pompeu tem a vitória.

De João de Figueiredo Mascarenhas.

Ad Caesarem, truncato Magni Pompei capite,
deplorantem

EPIGRAMMA

Hostem urget Caesar, tumidasque exarsit in iras,
Truncatumque caput dum uidet, ipse gemit.
Quo quisque est maior, magis est placabilis irae,
Nec ualet irasci, mens generosa diu:
Imo capit facilis motus; sic Caesaris iram
Non uis, sed pictas uincere sola potest.

Luís Canelo de Noronha.

A César, que vendo a cabeça de seu inimigo, chorou.

SONETO

Vence César por armas todo o Mundo,
E mais Mundos o seu valor vencera,
Se mais Mundos então no Mundo houvera,
Em que ocupe o seu braço sem segundo.
Não achando o impulso furibundo
Mais vitórias que alcance considera
Que vencer ao valor na Suma Esfera
É o esforço maior, e mais profundo.
A si mesmo pois vence, e faz sujeito,
Chorando do inimigo a atrocidade,
Em que o fado o tem pôsto a seu respeito.
Ilustre vencimento da crueldade!
Que a um magnânimo, e sempre augusto peito
Não o vence o valor, vence a piedade.

Luís Canelo de Noronha.

Chora César tendo da morte de seu inimigo
Pompeu notícias.

SONETO

Chora César de ver o engrandecido
Alexandre em estátua eternizado:
Mas não vê que há de ser mais celebrado,
Por ser Príncipe mais compadecido.

Qualquer dêstes chorou, que um seu vencido
 Fôsse morto por mãos de um seu soldado;
 Mas chora um por Dario de indignado,
 Por Pompeu chora outro enternecido.

Logo mais que ao Rei Magno a eternidade
 Levante estátuas régias, e eminentes
 A tão Máximo César em piedade;

Que a Pompeu César mostra, que as potentes
 Prisões, em que o poria, e crueldade
 Eram só de seus olhos as correntes.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

A Júlio César por haver chorado na Morte de um
 seu inimigo.

SONETO

Qual o Cervo que ao rio despenhado
 Quando foge ao que intenta perseguido
 Busca Pompeu de Ptolomeu o Asilo
 Sendo do César com rigor buscado.

Viu-se o efeito no rio equivocado
 Pois supondo-o Pompeu Letis, foi Nilo,
 Onde foi Ptolomeu o crocodilo
 Que aleivoso lhe deu fim desgraçado.

Chora o César, não sei se a inclemência
 Do tirano que o golpe executara
 Ou se o fim de Pompeu com evidência.

Porém sei que se vivo aqui se achara
 Se salvara no rio da clemência
 Quando aos olhos do César o buscara.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Ao Assunto heróico das lágrimas de César na morte
 de Pompeu.

SONETO

César aquêle Herói que em outra idade,
 do varão mais benigno, e compassivo,
 protótipo, e retrato foi ao vivo,
 exemplo foi da mais rara piedade.

Aquêlê que seguindo a adversidade,
de Pompeu que lhe ia fugitivo,
beber-lhe o sangue quer por lenitivo,
do furor que a vingança o persuade.

Tão extremoso sente a cruel morte,
com que acaba êste tão grande soldado,
no valor descendente de Mavorte:

Que igualmente choroso, e lastimado,
não estima mais ser um César forte,
quanto um César quer ser comiserado.

Pelo Licenciado

Jorge da Silva Pires.

Foi César tão generoso, que chorou a morte de seu inimigo Pompeu. Assunto heróico da presente Academia.

SONETO

De Pompeu chora César com verdade
A morte, ação por rara peregrina,
No próprio peito que o furor domina
Achar a compaixão tal liberdade.

Porém nesta maior fatalidade,
Nesta grandeza de um Herói mais digna,
Tão injusta em Pompeu foi a ruína,
Como em César inútil a piedade.

Dos contrários um morre, e logo atento,
Outro a morte lhe chora raro espanto!
Sem remédio no golpe o sentimento.

Mas num correndo o sangue, noutro o pranto
Muito foi em Pompeu perder o alento,
E César tudo fêz em sentir tanto.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Ao mesmo Assunto heróico.

SONETO

César entregue à mágoa tão notória,
Lamentar, de Pompeu na sorte dura,
A morte que o Império lhe assegura,
Benemérita ação foi da memória.

Superar a paixão lhe aumenta a glória,
 O valor na clemência se lhe apura,
 Que vencer ao contrário foi ventura,
 E vencer-se a si próprio foi vitória.

Do sucesso na dúvida, ou certeza
 Consistia o triunfo, ou o castigo,
 E teve a mágoa então mais de fineza.

Pois em chorar a morte do Inimigo
 Entre os receios da maior empresa
 Soube antepor a lástima ao perigo.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Primeiro Assunto. César, que tendo notícia da
 morte do seu maior contrário, chorou.
 Argumento moral sôbre o assunto.

SONETO

Esse que vês em César soberano
 Lamento triste, pranto compassivo,
 Mais é de seu valor alento ativo,
 Que do ser natural tributo humano:

Não chora do inimigo o triste dano:
 Chora que a morte, com rigor ativo,
 No contrário lhe usurpe o incentivo,
 Que a seu nome faria mais ufano;

Mas não sei se é valor, ou se ignorância
 Dêsse trocado afeto a novidade:
 Fatal metamorfose da jactância!

Pois é tanta nos homens a vaidade,
 Que os prantos são arrojões da arrogância,
 Devendo ser indícios da piedade.

João Alveres Soares

Caesari Augusto, qui ad se nuntiis translatis de
 inimici Pompeii acerbissima morte in lacrimas
 dissoluitur,

EPIGRAMMA

Extinctum Caesar cernens sic condolet hostem,
 Vt sumat quando gaudia magna licet.

O res mira! hostes alii deperdere gaudent:
 Prosequitur tali Caesar amore suos!
 Quid mirum! Caesar tanto sit mitis in hoste,
 Sic solum Caesar Caesare digna facit.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

**ALIUD EIDEM
 EPIGRAMMA**

Cur doleat Caesar — (quaeris) — dum conspicit
[hostem
 Extinctum; ut pareas te dolet ille tuis.
 Nam iure egregius solum iactabitur Heros,
 Dignum aliquid tantae qui pietatis agit.

Emanuel Nunes de Sousa.

Ad primum argumentum

EPIGRAMMA

Audiit ut Stygias hostem cecidisse sub umbras
 Caesar [...] his lumina ditat aquis.
 Non conclamat io uictor, non tempora lauro
 Ambit, at illacrimans fata inimica dolet.
 Elicit ex oculis lacrimarum flumina; certe
 Vt foret haec meritis addita palma suis.
 Hostibus hoc igitur dum caesis imbre parentat,
 Crescat ut et lacrimis palma rigata, facit.

[S. I. A.]

Ad Ium argumentum

EPIGRAMMA

Dum noua Niliaci memoratur gloria belli,
 Et profligato miles ab hoste redit;
 Non assueta tuam pertentant gaudia mentem,
 Ac potius? Caesar, condoluisse ferunt.
 Haec adscripta (sic) tuas inter uictoria laudes
 Debuerat sera posteritate legi
 At non milenos quod debellaueris hostes,
 Miror in aduersos sit tibi quantus amor!
 Non equidem ut pereant, superent uult Caesar ut

[hostes:

Tot bene quos olim uincere possit, habet.

[S. I. A.]

Ao mesmo assunto.

SONETO

Soberano Monarca, excelso Jove,
 Por quem do pólo a pólo, ativo gira
 O alento que Marte assaz respira,
 Ou o valor com que verdugos move.

Em vosso Invicto braço o alento chove,
 Em vosso ardente peito existe a pira,
 E quanto mais o Orbe se admira,
 A mais impulso, o brio vos promove.

César Inclito sois, a quem por sorte
 A Excelência maior foi concedida
 Para crédito, enfim, de um peito forte.

Pois sem dúvida é ação subida
 Como humano chorar a infausta morte
 Do que vos foi contrário em tôda a vida.

[*Sem indicação de Autor*]

A César, que sabendo da morte de seu inimigo,
 chorou.

SONETO

Ilustre peito, de valor armado,
 E de dotes melhores revestido,
 Se no sangue, por dita, esclarecido,
 Nas proezas, por timbre avantajado.

Hoje mais do que dantes sois lembrado,
 Se bem nunca no século esquecido,
 De nenhum varão nobre preferido,
 Antes a todos, sempre antecipado.

Mil Padrões erigis, César Augusto
 Ao vosso nome, coa sinistra sorte
 Daquele que vos foi contrário adusto.

Pois sabendo o cercou da parca o corte,
 Desprezando os encômios de robusto,
 Com ternura choraste a sua morte.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 6 de agosto

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto dessa conferência um menino de gentil presença que colhendo rosas em um jardim, o mordeu um áspide, de que logo morreu

Ao segundo assunto

EPIGRAMMA

Te puer, ut comitem ueneratur turba rosarum,
 Dum flos ante rosas pulchrior ipse nites
 Floribus una dies confert ortum, atque sepulcrum,
 Qua cunas cernunt, et monumenta uident.
 Ergo te merito nunc caedit uipera, namque
 Flos hodie uiuens, flos hodie moritur.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto lírico

EPIGRAMMA

Sicut poma Draco Hesperidum, uiridaria Florae
 Protegit Aspis; quae non timet ire puer.
 Carpit odoriferos flores; tamen Aspide captus,
 Confestim perit; haec dum rabiosa ferit.
 Nunc igitur mortem si floribus inuenit iste,
 En nostrae aetati uerus Adonis adest.

De Francisco Xavier de Araújo.

A um Menino, que colhendo flôres lhe mordeu um Áspide, e morreu.

DÉCIMA

Um Menino, ou um Cupido
 que acaso no prado andava,

quando flôres apanhava
 foi de um Áspide mordido;
 Ó que caso tão sentido,
 Ó que tirana impiedade
 que Amor com tanta crueldade,
 executando rigores
 quis lhe dar morte de flôres
 por cortar-lhe a flor da idade.

De Francisco Pereira do Lago Barreto.

Ao assunto da Academia, do Menino que colhendo
 flôres morreu mordido de um áspide.

EPIGRAMMA

Alba ligustra, rosas uaccinia quae alta legebat
 Praestanti quidam corpore forte puer.
 Cum coluber morsu latitans sub frondibus illum
 Percutit ex templo, membraque uirus habet
 Ecce puellus obit; nec et est mirabile quidquam;
 Pro thalamo, et tumulo si tenet iste rosas.

Do Licenciado Cornélio Bruto.

Ao lindo menino, que colhendo flôres, morreu
 mordido de um Áspide.

DÉCIMA

Um Narciso gracioso,
 Um Cupido disfarçado,
 Colhia por desenfado
 Flôres num jardim viçoso;
 Quando logo um venenoso
 Bichinho agreste o mordeu,
 Eis que improviso morreu
 Esta gentil galhardia;
 E assim se flôres colhia
 Entre flôres se acolheu.

Do Licenciado Cornélio Bruto.

Assunto. Um menino galhardo, que colhendo
flôres, foi mordido por um Áspide, de que
morreu.

SONETO

Um menino na flor de sua idade
que era a mesma flor pela beleza,
exp'rimenta entre as flôres a fereza
de um Áspide, e sua crueldade:

Colhe a flor, e do Áspide a crueldade,
a qual sempre observou por natureza
fazendo entre as flôres sua emprêsa
donde oculta a maior sagacidade.

O menino era flor no delicado,
e no tenro era flor como se via,
na duração foi flor em flor cortado;

Como em tudo com flor se parecia,
Vendo-se como flor estar tocado,
acabou como flor dentro em um dia.

[*De Antônio Ribeiro da Costa*]

Ao mesmo Assunto.

SONETO

Tirano Áspide, Serpente venenosa,
que a vida de uma linda criatura
cortas cruel, tiranamente dura,
ingrata acabas, pouco piedosa:

Nunca podes estar vangloriosa
pois de fraca te escondes na cultura,
para matar valente a formosura,
quando por flor, a flor da vida goza.

Ao que se chega a ti matar pretendes
contra a Lei da Política observada
que não usas, não sabes, nem entendes:

És de natureza tão malvada,
que quando tens veneno, então ofendes,
sem veneno não prestas para nada.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao menino que pegando em uma rosa mordeu um
Áspide.

DÉCIMAS

Meu menino, essa do prado
corada estrêla flamante,
que é da vista imã fragrante,
que vos atrai enganado:
O veneno disfarçado
tem na sua pompa frondosa;
não lhe toqueis, que furiosa
ferirá vosso dedinho,
pois cruel efeito de espinho,
tem na presença de rosa.

E da sorte que a sereia,
em harmonias desfeita,
para naufrágios deleita,
para perigos enleia:
vos atrai a rosa, e enleia
coa beleza meu menino,
para que o Áspide ferino
com tanta crueldade ande,
que dê picada tão grande,
em quem é tão pequenino.

Na rosa tanto rigor
a deslustres a condena,
por ser tal que não tem pena
do menino ter tal dor:
foi a crueldade maior,
o mais horroroso agravo,
a um bichinho que é tão bravo,
tiranamente aleivosa,
o encobri-lo uma rosa,
a fim de ofender a um cravo.

De Yerônimo Roiz de Crasto.

Ad puerum flores legentem, quem aspis inter illos
adiacens interimit.

EPIGRAMMA

Hunc puerum, resecas florem, dum comprimis,
[aspis,
Cur? flores inter si recubare soles.

Flos erat ille quidem toto peregrinior orbe:
 Linque ergo flores dum legit ille suas.
 Quid mirum est! pueri reseces quod stamina uitae:
 Sic meritis hortis redditur ille puer.

[*Iosephus Fernandes*]

ALIUD EIDEM EPIGRAMMA

Parca ferox, pueri torques cur stamina uitae,
 In pratis Florae dum legit ille rosas.
 Infans clauus erat pulcher praeclarus in hortis,
 Vt pereat, flores dum legit ergo, licet.
 Qui reliquis mortem gaudens contingere, caedi
 Hi debent: merito caeditur ipse puer.

Iosephus Fernandes.

Ao segundo.

SONETO

Foge Menino, aparta-te do dano,
 vê, que as flôres ocultam mais perigo;
 e se não acreditas o que digo,
 mui cedo chorarás o desengano:

Entre as boninas, com rigor tirano,
 traidor se esconde o áspide, inimigo
 da gentileza; e temo, que contigo,
 usar queira também de algum engano:

Entre as flôres repara, que escondida
 a traição se disfarça de tal sorte,
 que é só pelos efeitos conhecida.

Menino foge de Atropos ao corte,
 não queiras; pois estás na flor da vida,
 entre as flôres choram tão cedo a morte.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

ROMANCE

Em um florido lençol
 prodígio de Maio, adonde
 por aquedutos de neve

Se precipita uma fonte;
Donde são por transparentes
seus cristais murmura dores
com molduras de esmeralda
diáfano espelho das flôres;
Adonde de Primavera
permite a estação, que corte
Flora, odoríferas galas
de matizes, pelas côres;
Donde entre a florida chusma
campeando a rosa, sempre
dos seus verdes gabinetes
de esmeralda o rico broche;
Donde fragrâncias exala
O Zéfiro, quando move
nas Rosas, uma Pancaia,
uma sidônia nas flôres.
Aqui donde finalmente
em consonâncias acordes
O Sol infante festejam
Os voláteis cantores;
Entrou por curiosidade
Fileno, galhardo Jovem,
que para ser infeliz
de galhardo basta o nome.
A república de Abril
como elevado discorre,
e entre as flôres mais gentis
as mais gentis flôres colhe.
Ricas, porque guarnecidas
as achou Fileno entonces
das pérolas, que sôbre elas
chorou a Aurora de noite.
Uma rosa, que fragrante
gala de púrpura rompe,
querendo colhêr incauto,
um Áspide astuto o morde.
Entre a púrpura real
se oculta, porque se note
que à sombra das Majestades
se fazem casos atrozes.
Traidoramente ofendida
se viu a inocência dócil,
que nem de uma traição vil
Livrar-se a ignorância pode.
De ser mordido se queixa

O menino; mas quem hoje
Se livra de ser mordido
de outros Áspides piores.
Como era o Menino linda
flor, na flor da idade morre,
e do oriente da vida
as sombras pisou da morte.
Sendo o menino tão belo,
não é muito se mal logre,
que aos méritos, e à beleza
sempre foi oposta a sorte.
Por gentil morreu Fileno
quem viu caso tão disforme!
que morresse por gentil
quem não era gentil-homem!
Entre as flôres não me admira
o perigo que esta corre,
porque sempre a formosura
correu perigo entre as flôres.
Testemunha esta verdade
o belo, e infeliz Adônis,
que por belo, da Fortuna
padeceu os duros golpes.
Esta flor desanimada
caiu, qual se rosa fôsse,
Que nos desmaios da tarde
Sente os Dêlficos ardores.
Qual o Cândido Jasmim,
À quem o Noto sacode,
e do trono de esmeraldas
desce a tapête do bosque.
Lângüidas as flôres vendo,
que esta flor entre ela[s] morre,
lhe constrói a Primavera
Urna cheirosa de flôres.
E se Adônis não tivera
a outra flor dado o seu nome,
melhor o dêste Menino
se estimara, que o de Adônis.
Mas como a sua memória
ficar no Jardim não pode,
Qual Gêminis se traslada
por constelação nos Orbes.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

A um Menino que sendo mordido de um Áspide ao tempo em que colhia umas rosas, morreu.

MADRIGAL HAMBURGUÊS BURLESCO

Mal sabes tu cachopo
O que eu desejo à bicha quando a topo,
Pois lhe tenho tal gana
Que o coração me diz: esgana, esgana
Essa fera que quase se compara
A que Hércules dizem que esganara.
Mal sabes tu meu belo
Que te meteu a bicha num xixelo
Porque quer o meu rico companheiro
Dar-te hoje o jazigo derradeiro
Por escusares ter co' o (sic) mundo pratos
Dentro num, dentro num dos meus sapatos.
Mal sabes que o que eu digo
É Irmão, companheiro, e mais que amigo
Pois sem sermos do século de Otávio
Êle é o meu Névio, e eu sou seu Bávio.
Deus lhe dê da Aganipe a fonte cheia
Pois reparte comigo a sua veia.
Mal sabes tu meu Anjo
Que indo tu fico eu cá feito um marmanjo,
Feliz pois, porque como já não comes
Que tens que haja fartura, ou que haja fomes,
Mas no caso que lá comas, e bebas,
Pêsames desta morte não recebas.
Mal sabes tu meu neno
Que esta forte sicuta, e êsse veneno
Foi o que se me não engana o olho
O braço e mão te pôs como um trambolho
Pois do àspidezinho a mordedura
T' o pôs grosso como eu pela cintura.
Mal sabes tu meu morto
Que antes eu fôra vêsgo do que torto
Que porque de mim nunca te apartara
Com a vista mui bem te atravessara,
Pois fôras do meus olhos com excesso
Menino atravessado, e não travêso.
Mal sabes tu, mal sabes
No esquite em que vás que tu mal cabes

Porque depois do teu triste fracasso
 Te engordou meu menino a mão, e braço
 Tanto que podre, e feito de pau brósio
 Leva a mão inda ao pé do Pai Ambrósio.
 Ora a Deus, meu menino,
 Se passares de Gêminis o signo,
 E brigarem os dois por genipapos
 Dá-lhe três, dá-lhe quatro mil sopapos
 Porque fique um, e outro advertido
 Que como vais picado és atrevido.

De Frei Avertano de Santa Maria.

A um menino gentil, que colhendo flôres o picou
 um Áspide, de que morreu.

EPIGRAMMA

Te, puer egregius, flores dum colligis, una
 Quae latet in foliis uipera parua necat.
 Morsu assueta breui pulchros circumdare flores
 Quas pungit, flores aestimat, illa manus.
 Heu! manuum ipse decor mortem tibi contulit, ipse,
 In manibusque tuis mors tua sola fuit.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Um menino gentil, que entrando em um jardim a
 colhêr umas flôres, o picou um Áspide, de que
 morreu.

SONÊTO

Num jardim, que de flôres mil se arreia,
 A gentil inocência de um menino,
 Adulando fragrâncias, perde o tino
 Maripôsa entre as flôres, que vadeia.

Estas rondando, aquelas galanteia,
 Porém quando uma colhe, repentino
 Lhe traz no mimo o último destino
 Um Áspide, que oculto a flor rodeia.

Os espíritos rende ao brando corte,
 Que entre as flôres, que colhe, a desventura
 Lhe destina de flor a breve sorte.

Mas se é flor a beleza no que dura,
 Entre flôres que muito tope a morte,
 Se qual flor sempre acaba a formosura!

De João de Figueiredo Mascarenhas.

A um Menino, que estando colhendo flôres picou
 um Áspide, e morreu.

SONETO JOCO-SÉRIO

Para que colhe flôres meu meni —
 Neste Campo, ou jardim, ou neste pra —
 Se lhe há de suceder uma desgra —
 De morder-lhe na mão um cruel bi — ?

Se você é um Menino pequeni —
 Não lhe estava melhor o papar pa — ?
 Se quer flôres, não basta a sua gra — ?
 Para graça não sobra o ser boni — ?

Mais se pois é pensão a desventu —
 De quem nasce gentil, que quer ago — ?
 Pague à morte, meu belo, o seu tribu — ;

Neste canto porém enquanto cho —
 Namorada assim minha triste Mu —
 As exéquias lhe faz por êste mo —

Meu Menino, e meu Amor,
 pois eras qual Deus vendado,
 fôstes nas flôres picado
 não picando inda na flor;
 emulativo rigor
 foi dêsse Deus dos amôres,
 que vendo êsses esplendores
 picantes a ser Deidade,
 pica-vos na flor da idade
 por dar-vos morte de flôres.

Luís Canelo de Noronha.

Andava um Menino colhendo rosas, e mordendo-o
um Áspide, morreu.

SONETO

Se não há Paraíso sem serpente
Se entre espinhos a rosa está no prado
Como entrastes aqui tão descuidado
Lindo Infante a colhêr rosas contente?

Meu Menino fugi; que em tão florente
Prado um Áspide ali dorme enroscado.
Mas que mágoa! que o Áspide já acordado
Arma o colo, e vos mata de repente.

Fero espinho vivente, e venenoso
Porque usaste hoje aqui dos teus rigores,
Neste Pomo do prado o mais formoso?

Porque como (o Áspide diz) guardo os primores
De Flora a tantos anos cuidadoso,
Quis o fruto colhêr de tantas flôres.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Colhe um Menino rosas, e mata-o um Áspide.

DÉCIMA

Numa palestra frondosa
Andava um lindo Cupido,
Ou Narciso divertido
Para colhêr uma rosa.
Sai Eco, e Vênus formosa,
E vendo-o ser tão galante,
Qualquer o quer por amante.
Um cruel Áspide então
Só por compor tal questão
Corta em flor o belo Infante.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

A um menino especioso que colhendo em um
jardim umas rosas foi mordido de um Áspide
do que morreu.

SILVA JOCOSA

Sinto, Senhora Vênus, quanto posso
Se dizer posso o quanto estou sentido
De ver o seu menino, o seu Cupido
Morto enfim, se a dizer-lho aqui me arrisco,
Morto de um Áspide, sendo um Basalisco:
Inda que foi mistério, e não pequeno
O empecer a um veneno outro veneno,
Sendo que paradoxo ou patarata
Jamais foi dizer que um ao outro mata;
Donde pois se presume
Que era amor, e picado de um ciúme
Quis morrer entre as rosas
Para dar a entender às mais formosas
Que há sem mais resistência, e mais despique
Quem mais que o mesmo amor muito mais pique,
Porque é o ciúme um Áspide tão forte
Que quem consigo o traz, traz sempre a morte.

Por seu Cupido o trato
Porque era do amor vivo retrato,
Menino em tudo falto de experiência
Pois não soube advertir que a inocência
Quando cuida que está livre do dano
De um traidor se não livra, e de um engano.

Mas ai belo menino que a desgraça
É mais minha que vossa, porque a graça
Com que eu sempre vos via
Na floresta da nossa Academia
Colhêr rosas, das flôres do juízo
Feito um belo Narciso
Que da Aganipe pôsto às afluências
Tanto vos namoravas das ciências
Que porque as amavas
De vós mesmo também vos namoravas;
E assim de quando em quando
Da Liríope o curso equivocando
Querias desta com total desprezo

Nas correntes daquela ficar prêso;
 Mas se tudo me falta por agora
 Ser seu meu coração, minha alma o chora.

Lindo eras por certo
 Tão vivinho, em extremo tão esperto,
 [Pois por] vossa esperteza tão discreta
 Dizem se perde em vós um bom Poeta;
 Mas Poeta picado?
 Se vivera ó que mal intencionado
 Fôra; assim que menino, morrei antes,
 Porque dêsses já temos cá bastantes, (sic)
 E escusareis de ser por amor disso
 Maribondo, Urtiga, Cardo, e Ouriço.

Porém reparo em que, se bem reparo
 Estejais pôsto em tanto desamparo
 Que sendo morto vós há quinze dias
 Não tivesses sequer um Jeremias
 Que êste caso convosco lamentasse
 Compassivo, e ao depois vos enterrasse
 Dando-vos por carneiro
 De Pélope o jazigo derradeiro
 Donde fôras sem seres
 Pasto imundo, e cruel da Deusa Ceres.
 De Tântalo chorado, e com bem mágoas
 Ajuntando u'as águas a outras águas.

Eu vos quero valer meu belo anjinho,
 Como estais frio todo! coitadinho,
 Se é que a Mãe vos enjeita
 Já vos quero ser bom, pois desta feita
 Ela que aqui de vós tanto se afasta
 Não é vossa Mãe não, vossa madrastra,
 Porque quer se presume
 Que sois filho das ervas, não da [espuma]

Heis de ser nesta Silva amortalhado
 Em asas de papel ao Céu levado,
 E se morreis picado, [não] de urtigas
 Não de rosas também nem de bexigas;
 Não sintais que na Silva [hoje] amortalhe,
 Dêsse belo corpinho o belo talhe.

Do meu bom companheiro hoje as sapatas
 Levareis vós também por alparcatas,
 Pois buscando-lhe o fundo, o vão, e o centro
 O esquite excusais se lhe ides dentro,

Êle já de chorar-vos está rouco
 E assim fará mui pouco
 Em me dar de sapatos as mãos cheias
 Quando eu nos meus versos lhe dou meias.

Não ireis sem Capela nem palmito
 Que eu tenho uma, e um muito bonito
 Sem ser daquelas rosas
 Tiranas, e aleivasas
 Que o aspídio veneno ocultaram,
 É a tão mísero estado vos chegaram.

O que suposto, evito por agora
 Esperai-me que dentro em meia hora
 Porque vades com tôda a bizzarria
 Vos trarei de São Pedro a Clerezia,
 Pois não farei daqui como presumo
 A viagem que dizem .fêz o fumo.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Ao Segundo Assunto do menino gentil que colhendo
 flôres o picou um Áspide, de que morreu.

SILVA

Graças a Deus, que já chegou o dia
 De silvarmos também na Academia,
 Se isto foi tentação, caí sem susto,
 Que sete vêzes caí no dia um justo,
 Mas como êste pecado,
 Nunca foi reservado,
 Entendo, quanto a mim, se não me engano,
 Que me absolverão lá no fim do ano.

Foi o caso, eu o digo,
 Porque nada se encobre a um amigo,
 Um desastre que o nosso secretário,
 Em Palácio contou, Sagrado Erário,
 Do César mais benigno, e mais clemente,
 De Césares protótipo excelente;
 Por desastre eu então quis ser Poeta,
 Entre os outros à cara descoberta.

Diz que um lindo menino
Tão bonito, que o rosto era divino,
Tão divino que enfim julgou que era,
Filho dêsse Senhor da quarta esfera,
E segundo o pintou o douto Cunha,
De humano não tinha uma só unha:
Porém logo o sucesso,
Mostrou no seu progresso
Tinha sido hiperbólica a pintura,
Sendo uma bem fanada criatura,
Malfadada, pois logo em breve instante,
Morreu como um Anjinho o belo infante,
De morte a mais cruel e mais tirana
Nos dentes de uma fera caninana.
Mas vamos mais de espaço
Pois há que ponderar ainda no passo.
Diz que o Infante era muito buliçoso,
Que por travêso nunca estava ocioso,
Em tal forma que em tudo quanto via,
Se podia bulir, logo o fazia;
E por isso trepara um forte muro
Que de certo Jardim era o seguro,
Para haver de colhêr cheirosas flôres,
Da fresca primavera altos primores,
Onde achou para lhe tirar a vida,
Entre as flôres um áspide puericida:
Mas quem dissera que por guarda estava,
Um mortífero bicho que exalava,
Em cada hálito imundo
Veneno para dar a todo o Mundo.

Sei que lá no ameno Paraíso,
Em que tudo era glória, gôsto, e riso,
Uma sagaz serpente,
Com pretexto decente,
Não só não defendeu o pomo vedado,
Mas fêz que se engulisse de um bocado:
E quanto da flor vai ao fruto vejo,
Quanto aquêlê lá a esta foi sobejo.

Enfim veio a morrer o Cachopito,
Da morte de Cleópatra do Egito.

Mas logo que sabido,
Foi o caso, igualmente foi sentido,

Sendo em todos geral o sentimento,
De ver amortecido, e sem alento,
Aquêles em quem pintou a natureza,
O mais fiel retrato da beleza,
Sendo emprêgo fatal da Parca dura,
Trasladado do berço à sepultura.

Acabou-se Senhores,
A história das flôres,
Eu com ela também a Silva findo,
Que não sei se alguém me está caindo,
Mas se tal se acha em tão honrada gente
De Silvas me despeço eternamente,
Não da que faz ao nome companhia,
Que o Pároco da Sé, me pôs na pia.

Do Licenciado

Jorge da Silva Pires.

Ao mesmo Assunto lírico falando com o Áspide.

SONETO

Triste Gusano, escândalo de Flora
Que nos Jardins profanas aleivoso
Tanto vulgo de flôres precioso,
Regado com as lágrimas da Aurora.

Inimigo cruel, que a vista ignora
Quanto menos soberbo, mais danoso
Que deste em golpe humilde, e lastimoso
A uma vida pueril, morte traidora.

Um menino de idade apenas viva
Em buscar belo, no Jardim candores
Que culpa cometeu tão excessiva.

Conjuração parecem tais rigores,
Sendo tirana morte intempestiva
Ciúme teu, emulação das flôres.

O Acadêmico Vago

Sebastião da Rocha Pita.

Um belo menino brincando em um Jardim com as
flôres o mordeu um Áspide, e logo morreu.
Assunto lírico da presente Academia.
Falando com o menino.

SONETO

Tenro infante composto de Alma, e Neve
Que em Teatro de flôres, flor mais pura
Um Áspide te estragou a formosura
Com veneno fatal, e golpe breve.

Mais feroz que o Dragão, quando se atreve
A peregrino incauto na espessura,
O Gusano em campanhas de candura
Para tirar-te a vida alentos teve.

Deu-te a morte privando-te violento
De uma estância florida, porém dela
Subiste a possuir melhor assento.

Foi venturosa a sorte, a troca bela,
Pois do Jardim passando ao Firmamento,
Deixaste de ser flor, por ser Estrêla.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Um belo menino brincando em um Jardim com as
flôres, o mordeu um Áspide, e logo morreu.
Assunto lírico da presente Academia.

ENDEIXAS

Seja o verso pequeno,
E breve o estilo,
Pois o lírico Assunto
É de um menino.

Bem que belo não fôra
Será preciso,
Que o poder do toante
O faça lindo.

De Nácar, e Neve
Composto vivo,
Era cristal com alma,
Flor com sentidos.

Dera em um Jardim
Pasma aos Jacintos,
Às Angélicas xaque,
Mate aos Narcisos.

Ao brincar com todos
Foi de improviso,
Não de abelha picado,
De Áspide mordido.

Cai logo coberto
De um suor túbio,
Que por ser de Aljófar
Era Rocio.

A morte recebeu
Em um delíquio,
Sem que a vida lhe deva
Um só suspiro.

Mas ser morto de certo
Eu não o afirmo,
Porque a todos parece
Que está dormindo.

Matar por êste modo,
Fraco inimigo
Sendo fatalidade,
Parece brinco.

Em um quadro de flôres
Tal paroxismo,
Morte foi de Jasmim,
Ou é delírio.

Ser Campo o Jardim
Dêste homicídio,
Faz tão feio o lugar
Como o delito.

Das mais formosas flôres
O labirinto,
Lamentando o caso
Se pôs marchito.

Um Jardim foi a Vênus
 No parto, abrigo,
 Porque sôbre as flôres
 Nasceu Cupido.

Sendo vária a Estância
 Aos dois Meninos,
 Um encontrou afagos,
 Outro castigos.

Lá na Quinta dos Padres
 Foi o conflito,
 Do qual tirou devassa
 Padre Ministro.

Desterrou ao Áspide
 Do seu distrito,
 E ao menino morto
 Lhe deu jazigo.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Puero flores legenti, qui ex aspidis morsu factus est
 alius

EPIGRAMMA

Dum uiridi flores infans sic carpit in horto
 Cur pereat, serpens, dic mihi: scire uelim.
 Morsos si solitus custos seruare rosarum,
 Nulla manet puero pulchrior orbe rosa.
 Quid uero miror! potuit quis carpere flores,
 Illorum laetus quin cadat ipse rubis.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

ALIUD EIDEM

EPIGRAMMA

Qui carpit flores prato, puer ictus acerbo
 Cur pereat morsu num tibi scire lubet?
 Crede mihi: uacuas animam dum reddit in auras
 Exemplum casu dedocet ille suo.
 Vt noscant homines, adamant qui dulcia, mortem
 Delicias inter nempe latere suas.

Emanuel Nunes de Sousa.

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Carperet ut flores, Iuuenis cum tendat in hortum.
 Ex improviso caesus ab angue fuit.
 Heu miser! incautus cur credis floribus infans?
 Mobilius quid enim floribus esse solet?
 Splendidius nil sole; tamen sub luce teguntur
 Fulmina; sic pulchris floribus hydra latet.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Paruus Hylas teneros dum flores carperet horto,
 Messuit hunc celeri mors peracerba manu.
 Scilicet umbroso latitans in gramine serpens
 Membra uenenato blandula dente premit.
 Ausa nefas tantum hoc fertur modo Flora; decorum
 Hunc pratis iuuenem dum uidet ire suis.
 Occisum reliquis Dea floribus inferit: hortos
 Vt flos exornet pulchrior iste suos.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Delicias Florae depraedaturus, amoenum
 Plus Puer Idalio sanguine natus adit.
 Hic tenero flores dum lectos pollice carpit,
 Occubuit Phario pressus ab angue puer.
 At caue cerbereum dammes, Narcisse, draconem:
 Consuluit formae prouidus ille tuae.
 Niliaca huic uoluit Regina occumbere morti;
 Non alia Reges morte perire decet.
 At tibi iam melior sors adblanditur, in agro
 Dum moreris: factus sic Hyacinthus eris.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Tendit in Hesperidum iuuenis pulcherrimus hortos,
 Ruris ut halantes depopuletur opes.
 Hunc ubi Gorgoneus praedantem aspexerit Hydrus,
 Assilit, et morsu membra premente necat.
 Suetus odoratis depasci floribus anguis,
 Demctit, in puero quas uidet esse, rosas.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Vt puer halantes possit decerpere flores,
 Quaerit odoratos ingeniosus agros.
 Dumque moras flores inter spatiatus apricos
 Nectit, Lernaeco saucius ore iacet.
 Non erit, at Dryadum fuerit dolus ille, ueremur,
 Ore diu liceat quo sibi posse frui.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Laetus Hamadryadum iuuenis spectabilis hortos
 Ingressus, ruris pollice carpit opes.
 Dum tamen exultans depicto ludit in agro,
 Aspidis infesto uulnere Caesus obit.
 Quis te, belle puer, florum de gente negabit,
 Cui licuit medio tam cito rure mori?

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

ELOGIUM

Soluta iam hyeme,
 floriferos etiam sinus Flora dissoluerat.
 Ad hortum flosculis inspersionem
 immaturae aetatis infans,

per acerbo tamen destinatus fato
 contendit.
Hic ruris opes studiosus dum colligit,
 oculos ad se Nympharum trahit,
 atque inuidiam.
Adonidem quippe crediderant,
aut Narcissum iterum cum floribus agere.
 Inuidiae pedissequus amor
 Deas inuaserat;
Puerum itaque ut penes se teneant,
 Letho detinere meditatae,
 Auctorem sceleris serpentem immittunt;
ut ne ab ipsis pereat, quem maxime deperibant.
 Ipse amoris consors,
In lacteos infantis artus assiliens,
 diu tenet;
et formam impune: depraedatus
 immani uulnere deformauit.
Ille tamen floris more emarcescit:
 damno quidem suo iam doctus,
Nihil non esse pulchritudini damnosum;
 cum et inter flores mors lateat.

[*Sem indicação de Autor*]

9.a CONFERÊNCIA
DE 27 DE AGÔSTO

Oração, que disse em 27 de agosto de 1724
o Presidente que foi o Reverendo Deão
Sebastião do Vale Pontes

Não busquei não a honra, que consigo traz esta cadeira, tanto por saber mui bem, que não podia enchê-la (1); e que não são para apetecidas as presidências: (2) que por não ser lícita a pretensão de cadeira tão honrosa (3); mas se poder soberano se dignou fazer-me esta honra; muito ajustada vem neste Mês e nesta Dominga.

Neste Mês, digo, porque se por resolução do Senado de Roma se chama Agosto, ou Augusto, em memória de seu grande Imperador Augusto César que neste Mês, chamado até então sexel como sexto do ano, que naquele tempo principiava em Março conseguiu aquêlc grande Monarca muitas, e grandes felicidades; sendo êste mesmo mês o das miuhas maiores ditas, recebendo a 7 de agosto de 1689: aquela tonsura: e quatro graus de Ordens Menores; a 20: a Ordem de Subdiácono: a 24 a de Diácono: e na última Dominga, correspondente a esta de hoje, a de Presbítero, tôdas me conferiu o terceiro e sempre memorável Arcebispo da Bahia o Ilustríssimo Senhor Dom Francisco Manoel da Ressurreição: que com a imposição de suas prateadas, e grandes mãos, não só me pôs na cabeça a coroa de Presbítero, mas também a de seu quando ministro (4) que movendo-me nos cargos de juiz dos casamentos: das dispensações: das justificações de Gênese: dos Residentos, de Vigário Geral e de Provisor em todo êste Arcebispado: com muita congruência se dispôs, que tivesse eu a felicíssima honra desta presidência, não só neste mês, mas nesta para mim fausta Dominga, sendo a meu respeito, especial providência, a mudança da Dominga antecipada, quando a muitos pareceria acaso (5).

(1) *Sedes hic inutilis pondus.*

(2) *Id praeterea apelas, sed prodesse Fert.* [Deac.] ad Reg.

(3) *Noli quaerere a Domino nequi a Rega Cathedram honoris, Eccles., 74.*

(4) *Olim iudices coronati sedebant ad iudicandum, Alap. et. Demost ab eo citat.*

(5) de 20 de agosto se transferiu a conferência para 27 ex causa.

Nem pareça não assenta bem orar em Dominga em que o Eclesiástico encomenda silêncio (6), mandando pôr a mão na bôca, de que é boa figura a estátua de Arpócrates: porque o que se proíbe são indiscrições (7) que falar com o acêrto prudente e sabedoria digna da atenção de tão douto como Ilustre, e Esclarecido Congresso: tanto o não proíbe o mesmo sábio, que antes o introduz, não só como lícito, mas também como decoroso (8).

O que é mais para temer é o silêncio causado do temor, em que incorreram vários, e eminentes oradores em semelhantes funções.

Orador e grande Orador era Herodes Ático; e contudo, porque uma vez entrava a orar diante de Marco Antônio, emudeceu, em forma, que a poder falar, dissera: **uox fauibus haebit.**

Orador e grande Orador era Bartolomeu Sonsino; e contudo estando para orar diante de Alexandre VI, não pôde articular uma só palavra.

Orador, e grande Orador era Eráclito Lício: e contudo havendo de orar diante do Imperador Severo, emudeceu.

Orador e grande Orador era o Príncipe dos Oradores gregos Demóstenes, e contudo querendo orar em Macedônia, ficou mudo.

Orador e grande Orador era o síndico de um Senado, e contudo, havendo de orar diante de Carlos V, se lhe tolheu a fala.

Finalmente por dizer tudo de uma vez, e mais ajustado à ocasião presente: Orador e grande Orador era Teofrasto, mas querendo orar no Areópago, em presença de doze Senadores Atenienses, uma só palavra não pôde proferir: sem que estivesse nas mãos de Oradores tão eloquentes pôr, ou tirar a mão da bôca (9).

E se destituído das partes, que constituem, não digo, um orador consumado, e perfeito, mais inda medíocre; me acho com a obrigação de orar em presença do muito Excelente protetor desta douta Academia, e Congresso perfeitamente composto de muitos mais, que doze senadores; quem me assegura não incorrer por temor, por receio, e por acidente, no silêncio, a que me obriga hoje o sábio, por discrição, por estudo, e por indústria (10).

(6) *Sit manus tua super os tuum Offit. Lect 3.º Id est claude os tuum, et sile Alap.*

(7) *Inuento indisciplinato, Eccles., ibid.*

(8) *honor et gloria, in ore sensato., Eccles., ibi.*

(9) *Sit manus tua suplex [ad] os tuum. Sile Eccles., 5, 14.*

(10) *Honor et gloria, in sermone sensati. Eccles. ib.*

Senhor: se o delfim assunto lírico desta Conferência que presente a tormenta, se chega, e ampara das Rochas a que se pega até passar a tempestade: justo parece que à vista do perigo em que naufragaram, tanto, e tão eloqüentes, quantos oradores, tantos se perderam: quando se ficaram mudos, e quedos: me valha do Diamante firme, e constante de Vossa Excelência. E se apelar Paulo para Nero como César apello **Caesarem** (11), na versão Sêneca tanto foi como dizer, que invocava a proteção de César **protectionem Caesario inuoco**: Sendo Vossa Excelência César, não com o rigor de Nero, mas com a benignidade de Tito: e com a clemência de Teodósio, que é bem que eu faça, e diga, quando sou mandado vir a sua afável presença **ad Caesarem ibis**, senão, o mesmo, que fez e disse Paulo assim o faço **apello Caesarem**; assim o digo **protectionem Caesaris inuoco**.

É o Assunto Heróico desta áurea Conferência (12): Agripina querendo que Nero seu goze o Império: inda que impiamente lhe mande tirar a vida (13): **occidat dum regnet**, o fundamento desta resolução é muito duvidoso: um de seus historiadores parece quer desculpar o arrôjo desta varonil Matrona, com o repente: porque inda que os repentinos das mulheres sejam comumente os mais acertados, contudo, nesta ocasião e caso nôvo, e repentino resolveu mal, porque não teve tempo para o considerar bem. Como aconselha hoje Crisóstomo (14) outros dirão, que preocupada esta infeliz mãe do gôsto que lhe causou a felicidade prognosticada ao filho, não se assombrou com a morte ameaçada a ela.

Também, no sentir de outros, desaforaria Agripina com êste bem assombrado discurso: os prognósticos ordinariamente são falíveis; porque sôbre a influência dos astros, está o poder de Deus, que os rege: bem pode logo fazer Deus, que Nero reine, e me não mate.

Finalmente diria consigo Agripina tal pode ser a Criação, que eu lhe dê: tal o mestre que o ensine, e tal a virtude, que tenha, que vem da fôrça do natural como se viu em Sócrates (15).

Se alguma destas, ou outras semelhantes razões não podem corar a resolução de Agripina não fica mais lugar, que para considerá-la, cega do amor-próprio, e ambiciosa da honra imperial, que lhe não tocava.

(11) **Act. Apostol. 25.11.**

(12) **Quid Astrologus duo simul praedixit eum regnaturum esse, et matrem necaturum. SUET.**

(13) **Subito exclamare caepit occidat dum regneret. SUET.**

(14) **Cogita bene Chrisost. Homil. 22, in 2 Corint. 10, in Moral. Lect. 5 Domini S. August.**

(15) **Sum enim natura talis; sed me contineo.**

Correram os anos, e em tudo se cumpriu o fatal prognóstico, (16) porque reinou Nero, e mandou matar a Agripina: fatal desgraça: horrenda fatalidade mas chegada já a infeliz hora em que se principiava a execução de tão ímpio, tirano, cruel e desumano decreto, que fêz, e que disse esta infelicíssima Mãe? o que fêz foi: mostrar seu ventre ao algoz (17): o que disse foi atravessa com êsse ferro êste ventre que gerou tal monstro.

Já agora se conhecerá melhor a muita razão com que [São] Paulo trata por Leão a Nero (18); pois já vemos que sua mesma mãe, o trata por fera.

Ah Agripina, para isto mataste com veneno ao Imperador Cláudio, a fim de que morto, e excluído injustamente o legítimo herdeiro da Coroa, viesse a dar nas mãos de Nero, e consequentemente a ti na cabeça com pena capital!

Não sabes que por onde cada um peca por ali paga! (19) Se não há vida como a honra, que se havia de esperar de quem por ti havia de privar e despir de tôda a honra (20); senão que depois te tirasse sem decôro a vida? Sei eu que a rainha Dona Branca antes elegia ver a Luís seu querido filho, sem vida, sem coroa, e sem o Cetro de França que por direito lhe tocava, que vê-lo pecar mortalmente: e tu a trôco de Nero gozar a Coroa atéia, não te dá de que peque mortalmente, usurpe a Coroa, e te dê a morte? estás já desenganada de que nem todo o talento de todo um Sêneca, bastou para vencer animal e ruim inclinação de teu filho. Sabes já que te paga a criação e sangue branco que lhe destes a beber: com o leite vermelho, que te faz deramar? finalmente estás já bem persuadida, que foi monstruosidade da Natureza, o que a ti te parecia mimo da ventura: e pois o Algoz quer concluir a execução: por despedida dêste mundo, para desengano das Mães, que amam desordenadamente seus filhos, dize o que o nosso Poeta Lusitano disse em parte de um sonêto (21).

Que poderia do mundo já querer
que naquilo em que pus tão grande amor,
não vi senão desgôsto desamor,
e morte enfim, que mais não pode ser.

(16) Presagio ootoque respondit euentis, SUET.

(17) Ventrem ostendem; dicit hunc percute: hic et ferro fordiendos, qui portentum ilus gemit. SUET.

(18) Liberatus sum de oris Leonis. 2 Ad Thim. 4.17. Chrisost. Theod., Theophil. Euseb. D. Tome per Leonem intelgunt Neronem qui crudelis erat ut Leo, apud Alap.

(19) per quae quis peccat per haec et loquetur.

(20) Matrem omni honore spoliât, SUET.

(21) Sonêto 92.

Com êste último parecer de Agripina, avaliando por ímpio, e desumano a Nero, já se não escandalizará ninguém de me ouvir hoje clamar a Nero mau imperador: e muito mais, ou muito menos, se refletir em que o sábio só permite orar discreta, sábia e prudentemente; e mal poderia esta oração ter estas boas qualidades, se de um Monarca tão mau, disséramos que foi bom (22).

Não nego, que entrando Nero a reinar de 18 anos: e durando o seu principado 13, e sete meses: nos primeiros cinco anos, em forma, que dêle se podia com mais verdade do que Jesebel a El-rei Acab seu marido; *bene regis*: e uma vez, e foi a primeira, que como Monarca havia de assinar uma sentença de morte: se mostrou tão clemente, que antes de pegar da pena exclamou dizendo: oh! quem não soubera escrever (23); mas nos 8 para 9 anos, que lhe restaram, governou tão mal, que com tôda a verdade se pode dizer dêle que foi Imperador péssimo (24): e para que se veja esta sua grande maldade ponderaremos uma só falta sua: mas tal, e tão gravíssima, que assaz justifica o çzer-se, que reinou mal.

Depois do santo temor de Deus, que muito contribuiu para obrarmos bem como diz hoje o *Eclesiástico* (25) a primeira e principal excelência, que há de ter o Príncipe para reinar bem: É tratar promover, e adiantar, quando em si fôr, o bem comum há de ser como a Terra, que para todos frutifica: como o Rio que para todos corre: como o Ar, que a todos refresca: como o fogo que a todos aquece, e finalmente como o Sol, que para todos nasce: nesta máxima estava o Imperador Adriano, que dizia: não vivo para mim, mas para o Povo (26): na mesma estava o Imperador Vespasiano, apartando-se até do precioso descanço do leito, quando lhe faltava a saúde (27): na mesma a Rainha Ester, solicitando o bem do Povo (28): o mesmo praticava a nossa Rainha Santa Isabel: e é o em que muito deve cuidar, e esmerar-se o Rei: como ao primeiro do Egito Ptolomeu aconselharam os 70 Intérpretes:

E como se houve em seu govêrno aquêle que apenas nascido, quando a boa luz, e raios do Sol, Monarca prognosticado tão mal, que não podia haver-se pior. Não só foi ímpio para com os homens, mas também sem piedade, sem culto, e sem religião

(22) *Uae qui dicitis malum bonum ISAX. Si qui dicunt malo bonus est. ALAP. ibi.*

(23) *Oh si nuissem Literas!*

(24) *Quinquenio primo optimus: post pessimus.*

(25) *qui timet Deum faciet bona. Eccles. 15.1.*

(26) *Non mihi sed populo.*

(27) *Imperatorem decet [Stantem] mori.*

(28) *quaerens bona populo. STER. 10,9.*

para com Deus (29), e tanto que êle foi o primeiro perseguidor dos Cristãos, o que se não vira em nenhum de seus predecesores: em tal forma, que fêz, constituiu, praticou, e estabeleceu lei, que todo aquêle que confessasse ser Cristão, logo e já fôsse havido por Réu convencido de inimigo do Gênero humano, e sem que se lhe admitisse outra alguma defesa, morresse morte natural (30).

Já dêste pouco, ou dêste muito, que dissemos, se deixa entender bem, quanto Nero governou mal: e para que êste fôsse em crescimento; não só, não solicitava o bem comum, mas positivamente procurava por vários, e extraordinários caminhos a sua ruína e destruição.

Teve por recreação ver arder, a Roma (31) o mais honorífico e público Teatro de suas glórias: horríveis luminárias, que tanto escuressem o esplendor da Coroa Imperial; e muito mais quando proibiu que se apagassem (32). Tanto como isto se opunha ao bem comum, quão infamava, perseguia, e castigava aos Cristãos por públicos, e notórios inimigos do Universo. Não se contentava com ter ódio capital ao Senado: mas a todo o gênero humano tinha intensíssima aversão, e desejava destruir (33).

Sendo assim que todo o discípulo bem nascido se preza de se mostrar agradecido a seu Mestre como se mostraram Augusto César a Apolodoro: Tibério a Teodoro: Trajano a Plutarco: Cômodo a Oressicrates: Teodósio a Anatólio: Acádio a Arsênio: Alexandre a Aristóteles, e finalmente Carlos V ao Deão Antuerpente; que depois foi Sumo Pontífice: sôbre a estupenda aventura, que pelo casual magistério, conseguiu o nosso Eminentíssimo Cardeal Alpedra: por estarem certos, que a Deus, aos pais, e aos mestres nunca se satisfaz cabalmente (34); foi tão perverso Nero, que ao seu grande Mestre Sêneca, mandou acabar a vida: e por que Senhores? por traidor? por inconfidente? por crime de Lesa-Majestade? não: por vingança de uma justa correção quando Nero era menino (35): que é o mesmo que agradecer benefícios com agravos.

Em vez de dar a vida por defender sua Pátria como os Marcos, os Cúrsios, os Horácios, os Cadros e os Calitões: a mandou consumir com fogo. E o que faz mais abominável esta cruel-

(29) *non sibi, sed Deo et omnium mortalium comodis uiuebat. Offit.*

(30) *eris Rex gloriosissimus, si alii intelligant te multi [per] ditari in populorum comoda. 70.*

(31) *Urbem Roman incendit.*

(32) *restingui uetat.*

(33) *Senatum capitaliter oderat: ALAP. Orbis interitum optat.*

(34) *Diis parentibus et magistris nunquam satis.*

(35) *Praeceptorem Senecam ob correctionem in pueritia necat.*

dade é o gôzo, o prazer, e o contentamento, com que alegria viu arder e consumir por espaço de seis dias: **patriam laetus incendio sex dierum abssumit** em que o venceu quem disse:

Vereis da Pátria amor, mas não movido
de prêmio vil mais alto, quase eterno:
que não é prêmio vil ser conhecido
por um pregão do ninho meu Paterno. (36)

E não satisfeito Nero com tôda esta crueldade executada, com os Pais, com os Mestres, e com a Pátria: a todo um Senado: a tôda Roma, e a todo o Gênero humano quisera com um só pescoço, para mais suavemente o degolar de um golpe: sem reparar que devia defender a República como a si mesmo (37); já que não tinha valor para morrer pelo bem comum: e porisso indigno de reinar (38): e se talvez bom para vassalo, mal para príncipe: **inter principes pessimus**: e porque êle mesmo confessou seu mau procedimento quando desesperado fugia a meter-se em uma cova **dedecorose uixi, turpiter percam**, (39) não me acho com valor para desdorar esta oração dizendo do mau que é bom: isso só se diz de quem zela o bem comum; no que se mostra que governa bem (40): em contraposição de Nero, que imperou mal, e tão mal que não lhe escapou nem Agripina, que antepusera o seu Império à sua vida **occidat dum regnet**.

Do que temos dito se infere que do Excelentíssimo César, que como Vice-Rei nos governa, se pode dizer à bôca cheia: **bene regis**: bom e excelentemente governa sua Excelência: e a razão de seus acertos é: porque sôbre ser tão pio, e tão amante da religião cristã, que em contraposição de Nero é insigne benfeitor dos que se convertem a nossa Santa Fé Católica, dando-lhe adjutório competente, e vestindo-os de ricas galas nos dias em que despindo-se do homem velho com a estola da graça se vestem de Jesus Cristo: e com grande ventura de um recém-convertido, e batizado tresanteontem: já vimos se dignou ser tanto seu Patrono como padrinho, recebendo-o da fonte batismal: e com mais lustre que Alexandre: porque se dêste se conta que a um soldado, que tendo o seu nome, tinha viciosos costumes, lhe disse: que uma de duas: ou mudasse os costumes, ou o nome: por parecer àquele Príncipe que era disforme indecência, ter o seu bom nome, quem tivesse, má vida; mais fêz Sua Ex-

(36) Canto 10.

(37) **dilige rempublicam [sicut] te ipsum**. FERN., Dial.

(38) **Regno dignus, nisi regnasset**.

(39) SEVER. SULP. Lib. 2, Histor.

(40) **Reges in ipsos, imperium est Iouis**. HORAT. lib. 3.º, ode 1.

celência em reverência, abono, estimação, aprêço, e crédito da Religião Cristã: porque, como viu que aquêlê infiel, inda que até ali havia vivido tão mal, como todos que estão fora do grêmio da Santa Igreja, contudo, já Catecúmeno, estava resoluto a melhorar de vida, e fazer-se cristão: o achou Sua Excelência digno de seus cognomes: e porisso lhe deu boa parte dêles: ordenando-lhe, que se chamasse, como desde seu batismo, se chama Fernando de Meneses: e quando parecia diminuir Sua Excelência o seu nome, então o engrandeceu tanto que se fêz digníssimo de dizermos dêle:

Mensuram nominis imple (41)

e o nôvo convertido com tanta dita se habilitou para dêle se dizer: feliz homem: venturoso peregrino: cujo contratempo lhe granjeou tanta bonança: e cuja arribada se encaminhou à cidade da Bahia, e a salvamento por vocação de São Salvador: logrando não só o pôsto da Bahia, mas a boa estréia: ou estrêla que o guia ao pôrto de salvação: conseguindo já desde agora por prendas todos os mais bens que consigo trouxe aquêlê grande bem da sua felicíssima conversão (42).

E além outrossim da prudência, piedade, clemência, e mais virtudes áurea, douta, e sãbiamente ponderadas, pelos senhores Oradores nas conferências precedentes: e nas seguintes terão sem dúvida seu lugar, pois, sempre vem à bôca o que abunda no coração: quem não vê que dotou Deus a Sua Excelência, de muitas e muitas louváveis prerrogativas bem contrárias aos erros, defeitos, vícios abomináveis, e insolências que assaz mancharam a púrpura de Nero!

Agora havia eu de principiar a oração pois não é fácil calar o que com edificação se vê, e ouve (43): e não tem aqui lugar o pôr mão na bôca: mas já que o tempo não permite falar em cada uma das suas muitas excelências em particular; falarei só no bem que governa; procurando grandemente o bem comum: e o farei sem sair da Academia.

Interpelou Sua Excelência César esta autorizada e nobilíssima Academia, e consultando a emprêsa, tenho por sem dúvida que cada um dos consultores, fazendo juízo das muitas, e lustras utilidades conducentes ao bem comum que resultam das juntas, e congressos de varões sábios, percorrendo doutamente sôbre vários e altos assuntos: em muitas, e diferentes matérias responderia com discreta, e bem merecida aprovação: bona res

(41) OVID.

(42) *Venerunt aut mihi omnia bona pariter cum illa.*

(43) *Quae vidimus et audiuimus non possumus non loqui.*

est quam uis facere (44) alto pensamento: discreta, boa e importantíssima emprêsa: digo isto, porque com o meu fraco entender, me tem parecido bem uisum est mihi bonum (45): e com efeito conseguiu Sua Excelência, que nesta áurea sala dêste Régio Palácio, a que estão contíguos os Tribunais Inferiores, e Superiores se congregassem como em Atenas os Platões, e os Aristóteles, ou como Sete Colunas da Casa da Sabedoria: ou como os Sete Sábios da Grécia, que tanto a esclareceram. E ficou vendo a Bahia que se um Vice-Rei é viva, e expressa Imagem do seu Soberano: pois que Sua Majestade, que Deus Guarde foi servido criar a sua Real Academia; pedia a razão, que a sua Imagem se conformasse com o Exemplar *ego os Regis obseruo* (46): e que a imitação daquela Academia, houvesse esta em tudo subordinada àquela: nem pareça arroga a si Sua Excelência o poder erigir, e criar Academias, regalia dos Príncipes Soberanos, a fim de se não introduzirem erros e doutrinas opostas aos dogmas de nossa santa fé Católica; porque bem se deixa ver a diferença que vai das Academias particulares, às geraes, e porisso chamados Universidades a de Coimbra, e Évora e Goa.

E que outra utilidade moveu a [Sua] Excelência na introdução desta sua Academia, senão a pública! E com razão: porque, se bem se adverte, não para só em lícito, e honesto divertimento, e entretenimento suave, mas passa a utilidade universal.

São os Príncipes as bases em que estribam as utilidades públicas (47) dos Príncipes zelosos do bem comum é muito própria a lição dos anais, e principados antecedentes inda nas horas do descanso, se lhes falta o sono (48), como sabemos de Asuero: e a essa conta se animam os vassallos a empreender e efetuar ações, e emprêsas heróicas, na consideração de que, como hão de ficar escritas, alguma vez as passará o seu Monarca pelos olhos, ou lhe entrarão pelos ouvidos; e se moverão a premiar os serviços feitos a Coroa, como apesar de Amão honrou rêgiamente Asuero a Mardoqueu. Enfim que o Príncipe para obrar prudencialmente em beneficio, e utilidade pública, há de procurar pelos anais ter notícia do passado: para resolução dos casos occorrentes, com

(44) *Deut.* 1. 15

(45) *Eccles.* 5. 17

(46) *Eccles.* 8. 2

(47) *Princeps est basis Reipublicae.*

(48) *Noctem illam duxit Rex in somnem, iussitque sibi afferri historias et annales prior temporum. Ester, 6º quae cum illo presente uentum est ad illum [Leum], sibi scriptum erat quomodo nunciasset Mardocheus insideas — Ster — quid pro hac fide honoris ac praemii Mardocheus consecutus est? STER.*

cautela para o futuro, e é o que muito recomendava Isócrates, como refere Estobeu (49). E desta lembrança, além de se animarem os súditos com a bem fundada esperança de galardão, que apontamos: uma das resultâncias utilíssimas aos sucessores, é: não passarem êstes os têrmos postos por seus antecessores, quando governavam (50) recomendação que se acha no cap. 22 dos **Provérbios**: chamando aos antigos antecessores Pais: **Patres tui**: e tomando agora as palavras: **Patres tui**, com menos largueza, antes no sentido mais apertado e rigoroso: e ajuntando-lhe a Antífona das primeiras vésperas desta Dominga, ao Cântico do **Magnificat**: **obserua fili praecepta patris tuis**, assaz tem o nosso atual César que imitar naquele sempre memorável César, seu meritíssimo antepassado, e Esclarecido Pai, o Senhor Luís César de Meneses, em quem, tanto em seus felicíssimos governos do Rio de Janeiro, Angola, e Bahia, como fora dêles, sem dúvida resplandeceram com o grande zêlo do bem comum, a inata mansidão, a clemência: a benignidade, a liberalidade, a severidade a gravidade, a constância, a lealdade, a prudência, o esforço, e a religião; mostrando querer competir (melhor dissera exceder) na Religião, com Numa; no esforço com Cipião: na prudência com S. Fábio; na lealdade com Régulo: na constância, com Fábio; na gravidade, com Catão: na severidade com Torquato: na liberalidade, com Alexandre: na benignidade, com Tito: na clemência, com Teodoro: e na mansidão finalmente, ou com Moisés (51), ou com Davi (52), e porisso digníssimo de ser imitado dos sucessores; dos estranhos, como meritíssimo antepassado; e de Sua Excelência, como Esclarecido Pai: dizendo o Brasil de cada um dos dois: do Pai e do filho, que confundindo o govêrno de Nero: governou, e governa bem.

E que melhor meio para terem os príncipes, e os que governam estas tão importantes notícias, e utilíssimas memórias (53), que muito contribuem para o bem comum, que o exercício louvável desta Esclarecida Academia, e sua diligentíssima história, tomada, a maior e principal parte, ou na fonte, ou mais perto dela; que promoveu seu digníssimo Protetor; benemérito por êste arbitrio, e egrégio intento, da fama, e glória, que parece se lhe adjudicou pelo nosso Poeta Lusitano (54).

(49) *Isocrates dicebat: uirum frugi ac prudentem, debere praeteritorum meminisses agere praesentia, futura Cauere* ТНОВ. Serm. 1.

(50) *Metrans grediaris terminos, quos possuerunt patres [...]* Prov. 22.

(51) *Moises uir mitissimus.*

(52) *Memento Domine Dauid, et omnis mansuetudinis es?* Salm. 131,1.

(53) *Scies magnorum uirorum memoriam, non minus quam praesentiam, esse utilem* S [...], Epis. 103.

(54) *Elegia prim.^a.*

Bem merecia [César] fama, e glória
 quem dava rigor contra o esquecimento
 que enterra, em si qualquer antiga história.

E se rende tanta glória, ao Protetor que mande escrever; que glória não resultará aos Senhores Mestres Acadêmicos que a escrevem? Digo que, se não fôr igual à do Protetor, de que falou o mesmo Poeta (55).

Pois se a trôco de Carlos Rei de França ou de César que-reis igual memória não pode deixar de ser grande e muito grande: como o é o trabalho da escritura. Bem sabemos que a história se não continua: sem muito grande trabalho: mas que obra grande não custou muito trabalho a seus Autores! Não se sabe muito bem que o homem que é homem nasceu para trabalhar (56). Os trabalhos (57) não foram sempre inseparáveis companheiros das Letras (57-A)?

Não disse o Mestre de Nero, que a maior e melhor parte da idade se devia empregar em utilidade da República (58)? pois; alto aquela glória, que se segue: e esta obrigação, que nos empenhe sejam os maiores estímulos para a diligentíssima continuação da história, cujo princípio está prometendo gloriosíssimo fim: nem haja remora que retardar possa tão ligeiras como agudas penas (59): não o receio de que alguma parte da história ache contradição: porque a bastar êste encontro: não haveria pena que se não embotasse: porque no sentir de São Clemente Alexandrino (60) não há escritura tão feliz, e tão venturosa que não ache contradição: e dita a prudência que se não haja de recear, o que a todos costuma acontecer. O que importa muito é, que nestes encontros quando sucedam, se pratiquem a doutrina de São Paulo n'in contentione porque o que mais que tudo se deseja é a paz tão amada dos Romanos e Atenienses, que a tinham por Deusa: e nós ainda que sabemos, que o não é: não ignoramos ser tão poderosa, que por meio da concórdia, pode unir coisas contrárias, e consequentemente conciliar tão bem as opiniões, que de duas faça uma: *ipse est pax nostra qui facit utraque unum* disse o mesmo Apóstolo falando do Príncipe da

(55) Can. 13.

(56) *Homo nascitur ad laborem, Iob.*

(57) *Qui adit scientiam aditet laborem. Eccl. 1,18.*

(57-A) *Labores sunt sapientiae comites. Nisi.*

(58) *Maior pars aetatis, [...], reipublica data sit, SENECA, De Breuitate uitae, Cap. 18.*

(59) *Lingua mea calamus scribae uelociter scribentis. Salm.*

(60) *Nulam existimo lucubrationem, seu scriptionem adeo feliciter, et fortunate procedere, ut nulus ei contradicat. S. Clem. Alex.º.*

paz: e não vi eu coisa mais oposta à paz, do que a porfia, debate, ou contenda **pacis inimica contentio**.

Bem podem dois entendimentos grandes sentir diversamente da mesma matéria (61); e contudo haverem-se tão bem, que ambos fiquem bem, e muito bem (62). Já se há uma ponta de espírito como havia em eminente grau, em Crisóstomo: em Epifânio, em Jerônimo, e em Augusto, tudo se conclua em bela paz. Vejamo-lo em Augusto, a quem a Santa Igreja começou a festejar esta tarde: (e por seus escritos o hei de louvar amanhã) se para a glória de Deus, e honra do santo, também para nossa doutrina, e exemplo. Costumava êste Doutor exímio enviar a S. Jerônimo cada um dos livros, que acabava de compor, pedindo-lhe sincera, e ingênuamente lhe descobrisse os erros, que nêles achasse: acrescentando, que se daria por prejudicado, se achando erros, lhos não descobrisse (63).

De maneira, que o dano, e prejuízo não estava em descobrir Jerônimo a Augusto o seu erro: estava sim em que no caso em que houvesse erro da parte de Augusto, lho não descobrisse Jerônimo.

Hajam-se pois assim os nosso Sapientíssimos Mestres, e diligentíssimos historiadores: se outra coisa não ditar a prudência pelas circunstâncias do lugar, tempo, e ocasião, descubram-se uns aos outros os erros que ponderados com muita circunspeção (sic), a tôdas as luzes forem intoleráveis erros: pois o que se pretende é a verdade dos sucessos quando fôr possível: mas o que com muita reverência peço em louvor do Doutor Egrégio, que tinha por beneficio não se calarem os erros, achados nos seus escritos, é: que o modo dêstes descobrimentos seja mais doce que o mel (64). De São Bernardo lemos que teve boa mão para compor controvérsias (65): não duvido que lhe dê Deus esta graça por sua muita virtude; mas bem pudera ser que lha concedesse por ser o seu modo brando, amoroso, suave, e melífluo (66).

Êste o melhor jeito de advertirem erros os historiadores ao seu colega: e nada menos suave deve ser a aceitação do advertido: se quer tranqüilizar o seu ânimo; estime mais o ser sábio.

(61) **Unus quisque suo sensu abundet.**

(62) **Nec uolo uiuitur uno.**

(63) **Laedes me si mihi tacueris errorem meum, quem forte in ueneris in factis in dictis meis.** Ag. ad HIER. 12 et 15.

(64) **Mel et lac sub lingua eius.**

(65) **Decor componendis controuertiis.** Lect. 6, Offit.

(66) **quidquid cum mori temperat [...] salubre es [...] HIER.**

que parecê-lo: e lembre-se, que os verdadeiros sábios, não se dedignam de ouvir, e aprender dos sábios (67).

E concluindo êste ponto para a consolação dos escritores: digo que o historiador, que narra o caso, conformando-se com o que referem muitos Autores, sobrado fundamento tem para haver por bom, e acertado o que disse: pois isso mesmo disseram, e aprovaram muitos: e o escritor que afirma o que disseram poucos. Haja por apologia oferecida desde agora em sua defesa o que disseram Justiniano, e Pio Segundo: os quais afirmam que não poucas vêzes que a sabedoria de um, inda de inferior nota é melhor, que o parecer de muitos e desta sorte se poderá dizer de cada um dos Escritores, o que do Angélico Doutor um dos Patronos Celestiais desta Academia se diz: **bene scripsesti** assim como de Sua Excelência que mandou escrever dizemos para confusão de Nero que governa bem (68).

Passando dos Senhores Historiadores, aos Senhores Presidentes futuros, me parece dizer, que não pode ter lugar escusa alguma sua, que não fôr de enfermidade: não a de insuficiência alegando falta de talento (69): porque inda que tôda a suficiência seja mais de Deus, e não fruto da nossa diligência como se fêz hoje público na epístola desta Dominga (70). Contudo estou certo, que não será aceito, o que por testemunho da fama não estiver reputado por apto (71), e deve então convencer-se a si mesmo dizendo (72): **Cur me posse nessem; posse quod ille putat.**

Esquecendo-se por então daquele santo conselho digno de freqüente lembrança: que em abono e louvor nosso: cremos menos ao conceito alheio: que ao conhecimento próprio: quanto mais que se o eleito quiser falar verdade pode muito bem dizer (73).

Não me falta na vida honesto estudo
com longa experiência misturado:
nem engenho que aqui vereis presente:
coisas, que juntas se acham raramente.

(67) **Studiens, sapiens, sapientior erit. Prov. 1. Sapientes non ambiunt haberi, sed esse sapientes; idcirco libenter alios audiunt imo consulunt. ALAPD.**

(68) **bene regis.**

(69) **Excedit vires meas: excedit facultatem eloquentiae meae. D. AUG.**

(70) **Non quod sufficientes simus cogitare aliquid a nobis quasi ex nobis: sed suf^a nostra ex Deo est. Ad Corint. 3.**

(71) [...] **noscitur quisquis teste fama [...] datur. CASIOD. Lib. 9, Var.**

(72) **Plus aliis de te quam tu tibi credere noli.**

(73) **Can. 154.**

Não também a escusa de ocupados: pois estão vendo que com serem não só cotidianas, mas bastantemente contínuas as minhas occupações: aceitei prontissimamente esta honra: nem me escusara bem por ocupado: pois bem assim como em outro tempo viu o Mundo aos Cunhas, aos Cardosos, aos Casiodoros Cancelários, aos Soares, aos Gamas e Barbosas ajuntarem às suas occupações a de escreverem: assim agora estamos vendo aos Senhores Doutôres Cunha Cardoso, Brito Chanceler, Soares Gama e Barbosa ajuntarem às suas muitas occupações as suas Acadêmicas escrituras: e menos é presidir, e orar uma tarde, que escrever e compor todos os dias, com muita parte das noites.

Não finalmente a escusa do serviço da Igreja, porque inda que êste deve preferir a todo o temporal (74), contudo as preferências não induzem exclusões, inda que dêem primazias: e o mesmo Divino Mestre em dizer que busquemos em primeiro lugar o Reino do Céu (75), é visto permitir, que em segundo lugar nos possamos empregar em serviço dos Reinos da Terra: maiormente na matéria supra, pois o mesmo filho de Deus com mui santa política tem já aconselhado que demos a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César (76): e parece ser muito do agrado de Deus (77) tudo o que (como as Academias) se ordena ao bem comum (78). E se o **Eclesiástico** fôr tal qual deve ser, depois de orar a Deus no Templo pelos homens; bem pode vir orar aqui aos homens com o fim de dar glória a Deus, que em tudo tem lugar: *omnia in gloriam Dei facite*. Ó se eu fôra bom Eclesiástico, como é certo, que inda orando aqui pouco, dissera muito: *sit eius quasi copia dicendi, forma uiuendi* diz São Gregório; mas como a minha vida discorda do meu estado; porisso orando muito, disse pouco: inda que me pareça mostrei que Agripina resolveu mal: que o govêrno de Nero foi péssimo, e que sua Excelência governa bem (79): e porque eu também acabe bem: concluirei esta Oração assaz grandemente dilatada com esta outra oração assaz breve (80): *oro ut quod bene agis bene perficias*.

(74) *Humanis, diuino praeponere*. Ferd. Dial. ad Reginaldum comitem.

(75) *Quaerite primum regnum Dei, et iustitiam eius* [...] 6, D. HYERON.

(76) *Redige g.º quae sunt Caesaris Caesari et quae sunt Dei Deo*. MATH. 22, 20.

(77) *Attendo tibi, et doctrinae ad Te. Attendite uobis et uniuerso iugi*.

(78) *delege rempublicam sunt te ipsum*. Ferd. Dial. Ad Reginaldum comitem.

(79) *Bene regis*.

(80) *Alap. in Epist. Ioan 3.º ad illa uerba: prospera to ingredi, et ualere n.º 3 ad Casum*.

Conferência de 27 de agosto

Ao Presidente

Em louvor do Presidente que nesta
Conferência foi o Reverendo Provisor e Deão
da Sé o Doutor Sebastião do Vale Pontes

Ao Presidente o Reverendo Deão Sebastião do
Vale Pontes.

DÉCIMA

Vosso heróico entendimento
Consegue o ser neste dia
Admiração da Bahia,
E da América portento.
A tão superior talento
Quem pode haver que o iguale?
O mais douto hoje se cale,
Porque hoje, ó facundo Pontes,
Descem a ser vales os montes,
E sobe a ser monte o Vale.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

In laudem Reuerendi admodum, Praeclari nimis
Decani, Praesidis, ac Doctoris Sebastiani Vale
Pontes

DISTICHOS

Cuique adamanti Musas Montes ire licebit;
Nam pontes Vallis praebuit ista modo.
De Francisco Xavier de Araújo.

In Praesidis laudem

ALIUD

Pindum, Heliconem, Parnasum nunc linquat Apollo;
Montibus his uallis celsior ista iacet.
faciebat

Franciscus Xauerius de Araújo.

* No ms. está datada: "Conferência de 20 de agosto, aliás de 27".

In laudem Praesidis

EPIGRAMMA

Si merito praeesse choris speciale Decanis,
Musarum merito praesidet iste choro.

De Francisco Xavier de Araújo.

Ao muito Reverendo Deão o Senhor Doutor
Sebastião do Vale Pontes Presidente da
Academia.

DÉCIMAS

1

Meu Deão muito têm lido
nessa cadeira com glória,
mas com justiça notória
vós nela ficais provido:
aceitamos o partido
de Mestres em vossa ausência,
porém quando alta influência
vos chama a êsse lugar,
todos hemos de assinar
um têrmo de desistência.

2

Sem vós estava vacante
esta cadeira famosa,
com pessoa tão lustrosa,
é sede plena, e flamante;
que sois mais douto, e [elegante]
confessamos reverentes,
e com razões concludentes
se prova por vários modos,
que sois o Mestre de todos
os passados Presidentes.

3

Muitos queriam passar
ao Parnaso florescente,
mas de Aganipe a corrente
os faria embarçar;
agora pode chegar
quem vadeá-lo procura,
porque logrando a frescura

dêste Vale ameno, etuto
passar podendo a pé enxuto
por essa ponte segura.

De Francisco Pinheiro Barreto
Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião
do Vale Pontes Meritíssimo Deão da Santa Sé
da Bahia, e Presidente desta Academia.

DÉCIMA

Nada sei que sou menino,
Nem ainda sei falar,
Mas em tudo que eu calar
Fale o meu coração fino.
Sois Presidente o mais digno
Que viram Parnasos montes,
E inda que me dêem fontes
De saber, a lá chegar,
Vós tendes para passar
Pôsto cá no Vale, Pontes.

José Cardoso
Menino do Côro.

Ad Sapientissimum Academicum Praesidentem.

EPIGRAMMA

Por Antônio da Fonseca,
Menino do Côro da Misericórdia.

Non te Vallem, sed Pratum cum floribus ornas
Non alienis, sed floribus ipse tuis.
Non igitur Vallis, sed Prati nomen habebis.
Accipe iam flores, quas tibi Flora dabit.
Quisquis Valle sed, secum tristissima uoluit,
Tristia ne uoluas, dulcia quaere tibi.
Tristitiam Vallis, Nemo est qui quaerat amaram,
Tristia sed Vallis, tu Vale, nulla tenes;
Laetitiam potius dicam conferre per orbem
Cum maestam Vallem desines esse, Valle;
Discessum quoque monstrat cum Vale dicimus
[omnes,
Sit mihi nunc licitum dicere posse, Vale.

[*Provavelmente de Antônio Ribeiro da Costa*].

Ad eundem pelo mesmo Autor.

DÉCIMAS

Com tão rico presidente
De virtude, e de ciência,
Pasma a maior eloquência,
Desatina o mais ciente:
Uma, e outra juntamente
Vos fazem tão singular,
Que, havendo de vos louvar
De ciente, ou virtuoso,
Me vejo assaz duvidoso
Por qual hei de começar.

Pelo elegante, e subido
Tão subido vos mostrais,
Que daí subir a mais
Com justa causa duvido:
Nesse lugar tenho ouvido
Infinitas descrições,
Porém as vossas razões
Tão doutamente sabidas,
Deixam tôdas esquecidas
Com pasmos, e admirações.

Porém, seu melhor saber
É de DEUS o seu temor,
Bastar-vos-á por louvor
O que em vós se deixa ver:
Quem como vós quiser ser
Conhecido por ciente,
Traga como vós presente
A virtude sempre à vista,
Que entre sábios só se alista
Quem a DEUS é mais temente.

Não é nôvo em vós orar
Com notória erudição,
Porque o uso da oração
Facilita a bem obrar:
Assim podeis esperar
Ter grande dita, e ventura,

Que se a tôda criatura
 Ao Céu lhe custa chegar,
 Vós feliz heis de passar
 Pois tendes Ponte Segura.

[*Antônio Ribeiro da Costa*]

Em louvor do Muito Reverendo Presidente o
 Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes,
 digníssimo Deão da Santa Sé da Bahia,
 Desembargador da Relação Eclesiástica, e
 Provisor, no espirital, e temporal dêste
 Arcebispado.

SONETO

É o nosso famoso Presidente
 a menina dos olhos da Bahia,
 porque sem controvérsia, nem porfia,
 de todos é amado geralmente:

Na abundância do Vale, e sua enchente,
 por sem dúvida tenho, que seria
 da Águia a sutil pena, grossaria
 inda quando o louvor fôsse eminente:

Como pois empreendi néscio, e atrevido
 a louvar um Herói tão sublimado
 que as prendas mais perfeitas logra a montes?

Se por néscio calara, não duvido
 que por sisudo fôsse então contado,
 não me metendo em pontos com tal pontes.

[*De Antônio Ribeiro da Costa*]

OUTRO

Que pretendes obrar? suspende a mão;
 não apares a pena, ouvi dizer,
 estando preparado eu a fazer
 um soneto ao doutíssimo Deão:

Torna a voz a dizer; êste varão
 dificultoso é de compreender,
 nunca dêle falar hás de saber,
 porquanto é como vês Sebastião.

Remete-te ao silêncio, obrarás bem,
 por ser o teu talento inferior
 para a empresa que buscas, e convém:

Tomei este conceito por melhor,
 deixando a empresa ao que talento tem,
 para lhe dar por mim digno louvor.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Doutor
 Sebastião do Vale Pontes Presidente da
 Academia.

DÉCIMA

Se no Monte deleitoso
 de Beócia, a fonte grava,
 cujos cristais, quem libava
 na Poesia era famoso.
 Neste Vale prodigioso,
 temos hoje mais segura
 esta tão grande ventura;
 Pois por Pontes de tal preço,
 correrá com mais excesso,
 da Cabalina, a doçura.

*Por seu Venerador Jacinto Ferreira
 Feio de Faria.*

Reuerendo admodum Doctori Sebastiano do Vale
 Pontes, Sedis Bahiensis Decano Emeritissimo,
 nec non Prouisori rectissimo, pro meritis ad
 maiora euenhendo, nunc Dignissimo huius
 Academiae Presidi.

EPIGRAMMA

Saepe tuo dixi perspecto nomine, Valle;
 Congrua sunt rebus nomina saepe suis.
 Maximus ut quondam, mensuram nominis imples:
 Plusque tuo ingenio millibus ipse uales.

O Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.

Sapientissimo Reuerendissimoque Domino Sebasto
do Vale Pontes in Sede Bahiensi Decano
Meritissimo

EPIGRAMMA

In laudes Sebaste, tuas mea Musa uocatur,
Applausum meritis addere prompta tuis.
Non ego Castaliis immersi fontibus ora,
Nec mihi Parnasus somnia laeta dedit.
Ludrica res, mutum in uerbis iurare Magistri;
Seria, rimari quidquid in orbe latet.
Et licet immensum uolitet tua fama per orbem,
Nititur ulterius mens generosa tamen.
Ipse Sebastus enim Musarum dulcis alumnus,
Splendet, et in tenebris lucet, ut ipsa dies.
Cum sim mutus ego, laudes et, frena resoluam,
Alloquar, atque tuum nomen in astra feram.

Tuus Venerator
Emanuel Nunes Leal.

Em louvor do Reverendíssimo Doutor Deão e
Provisor da Sé Sebastião do Vale Pontes,
Presidente da presente Academia

SONETO

Nítido o Sol ilustra o claro dia,
com tanta arrogância de resplendores,
floreando astros, estrelando nas flôres,
esmaltado o globo tanto desafia.

Do Val Pontes de Diamantes se confia,
reverberando raios com primores,
de Júpiter e Apolo tais louvores,
catedral no Parnaso que alegria.

Corre o cristal dêste Val tão luzente,
Sol no oriente são os raios de frente,
de cristal a Ponte mais eloqüente.

Pois é permante ser dêste monte,
é rio corrente, cristalina fonte,
tesouro de luzes, de Mar enchente.

Do Padre Manuel Cerqueira Leal.

Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Desembargador
Sebastião do Vale Pontes, Presidente da
Academia

DÉCIMA

Vale como os mesmos montes
quem cabedal tanto atura,
porque só um monte segura
o que passa pelas pontes.
Seguindo a ordem das fontes,
na passagem dos cristais,
passam vossos cabedais:
Frutos da vossa ciência:
que em maior correspondência
passando, sempre tem mais.

Por Manoel Ferreira da Luz

Vigário do Destêrro da Cidade.

Ao Muito Reverendo Doutor Presidente o Senhor
Deão Sebastião do Vale Pontes.

DÉCIMA

Ressuscita a minha Musa
já defunta há tantos dias
para usar das Poesias
que convosco agora usa;
mas como um tanto confusa
para louvar-vos está
quer saber para que cá
mais Musas ressusciteis
se acaso, Vale sereis
O Vale de Josafá.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes
 Meritíssimo Deão da Santa Sé da Bahia, e
 Prestantíssimo Presidente desta presente
 Academia.

SONETO

Para ao lume passarmos lá da glória
 Dêste Vale de lágrimas da Terra,
 Pôs a mente divina, que não erra
 Dez preceitos, que são coisa notória.

Outros Ponte lhe chamam meritória
 De dez arcos, que em si inclui e encerra;
 Quem a passa sem quebra vence a guerra
 Da humana vida tôda transitória.

Assim vós aqui estais, Pontes Valente,
 Presidindo por Vales ou por montes
 Do Parnaso Católico à torrente;

Pois de cá para aos Sacros Horizontes
 Nos passarmos melhor, Deus ao presente
 Vos tem pôsto no Vale tão sem Pontes.

Luís Canelo de Noronha.

Sapientissimo Doctori Sebastiano do Vale Pontes
 Sedis Decano Dignissimo, et Praesidi
 Academiae Emeritissimo.

EPIGRAMMA

Praesul Apollinea redimitus tempora lauro
 Vincit Apollineum (credite) uoce chorum.
 Canonicum regit iste chorum: regit ergo canori
 Qui nunc Parnasi numina, uictor ouet.
 Nam qui diuini dominator Apollinis alto
 Iure choro, et Phoebum uincere iure potest.

Antonius de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente].

Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes
Digníssimo Deão da Sé desta cidade, e
Emeritíssimo Presidente da Academia

SONETO

Qual Apolo, Senhor, nos presidistes,
Mais que Apolo porém vos sublimastes;
Pois com vãos maiores remontastes
Esse engenho com que tanto luzistes.

Chega Apolo a subir como subistes
Mas não chega a lustrar como lustrastes;
E porisso lauréis multiplicastes
Sobre o louro feliz que hoje adquiristes.

Mais que Apolo ocupais mais alta esfera
Porque estais merecendo Mitra e Tiara
Como o mundo gozoso vos espera.

E nesse verde louro eu esperava
Que se o mundo maior prêmio tivera
Vosso mérito grande lá chegara.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes
Digníssimo Presidente da Academia

DÉCIMAS

1

Fui-me com minha Talia
Hoje a um vale o mais florido:
Lá fiquei despersuadido
De vir hoje à Academia.
Pois vi do vale corria
Um tal Rio de saber,
Que me temi lá perder.
Quando para aqui vir dar
Do vale tão singular
Ricas pontes vi crescer.

2

Aqui pôsto a salvamento
 Vos quero Musas contar
 Que Sebastião singular
 É dos vales um portento.
 Lá vi do saber o assento,
 Lá vi das ciências as fontes.
 Descei já Musas dos montes
 Ide ao vale divertir,
 Pois nos dá, para subir
 Sebastião do Vale, Pontes.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão
 Sebastião do Vale Pontes

DÉCIMA

Pontes lança o Tejo, e o Douro
 Sôbre as ondas cristalinas
 Para do centro das Minas
 Desentranhar montes de ouro;
 Mas da ciência no tesouro
 Se escusadas são as pontes,
 Fábio, para que mais montes,
 E esta saibas quanto vale
 Busca o tesouro no vale
 E acharás nêle ouro a montes.

Por Anastácio Ayres da Penhafiel.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião
 do Vale Pontes Meritíssimo Deão da Santa Sé
 da Bahia e Presidente desta Academia

DÉCIMA

Subis co' mente Divina
 A presidir no Parnaso,
 E não subis por acaso
 Segundo o que o nome ensina;
 Ensina a vossa doutrina
 Por pontes para subir,

Mas, Pontes meu, quem há de ir
 A tão altos horizontes,
 Se quem subir como Pontes
 Certamente há de cair?

Francisco Pereira

Menino do Côro.

Em louvor do Eruditíssimo Presidente o Muito
 Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes,
 Deão da Sé da Bahia.

SILVA

Ameno, e grato Vale,
 queira a vossa modéstia, que eu não cale,
 mas antes, que na minha rude lira,
 patenteie a fragrância que respira,
 tanta cópia de flôres que matizam
 as virtudes em que se simbolizam.

Permita que esta minha Silva agreste,
 inculta, e sem o ornato que reveste
 as mais Silvas, que nesta Academia
 admirando-se estão em cada dia,
 dizer possa de Vale tão florido
 as virtudes que encerra em grau subido.

Mas antes que comece,
 me parece que o Deus Apolo tece,
 uma bela grinalda,
 parecida na côr muito à esmeralda,
 e que lá do Parnaso vem descendo,
 com tal pressa que julgo vem correndo,
 assistido de suas companheiras
 as Musas, que também vêm às carreiras;
 que a vós se chega e todo reverente,
 a grinalda vos põe, que dignamente,
 com superior agrado,
 por prêmio se vos deve de contado;
 porque afirmam as nove Irmãs contentes,
 que a Coroa levaste aos Presidentes.

O que pôsto, assentado, e concluído,
 vou atrás do que me enleva o sentido,
 que a virtude das flôres mais se ostenta,

nas tais flôres em que se representa,
cuja ativa fragrância,
nunca pode apagar a mor distância,
tendo em tudo igualdade,
flôres, e virtudes, na suavidade.

Entre as flôres de tão profícuo Vale,
se bem primeiro exale
a nevada Açucena, côr de neve
o casto proceder que sempre teve,
servindo de exemplar mui jucundo
flor, que inculca pureza [a todo] o mundo.

Não menos reverdece,
o cravo, que de longe se conhece,
mostrando no encarnado que o divisa,
que tal côr claridade simboliza,
em tal forma, que a todos,
quisera aproveitar por vários modos.

Neste Vale em geral também aceito,
se ostenta aquela flor, Amor-perfeito,
cujo nome mais claro,
nos está intimando o amor raro,
com que a Deus extremosamente adora,
êste varão perfeito em tôda a prova.

A Perpétua flor, que sem semelhança
hieroglífico é da perseverança,
neste Vale pomposa também brilha
como flor, que é das flôres maravilha,
segurando será no fim premiado,
quem na virtude não tiver frouxado :

Neste Vale mais flôres se conhecem,
nas quais várias virtudes resplandecem,
cuja variedade à bôca cheia,
quanto mais edifica, mais recreia,
e parecera excesso,
reduzi-las a número, confesso.

Ó com quanta razão vos é devido,
outro laurel de porte mais subido,
não como o que vos pôs o Pastor louro,
quando vô-lo podia pôr de ouro.

E que bem sois credor meu douto Pontes,
de louvores, e aplausos, aos montes.

Não mais já largo a pena
 que o objeto a despenho me condena
 em Silva atrevida
 ninguém queiras louvar em sua vida
 olha que o Eclesiástico to impede,
 vai-te, e destes Senhores te despede.

Do Licenciado Jorge da Silva Pires.

Ao muito Reverendo Deão o Senhor Sebastião do
 Vale Pontes, presidindo na presente Academia,
 havendo o Reverendo Cônego o Senhor
 Antônio Roiz Lima orado na antecedente.

SONETO

Para entoar os cantos mais sonoros
 Este Museu em délfica harmonia,
 Dois Cisnes deu a Sé à Academia
 Valendo cada um por muitos Coros.

Porém, um Cisne, outro Águia ambos canoros
 Têm sido companheiros na porfia,
 O Cisne já deu vozes no seu dia,
 A Águia sempre apura os seus decoros.

O Cisne já bebeu na clara Fonte,
 A Águia sem jamais ter quem a iguale
 Domina o Rio em dilatada Ponte.

Fazem que Apolo no Parnaso cale,
 O Cisne lhe cantou naquele Monte,
 Mas a Águia o registra neste Vale.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do
 Vale Pontes Meritíssimo Deão da Santa Sé da
 Bahia e Presidente desta Academia.

DÉCIMA

Duas vêzes doutamente
 Sois ao lugar preferido,
 Lá Presidente em cabido,
 Cá cabido em Presidente:

Eleição foi reverente
 Do Parnaso Americano,
 Que pode ostentar-se ufano
 De Presidente tão digno,
 Sábiamente no Divino,
 Divinamente no Humano.

Clemente de Sousa

Menino do Côro.

Reuerendissimo, et Sapientissimo Domino
 Sebastiano do Vale Pontes Cathedralis
 Bahiensis Decano Meritissimo, Dignissimo,
 Colendissimo, Ecclesiastici Senatus Areopagitae
 Doctissimo, Aequissimo, Prudentissimo ad
 maiora, meritis nato, ad maxima, uotis
 praestolato; Patrono suo dilectissimo Praeclarae
 Academiae, et Canonicorum Collegiis
 Praeclarissimo, et Pergratissimo

Praeposito

Pater Iosephus Moreira Teles.

D.O.&.C.

HOC ELOGIUM

In omnium praesentiarum dicturus
 Grauitur ascendisti rostra Doctissime
 Sed rostro Linguae argutissimo,
 — Ceu Phoenix — riuos eloquentiae
 In medium dulciter cantando
 Protulisti.

Quos attingere, nec labris delibare
 Ad summum primoribus, nemini
 Vsque adhuc obtigit; nec antiquitas
 Simili pro alio in orando orabit,
 Quem unum, et unicum te amplius
 Laudasset.

Odoriferos eiicis arbore (1) flores,
 Queis similes numquam tulit Tullius
 Nec naso tetigit audiori

(1) No texto: "abore".

Cum in antiquis flore floreret
Eloquentiae, ac in omnibus unus
Emineret.

Haud ex uano nomen non negarem
Tibi tuum fuisse assignatum;
Quippe qui nunc Sebastianus uocaris,
Gloriosus rectius, (interpretationis uirtute) (1)
Iure equidem per omnes hodie
Nuncupaberis.

Quae te felix in lucem terra dedit?
Quae tam odoriferum peperit florem;
Ex quo mel fieret solito dulcius?
Hyblane, aut Hymettus erit
Felix patria, die, melli fluens
Orator?

Bahia patria est; o omnibus Bahiam
Feliciorum! nam si usque adhuc infelix
Fuisti terra propter maleficia,
Huius beneficiis, ac natalibus tangis
Astra, astris clarior sole tuo
Exoriente.

Qui animos claritate, ac dulcedine
Attractos allicit (qualis Orpheus
Cythera canorus) omnium mentes
Et oculos ad te conuertes, in te
Politioris facultatem eloquentiae
Admirantes.

Nil — reprehensibile —, sed irreprehensibile,
Nil uituperabile, sed inuituperabile,
In te inueniunt; ad unguem
Absque dubio homo factus crederis,
Quouis alio, actionibus, et habitu
Modestior.

Viue felix, et in laude meliori
Supra admirationem meliora sapientiae
Specimina tuae nobis exhibe;
Te facito in dies dulciorum;
Omnes luce clariori Academicos
Illuminados.

(1) Lê-se ao lado "Ita interpretato in historia Lombarbeatus, et gloriosus
Argyrensis." Tomo 4.

Ao Eruditíssimo Deão Elegantíssimo Doutor e
Reverendíssimo Senhor Sebastião Vale Pontes
em louvor da sua sutilíssima oração.

SONETO

As mais famosas águas prateadas,
Da cabalina fonte se enturbaram,
Tôdas flôres de Chipre se secaram,
Por serem dêste vale inestimadas.

Valem pois neste vale, as decantadas
Obras que nas sutis flautas soaram
Que as das sonora Cítara enjeitaram
As irmãs, que de Apolo são dotadas;

E assim já no bom sentir se ordena,
Que a pátria das Aônias êsse vale
Tenham por incrementos ilustrada;

Pois, só dêste, o clarim da fama fale,
Que aplausos do Parnaso se condena,
Porque, fica essa côrte conquistada.

Do Alferes João Soares da Veiga.

Ao Prestantíssimo Herói, Preclaríssimo Varão,
Integérrimo Desembargador, e Reverendíssimo
Senhor Sebastião do Vale Pontes, em louvor
da Oração que fêz na presente Academia.

SONETO

Quando Apolo se viu tão sublimado,
Soberbo Leão Altivo, e Soberano,
Ficou bem abatido por seu dano,
Vendo-vos hoje assim mais exaltado.

Com estar de seu trono derrubado,
Conhecendo seu fado; e grande engano,
Que lha guardava estado tão ufano,
Quis ser mais aplaudido, e gloriado;

E assim porque a glória dêste dia,
 Vos conceda maior eternidade,
 Não vos dá sem louvor a Monarquia;

Antes pois aplaudindo a adversidade,
 Que a fortuna lhe faz em tirania,
 Por tributo vos rende a Majestade.

Do Alferes João Soares da Veiga.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião
 do Vale Pontes Meritíssimo Deão da Santa Sé
 da Bahia e Presidente desta academia.

DÉCIMA

Ah que agora meu Deão
 Sou menino! se eu crescer,
 Ver-me-eis versos fazer
 Para vos louvar então;
 Assuntos não faltarão,
 Segundo o cuidado comigo;
 E se ser homem consigo
 Vosso louvor cantarei;
 E porque ainda não sei
 Um Vale, Pontes vos digo.

André Vicente

Menino do Côro.

Conferência de 27 de agôsto

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto Agripina, que
 dizendo-se-lhe que seu filho Nero a havia de
 matar, se chegasse a ser Imperador, respondeu
 que o fôsse, ainda que depois a matasse

Ao primeiro assunto

SONETO

Essa nobre matrona, que impelida
 De um generoso amor, fêz a memória
 Do seu ilustre nome tão notória,
 Quanto no mundo todo esclarecida,

Os golpes não teme do matricida
 (Exemplo digno de imortal história)
 Antes ambicionou do filho a glória
 Dando por preço dela a própria vida.

Agripina, que a vida assim despreza,
 Segura as adoções da eternidade
 Nesta de amor materno alta fineza

Que é duas vêzes mãe nos persuade;
 Porque lhe dá no sangue a natureza,
 E com sangue lhe compra a majestade.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto Heróico

EPIGRAMMA

Agrippina grauis conceptum uentre Neronem
 Sustinet, et uates consulit atque Deos.
 Quod regnaret, aiunt, gnatus si prodit in auras,
 Postea quod Matris conteret ipse caput.
 Ipsa parit partus completo mense Neronem,
 Qui crescens, regnat morteque truncat eam.
 Hic tandem uatum uoces complentur, et extant
 Tam dirus gnatus, quam generosa parens.

*Do Licenciado João Machado
 Barcelos.*

Ao assunto heróico

SONETO

Dos Vates mais peritos, e excelentes
 solícita Agripina cuidadosa,
 se potestade há de ter imperiosa
 sôbre as Águias o filho reverentes;

Os Vates lhe respondem concernentes
 em eco triste, em frase lastimosa,
 que se o filho reinar, morte espantosa
 lhe há de dar com assombro dos viventes.

Não desmaia da Mãe o peito forte,
 para afrouxar do amor a valentia,
 da vida a perda, e o rigor da morte;

Antes com nunca vista galhardia,
 porque ao filho se apressa mais a sorte,
 nos desejos a morte desafia.

De Francisco Pinheiro Barreto

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao primeiro Assunto

SONETO

É de razão, que fique eternizado,
 e indelével o nome de Agripina;
 pois sabendo da morte mais ferina,
 a quis; por ver o filho entronizado.

Não sei qual outro amor agigantado,
 ou qual, que com ação mais heroína,
 não procure livrar-se da ruína;
 quando a sorte lha tem determinado.

E se alcança troféus o amor vencendo,
 e ao amor, que é mais fino vence a sorte,
 que ficaremos dêste hoje entendendo?

Senão, que com valor inda mais forte,
 não temeu esta morte; pois querendo,
 por querer, vencer soube a mesma morte.

Por Manoel de Mesquita Cardoso.

Ao primeiro assunto Acadêmico.

SONETO

Na cegueira do amor quem bem cuidara,
 desenganos tirara cada dia,
 pois de amor é cruel antipatia
 com que a todos cegar-nos não repara:

Se Agripina tanto a Nero não amara,
 sabendo que êste a morte lhe daria,
 com ser filho, a fortuna estorvaria,
 ao Império que aspira não chegara:

Mas amor, que perigos sempre gosta,
 crueldades estima por favores,
 quando mais arriscado então mais fino;

Assim amante Agripina, assim disposta,
só por ver satisfeitos os seus amôres,
já de um Nero não teme o desatino.

[*Manuel de Mesquita Cardoso*]

À fineza de Agripina que dizendo-se-lhe se o filho
imperasse a havia matar, (sic) disse que fôsse
Imperador ainda que a matasse.

SONÊTO

Resulta de um heróico amor constante,
foi que Agripina a morte desprezasse
para que o filho seu Nero imperasse;
mas a de Alcestes foi mais relevante.

Vendo que o espôso Admeto agonizante,
viver podia só se se matasse
quem com rara fineza mais o amasse,
matou-se ela, porque era a mais amante.

Agripina imperando o filho Nero,
participe ficava da grandeza,
e era mais ambição, que amor sincero.

Alcestes pôs o amor em mor alteza,
pois entregando a vida ao golpe fero,
côa morte acreditou logo a fineza.

De Hierônimo Roiz de Crasto.

Ao primeiro Assunto

SONÊTO

Ambiciosa Agripina do respeito
que havia de lograr se o filho Nero
se chegasse a imperar, inda que fero,
a morte desejou para seu peito.

Mas o filho cruel, não satisfeito
dêste excessivo amor, foi tão austero,
que rompeu, ostentando-se severo,
o vínculo de Mãe, tão doce, e estreito.

Mas oh! que por influxo soberano,
 contra si maquinou tal tirania,
 quando entendeu ficava mais ufano;

Porque se morta a Mãe, então vivia
 pelo excesso de amar êste tirano,
 êle, morte ao seu nome, conseguia.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Pertence à Academia passada.

Ao Heróico assunto, dizendo-se a Agripina que se
 imperasse seu filho Nero a havia de matar,
 aceitou a morte a trôco do seu império.

SONETO

Do filho mais cruel, a mãe mais digna,
 Por que impere feliz, a morte aceita;
 Que se a impulsos do afeto se sujeita
 À tibiezas do susto não se inclina.

Morra mil vêzes, diz, morra Agripina,
 (Passe embora a evidência o que é suspeita)
 Que se em Nero a Coroa se respeita,
 A estátuas a fineza me destina.

Defunta sim, mas não desalentada,
 Pois quando amante mãe lhe dei a vida,
 Menos que nêle em mim vivo animada;

Impere pois, impere matricida,
 Que se em Nero, tirano sepultada,
 Fico em Nero meu filho renascida.

Do Acadêmico Obsequioso.

[Gonçalo Soares da Franca]

Ao primeiro

SONETO

Como Agripina, como assim Matrona,
 a morte buscas, a vida desprezando?
 não sabes que do império tendo o mando,
 grande perigo Nero te ocasiona?

Como o sossêgo teu não abandona
o destino, que está vaticinando,
que despójo da Parca hás de ser, quando
Nero imperar, fortíssima Belona?

Reine meu filho, amante, e destemida,
responde com valor, e peito forte,
inda que ingrato seja matricida;

Sou mãe de Nero, e pois o quer a sorte,
eu para Imperador lhe dei a vida,
goze do trono; e dê-me logo a morte.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao primeiro assunto

SONETO

Fala Agripina

Empunhe Nero o cetro generoso,
Que a prevenções da Sorte anime ufano,
Índa que oposto aos créditos de humano,
me estrague a vida a golpes rigoroso;

Ocupe o Sólido augusto, e majestoso,
que a glórias lhe dispute o Soberano;
bem que depois a impulsos de tirano,
a riscos me antecipe o lastimoso;

Pois mais estimo ver que ao régio assento,
preside altivo a sustos da vanglória,
que quanto informo a vida grato alento:

Oh bárbara ambição da humana glória
que a vida menos preza um fim violento,
só por custar ao tempo uma memória!

João de Barbosa e Lima.

Dizendo-se a Agripina que se Nero seu filho chegasse a imperar lhe houvera tirar a vida; respondeu que fôsse Imperador ainda que a matasse.

SONETO

Tanto Agripina ao bravo Nero adora;
Que porque a toga vista, não repara
Na morte, que o tirano lhe prepara,
Que já vaticinada não ignora.

Foi prêmio uma maldade a mais traidora
Da fineza da Mãe, única, e rara;
Mas se tão fino amor não o ostentara,
Menos tirano, êste tirano fôra,

A fineza da Mãe, que o mal despreza
E do filho cruel a antipatia
Deram ambos assombro a natureza.

Por extremo um, e outro se avalia,
Em Agripina, da maior fineza,
Em Nero, da mais ímpia tirania.

[*João de Brito e Lima*]

Ao [próprio] assunto pelos mesmos consoantes

SONETO

Como mãe Agripina a Nero adora
Na fortuna de Nero só repara,
Não na morte que infausta lhe prepara
Êste ímpio monstro, que a piedade ignora.

Sim foi mais que tirana, ação traidora
Quanto no amor da Mãe esta ação rara
E não sei que mais bravo se o ostentara
Se sua Mãe seu mor contrário fôra.

O ser de humano nesta ação despreza
Sendo em sua cruel antipatia
Escândalo fatal da natureza.

Por grande esta impiedade se avalia:
 Mais quando a vista da maior fineza
 Se não julgou por grande a tirania?

[Do mesmo Autor]

Ao próprio assunto

SONETO

Sabe Agripina, que imperando Nero
 De Atropos sentiria o duro corte,
 E preza mais do filho a feliz sorte,
 Que do seu vaticínio, o fim severo.

Mas não foi sem razão, sim considero
 Justiça em Nero, esta crueldade forte,
 Sendo a satisfação da sua morte
 Dar a vida a êste monstro horrendo, e fero.

Desejava Agripina o régio aumento
 De Nero, que qual víbora homicida
 Da sua morte foi vil instrumento.

Teve esta culpa a pena merecida:
 Que Agripina por ter tal pensamento
 (Sem mais causa) era bem perdesse a vida.

[Do mesmo Autor]

Ao próprio assunto

SONETO

Cega Agripina pálida discorre
 Quando em seu vaticínio considera
 Ansiosa morre porque Nero impera;
 E porque Nero impere ansiosa morre.

Da cegonha se diz, que aos Pais socorre
 Quando a idade decrépita os altera:
 Esta cruel Harpia, a mãe, que a gera
 De romper-lhe as entranhas se não corre.

Fêz de Nero a malévola impiedade
 O que a víbora faz, rompendo o peito
 Da mãe, pela vital necessidade.

Foi uma ação da cara vida efeito,
 Foi outra ação impulso da crueldade
 Vencendo o ódio ao maternal respeito.

Do Acadêmico Infeliz
João de Brito e Lima.

Primeiro assunto

A Agripina aceitando antes a morte que o
 deixar de imperar seu filho Nero.

SONETO

Por soberano impulso, imperou Nero,
 precisada Agripina a cruel morte,
 que aceitou dando a vida pela sorte
 de um filho Imperador, ainda que fero.

Deu a morte, à mãe, o Imperador severo,
 seguiu feliz a mãe o melhor Norte,
 deixando a vida débil, pela sorte
 que em tôda a eternidade lhe venero

Que indigna a ação do filho, por tirana,
 quanto digna a da mãe para a memória,
 uma pasmo do amor, outra inumana!

Cada uma assombrosa, para a história,
 porque só morre quem a fé profana;
 e quem morre por fé, vive por glória.

Por Manoel Ferreira da Luz
 Vigário do Destêrro da Cidade.

Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero
 chegasse a imperar, seria matricida, respondeu,
 que fôsse Imperador, inda que depois a
 matasse.

SONETO

Avisada Agripina, que de Nero
 No supremo poder teria a morte,
 Que a um ânimo cruel benigna sorte
 Até contra o seu sangue faz severo.

Maripôsa da honra com sincero,
 Quando não cego amor, responde forte:
 Do seu rigor não temo o duro corte,
 Que mais que a vida, Imperador o quero.

Oh! alcance eu a glória apeteçada,
 De que consiga Nero tal vitória,
 E depois seja embora matricida.

Que fará suave a morte esta memória,
 Se é que pode dizer que perde a vida,
 Quem do desejo seu consegue a glória.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero
 chegasse a imperar, seria matricida, respondeu
 que fôsse Imperador, inda que depois a
 matasse.

SONETO

De sacros vaticínios com efeito
 Prevenida Agripina, que em seu dano
 A Nero só veria soberano,
 Que a crueldade a nada tem respeito.

Com razão varonil, e forte peito
 Responde, que não teme desumano
 Imperador a Nero, se tirano
 De filho desmentia já o conceito.

Como capaz de cometer previa
 Que era Nero de matricida a culpa,
 O rigor ao mando atribuir queria.

Porque conheça o Mundo quando o culpa,
 Que se o acusa filho a tirania,
 O cetro a execução talvez desculpa.

De João de Figueiredo Mascarenhas.

Ad Agripinam, quae, facta certior, si forte Nero eius filius imperasset, eam utique morte afficeret, prorupit in has uoces: "Imperet, et si mihi postea mortem inferat".

EPIGRAMMA

Imperet, et moriar; genetrix ait alma Neronis,
 Gloria quippe ingens parta Labore uenit.
 Velle mori est, Mater, propriam tibi uelle ruinam,
 Viuere saepe iuuat, cur petis ipsa mori?
 O quam nolle tuum melius, quam uelle, fuisset!
 Nolle tuum facit uiuere, uelle mori.
 Sed morere, o Mater; post mortem glorias namque
 Quae bene semper amat, debet amore mori.

Luís Canelo de Noronha.

VI PERIT

EMBLEMA

Agrippina Deos (cum iam prope partus adesset)
 Consuluit praegnans, quid paritura foret!
 Crudelem Romae ductorem fata Neronem
 Dicunt, qui Matri duceret ense necem.
 Laetitiam Agrippina capit; nam uipera possit
 Dici, quae Mater uera Neronis erit.
 Vipera dat natos funesta uenena uomentes,
 Agrippina simul uiua uenena parit.
 Vi parit, atque perit crudeli uipera; amoris
 Ista autem dulci ui perit, atque parit.

Antonius de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Sabe Agripina que se Nero seu filho fôsse
 Imperador, a havia matar, e fica contente.

SONETO

Sabe a nobre Agripina certamente,
 Que se Nero imperasse, a mataria:
 É podendo-o fazer, o não desvia
 De chegar a reinar tão cruelmente.

Antes tem por brasão muito excelente
 Experimentar do filho a tirania;
 Porque assim todo o mundo entenderia
 Ser seu sublime amor o mais potente.

Assim quer que governe o filho amado;
 Porque quando lhe fôr fero homicida
 Possa amante dizer-lhe desta sorte:

Tanto estimo deixar-te nesse estado,
 Que para o possuíres com mais vida
 Nova vida te dou com minha morte.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Ao 1.^o assunto

SONETO

Quis fazer um soneto, nunca pude
 É o por que perguntando logo a Clio
 Respondeu: porque muito desconfio
 Dêsse assunto assim Deus me dê saúde.

Pois, Senhora lhe digo, com que grude
 Soldarei esta capa hoje ao meu brio
 Para que do papel possa ela ao frio
 Resistir quando o tempo se não mude?

Diz-me a Musa: o receio me destina
 A suspender o parto adonde espero
 Evitar hoje um dano, e uma ruína.

Porém não saia a Luz, reine pois quero
 Ser por ti, filho meu, como Agripina
 Se o Soneto é tirano como Nero.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Ao Assunto Heróico da Academia

SONETO

Agripina inumana, o teu pecado,
 o teu proceder tão licencioso,
 mereceu ter tal fim, tão horroroso,
 execrando, cruel, e desgraçado.

Mas como não vivia a tal estado,
o ventre, que êsse abôrto monstruoso,
gerou para verdugo, e lastimoso
complemento do fim prognosticado.

Quando por tua indústria o torpe Nero,
a púrpura logrou, com traça indigna,
certa fôstes de golpe tão severo:

Porém tu tão soberba, quão ferina,
proferiste com modo duro e fero,
chegue Nero a imperar morra Agripina.

Pelo Licenciado Jorge da Silva Pires.

Agripina que prognosticando-lhe um Astrólogo, que se Nero imperasse havia de tirar-lhe a vida, respondeu que fôsse Imperador ainda que a matasse, Assunto heróico da presente Academia.

SONETO

Nobre Agripina, Mãe desvanecida
Que por veres a Nero intronizado
Queres verter o sangue mais prezado,
Sem recear a morte tão temida.

Êsse tirano filho Matricida,
Em teu dano, a teu gôsto coroad
Há de ver como a Víbora rasgado
O ventre adonde recebeu a vida.

Na sua elevação, teu precipício
O Astrólogo fatal viu com verdade
Oposta a ingratição ao benefício,

Mas sendo em glória tua esta impiedade,
Tu deste à honra a vida em sacrificio,
Ele ao ódio em Troféu a crueldade.

*O Acadêmico Vago Sebastião
da Rocha Pita.*

Primeiro assunto

Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero imperasse a havia de matar respondeu fôsse êle Imperador ainda que depois a matasse.

SONETO

Conhecendo Agripina, que inumano
O filho há de tirar-lhe ingrato a vida,
Não repara em que seja matricida,
Só por vê-lo no Império Soberano.

Impiedade fatal! Fatal engano!
Pois chega a pretender desvanecida,
Só por ver-se no filho engrandecida,
Que o filho se envileça de tirano:

Mas logre Nero a mor Soberania:
E Agripina em castigo da vaidade
Morra a mãos da nefanda tirania;

Para que nessa atroz fatalidade
(Já que igual ambição nos dois se via)
Castigue uma maldade outra maldade.

João Alveres Soares.

Ad primum Argumentum

EPIGRAMMA

Si tuus, o Mater, regnandam acceperit Vrbem
Claudius, in uitam saeuiet ille tuam;
His Agrippinam monitis praecauerat augur
Nuntius, et tristi gaudia uoce premit...
Non tamen ingemuit grauis Heroína: parentem
Interimat, Romam dum moderetur, ait.
O bene Romulidum scribi uox regia fastis
Debuit, et sera posteritate legi:
Artis at hic multum: gnato cupit illa secures,
Rursus ut in Matrem transferat ille sua...

[Sem indicação de Autor]

Ad primum argumentum

ELOGIUM

Huc adeste, quotquot estis puerperae,
 Et quae pulchro gaudetis Matrum nomine,
 Discite a Matre, quid Matrem deceat.
 Iulia Agripina, illustris Femina
 Virilem uos animum edocebit,
 Amoremque in filios singularem.
 Frustra se prolem suam, fausto sub sidere,
 In lucem edidisse crediderat,
 Eam nisi in Summo Romae fastigio
 Conspicuum daret.
 Filii dignitati ita consuluit,
 Vt quem lacte prius educarat in cunis
 Suo postea sanguine enutriuerit in solio.
 Eius mater bis extitit;
 Vel cum natum Orbi primum dederit,
 Vel cum Vrbi reddidit Imperatorem.
 Mortem sibi toties ominatam,
 Si filius unquam regnaret, non expauit;
 Prolis suae honores
 Auidius, etiam e tumulo, auditura.
 Huius neu sine diademate caput
 Aspiceret,
 Suum Letho deuouere non abnuit:
 Parum se fecisse dicitans,
 Quod uitam infanti dederat,
 Ni etiam amitteret pro ipsius imperio.
 Optat, ut ipse in solium ascendat,
 Quamuis certo sciat,
 Lethali in se uulnere aliquando descensurum:
 Parata caedem subire, ut regnum subiret;
 Eo nempe consilio,
 Vt honores ei pareret, quem genuerat.
 Nobilius redditura filii imperium,
 Quo regnum ab inuidia
 Vindicaret,
 Materno sanguine haereditarium fecit.
 Regnare cum ipsa non posset,
 Regnauit in filio.
 Huius nobilitatem suam fecit,
 Cum et ipsi coronam emerit, ac regnum.
 Domus Agrippinae decus auctura

Regio sanguine,
 Intrepida uulnera adamauit.
 Non alio certe facinore
 Famam suam ad posteros transtulit,
 Quam cum regnum ad filium
 Transtulerit.

[*Sem indicação do Autor*].

Conferência de 27 de agosto

Segundo assunto

Foi o segundo assunto um delfim salvando e
 conduzindo às costas um naufragante até à
 praia

Ao segundo assunto

EPIGRAMMA

Confertur casos noster cum casu Ionae
 [Prophetae.]

Fluctiuagum delphin portans ad litora tendit,
 Litus et in ceto naufragus alter adit.
 Forte rogas, fautor quisnam praestantior extet,
 Anne ferens dorso, num uero uentre ferens?
 Turpem quis dubitet cetum magis esse uoracem?
 Delphinumque magis quis neget esse pium?
 Delphinus misero, cetus sibi prouidet ipsi,
 Delphin portat onus, cetus at illud edit.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto lírico

EPIGRAMMA

Salsa furunt, nunc ima patent, nunc alta sepulcra:
 Illa nauim mergunt: his tumulatus homo.
 Incolumem fert hunc hominum Delphinus amator;
 Vndaque cui tumulus, litora nunc thalamus.

De Francisco Xavier de Araújo.

Ao Assunto lírico

EPIGRAMMA

Delphin qui dorso saluum portauit Arion,
 Tum bonus et blandus, tum generosus erat.
 Hic sed enim portans Lysium qui naufragat undis
 Incolumem; clemens, mitis et, atque pius.
 Nan quo sonus, laetus citharae si commouet illum,
 Commouet hunc gemitus, lugubris atque sonus.

*Do Licenciado João Machado
 Barcelos.*

Ao Assunto Lírico

SONETO

A instância fatal da sorte dura
 a morte Lísio em cristais bebia,
 bramava o vento, o mesmo Mar gemia,
 não sei se de furor, se de ternura;

Para atalhar tamanha desventura,
 um ligeiro Delfim corre a porfia,
 e vencendo do Mar a valentia,
 põe a Lísio na praia mais segura.

Entre os peixes, de Rei logra a grandeza
 o Delfim generoso, sem vaidade,
 para guardar os timbres da nobreza;

Que inda aos Brutos que gozam Majestade,
 se os priva da razão a natureza,
 não lhes tira os impulsos da piedade.

*De Francisco Pinheiro Barreto
 Vigário da Igreja de São Pedro.*

Ao segundo Assunto

SONETO

Homem feliz notável naufragante,
 que para teu amparo achaste a sorte
 no Delfim que livrando-te da morte
 quis, como racional, mostrar-se amante.

Que professor da lei, mais observante,
expediria ação de maior porte;
sem sobrenatural impulso, e forte
para poder julgar-se tão constante!

E se tu ó Delfim! sem ter preceito,
novas regras nos deste à caridade,
todo o orbe, ao teu nome, seja estreito;

Porque é justo, que a mesma eternidade
logres, com tal vantagem de conceito,
que além transcenda, da imortalidade.

Por Manoel de Mesquita Cardoso.

Ao segundo assunto lírico

SONETO

Gregório, olha que se não me engano
Um vulto estou na barra divisando?
É baleia senhor, que está bufando?
Baleia; salvo estou cego, ou insano.

Perderei tôda a renda de um ano,
Se tal baleia fôr: já flutuando
A terra, a tôda a pressa vem buscando
Por fugir dos perigos do Oceano.

Ah, Senhor, assim é (caso estupendo)
Que um Delfim, quem tal crera, compassivo
Traz nas costas um náufrago, estou vendo:

Na praia salvo o lança: Ó Deus altivo!
Gregório de tal ver estou tremendo,
Pois se engolfa e o deixa semi-vivo.

De Manoel Correia, Meirinho do Mar.

Ao segundo assunto

SONETO

Confusão de homem seja, e seja espanto,
que um Delfim que fêz bruto a natureza,
por em praxe se veja tal fineza,
por exemplo nos deixe excesso tanto:

Entre as ondas soberbas labutando
afogar-se sabia com destreza
um mancebo gentil, mas com presteza
um Delfim, que a livrá-lo viu chegando:

Animoso o mancebo, e compassivo,
o bruto se chega; como sentindo
do pobre Narciso a infausta sorte;

A seus ombros o toma semivivo
por livrá-lo das ondas, ou da morte,
de seguro Batel lhe foi servindo.

[*Antônio Ribeiro da Costa*]

Assunto

Um naufragante às costas de um Delfim, que
cortando os mares, o pôs em terra.

DÉCIMA

Com a esperança perdida
ia o nosso naufragante,
temendo que a cada instante
acabasse a triste vida:
nesta ânsia, e pena crescida
de que sente tanto abalo,
um Delfim neste intervalo
o carrega, e traz ligeiro:
no Mar, se viu cavaleiro,
em Terra está de cavalo.

De Antônio Ribeiro da Costa.

Ao segundo Assunto

SONETO

Se foi assombro a robustez de Atlante;
por sustentar o pêso, que podia:
excelsa estimação, maior valia
merece a do Delfim, que a do Gigante;

Porque se êste, soberbo, e arrogante
os ombros sujeitou, também gemia;
mas o Delfim, com rara valentia
à praia, ileso, trouxe o Naufragante.

E se deram assunto, a tanta história
os Heitores, os Numas, e os Armidos,
êste viva no Templo da memória.

Tenha acento, e aplausos repetidos;
pois soube contender, cantar vitória,
deixando os mais, prostrados, e vencidos.

Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.

Um Delfim que conduziu à praia um naufragante.

SONÉTO

A um tempo mesmo o gôlfo transparente,
náufrago nadador, Delfim amante,
com lamentos sulcava agonizante,
dividia impiedades diligente.

Animado baixel, lenho vivente,
compassivo socorre ao naufragante;
e do dorso formando quilha ovante
corta o mar, rema o vento, a praia o sente.

O Náufrago fui eu; oh pena forte!
que, perdido nas ondas de um encanto,
segui dos olhos teus, Lísida, o norte.

Mas tanto infeliz mais em gôlfo tanto,
que sem ter de um favor a breve sorte,
jamais pôrto tomei no mar de um pranto.

Do Obsequioso

[Gonçalo Soares da Franca]

[Assinatura com letra diferente]

Ao segundo assunto

SONÉTO

Do Salso argento a fúria contrastando
que a sopros lhe aumentava o vento errante,
veloz Delfim se viu, quem um Naufragante
salvava d'entre as ondas soçobrando;

Por conduzi-lo à praia forcejando
 (imposto ao dorso) a máquina arrogante
 cortava audaz do pélagos inconstante,
 seu vasto espaço intrépido sulcando;

Rompia enfim desse úmido elemento
 (por dar-lhe vida) o gôlfo Cristalino,
 que a sustos lhe embargava o doce alento;

Pois sempre encontra um mísero destino
 Se Mar, que oprime com furor violento
 Delfim, que ampare a créditos benigno.

De João de Barbosa Lima.

Um Delfim conduzindo sôbre as espaldas um
 naufragante [vivo ao] pôrto

SILVA

Por páramos de neve discorria
 Lisardo, que de Célia se partia,
 acrescentando (com saudosas mágoas)
 fúrias aos ventos, ímpetos às águas.
 Porque lançavam, com velozes giros,
 águas os olhos, ventos os suspiros.
 Quando súbitamente
 Netuno esgrime o tímido tridente.

Falemos culto um pouco (ó Musa amada,
 que hoje a frase vulgar é motejada,
 e por néscio se julga a que mais cala,
 ou quem por geringonças já não fala,
 afastando-se indoutos do Conselho
 de poucos ignorado, por tão velho:
 Forremos locuções de esfola-gato
 fala como teu pai que é mais barato.

Do fio me arredei da minha história,
 mas se a minha memória
 como de homem não tem escorregado,
 cuidado tinha ficado:
 quando súbitamente
 Netuno esgrime o tímido tridente.
 E prossequindo o náutico perigo
 dêste mancebo enamorado: digo.
 Que o bravo Eolo com tirana fúria,

Dando aos ares afronta, ao mar injúria,
 Pisava de tal sorte o salso argento,
 que o facho apagar quis do firmamento.
 Pondo-se do nevado cristal fino,
 sôbre um monte, outro monte cristalino:
 Subindo o gado de Proteu tão alto,
 que ao sério deu de Pisces sobressalto,
 por se entender, que em confusões tão feras
 se vinculasse o Gôlfo, coas esferas.
 E que trocasse o cândido elemento
 seus peixes, pelos do alto firmamento.
 [limpa] Netuno as úmidas alcovas
 [lhes] varria com nitidas escôvas.
 E do salitre os peixes salpicados
 diz, que ficaram (quem os viu) salgados.

Nem os Numes cederam por seguros
 vendo-se combater seus altos muros,
 (nas fúrias com que Eolo se desata)
 com bombas de safir, balas de prata;
 entendendo, que em montes de diamantes,
 se haviam convertido outros Gigantes,
 maquinando esta bélica conquista,
 para levar o Céu a escala vista.

De Lisardo o baixel sem pano corre,
 sulcando em cada onda, uma alta tórre;
 tanto subindo, que acender aspira
 seus pequenos faróis, na solar pira;
 e já, descendo em triste paroxismo
 no caos tocava do Tártaro abismo.
 Bradava o Palinuro com voz rija
 amaina, amaina, ferra, ferra, alija,
 e o dano prevenindo com destreza,
 o apito fere a vaga redondeza,
 mandando, (antes que o vento as leve rôtas)
 ferrar as velas, dissolver escotas.
 E em tanta confusão, em tanto apêrto
 era o maior acêrto desacêrto.
 Mas Eolo soprando desumano
 aos ares deu em átomos o pano;
 do baixel tresladando pelos ares
 em artilhas as árvores aos mares;
 sendo isso o menos, porque em fúrias tantas
 dos montes arrancara as duras plantas,
 não se dando naqueles horizontes,
 por seguros os mais seguros montes.

Baldada enfim a náutica ciência,
do mar exposto à rápida inclemência;
foi o baixel no frígido elemento
despójo de Nereu, troféu do Vento;
e qual se fôra em chamas consumido,
em átomos ficou tão dividido,
que nenhum foi [capaz] em seus estragos,
para valer aos míseros naufragos.
Formando nos seus últimos extremos
dos desmaiados braços, fracos remos
qualquer já sem a mínima esperança
se entrega à morte, quando ao mar se lança.
Em cuja infausta sorte
era o temor da morte, a sua morte.
Até que Tetes lhe oferece grata
cemitério de neve, urnas de prata,
bem que a muitos nos úteros ativos
(dos mortos) deram sepultura os vivos.

Só a sorte a Lisardo favorece,
que pôsto pela barba água lhe desce,
(qual se fôra Orion) as suas vozes
com movimentos acudiu velozes
um Delfim (a seus males oportuno)
as safiras quebrando de Netuno.
Admirado ficou vendo a Lisardo
por ser tão infeliz, como galhardo,
que até para os favores da ventura
é grande valedora a formosura.
E servindo-lhe a vida de atalaia
(de quem a morte já pisava a raia)
por montes de esmeraldas
nas escamosas, e úmidas espaldas,
vivo baixel com ligeirezas sumas
o conduziu, por páramos de escumas
ao duvidoso, e desejado pôrto
da admiração, mais que do risco morto.

As mãos pondo no Céu, na terra a bôca
o infeliz Lisardo, a areia toca:
Se infeliz se chama, quem alcança
sem esperança, o lôgro da esperança.

Aos favores de um bruto compassivo
deve o chegar Lisardo às praias vivo,
e pode ser se um racional topara

suas brancas areias não tocara,
 que muitas vêzes se acha mais num bruto
 da piedade o magnânimo atributo;
 como em casos se vêem que não repito
 porque não [sou difuso] solícito.

Enfim com mais ventura às praias chega
 Que [Leandro] infeliz quando se entrega
 ao transparente Gôlfo de diamante
 tão desgraçado, como fino amante.
 Que se a dita lograra de Lisardo
 de achar (como este) outro Delfim galhardo,
 transgredindo-se as leis do fado fero,
 fôra menos infausto o fim de Hero.

*Do Acadêmico Infeliz João de
 Brito e Lima.*

Um Delfim conduzindo vivo um Naufragante ao
 pôrto

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Grande dita teve Aurélio
 que entre as cerúlias borrascas
 (trocado em segundo Jonas)
 chega às marítimas raias.

Conduzido de um Delfim
 (não sei se vindo de França)
 que eu nego, pois de piedosa
 tinha muito esta alimária.

A braços lutou coa morte,
 que como naquelas ânsias
 não pôde guardar a roupa
 nadava com pouca gala.

Homem de bem o Delfim,
 que era nesta ação mostrava,
 que como ao tempo de figos
 o das penas se compara.

Tão difícil como a Tênis
 hoje um amigo se acha,
 que socorra a um submergido
 na tormenta das desgraças.

Ao pôrto conduz a Aurélio
o Delfim sôbre as espaldas,
por desgraçado, pudera
(como alguns usam) virar-lhas.

Que suposto como nobre
se houve o Delfim, desta casta
alguns há, que aos infelizes
também lhes viram as caras.

Foi no Delfim generosa
ação esta voluntária,
sem que o mérito de Aurélio
o impelisse a executá-la.

Assim ficou mais airoso,
porque se se faz a graça,
remunerando a fineza,
não é benefício, é paga.

Dê graças a Deus Aurélio;
pois aflito em penas tantas,
achou (sem merecimentos)
quem inda às costas o traga.

Tudo pende da fortuna,
ou consiste na desgraça,
que o mérito importa pouco
a quem a fortuna falta.

Compassivo, e valoroso
mostrou, nesta ação bizarra,
que era um Príncipe o Delfim
sem ser o Delfim de França.

E se o favor não fizera
êsse nome não lograra,
que só quando faz favores
seu nome a Príncipe exalta.

Inda que nadando Aurélio
muito a Glauco avantajara,
sem o favor do Delfim
quanto nadasse era nada.

E para chegar ao pôrto
(nafragando em suas ânsias)
por estas barbas lhe juro
lhe desce água pela barba.

De Leandro imitador
acabaria entre as águas,
donde em vivos monumentos
seu corpo se sepultara.

Se fôsse Aurélio poeta
dêstes a que o vulgo chama
de água doce, ficaria
poeta de água salgada.

E se em versos compusera
esta infeliz jornada,
o sal não lhe faltaria,
quando lhe faltasse a graça.

Não há de aos mares meter-se
outra vez, pois desta escapa,
porque para duas vêzes
esta burla é mais pesada.

Antes me dizem, que jura
há de ter por esta causa,
tanto mêdo da água fria
como o gato que se escalda.

Porque o ver-se de mergulho
entre as águas salitradas,
lhe pôs o sal na moleira
como o antigo risão canta.

E tanto ao sal aborrece
depois que o bebeu nas águas,
que se deseja em Galiza
pelo pouco que se gasta.

*Do Acadêmico Infeliz João de
Brito e Lima.*

Segundo assunto

Um Delfim, que livrou um naufragante dos
mares.

SONETO

No horror de tantas ondas, submergido,
no abismo, dêsses mares, sepultado,
quem jamais escapou, quando arriscado;
quem da morte deixou de ser rendido:

Só tu homem dos Céus favorecido
para ser nas histórias celebrado
por milagre do tempo agigantado;
por estrago de todo o sucedido.

Que êsse Delfim que achaste com piedade,
puderas no seu signo conhecê-la,
que é eficaz, na maior benignidade :

Para chegar, de todo, a entendê-la,
julgando, em fôrça de Astro, a claridade,
porque de Piscis era a tua estrêla.

*Por Manoel Ferreira da Luz Vigário
do Destêrro da Cidade.*

Ao Segundo Assunto do Delfim etc.

DÉCIMAS

Certo Reverendo afeta
Ser Poeta de mão cheia
Como que se a sua veia
Fôra veia de Poeta :
Os meus versos mos rejeita
Cruel sempre, e desumano,
Mas por vida de Avertano.
Que hemos de andar ao revés,
Verseje êle em Português
Que eu versejo em Castelhana.

Delfin de un triste se duele
Un pes llamado Delfin
que a él al tintirinin
llega porque le consuele :
y como salvarle suele,
Delfin, dijo, usted se vaya
Porque delfin no desmaya
quien burla del fin, si tiene
un Delfin que le sustiene
hasta ponerle en la playa.

De Frei Avertano de Santa Maria.

Um Delfim carregando um homem, e vencendo as
ondas pelo conduzir à praia.

SONETO

Ditoso Naufragante, que atropela
As iras de Netuno desumano
Às costas de um Delfim, que sem engano
O pôe livre na praia com cautela.

Se êste Delfim não foi da parentela
Do que ao triste Arian livrou do dano,
Será dêsse que o gôlfo viu Baiano
Jogando com Simão seu sentinela.

Nunca a praia tivera Massaricos
Êste par de Delfins se Ceico achara,
Ou Leandro entre sopros tão inícuos.

Mas é de amantes pobres tão avara
A sorte, que sòmente ampara aos ricos,
Que até a duas amarras naufragara.

De André de Figueiredo Mascarenhas.

Um Delfim carregando a um naufragante, e
vencendo as ondas para o conduzir à praia.

DÉCIMA

Por livrar um naufragante
Do naufrágio, em que periga
Vence um Delfim com fadiga
Esse elemento inconstante:
Sôbre às costas navegante
Dá-lhe em terra liberdade,
Mostrando com novidade,
Contra a humana ingratição,
Que donde falta a razão,
Sobra talvez a piedade.

De João de Figueiredo Mascarenhas.

A um Delfim carregando a um navegante
 naufragado, e vencendo as ondas para o
 conduzir à praia

IDIÍLIO

Alcanças, naufragante,
 Arion por ventura ser segundo
 Nas ondas equitante,
 E correr nesse campo tão profundo
 Cavaleiro Delfim, ou peixe humano,
 Que as ondas corta, e vence o Oceano?

Alcanças finalmente
 Ser baixel animado nesses mares,
 Ou ser da Argos valente
 Delfino Tifis, que cortando os ares
 Por montes dêsse gôlfo cristalino,
 Em salvar-te achas outro velocino?

Mas já que foi ventura
 Ser no Mar um feliz flutivagante,
 Na Terra se se apura
 Um Nercu representas triunfante,
 E no Céu por Delfim, ou por estrêla,
 Nove estrêlas terás a qual mais bela.

Se amor recíprocado
 Faz de dois um suposto na vontade,
 Tu todo adelfinado,
 O Delfim todo humano em claridade,
 Metamorfoses são neste troféu
 Pelo Mar, cá na Terra, e lá no Céu.

Luís Canelo de Noronha.

A um Delfim que carregava a um navegante
 naufragado, e que vencia as ondas, para o
 conduzir à praia

MADRIGAL

A Ave está no ar com desafôgo,
 Na Água o Peixe, a Salamandra em fogo,
 E o Homem, em cujo ser tudo se encerra
 Assiste cá na Terra:
 O Delfim Homem, o Peixe navegante,

Dos elementos todos já triunfante,
 Vence o ar, água rompe, o fogo corta,
 Passa a terra, e quando mais lhe importa
 Fixando-se no Céu ardente frágua
 Transcende a terra, o ar, o fogo, a água.

Luís Canelo de Noronha.

Caiu um Navegante ao mar e um Delfim o carregou
 e levou à terra

SONETO

Um Anjo singular no parecer
 Foi um dia contente a navegar;
 Quando o vejo (que dor!) cair ao mar,
 É quase ali ficar para morrer.

Mas um belo Delfim que havia ser
 Entre os Astros estrêla singular
 Quis o Anjo terrestre cá salvar
 Para lá já celeste o ir reger.

E a tão belo mancebo o bom Delfim
 Obrigar pretendeu nesta ocasião
 De no Céu o reger que desse o fim;

Porque vendo que andava por questão
 Se a cada astro regia um serafim,
 Quis obrigar ao Anjo de antemão.

De Antônio de Oliveira.

[Assinatura com letra diferente]

Um Delfim que carregando a um naufragante [o
 pôs] em terra livre do perigo.

SILVA JOCOSA

Queira Apolo valer-me
 Pois não sei neste assunto resolver-me
 Se o Delfim desta nossa Academia
 De França nesta nau veio à Bahia;
 Ou que razão houvesse
 Para que êste assunto aqui se desse,
 Pois os olhos botando a Itaparica

Arrecife não há, praia não fica
 Donde havendo mais peixes do que areias
 Não descubro Delfins senão Baleias.

Mas se quem deu o assunto leva gôsto
 De que nade o Delfim sendo suposto,
 Nade que eu por lhe dar gostos os pares
 Meter-me-ei co' Delfim por êle aos mares
 Donde pois naufragante
 Entre mil confusões terei Atlante
 Que em seus ombros conforme conjecturo
 Me sustente Arian, ou Palinuro
 Para que na tormenta livre saia
 Do mar à terra, ao cais, ao pôrto, e a praia.

Soçobrado porém me considero
 Pois no peixe em que aqui salvar-me espero
 Não distando das praias mais de milha
 Por seguro me dera sôbre a quilha
 Dessa rota, e essa mísera barquinha
 Pois melhor me convinha
 Do que [vê-lo] cortar com tanta bulha
 Esse gôlfo em que cuido me mergulha.

Mas que remédio agora? o oportuno
 Será agarrar-me às barbas de Netuno
 Porque esta bêsta cavalgar receio
 Sem peitoral, estribos, sela, e freio.

Ó se eu fôra. Senhores, qualquer creia (sic),
 Como Jonas no ventre da Baleia,
 Ou no caso que alguma me engulira
 Que descansado sono não dormira
 Na esperança de que no mesmo instante
 Da armação me sentira ao cabrestante
 Donde ambas os quintais desembarcara
 Com que o Real contrato arrematara,
 (Ó desejo, que assim me lisonjeias!)
 Para dar liberdade a mil Baleias;
 Mas um peixe sem trato nem contrato,
 Peixe que ninguém viu jamais no prato;
 Que peixe é logo êste que se entrega
 Tanto as ondas conmigo, e me carrega?

Peixe, se sepultar-me no mar gostas
 Peixe venha que aqui te faça em postas
 Com que enchas se a vida me dissipas
 Três tonéis, seis barris, e quatro pipas.
 Pois darás nisso gôsto a muita gente,
 E no caso que escapes ao tridente

- De Netuno, e êle deixe de fisgar-te
 Nunca faltar-te pode um espadarte
 Que se empenhe em vingar-me
 Quando queiras cruel a morte dar-me.
- Mas ó como Delfim me desalenta
 Ver que só prognostiques a tormenta,
 E jamais por alento da esperança
 Vaticines sequer uma bonança!
- Mas, coração, alento porque a guerra
 Se suspende que o peixe encalha em terra
 Donde ambos possamos à Memória
 Contar contra Netuno esta vitória,
 Porque assim Deus me valha
 Como é bom contar sempre da batalha.
- No País me recreio e em terra salto
 Livre já dêste forte sobressalto;
 Ó ter mão, que uma Aldeia
 Desce o monte supondo ser Baleia
 O Delfim desgraçado
 Que de horrendos Tapuios é buscado,
 Porém eu o defendo, e lhes resisto,
 Meus amigos, o peixe nunca visto
 De vós outros, qualquer em vão o ofende
 Quando a minha lealdade é que o defende,
 E se bárbaros sois, de razão uso
 Tende agora, e perdei o falso abuso
 Com que nos vossos ritos, e quimeras
 Vos fazeis mais cruéis que as mesmas feras.
- Este Delfim valeu-me em um naufrágio
 E como a ingratição é um contágio
 Que até n'alma se pega
 Por parte dêsse triste vo-la alega
 Meu agradecimento
 Que vos faz o galante oferecimento
 De uma dúzia de anzóis que fareis prestes
 Para recuperar o que perdestes.
 Generoso Delfim, deste-me a vida,
 E eu ta dou, pois minha alma condoída
 Da tua infausta sorte
 Tem triunfado até aqui da mesma morte
 Para que outra vez entregue aos mares
 Dizer possas a quantos encontrares
 Que no tempo em que tanto reina o olvido
 Ainda achaste quem fôsse agradecido.

Por Anastácio Ayres de Penhafiel.

Padecendo Fileno um naufrágio, o salvou um
Delfim, Assunto lírico da presente Academia

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Navegando em um Baixel
Carregado de memórias
Busca Fileno às saudades
O lenitivo nas ondas.

As tempestades notando
Que em seus cuidados encontra
Tem as tormentas do mar
Por ilusões, ou por sombras.

Mas já náufrago na espuma
Quando mais nela se engolfa
Sai a salvá-lo um Delfim
Das entranhas de uma Roca.

Com escamas de esmeralda
Move a cauda, opõe as conchas
Para reparar dos mares
As baterias de aljôfar.

Do cristalino fracasso
Tanto a livrá-lo se arroja
Que apesar das fúrias da água
Sôbre os seus ombros o toma.

Já vai buscando a Ribeira
Nobre Barquinha piedosa
Nada pompa, e tôda alentos
Pouco vulto, e muitas fôrças.

Já põe ao Jovem em terra
Já para os mares se torna
Nas vozes emudecido,
E retórico nas obras.

Tudo o que passou no fato
De ações gentis, e forçosas
Não expõe o Autor do Assunto
Fazendo mui breve a história.

Mas pôsto que tão sucinto
 andasse nesta tramóia
 Não falta quem a acrescente
 Pois não vicia o que sobra.

É tradição mui constante,
 Fama pública, e notória
 Nas Ninfas, e Pescadores
 daquelas Praias, e Costas

Que Fileno agradecido
 Ao Delfim lhe pôs por obra
 Como a Deidade marinha
 Um Obelisco à memória.

Mas o tempo que inclemente
 Aos colossos não perdoa
 Nem permitiu que do sítio
 Se dissesse aqui foi Tróia.

Jaz ignorado o lugar,
 Porém a ação mcritória
 Para Assunto de Romances
 De doze até treze Coplas.

*Do Acadêmico Vago Sebastião
 da Rocha Pita.*

Um Delfim salvando das ondas, sôbre as suas
 Espaldas a um homem. Assunto lírico da
 presente Academia

SONETO JOCOSO

Quanto o lírico Assunto desta vez
 Nada tem de fecundo, e de eficaz
 Delfim no Mar, que dúvida nos faz
 É mais próprio no Mar, que no Xadrez.

Porém que homem há tão fraca Rês,
 Que um Delfim de o suster seja capaz
 Pô-lo em salvo na terra, para atrás
 Seguro que o não faço, nem das dez.

Eu não acho no Assunto côr, nem luz
Com que possa formar algum matiz
Sequer para pintar um Avestruz.

Que muito, pois ignoro o que êle diz,
Se o Assunto conceitos não produz,
Que o Sonêto não valha dois seistis.

*Do Guarda da Alfândega Domingos
Nunes Tibal. (1)*

(1) Provavelmente pseudônimo de SEBASTIÃO DA ROCHA PITA.

ÍNDICE

ÍNDICE

Págs.

4.ª CONFERENCIA

— Oração que leu o Padre Francisco Pinheiro Barreto na Academia Brasílica dos Esquecidos no dia 4 de junho de 1724	7
[ASSUNTO] Ao Presidente que foi o Reverendo Francisco Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro.	
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	14
— Em obséquio do Presidente o Reverendo Doutor Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, Antônio Cardoso da Fonseca	15
— Ao mesmo Presidente, Décima joco-séria, [José da Cunha Cardoso]	15
— Ao Reverendíssimo Vigário, e Sapiéntíssimo Doutor o Padre Francisco Pinheiro em ocasião em que fez uma erudita Oração na Academia da Cidade da Bahia, Soneto, Salvador Pizze de Carvalho e Albuquerque	15
— Em Louvor do Muito Reverendo Presidente Doutor Francisco Pinheiro Barreto, Soneto, Antônio de Freitas do Amaral	16
— Reuerendo admodum Eruditíssimo Praesidi Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	16
— Praestantíssimo Oratori, Distichon, Francisco Xavier de Araújo	17
— Doctori Eximio, Reuerendo admodum Vicario Diui Petri, nec non huius Academiae Praestantíssimo Oratori, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	17
— Ao Eruditíssimo Orador Francisco Pinheiro, Décima, Francisco Xavier de Araújo	17
— Eximio Doctori Reuerendo admodum Patri Francisco Pinheiro Barreto, Ecclesiae Diui Petri Vicario [...], Epigramma, [Ioannes Machado Barcelos]	18
— Aliud, Ioannes Machado Barcelos	18
— Ao Ilustríssimo Reverendo Vigário o Sapiéntíssimo Presidente Francisco Pinheiro Barreto, Décimas, Francisco Pereira do Lago Barreto	18
— Ao Muito Reverendo Senhor Padre e Vigário Geral [o Licenciado] Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, [Manuel Martins da Encarnação]	19
— Ao mesmo Reverendo Senhor, Décimas, Manuel Martins da Encarnação	20

	Págs.
— Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro, Digníssimo Presidente, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla	21
— Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro, Digníssimo Presidente, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla	21
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro presidindo na Academia Brasílica, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	22
— Reuerendo admodum Doctori Francisco Pinheiro Barreto, [...], Epigramma, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães]	22
— Aliud, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães]	22
— Aliud, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães]	23
— Aliud, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães	23
— Ao Meritíssimo Presidente, o Doutor Francisco Pinheiro Barreto Digníssimo Vigário da Matriz de São Pedro, Oitavas, Caetano do Lago	23
— Auunculo suo Reuerendo admodum, ac Dignissimo Praesidi Dñi Petri Parochialis Ecclesiae Rectori circa orationis thesim, Epigramma, Padre Ioseph Lopes de Araújo e Lanos	23
— Ao Presidente, Décima, [Padre José Lopes de Araújo e Lanos]	24
— Ao Presidente, Sonêto, [Padre José Lopes de Araújo e Lanos]	24
— Ao Eruditíssimo Presidente Francisco Pinheiro Barreto, Décima, Inácio de Araújo Lassos	25
— Ao Doutor Presidente, Décima, Frei Avertano de Santa Maria	25
— Ad Reuerendissimo admodum Doctorem, Dominum Franciscum Pinheiro Barreto, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	25
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco Pinheiro Barreto Digníssimo Vigário da Matriz de São Pedro, com a circuns-tância de orar em dia do Espírito Santo, Décima, Luís Canelo de Noronha	26
— Reuerendissimo Doctori Francisco Pinheiro Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, Antônio de Oliveira	26
— Ao Reverendissimo Padre Vigário de São Pedro o Senhor Doutor Francisco Pinheiro Dignissimo Presidente da Academia, Sonêto, Antônio de Oliveira	26
— Em louvor do muito Reverendo Padre Vigário o Senhor Doutor Francisco Pinheiro, orando na nossa Academia Brasílica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	27
— Ao Preclaríssimo Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, Sonêto, [S.I.A.]	28
[ASSUNTO] [Primeiro assunto]. Foi o primeiro assunto o Senhor Rei Dom João o 2.º que se gloriava de conhecer os seus vassallos.	
— Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	28

Págs.

— O Senhor Rei Dom João o 2. ^o que folgava-se ver os seus vassallos, Soneto, Antônio de Freitas do Amaral	29
— A grande glória que o Senhor Rei Dom João o 2. ^o de Portugal tinha em conhecer aos seus vassallos, Romance, Antônio de Freitas do Amaral	29
— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Xavier de Araújo	30
— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	31
— A El-Rei Nosso Senhor Dom João o Segundo gloriando-se nos seus vassallos, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto	31
— Gloriar-se o Senhor Rei Dom João o Segundo de ter conhecimento dos seus vassallos, Soneto, [Caetano de Brito Figueiredo]	32
— Em louvor do Sereníssimo Rei Dom João o 2. ^o da gloriosa memória do grande conhecimento, que tinha dos seus vassallos, Soneto, [Manuel] Cerqueira Leal	32
— Ao Primeiro Assunto, Soneto, João Barbosa e Lima	33
— Soneto, João de Brito e Lima	33
— Soneto, João de Brito e Lima	34
— Ao Senhor Rei Dom João o segundo, que se gloriava de conhecer os seus vassallos. Com alusão ao verso de Vergílio no Livro VI, Aenea. — Solemne suum sua sydera norunt, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	34
— Sereníssimo Lusitaniae Regi Domino Ioanni II, qui suos cognoscendo magnopere gloriabatur, Epigramma, Ioseph de Matos ...	35
— Ao Sereníssimo Rei de Portugal Dom João II que se gloriava de conhecer a seus vassallos, Décimas, José de Matos	35
— Ao Sereníssimo Rei Dom João o Segundo de gloriosa memória, que se alegrava em conhecer os seus vassallos, Soneto, Luís Canelo de Noronha	36
— Sereníssimo Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regi, qui uiros suos cognoscere gloriabatur, Epigramma, Antônio de Oliveira ..	36
— Ao muito Alto e Poderoso Senhor Dom João o Segundo Rei de Portugal que se alegrava de conhecer os seus vassallos, Soneto, Antônio de Oliveira	37
— O quanto desejou El-Rei Dom João 2. ^o conhecer os seus vassallos, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafeil	37
— Gloriava-se o Senhor Rei Dom João 2. ^o de ver os seus vassallos, assunto heróico da nossa Academia Brasilica, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	38
— Assunto Primeiro. O Senhor Rei Dom João 2. ^o que se gloriava de conhecer a seus vassallos, Soneto, João Alvres Soares	39
— Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regi, qui in cognoscendo subditos suos prae omnibus gloriabatur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	39
— Aliud eidem, Emanuel Nunes de Sousa	40

	Págs.
— Ao Senhor Rei Dom João Segundo que se gloriava muito de concededor de seus vassallos, Sonêto, [S.I.A.]	40
[ASSUNTO] Foi o segundo assunto uma hera sustentando a um álamo sêco.	
— Uma hera sustentando a um Álamo ou choupo, Romance, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	40
— Uma hera enlaçada a um álamo sêco, Sonêto, Antônio de Freitas do Amaral	42
— Ao Álamo sêco que a Hera tinha abraçado, Décima, Antônio de Freitas do Amaral	42
— Uma Hera enlaçada a um álamo sêco, Décimas, Antônio de Freitas do Amaral	43
— Ao assunto lírico, Sonêto, João Machado Barcelos	43
— Ao assunto lírico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	44
— Ao álamo sustentado da hera, Décimas, Manuel Muniz da Encarnação	44
— Assunto segundo, Uma hera sustentando a um álamo sêco, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	45
— Al segundo, Romance, [Luís de Siqueira da Gama]	46
— Ao Álamo sêco com a Hera verde enleada, Sonêto, [Manuel] Cerqueira Leal	47
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	48
— Ao mesmo assunto, Sonêto burlesco, João de Barbosa e Lima ..	48
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima	49
— Mote — Glosa, João de Brito e Lima	51
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima	52
— Cuidam hederæ siccæ ulmum sustinenti, Epigramma, Ioseph de Matos	54
— A uma hera sustentando um álamo sêco, Décima, José de Matos	54
— Ao mesmo assunto, outra décima com diverso sentido, José de Matos	55
— A uma Hera enlaçada em um Álamo, ou Choupo sêco, Sonêto joco-sério, Luís Canelo de Noronha	55
— Sustenta uma Hera significada em Baco a um Álamo sêco significado em Hércules aos quais são consagrados, Sonêto, Antônio de Oliveira	56
— A uma Hera sustentando um Álamo sêco, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafil	56
— Ao segundo assunto, Quintilhas, Eusébio Peixoto	59
— A uma Hera sustentando a um Álamo sêco, assunto lírico da nossa Academia Brasilica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita ..	61
— A uma Hera sustentando um Álamo sêco, assunto lírico da nossa Academia Brasilica, Décimas, Sebastião da Rocha Pita	61

	Págs.
— Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa ..	62
— Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa ..	63
— Ad Amantissimam haederam, quae iam sine uiribus ulmum siccam adhuc brachiis sustentat, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	65
— Aliud eidem, Emanuel Nunes de Sousa	65
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	65
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	66
— Uma Hera sustentando a um álamo séco, Sonêto, [S.I.A.]	66
— A uma Hera sustentando um álamo séco, Ode, [S.I.A.]	66

5.ª CONFERENCIA

[ASSUNTO] Oração que leu o Padre Antônio Gonçalves Pereira sendo Presidente na Academia dos Esquecidos desta Cidade da Bahia em 25 de junho de 1724.	
— Discurso Filosófico	71
[ASSUNTO] Ao Presidente, que foi o Reverendo Vigário do Rosário Antônio Gonçalves Pereira.	
— Admodum Reuerendo et Eruditissimo Praesidi Domino Antonio Gonçalves Pereira [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	79
— Ao Presidente, Décima, João Machado Barcelos	79
— Ao Presidente, Sonêto, João Machado Barcelos	80
— Em louvor do Muito Presidente o Senhor Doutor Antônio Gonçalves Pereira [...], Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa] ..	80
— Ao mesmo, Antônio Ribeiro da Costa	81
— Em aplauso do Doutíssimo Orador o Reverendissimo Vigário o Senhor Antônio Gonçalves Pereira, Décima, Hierônimo Roiz de Crasto	81
— Reuerendo admodum Doctori Antonio Gonçalves Pereira, [...], Epigramma, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães]	82
— Aliud, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães	82
— Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino Doctorem Anto- nium Gonçalves Pereira Academicum Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal	82
— Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino Doctorem Anto- nium Gonçalves Pereira Academicum Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal	82
— Ao Doutor Presidente Antônio Gonçalves Pereira, Décima jocosa, Frei Avertano de Santa Maria	83
— Ad Reuerendum admodum Patrem Antonius Gonçalves Pereira, Dignissimum Vicarium Ecclesiae Beatissimae Dominae de Rosario nuncupatae, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	83

	Págs.
— Ao Meritíssimo e mui Reverendo Senhor Padre Vigário Antônio Gonçalves Pereira, Décima, Luís Canelo de Noronha	83
— Ao Doutor Antônio Gonçalves Pereira, [...], Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	84
— Ao mesmo, Décima joco-séria, [Anastácio Ayres de Penhafiel]	84
— In laudem Reuerendissimi Vicarii Antonii Gonçalves Pereira nostrae inclutae Academiae V Praesidis [...], Epigramma, [Frei Luís Botelho do Rosário]	85
— Aliud eiusdem ad eundem, Frei Luís Botelho do Rosário	85
[ASSUNTO] Primeiro assunto celebrar os anos do Príncipe Nosso Senhor que Deus guarde e fez 10 em 6 do corrente.	
— Alude à admirável compreensão, com que o Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor tem recebido doutrinas, e notícias que em outros sujeitos não podiam caber na esfera de tão pouca idade, Soneto, [José da Cunha Cardoso]	86
— Aos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor na ocasião em que perfaz os dez, Soneto, Francisco Alvares	86
— Ao mesmo assunto, Soneto, [Francisco Alvares]	87
— Ao Assunto heróico, Soneto, Francisco Xavier de Araújo	87
— Ao Assunto Heróico, Epigrammata, João Machado Barcelos	88
— Aos dez anos de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor, pelo mesmo Autor, Soneto, [João Machado Barcelos]	88
— Ao Assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	89
— Em louvor dos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor, Canção, Hierônimo Rolz de Crasto	89
— Ao Príncipe Nosso Senhor cumprindo o décimo ano de sua floritíssima Idade, Primeiro Assunto, Soneto, Caetano de Brito Figueiredo	91
— Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	92
— Ao primeiro assunto, Soneto [Luís de Siqueira da Gama]	92
— Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor, Soneto, João de Barbosa e Lima	93
— Soneto, [João de Brito e Lima]	93
— Soneto, [João de Brito e Lima]	93
— Soneto, João de Brito e Lima	94
— Ao Príncipe Nosso Senhor fazendo dez anos a seis de junho, cômputo, que em opinião de São Hierônimo, alegorizando os números sôbre o capítulo quinto de Zacarias, significa felicidades: <i>Denarium prospera significat</i> , Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	94
— Ad Augustissimum Decenium Serenissimi Principis Nostri [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha	95

Págs.

— Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José ajustando dez anos em uma oitava do Espírito Santo, Soneto, Antônio de Oliveira	95
— Primeiro Assunto. Ao feliz complemento do décimo ano de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor em 6 de junho de 1724, Soneto, João Alvres Soares	96
— Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José em ocasião de completar dez anos em 6 de junho próximo presente, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel	97
— Ao Sereníssimo Senhor Príncipe, fazendo anos, assunto heróico da nossa Academia Brasilica, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .	97
— Ad Serenissimum Lusitaniae Principem Dominum Iosephum [...], Elogium, [S.I.A.]	98
— Nascitur Serenissimus Princeps Domino Iosephus, [...], Epigramma, [S.I.A.]	100
— Extincto Sereníssimo Príncipe Domino Petro Augustissimi Domini Ioannis Quinti [...], Epigramma, [S.I.A.]	101
— Serenissimum Principem Dominum Iosephum [...], Epigramma, [S.I.A.]	101
[ASSUNTO] Segundo assunto uma dama dando a Fábio duas flôres, a saber um amor-perfeito metido em um malmequeres.	
— Décimas, [José da Cunha Cardoso]	102
— Ao assunto lírico, Soneto, João Machado Barcelos	102
— Assunto. Uma flor chamada amor-perfeito, metida em um malmequeres, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa]	103
— Em contraposição do Soneto acima, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa	104
— A uma dama que deu a seu amante duas flôres, a saber um amor-perfeito dentro de um malmequeres, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	104
— A Lisarda dando umas flôres a Fábio a saber, um Amor-perfeito metido dentro em um Malmequeres, Décima, Luis Canelo de Noronha	105
— Ao segundo assunto, Décima, Fala a dama, João de Barbosa e Lima	105
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima	106
— Décimas, João de Brito e Lima	109
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima	111
— A um amor-perfeito metido em um malmequeres, que a Fábio deu uma Dama, Soneto, Padre André de Figueiredo Mascarenhas	113
— A Lisarda, que deu a Fábio duas flôres, a saber, um Amor-perfeito metido dentro em Malmequeres, Soneto, Luis Canelo de Noronha	113

— Dá Lisarda a Fábio um amor-perfeito metido em um malmequeres, Décima, Antônio de Oliveira	114
— A Lisarda que dando duas flôres a Fábio [nela habitava] uma Malmequeres e outra amor-perfeito, Silva joco-séria, [Anastácio Ayres de Penhafiel]	114
— Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	116
— A uma Dama, pondo a Flor do Amor-perfeito, na Flor do Malmequer, Assunto lírico da nossa Academia Brasílica, Sonêto em agudos, Sebastião da Rocha Pita	116
— Segundo assunto, Uma Dama dando a Fábio duas flôres — a saber um amor-perfeito metido em um malmequeres, Décimas João Alv'res Soares	117
— Foi assunto da Academia Nise dando a Fábio um amor-perfeito metido em um malmequer, Décimas, [S.I.A.]	118

6.ª CONFERENCIA

[ASSUNTO] Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de julho de 1724. Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo.	
— Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de julho de 1724. Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo	123
[ASSUNTO] Ao Presidente que foi o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo de Santo Antônio religioso do Carmo.	
— Ao Reverendo Presidente, Décima, [José da Cunha Cardoso] ..	131
— Eloquentissimo Praesidi, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	132
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente Frei Raimundo Boim de Santo Antônio, Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	132
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Dignissimo Presidente da Academia em que se escreve da Morte da Excelentissima Senhora Dona Teresa Moscoso Osório; [...], Sonêto, Antônio de Oliveira	133
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Presidente Dignissimo desta Conferência Acadêmica, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	133
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	134
[ASSUNTO] Foi o primeiro assunto a morte da Excelentissima Senhora Marquesa Aia Dona Teresa de Moscoso.	
— Ao primeiro assunto, Epitáfio, [José da Cunha Cardoso]	134
— Inectiva contra a Morte no falecimento da Excelentissima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Oitavas, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque	135

	Págs.
— Ao 1.º assunto, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	137
— Ao primeiro assunto, Soneto, Francisco Xavier de Araújo	137
— Ao primeiro Assunto, Soneto, João Machado Barcelos	138
— Ao primeiro Assunto, Soneto, João Machado Barcelos	138
— À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	139
— Assunto. A morte tão digna de sentimento da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa	139
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto	140
— Sentimentos na Morte da Excelentíssima Marquesa Aia a Sen- hora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Romance Heróico, [Caetano de Brito Figueiredo]	141
— Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia filha dos Excelentíssimos Senhores Condes de Altamira, Epitáfio, [Gon- çalo Soares da Franca]	143
— Na morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	143
— Ao primeiro, Elegia, Luís de Siqueira da Gama	144
— Ao sentimento da morte da Excelentíssima Senhora Dona Te- resa de Moscoso e Osório, [...], Soneto, Manuel Nunes Leal ..	148
— Sentimento de pejo na morte da Excelentíssima Senhora Mar- quesa de Santa Cruz, João de Barbosa e Lima	149
— Soneto, [João de Brito e Lima]	153
— Soneto, [João de Brito e Lima]	153
— Soneto, [João de Brito e Lima]	153
— Soneto, João de Brito e Lima	154
— A morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Canção, André de Figueiredo Mascarenhas	154
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Soneto, Luís Canelo de Noronha	157
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Soneto saudoso, Luís Canelo de Noronha	158
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Silva Funeral, Anastácio Ayres de Penhafil	158
— A sentidíssima morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, [...], Soneto, Gervásio de Pilares	161
— Ao mesmo Assunto, Soneto, [Gervásio de Pilares]	161
— Ao Túmulo, Soneto, [Gervásio de Pilares]	162
— Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia; primeiro Assunto da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	162

	Págs.
— Ao mesmo Assunto, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	163
— A sentida morte da Ilustríssima Marquesa de Santa Cruz, Soneto, Inácio Pires da Silva	163
— Primeiro Assunto. A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, a Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Soneto espanhol, João Alv'res Soares	164
— In obitum Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio, Epigramma, [S.I.A.]	164
— In funere Excellentissimae Dominae Marchionissa a Sancta Cruce, Elogium Sepulcrale, [S.I.A.]	165
— Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio [...], Epitaphium, [S.I.A.]	166
— Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio [...], Phaleucium, [S.I.A.]	167
— Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta Cruce [...], Epigramma, [S.I.A.]	167
— Ad primum argumentum, Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio, [...], Epigramma, [S.I.A.]	168
— Ad primum argumentum, Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio, [...], Epigramma, [S.I.A.]	168
— In obitum Excellentissimae Theresiae de Moscoso Osorio, Epicedium, [S.I.A.]	169
— Nocte obiit Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta Cruce, Epigramma, [S.I.A.]	169
— Expressão reverente de um magoado sentimento na Morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz sucedida no dia de quinta-feira Maior, Soneto, O Mais Fiel, e humilde Criado	170
[ASSUNTO] Foi o segundo assunto [a] Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia Dona Inácia Rosa, que deixando o mundo se recolheu em um Convento.	
— Romance Heróico, José da Cunha Cardoso	170
— Ao segundo assunto, Soneto, Francisco Xavier de Araújo	172
— Ao Segundo Assunto, Soneto, João Machado Barcelos	173
— Ao Segundo Assunto, Soneto, João Machado Barcelos	173
— Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia de Távora pela morte de seu Espôso o Excelentíssimo Senhor Marquês de Gouveia, Soneto, Francisco Pereira do Lago Barreto	174
— À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, trocando as caducas pompas do Mundo pelas seguras asperezas da Religião, Décimas, Francisco Pinheiro Barreto	174
— Ao Segundo Assunto; em que se descreve ser a Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, [...] na resolução, que tomou de ser religiosa, [...], Silva, Manuel Ferreira de Carvalho	176

Págs.

— A recolher-se a Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia em um Convento, [...], Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto...	180
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, [...], Soneto, Caetano de Brito Figueiredo	181
— Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora, [...], Décimas, Gonçalo Soares da Franca	181
— Deixando o Século, e recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto, Gonçalo Soares da Franca	183
— Ao segundo assunto, Soneto, Luís de Siqueira da Gama	183
— Segundo assunto, Soneto, [João de Brito e Lima]	184
— Soneto, João de Brito e Lima	184
— Décimas, João de Brito e Lima	185
— A Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	187
— Ad Excellentissimam Dominam Marquionissam (sic) de Gouvea, [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha	187
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia [...], Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel	188
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia retirando-se a viver em um Convento, Soneto, Gervásio de Pilares	188
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, tomando o estado de Religiosa: segundo Assunto da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	189
— Ao mesmo Assunto, Romance, Sebastião da Rocha Pita	189
— Segundo Assunto. A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia a Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto Español, [João Alvares Soares]	191
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.]	191
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.]	192
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.]	192
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.]	193
— Excellentissimae Dominae Ignatiae Rosae de Távora Se Monialium Syllabo adscribenti, Epigramma, [S.I.A.]	193
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea, [...], Epigramma, [S.I.A.]	193

7.ª CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] Oração Acadêmica, que em presença do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil disse o Muito Reverendo Padre Mestre Rafael Machado da Companhia de IESU Reitor do Colégio da Bahia	197
[OFERECIMENTO] Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Rafael Machado	197
[ORAÇÃO] Argumento da Oração. Mostra-se, que o descobrimento, que os Argonautas Lusitanos fizeram do Brasil, verdadeiramente foi descobrimento nôvo, ainda que essas terras nos séculos passados fôssem descobertas por outras [nações]	198
[JUSTIFICATIVA] Foi Presidente o Reverendo Padre Salvador da Mata Jesuíta; e por não poder vir, o substituiu o Reitor do Colégio o Reverendo Padre Rafael Machado, [Letra do Secretário]	210
— In laudem Praesidis sapientissimi, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	210
— Ao Engenhosíssimo, e Religiosíssimo Presidente [...] Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	210
— Ao muito Sábio, e Religioso Presidente o Reverendíssimo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	211
— Ao Facundíssimo, e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	211
— Ao Sapientíssimo e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	212
— Ao Argutíssimo, e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	212
— Raphael, idest, Medicina Dei, Distichon, Francisco Xavier de Araújo	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo	214
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo	214
— Em louvor do muito Reverendo Padre Reitor Rafael Machado Presidente da Academia, Soneto, Carlos de Azevedo	214

	Págs.
— Ad Reuerendissimum Patrem Magistrum, [...], Raphaellem Machado, [...], Epigramma, Padre Francisco Pinheiro Barreto	215
— Ao Sapientíssimo e Reverendíssimo Presidente o Muito Reverendo Padre o Senhor Rafael Machado Digníssimo Reitor do Colégio da Companhia. Com alusão ao primeiro Assunto de haver um Raio feito em pó a u'a estátua de Apolo, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	216
— Religiosíssimo Sapientíssimoque, Magistro Raphaeli Machado Societatis IESU Rectori Eximio, Encomium, Emanuel Nunes Leal	216
— Ad Reuerendo admodum huius Academiae Praesidentem, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	217
— Ao Reverendíssimo Padre Rafael Machado [...], Décima, Luís Canelo de Noronha	217
— In laudem Reuerendissimi Patris Sapientissimique [Magistri] Raphaelis Machado Societatis IESU Rectoris Dignissimi, [...] Paralelus elogiacus, Anastacio Ayres de Penhafeil	218
— Em louvor do Muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Décima, Pedro de Sá Vasconcelos	218
— Ao Reverendíssimo Padre Reitor, Idillos triplicados, De um seu muito venerador	219
— Ad Reuerendissimum, et Sapientissimum Patrem Raphaellem Machado [...], Elogium, [S.I.A.]	221
[PRIMEIRO ASSUNTO] Foi o primeiro assunto uma estátua de Apolo ferida e desfeita por um raio.....	222
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	222
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, João Machado Barcelos	223
— Fazendo Trovões caiu um Raio, e fêz em pedaços a uma estátua de Apolo. Segundo (sic) assunto, Sonêto, Hermita Frei de Santo Antônio da Barra	223
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	223
— Ao Primeiro Assunto, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	224
— A uma estátua de Apolo abrasada de um raio, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	224
— Ao 1.º, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	225
— Ao primeiro assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima.	225
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	226
— Sonêto, João de Brito e Lima.	226
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	227
— Sonêto, João de Brito e Lima	227
— A Estátua de Apolo ferida de um raio, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	228

— A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio, Sonêto, [André de Figueiredo Mascarenhas]	228
— Ao mesmo assunto, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	229
— A uma Estátua de Apolo ferida por um raio, Sonêto, Luis Canelo de Noronha	229
— Fere um Raio uma estátua de Apolo, Sonêto, Antônio de Oliveira	230
— A Estátua de Apolo ferida de um raio, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel	230
— Caindo um Raio sobre a Estátua de Apolo, assunto heróico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	231
— A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio, Sonêto, Antônio de Araújo e Silva	231
[SEGUNDO ASSUNTO] Foi o segundo assunto uma dama que revolvendo na bôca umas pérolas, quebrou alguns dentes	232
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	232
— Ao Assunto Lírico, Romance, João Machado Barcelos	232
— A uma Dama, tendo uma pérola na bôca se lhe quebrou um Dente, Décimas, Francisco Pereira do Lago Barreto	234
— Ao Assunto Lírico, Romance, Francisco Pinheiro Barreto	234
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] ..	236
— Ao Segundo Assunto, Romance, [Caetano de Brito Figueiredo]	236
— A uma Dama que brincando com umas pérolas na bôca, quebrou uns dentes, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	238
— Ao segundo assunto, Décima, João de Barbosa e Lima	238
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	239
— Ao segundo assunto, Décimas, João de Brito e Lima	239
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima	241
— A uma Dama que tomando várias pérolas na bôca, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Décimas jocosas, Frei Avertano de Santa Maria	243
— A uma dama, que revolvendo umas pérolas na bôca, quebrou com elas alguns dentes, Oitavas, André de Figueiredo Mascarenhas	244
— Ad Filidem, Epigramma, Antonio de Oliveira	246
— A uma Dama que metendo várias pérolas na bôca, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Silva joco-séria, Anastácio Ayres de Penhafiel	246
— A uma Dama que metendo na bôca algumas pérolas, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	248

Págs.

- Tomando uma Dama na bôca umas Pérolas, se lhe quebraram alguns dentes. Assunto lírico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita 248
- Ao Assunto Lírico, Silva, Ioseph de Oliveira Serpa 249

8.ª CONFERENCIA

- [ASSUNTO] Oração que disse na Academia o Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima, Desembargador da Relação Eclesiástica na conferência de 6 de agosto de 1724. 253
- [ORAÇÃO] Conferência, Cônego Antônio Roiz Lima 253
- [ASSUNTO] Foi nesta conferência Presidente o muito Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima Desembargador da Relação Eclesiástica 261
- Ao muito Reverendo Senhor Presidente, Décima joco-séria, [José da Cunha Cardoso] 261
- Ao Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima Presidente da presente Academia, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto .. 261
- Ao Muito Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima [...], Amanuense Cornélio Bruto 262
- Ao Muito Reverendo Doutor Antônio Rodrigues Lima, na presente Oração, Epigramma, Amanuense Cornélio Bruto 263
- Ad Sapientissimum Praesidem [...] Antonium Rodericum Lima, Acrostichis, seu encomiastice, Emmanuelis Ferreira de Carvalho 263
- Em louvor do Reverendo Cônego o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Décimas, Hierônimo Roiz de Crasto 264
- Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego Prebendado na Santa Sé da Bahia, e Desembargador da Relação Eclesiástica, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa 265
- Ad Reuerendissimo admodum Canonicum, Doctoremque Antonium Rodericum musarum Apollinem in hac nobili Academia, Epigramma, [Iosephus Fernandis] 265
- Aliud eidem, Epigramma, Iosephus Fernandis 266
- Em louvor do Sapientissimo Presidente o Reverendo Cônego e Doutor o Senhor Antônio Roiz Lima, Décima, [Caetano de Brito Figueiredo] 266
- Ao Presidente, Sonêto, João de Barbosa e Lima 266
- Ao Doutor Presidente o Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima em ocasião de succeder na presidência ao Padre Reitor Rafael Machado, Décima, Frei Avertano de Santa Maria 267
- Ao Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego Prebendado da Santa Sé da Cidade da Bahia, e Desembargador da Relação Eclesiástica, Décima, Luís Canelo de Noronha 268

— Sapientissimo Praesidi Domino Doctori Antonio Roiz de Lima, Epigramma, Antonio de Oliveira	268
— Ao Reverendíssimo Cônego o Senhor Padre Antônio Roiz Lima, Digníssimo Presidente da Academia, Soneto, Antônio de Oliveira	268
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Cônego o Doutor Antônio Rodrigues Lima, Soneto, Jorge da Silva Pires	269
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente, o Cônego o Doutor Antônio Roiz Lima, Décima, Jorge da Silva Pires	270
— Ao Ilustríssimo Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego da Santa Sé, e Presidente da Academia, Soneto, Inácio Pires da Silva	270
— Ao Reverendíssimo Senhor Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Soneto, Inácio Pires da Silva	271
— Ao Senhor Reverendíssimo Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Décima, Inácio Pires da Silva	271
— Ao Senhor Reverendíssimo Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima [...], Décima, Inácio Pires da Silva	272
— Reuerendo admodum Canonico, ac Domino Maximo Antonio Roderici huius Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	272
— Aliud eidem in illud: Antonius, id est "flos", Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	272
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente: por um seu amatíssimo, Décimas, [S.I.A.]	273
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego da Santa Sé sendo Provedor da Misericórdia, Soneto, De um afetuoso amigo	273
— Em louvor da Oração do Senhor Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima, Décima, Por Um Anônimo	275
[PRIMEIRO ASSUNTO] Foi o primeiro assunto desta conferência César que tendo notícia da morte de seu inimigo chorou	275
— Ao primeiro assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso]	275
— Ao assunto heróico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo ..	276
— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	276
— A César compadecido de seu inimigo Pompeio, Epigramma, Cornélio Bruto	276
— À piedade, e clemência de César na morte de seu inimigo Pompeu, Soneto, Cornélio Bruto	277
— Assunto. César vendo a cabeça de seu Inimigo chorou, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa	277
— A chorar César quando lhe trouxeram a cabeça de Pompeu, Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto	278
— Ao primeiro assunto, Soneto, [Caetano de Brito Figueiredo] ..	278

	Págs.
— Ao primeiro, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	279
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Fala César com Pompeu, João de Barbosa e Lima	279
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	280
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	280
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	281
— Sonêto, João de Brito e Lima	281
— A César, que depois da vitória da Farsália chorou vendo a cabeça de Pompeu, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas ..	281
— César chorando à vista da cabeça de Pompeu, Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas	282
— Ad Caesarem, truncato Magni Pompei capite, deplorantem, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	282
— A César, que vendo a cabeça de seu inimigo, chorou, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	283
— Chora César tendo da morte de seu inimigo Pompeu notícias, Sonêto, Antônio de Oliveira	283
— A Júlio César por haver chorado na Morte de um seu inimigo, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel	284
— Ao assunto heróico das lágrimas de César na morte de Pompeu, Sonêto, Jorge da Silva Pires	284
— Foi César tão generoso, que chorou a morte de seu inimigo Pompeu. Assunto heróico da presente Academia, Sonêto, Se- bastião da Rocha Pita	285
— Ao mesmo Assunto heróico, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita ..	285
— Primeiro Assunto. César, que tendo notícia da morte do seu maior contrário, chorou. Argumento moral sôbre o assunto, Sonêto, João Alv'res Soares	286
— Caesari Augusto, qui ad se nuntiis tranaslatis de inimici Pom- peii acerbissima morte in lacrimas dissoluitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	286
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	287
— Ad 1um argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	287
— Ad primum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	287
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [S.I.A.]	288
— A César, que sabendo da morte de seu inimigo, chorou, Sonêto, [S.I.A.]	288
[SEGUNDO ASSUNTO] Foi o segundo assunto desta conferência um menino de gentil presença que colhendo rosas em um jardim, o mordeu um áspide, de que logo morreu	289
— Ao segundo assunto, Epigramma, [José da Cunha Cardoso] ...	289
— Ao Assunto lírico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	289

— A um Menino, que colhendo flôres lhe mordeu um Aspide, e morreu, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto	289
— Ao assunto da Academia, do Menino que colhendo flôres morreu mordido de um aspide, Epigramma, Cornélio Bruto	290
— Ao lindo menino, que colhendo flôres, morreu mordido de um Aspide, Décima, Cornélio Bruto	290
— Assunto. Um menino galhardo, que colhendo flôres, foi mordido por um Aspide, de que morreu, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa]	291
— Ao mesmo Assunto, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa	291
— Ao menino que pegando em uma rosa mordeu um Aspide, Décimas, Yerônimo Roiz de Crasto	292
— Ad puerum flores legentem, quem aspis inter illos adlacens interimit, Epigramma, [Iosephus Fernandes]	292
— Aliud eidem, Epigramma, Iosephus Fernandes	293
— Ao segundo, Soneto, [Luís de Siqueira da Gama]	293
— Romance, João de Brito e Lima	293
— A um menino que sendo mordido de um Aspide ao tempo em que colhia umas rosas, morreu, Madrigal hamburguês burlesco, Frei Avertano de Santa Maria	296
— A um menino gentil, que colhendo flôres o picou um Aspide, de que morreu, Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas	297
— Um menino gentil, que entrando em um jardim a colhêr umas flôres, o picou um Aspide, de que morreu, Soneto, João de Figueiredo Mascarenhas	297
— A um Menino, que estando colhendo flôres picou um Aspide, e morreu, Soneto joco-sério, Luís Canelo de Noronha	298
— Andava um Menino colhendo rosas, e mordendo-o um Aspide, morreu, Soneto, Antônio de Oliveira	299
— Colhe um Menino rosas, e mata-o um Aspide, Décima, Antônio de Oliveira	299
— A um menino especioso que colhendo em um jardim, umas rosas foi mordido de um Aspide do que morreu, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel	300
— Ao Segundo Assunto do menino gentil que colhendo flôres o picou um Aspide, de que morreu, Silva, Jorge da Silva Pires ..	302
— Ao mesmo Assunto lirico falando com o Aspide, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	304
— Um belo menino brincando em um Jardim, com as flôres o mordeu um Aspide, e logo morreu, Assunto lirico da presente Academia, Falando com o menino, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	305
— Um belo menino brincando em um Jardim, com as flôres o mordeu um Aspide, e logo morreu. Assunto lirico da presente Academia, Endeixas, Sebastião da Rocha Pita	305

Págs.

— Puero flores legenti, qui ex aspidis mortu factus est alius, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	307
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	307
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	309
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	309
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	309
— Ad secundum argumentum, Elogium, [S.I.A.]	309

9.ª CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] Conferência 9.ª de 27 de agosto. Oração, que disse em 27 de agosto de 1724 o Presidente que foi o Reverendo Deão Sebastião do Vale Pontes	313
— ORAÇÃO, Sebastião do Vale Pontes	313
[ASSUNTO] Em louvor do Presidente que nesta Conferência foi o Reverendo Provisor e Deão da Sé o Doutor Sebastião do Vale Pontes.	327
— Ao Presidente o Reverendo Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, [José da Cunha Cardoso]	327
— In laudem Reuerendi admodum, Praeclari nimis Decani, Praesidis, ac Doctoris Sebastiani Vale Pontes, Distichos, Francisco Xavier de Araújo	327
— In Praesidis laudem, Aliud, Francisco Xavier de Araújo	327
— In laudem Praesidis, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo ..	328
— Ao muito Reverendo Deão o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décimas, Francisco Pinheiro Barreto	328
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, José Cardoso	329
— Ad Sapientissimum Academicum Praesidentem, Epigramma, [Antônio Ribeiro da Costa]	329
— Ad eundem, Décimas, [Antônio Ribeiro da Costa]	330
— Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...], Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa]	331
— Outro, Antônio Ribeiro da Costa	331
— Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria	332
— Reuerendo admodum Doctori Sebastiano do Vale Pontes, [...], Epigramma, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães	332

	Págs.
— Sapientíssimo Reuerendíssimoque Domino Sebasto do Vale Pontes [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	333
— Em louvor do Reverendíssimo Doutor Deão e Provisor da Sé Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, Padre Manuel Cerqueira Leal	333
— Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Desembargador Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Manuel Ferreira da Luz	334
— Ao Muito Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Frei Avertano de Santa Maria ..	334
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Luís Canelo de Noronha	335
— Sapientíssimo Doctori Sebastiano do Vale Pontes [...], Epigramma, Antônio de Oliveira	335
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Antônio de Oliveira	336
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décimas, Antônio de Oliveira	336
— Ao Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	337
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Francisco Pereira	337
— Em louvor do Eruditíssimo Presidente o Muito Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...], Silva, Jorge da Silva Pires ..	338
— Ao Muito Reverendo Deão o Senhor Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	340
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Clemente de Sousa	340
— Reuerendíssimo, et Sapientíssimo Domino Sebastiano do Vale Pontes [...], Elogium, Pater Iosephus Moreira Teles	341
— Ao Eruditíssimo Deão [...] Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Alferes João Soares da Veiga	343
— Ao Prestantíssimo Herói, [...] Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Alferes João Soares da Veiga	343
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, André Vicente	344
[1.º ASSUNTO] Conferência de 20 de agosto, allás de 27. Foi o primeiro assunto Agripina, que dizendo-se-lhe que seu filho Nero a havia de matar, se chegasse a ser Imperador, respondeu que o fôsse, ainda que depois a matasse.	344
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	344
— Ao Assunto Heróico, Epigramma, João Machado Barcelos	345

	Págs.
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	345
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	346
— Ao primeiro assunto Acadêmico, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	346
— A fineza de Agripina que dizendo-se-lhe se o filho imperasse a havia matar, [...], Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	347
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria ..	347
— Pertence à Academia passada. Ao Heróico assunto, dizendo-se a Agripina que se imperasse seu filho Nero a havia de matar, [...], Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	348
— Ao primeiro, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	348
— Ao primeiro assunto, Sonêto Fala Agripina, João de Barbosa e Lima	349
— Dizendo-se a Agripina que se Nero seu filho chegasse [a] im- perar lhe houvera tirar a vida, [...], Sonêto, [João de Brito e Lima]	350
— Ao [próprio] assunto pelos mesmos consoantes, Sonêto, [João e Lima]	350
— Ao próprio assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	351
— Ao próprio assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	351
— Primeiro assunto, A Agripina [...], Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	352
— Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero chegasse a im- perar, seria matricida, [...], Sonêto, André de Figueiredo Mas- carenhas	352
— Agripina [...], Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas	353
— Ad Agripinam, [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha	354
— Vi perit, Emblema, Antônio de Oliveira	354
— Sabe Agripina [...], Sonêto, Antônio de Oliveira	354
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel ..	355
— Ao Assunto Heróico da Academia, Sonêto, Jorge da Silva Pires..	355
— Agripina [...], Assunto heróico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	356
— Primeiro assunto, Agripina [...], Sonêto, João Alv'res Soares ..	357
— Ad primum Argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	357
— Ad primum argumentum, Elogium, [S.I.A.]	358
[2.º ASSUNTO] Conferência de 20 de agosto, aliás de 27. Foi o segundo assunto um delfim salvando e conduzindo às costas um naufragante até a praia.	359
— Ao segundo assunto, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	359
— Ao Assunto lírico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	359

	Págs.
— Ao Assunto lírico, Epigramma, João Machado Barcelos	360
— Ao Assunto Lírico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	360
— Ao segundo Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	360
— Ao segundo assunto lírico, Sonêto, Manuel Correia	361
— Ao segundo assunto, Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa]	361
— Assunto: Um naufragante às costas de um Delfim, que cor- tando os mares, o pôs em terra, Décima, Antônio Ribeiro da Costa	362
— Ao segundo Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria ..	362
— Um Delfim que conduziu à praia um naufragante, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	363
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	363
— Um Delfim conduzindo sôbre as espaldas um naufragante [vivo ao] pôrto, Silva, João de Brito e Lima	364
— Um Delfim [...], Romance joco-sério, João de Brito e Lima ..	367
— Segundo assunto, Um Delfim, que livrou um naufragante dos mares, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	369
— Ao Segundo Assunto do Delfim etc., Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	370
— Um Delfim carregando um homem, e vencendo as ondas pelo conduzir à praia, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas ..	371
— Um Delfim [...], Décima, João de Figueiredo Mascarenhas ..	371
— A um Delfim [...], Idílio, Luís Canelo de Noronha	372
— A um Delfim [...], Madrigal, Luís Canelo de Noronha	372
— Calu um Navegante ao mar e um Delfim o carregou e levou à terra, Sonêto, Antônio de Oliveira	373
— Um Delfim que carregando a um naufragante [o pôs] em terra livre do perigo, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafil	373
— Padecendo Fileno um naufrágio, o salvou um Delfim, [...], Romance joco-sério, Sebastião da Rocha Pita	376
— Um Delfim salvando das ondas, sôbre as suas Espaldas a um homem. Assunto lírico da presente Academia, Sonêto jocoso, Domingos Nunes Tibal, [Pseudônimo de Sebastião da Rocha Pita]	377

GOVÉRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Terminou-se a impressão dêste livro aos 28 de agôsto de 1970, na Imprensa Oficial do Estado, para a Comissão Estadual de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo.



GOVÉRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO

SÃO PAULO — BRASIL

1970